

ANA PAULA CORDEIRO

OFICINAS DE TEATRO DA UNATI (UNIVERSIDADE ABERTA
A 3ª IDADE)- UNESP DE MARÍLIA: A ARTE E O LÚDICO
COMO ELEMENTOS LIBERTADORES DOS PROCESSOS DE
CRIAÇÃO DA PESSOA IDOSA.

UNESP
MARÍLIA - 2003



ANA PAULA CORDEIRO

OFICINAS DE TEATRO DA UNATI (UNIVERSIDADE ABERTA
À 3ª IDADE) - UNESP DE MARÍLIA: A ARTE E O LÚDICO
COMO ELEMENTOS LIBERTADORES DOS PROCESSOS DE
CRIAÇÃO DA PESSOA IDOSA

UNESP
MARÍLIA - 2003



ANA PAULA CORDEIRO

1410001509



OFICINAS DE TEATRO DA UNATI (UNIVERSIDADE ABERTA
À 3ª IDADE) - UNESP DE MARÍLIA: A ARTE E O LÚDICO
COMO ELEMENTOS LIBERTADORES DOS PROCESSOS DE
CRIAÇÃO DA PESSOA IDOSA

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em
Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências-
UNESP, Câmpus de Marília, como exigência
parcial para obtenção do grau de Doutor em
Educação na Área de Concentração "Ensino na
Educação Brasileira", sob a orientação da Drª.
Sonia Alem Marrach.

UNESP
MARÍLIA – 2003



UN 001137341

Nº cham 792
C7940

Nº Tombo 1509

Aquisição D

Preço R\$ 5,00

Data 11/09/2003

Proced. Autor

Universidade Aberta - Idosos

Teatro - Arte

Universidade - Terceira idade

247p, tab, ilus

40804019

Cordeiro, Ana Paula.

C7940 "Oficinas de teatro da UNATI (Universidade Aberta à 3ª Idade) – UNESP de Marília: a arte e o lúdico como elementos libertadores dos processos de criação da pessoa idosa." / Ana Paula Cordeiro. -- Marília, 2003.

247 f. ; 30 cm

Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências – Universidade Estadual Paulista, 2003.

Bibliografia: f. 125-129.

Orientadora: Drª. Sonia Alem Marrach

1 Teatro. 2. 3ª Idade. 3. Lúdico – arte. I. Autor. II. Título.

CDD 792.022 2



UNESP
MARÍLIA - 2003

BANCA EXAMINADORA

Dr^a. Maria Cândida S. Del Masso

Dr^a. Neusa Dal Ri

Dr. Paulo Salles de Oliveira

Dr^a. Vera Machline

Dr^a. Sonia Alem Marrach
Orientadora

DEDICATÓRIA

Às minhas avós Benedita Barbosa e Elvira Cordeiro, vivas em mim.

Aos “vôs” Tonico e Deoclécio, ao bisa Leonel e a todos os meus antepassados.

Ao Miguel Silva, amigo e participante das oficinas de teatro, nosso eterno “nono” da peça “Os Italianos”. Com saudade.

À Júlia, minha amiga que viveu noventa anos. Em meus sonhos, Júlia está feliz, num céu de Natais, panetones e sorrisos.

A vocês, alunas e alunos das oficinas de teatro da UNATI-UNESP, dedico especialmente este trabalho. Mais que alunos, amigos queridos. Recebo de vocês bem mais do que dou. Aprendo muito mais que ensino. A todos, meu amor, carinho e admiração, sempre! Vocês provam que a arte está ao alcance de todos, que todos podemos criar, atuar, sonhar, “teatrar”, enfim. Não há eleitos. Há os desejosos, os apaixonados.

AGRADECIMENTOS

A meus pais, Joaquim Carlos e Maria Regina Cordeiro, por me amarem e me ensinarem a amar. Por serem meus maiores exemplos. Sinto que tenho tudo de que preciso para viver.

Agradeço especialmente à minha orientadora, Dra. SONIA ALEM MARRACH por suas preciosas contribuições em relação a este trabalho. Seus olhos foram como janelas pelas quais pude vislumbrar diferentes horizontes, tantas vezes.

Às minhas irmãs Silvia Helena e Aline Maria, por serem maravilhosas e amorosas comigo, sempre. Formamos um trio e tanto! Agradeço também à Aline pela ajuda e força que sempre me deu em tantos momentos desta pesquisa. O computador encrascava e lá estava a Aline. Eu tinha dúvidas relacionadas à informática e lá estava a Aline. Era só chamar: Alineeeeeee.....

À José Silveira Júnior, por sua inestimável contribuição ao longo de toda a pesquisa: dialogando, estimulando minhas reflexões, lendo os textos, compartilhando seus conhecimentos comigo, sendo companheiro, e dos grandes, em todos os momentos.

À Prof^a. Dr^a. Maria Cândida Soares Del Masso, coordenadora da UNATI -UNESP de Marília, por ter confiado a mim a direção das oficinas de teatro da UNATI, pelo incentivo que sempre deu a esta pesquisa e pela preciosa contribuição dada a esta tese como membro de minha Banca de Qualificação. Suas sugestões foram de grande importância para a finalização do texto.

Ao Dr. Mário Fernando Bolognesi, que acompanha meu trabalho com teatro há muitos anos. Particpei de grupos de teatro dirigidos por ele, aprendi tantas coisas em suas oficinas teatrais. Ele muito contribuiu como membro de minha banca de qualificação do Doutorado, com seu profundo conhecimento sobre teatro e História da Arte.

À Dr^a Ethel Volfzon Kosminsky, minha orientadora de mestrado, com quem aprendi a pesquisar, a organizar um texto com clareza, a amar o que faço.

A Sérgio Carlos Caliman Jr, amigo-irmão, por ter me ajudado em tantos momentos desta pesquisa. Sua colaboração digitando anexos, formatando e organizando graficamente o texto, auxiliando nas dúvidas relacionadas à informática foram fundamentais para a finalização do trabalho escrito. Valeu, Kazu! Obrigação!

À minha prima Milena Cordeiro Magagnini, por traduzir o resumo da tese para o inglês.

A toda a minha família: tios, primos, avós, maternos e paternos. Nosso elo é bonito, nossas vidas se entrelaçam e tem um pouco de vocês em mim, nas minhas conquistas.

Ao pessoal da secretaria da UNATI, que sempre deu a maior força para as oficinas de teatro.

À CAPES, pela bolsa de estudos a mim concedida. Sem este auxílio, tudo teria sido mais difícil.

“Há morangos que se comem sobre o abismo.

Balões que só sobem ao crepúsculo.

E belezas que só existem no outono.

É preciso beber a taça, até o fim”.

(Rubem Alves)

RESUMO

A presente pesquisa visou o desenvolvimento de oficinas de teatro junto a um grupo de alunos da Universidade Aberta à 3ª Idade - UNATI - da UNESP de Marília, com o objetivo de demonstrar o papel da arte e do lúdico como importantes elementos da cultura e como estimuladores dos processos de criação da pessoa idosa. Buscou demonstrar que a chamada "3ª idade" pode se constituir numa fase de descobertas de potencialidades muitas vezes adormecidas e de aprendizado de novos conhecimentos, na qual a pessoa idosa pode atuar como agente cultural. A importância do lúdico no processo educacional está geralmente associada à criança. Procuramos analisar o papel do lúdico em relação ao aprendizado da pessoa adulta. Visamos também a integração e a convivência saudáveis entre os participantes do grupo, além do reconhecimento de suas possibilidades corporais e potencialidades para criar e atuar em peças teatrais. Através de jogos teatrais, exercícios de improvisação, educação para o movimento e criação de peças coletivas buscamos privilegiar ao longo de todo o trabalho o caráter prazeroso da elaboração do conhecimento. Durante o desenvolvimento da pesquisa buscamos avaliar a importância da memória, das experiências e histórias de vida dos participantes no processo de criação das peças teatrais do grupo. As peças e o resultado dos exercícios e jogos propostos e desenvolvidos ao longo das oficinas de teatro constituíram-se em nosso principal material de análise. O material resultante das propostas dos exercícios ocorridos nas oficinas, assim com nossas observações foram registrados através de diários de campo e de formas de registro mecânicas, como fitas k7 e fitas de vídeo. Também nos utilizamos de entrevistas e de conversas informais com os participantes do grupo. Nossas conclusões indicam que os objetivos foram alcançados, pois, através da elaboração de peças teatrais, bem como das oficinas de teatro, os alunos demonstraram o seu potencial criativo, a capacidade de atuação como agentes culturais, socialização, além de revelarem muito de suas histórias de vida e experiências na elaboração das peças coletivas.

Palavras- chave: lúdico, terceira idade, teatro, memória, criação.



ABSTRACT

The present research aimed at the development of theater workshops along with the students from the Open University to the Third Age (Universidade Aberta à 3ª Idade) - UNATI – from UNESP, Marília, with the goal of demonstrating the art and playful role, as important elements of culture and also as stimulators of elderly's creation processes. It sought to show that the so-called "Third Age" can be constituted in a period of discoveries of so many times as sleeping skills, and the learning of new knowledgements, in which the elderly person may act as a cultural agent. The importance of the playful at the educational process is generally associated to the child. We tried to analyse the playful role related to the learning of the adult. We also aimed the integration and health coexistence among the group participants, apart from the recognition of their physical possibilities and skills to create and act theater plays. Through theatrical games, improvisation exercises, education to the movement and creation of collective plays, we tried to favour the pleasurable character of the knowledge elaboration, throughout the entire work. During the whole research development we tried to evaluate the importance of the participant's memory, experiences and histories of life, in the process of the exercises and games developed at the workshop, constitute our main analyse material. Our observations, as well as the plays and theatrical workshops, were recorded in field diaries, cassettes and video. We also used interviews and informal chats with the group participants. Our conclusion indicate that the goals were reached, as the students demonstrated their creative potential, their capacity of acting as cultural agents, socialization, though the plays created by themselves, and also at the theater workshops, apart from revealing so many things about their history of life and experiences in the development of collective plays.

Key-words: playful, Third Age, theater, memory, creation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Apresentação do jogral “Fragmentos da vida” – 1999	41
Figura 2 – Apresentação do poema “Todas as vidas” de Cora Coralina – 2000	41
Figura 3 – Apresentação da peça “Os italianos” no Teatro Municipal de Marília – Abril 2000	57
Figura 4 – Apresentação da peça “Os italianos” no Teatro Municipal de Marília – Abril 2000	57
Figura 5 – Oficina de teatro – 2001	68
Figura 6 – Oficina de teatro – 2001	81
Figura 7 – Ensaio da peça “O cravo e a rosa” no jardim na casa de Elza – 2001	81
Figura 8 – Ensaio da peça: “Ditos, desditos e não ditos” – 2002	93
Figura 9 – Ensaio da peça: “Ditos, desditos e não ditos” – 2002	106
Figura 10 – Ensaio da peça: “Ditos, desditos e não ditos” – 2002	106

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
Os procedimentos da pesquisa.	23
Os sujeitos da pesquisa.	32
As técnicas utilizadas para a coleta de dados.	37
1 O ENVELHECIMENTO HUMANO E SUAS IMPLICAÇÕES SOCIAIS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O TEMA.	42
1.1 Mas afinal, quando é que ficamos velhos?	43
1.2 Idoso sim, velho não. Não? Porquê?	46
1.3 Algumas variáveis que interferem no processo de envelhecimento das pessoas.	50
2 O QUE SÃO AS UNIVERSIDADES ABERTAS À TERCEIRA IDADE?	58
3 DE “FRAGMENTOS DA VIDA” A “DITOS, DESDITOS E NÃO-DITOS”: UM POUCO DA HISTÓRIA DO COTIDIANO E DAS CRIAÇÕES DO GRUPO DE TEATRO DA UNATI.	69
4 O LÚDICO E O PRAZER NOS EXERCÍCIOS E JOGOS DAS OFICINAS DE TEATRO DA UNATI.	82
5 O LÚDICO E A MEMÓRIA PRESENTES NOS EXERCÍCIOS DE ESCRITA DAS OFICINAS DE TEATRO DA UNATI-UNESP.	94
5.1 Escrever: quebra de resistências, um ato de coragem.	95
6 DO TEXTO AO PALCO: O LÚDICO EM CENA.	107
6.1 Do princípio ao fim, o objetivo é a alegria e o prazer.	108
CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	125
ANEXOS	130



INTRODUÇÃO

O objetivo principal do nosso trabalho consiste em discutir e avaliar a relevância dos aspectos lúdicos no processo educacional de pessoas da terceira idade, participantes das oficinas de teatro da UNATI (Universidade Aberta à 3ª Idade) da Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP- Campus de Marília. Buscamos avaliar estes aspectos relacionados à memória e experiências de vida, ao prazer de lembrar, representar e conhecer dessas pessoas ao longo do desenvolvimento do trabalho nas oficinas de teatro: nos jogos teatrais, nas improvisações, nos jograis, poemas e nas peças teatrais elaboradas coletivamente.

Especificamente visamos oferecer alguns caminhos em relação à aprendizagem da arte teatral e ao trabalho de teatro-educação junto às Universidades Abertas à 3ª Idade. Buscamos também demonstrar que a chamada “terceira idade” pode constituir-se numa fase de descobertas e de aprendizado, na qual a pessoa idosa pode atuar como agente cultural, participando e contribuindo de várias formas para o crescimento e o enriquecimento sociais dos grupos dos quais faz parte.

A palavra lúdico está na maior parte das vezes associada às brincadeiras das crianças, aos jogos infantis, enfim, está intimamente relacionada à imagem da criança. Procuraremos redimensionar a questão em torno da associação que se costuma fazer do elemento lúdico ligado apenas à criança. O aspecto lúdico do conhecimento está presente também nas construções e criações dos adultos. Não deixamos a ludicidade da vida de lado simplesmente porque nos tornamos adultos. Isso porque o lúdico faz parte da cultura e como elemento importante dela ele não desaparece de nossas vidas completamente.

Nossa pesquisa trata da análise do trabalho desenvolvido por pessoas que não se fecharam à busca do conhecimento, do aprendizado, de experiências novas e prazerosas em suas vidas. São pessoas cujas idades variam de cinquenta e cinco a oitenta anos e freqüentam as oficinas de teatro da UNATI, algumas delas desde 1995, ano em que a Universidade Aberta à 3ª Idade de Marília abriu as portas a seus alunos. Estas pessoas buscam o conhecimento, querem encontrar-se, dialogar e aprender sempre mais sobre temas variados e sobre a arte de representar. São muitas as motivações que as encorajam. Aprender sobre a arte teatral, desde a concepção de uma peça e todo o processo necessário para a apresentação de um trabalho teatral faz parte do universo de interesses desses alunos.



Nas oficinas de teatro privilegiamos o jogo dramático e a improvisação como as bases para a construção de esquetes, cenas e peças. Mas, o que é o jogo dramático? Há uma distinção entre o teatro propriamente dito e o jogo dramático? Richard Courtney faz a seguinte distinção: “teatro: representar perante uma platéia – jogo: atividade a que nos dedicamos simplesmente porque a desfrutamos – jogo dramático: jogo que contém personificação e/ou identificação” (Courtney, 1980,XX). Peter Slade (1978) também faz esta distinção entre teatro e jogo dramático, dizendo que no teatro, atores e público se diferenciam, enquanto que no jogo dramático não existe a distinção entre atores e público: todos são livres para jogar e atuar.

Olga Reverbel nos diz que os principais autores estudiosos do jogo dramático apresentam em relação a este dois pontos comuns: “a importância do jogo dramático no desenvolvimento e na expressão da personalidade do aluno e a improvisação como base do jogo” (Reverbel, 1989, p.112). A autora salienta que o jogo dramático pode ser aplicado em qualquer série escolar e, inclusive, em cursos de teatro para adultos, que é o caso do nosso trabalho. Entendemos que o jogo teatral e a improvisação são imprescindíveis quando trabalhamos teatro com pessoas adultas, pois improvisando, jogando, resolvendo os problemas que surgem no palco, as posturas do adulto tornam-se mais maleáveis e certos condicionamentos podem ser questionados e discutidos pelo grupo. Viola Spolin afirma que “qualquer jogo digno de ser jogado é altamente social e propõe intrinsecamente um problema a ser solucionado” (Spolin, 1992,p.5). No palco, durante o jogo e a improvisação, somos levados a deixar de lado as resoluções, as posturas e decisões mais óbvias, pois nem sempre elas dão conta de resolver o que foi proposto.

Em relação à questão da importância da improvisação, Sandra Chacra (1991) nos diz que a natureza vital do ser humano gira em torno de dois pólos: o programado e o imprevisível. Ambos dão equilíbrio psíquico ao homem. Precisamos de um mundo ordenado, como sustentação e segurança para nossas vidas. Mas é necessário que haja espaço para o imprevisível, pois caso contrário perderíamos nossa especificidade de seres humanos, nos transformaríamos em máquinas. A natureza do teatro contém esses dois pólos: o programado e o imprevisível. Segundo Chacra, todo ato teatral encerra um elemento improvisacional. Mesmo com um texto formal determinado e exaustivamente ensaiado, sempre há espaço para o imprevisto. Jogando, improvisando, solucionando problemas, criando, todo um universo permeado de elementos lúdicos se apresentou aos participantes das oficinas de teatro da UNATI.

Se falamos da importância do elemento lúdico em nosso trabalho, cabe-nos aqui esclarecer o que entendemos por lúdico, nossas bases referenciais em relação ao termo e a importância desse elemento para o mundo social. Em “*Homo Ludens – o jogo como elemento da cultura*”, Johan Huizinga (1990) salienta que nossa espécie recebeu, em épocas mais otimistas e crentes na racionalidade humana, a designação de Homo Sapiens. No entanto, percebeu-se que não somos tão racionais “quanto a ingenuidade e o culto da razão do século XVIII nos fizeram supor e passou a ser moda designar nossa espécie como Homo Faber” (Huizinga, 1990). Huizinga diz que o termo Homo Sapiens é inadequado para definir o ser humano, mas Homo Faber parece-lhe uma definição ainda menos apropriada que a primeira, visto que ela pode servir para designar grande número de animais. Ele ressalta uma terceira função, que se verifica na vida humana e na vida animal e é tão importante como o “raciocínio e o fabrico de objetos: o jogo.” Diz ele: “Creio que, depois de Homo Faber e talvez ao mesmo nível de Homo Sapiens, a expressão Homo Ludens merece um lugar em nossa nomenclatura”(1990).

A idéia norteadora da obra de Huizinga é a de que a civilização surge e se desenvolve através do jogo. O autor analisa o jogo como fenômeno cultural e o estuda em uma perspectiva histórica. Defende que, mesmo ao nível animal, o jogo é mais que um fenômeno fisiológico ou um reflexo psicológico, encerrando em si um determinado sentido, possuindo a presença de um elemento não material em sua essência. Salienta que as grandes atividades arquetípicas da sociedade humana são, desde seu início, marcadas pelo jogo. Define jogo da seguinte forma:

O jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da vida cotidiana (1990, p. 33).

O autor coloca que a noção que temos de jogo e a própria palavra jogo tiveram sua origem, não num pensamento lógico ou científico, mas sim na linguagem criadora. Analisa diferentes línguas para mostrar que a categoria geral de jogo nem sempre foi sintetizada em uma única palavra e distinguida com igual rigor por todas elas. Diz ele que “há diversos indícios que mostram que a abstração de um conceito geral de jogo foi, em algumas culturas, tão tardia e secundária como foi primária e fundamental a função do jogo”(1990, p.

34). Salienta que três línguas, a saber o grego, o sânscrito e o chinês usam palavras diferentes para designar competição e jogo, por exemplo. Já a língua latina cobre todo o terreno do jogo com uma única palavra: ludus, de ludere.

Embora ludere possa ser usado para designar os saltos dos peixes, o esvoaçar dos pássaros e o borbulhar das águas, sua etimologia não parece residir na esfera do movimento rápido, e sim na da não seriedade, e particularmente na da 'ilusão' e da 'simulação'. Ludus abrange os jogos infantis, a recreação, as competições, as representações litúrgicas e teatrais e os jogos de azar"(p.41).

Huizinga dirá que nas línguas latinas, entretanto, o termo ludus foi suplantado por um derivado de jocus (gracejar, troçar) e ampliado para o sentido de jogo em geral. Daí que no italiano temos gioco, giocare e no português temos a palavra jogo e o verbo jogar, por exemplo. Ainda em relação ao lúdico, Marrach nos diz que

[...] tentando uma definição do termo, vale lembrar que lúdico remete a Dionísio. No dicionário Aurélio, sentimento dionisíaco é a alegria do vinho, o entusiasmo, a inspiração criadora. Há algo que está além da brincadeira e aquém da seriedade, e que podemos denominar de espírito lúdico. O lúdico - a capacidade de jogar, representar, criar - é, para Huizinga, um elemento chave na criação da cultura, entendida como civilização, linguagem, religião, arte (2000, p.32).

O lúdico, como vimos, está, para Huizinga, na base de nossa civilização. Ora, se o lúdico é um elemento chave na criação da cultura, há que se defender a importância desse elemento e sua presença também na transmissão da cultura. Daí pensarmos na necessidade de uma educação voltada e preocupada com os aspectos lúdicos da cultura, aspectos que envolvem a criação, a representação, o jogo, o prazer das realizações humanas.

Em nossas oficinas de teatro procuramos, através das improvisações, representações e jogos estimular comportamentos autônomos e criativos. As peças de teatro representadas pelo grupo são criações coletivas de seus participantes, que pensam juntos, discutem e elaboram roteiros, cenários, figurinos e sonoplastia¹. Buscamos fazer com que a convivência em grupo e a aprendizagem dos conhecimentos necessários para o bom desempenho de um trabalho teatral sejam orientados pelo prazer das construções de cenas que

¹ Há uma diferenciação entre "grupo de teatro" e "oficinas de teatro" que queremos deixar clara em nosso trabalho. Quando falamos em "grupo de teatro" nos referimos ao agrupamento dos participantes, ao conjunto de pessoas dispostas a participarem das oficinas de teatro. Quando falamos em "oficinas de teatro" estamos nos referindo ao trabalho desenvolvido com o grupo, dentro de um espaço e de um tempo limitados, que envolve as propostas de exercícios improvisacionais, expressão corporal, jogos teatrais, a criação de textos e roteiros para peças de teatro.

surgem a partir da espontaneidade do grupo ao dialogar e procurar soluções para as questões relacionadas ao ato de jogar e representar. O caráter prazeroso da elaboração do trabalho teatral não exclui, entretanto, a seriedade e a preocupação com o resultado final do mesmo, que busca ser satisfatório do ponto de vista conceitual e estético de uma obra teatral. Huizinga nos diz que o conceito de jogo enquanto tal é de ordem mais elevada do que o de seriedade, porque “a seriedade procura excluir o jogo, ao passo que o jogo pode muito bem incluir a seriedade” (p.51).

Vimos que a palavra ludus abrange, além das brincadeiras e jogos infantis, também as representações litúrgicas e teatrais. Além disso, que sua etimologia parece residir na esfera da ilusão e da simulação. Ora, o teatro possui inegavelmente um elemento lúdico, o lado do prazer, do jogo. Quando estamos atuando ou assistindo a uma peça, temos a consciência de que entramos numa esfera diferente da que nos encontramos na vida cotidiana. Deixamos de lado por algum tempo nossa realidade diária, nossa história e nossos problemas para penetrarmos no mundo que está sendo representado no palco. Vivenciamos histórias forjadas, tomamos para nós as dores das personagens e sabemos que depois de algum tempo a peça termina e retornaremos às nossas casas, para nossas vidas.

Consideramos que quando o adulto dá vazão ao seu lado lúdico, quando joga, representa, quando deixa-se envolver pela brincadeira, ele revela muitas vezes seu caráter mais autêntico, despe-se da máscara de seriedade imposta por seus papéis sociais e mostra muito mais de si mesmo, que em quaisquer outros momentos do seu dia a dia. O adulto torna-se mais verdadeiro e mais espontâneo nesses momentos em que é chamado a jogar. A respeito da espontaneidade, Spolin assim a define:

A espontaneidade é um momento de liberdade pessoal quando estamos frente a frente com a realidade e a vemos, a exploramos e agimos em conformidade com ela. Nessa realidade, as nossas mínimas partes funcionam como um todo orgânico. É o momento de descoberta, de experiência, de expressão criativa (1992, P.4).

Apresentamos aqui estas considerações em relação ao caráter lúdico do conhecimento, salientando as idéias de Huizinga a respeito do jogo como importante elemento da cultura e da questão da seriedade que o ato de jogar envolve, pois desde já buscamos evitar mal entendidos em relação à proposta do nosso trabalho, que não pretende em momento algum cair em reducionismos ou levar a uma infantilização do trabalho de pessoas idosas. É importante deixar isso claro, pois, como já foi por nós aqui colocado, o aspecto lúdico do

conhecimento humano está geralmente ligado à imagem da criança. A maioria das pessoas deixa de levar em consideração a ludicidade presente na construção dos conhecimentos do adulto. Na verdade, o caráter lúdico e prazeroso do conhecimento ainda não é levado devidamente a sério pela educação. Nossa aprendizagem passa mais pela programação, treinamento e obediência a currículos impostos por uma burocracia governamental, que procura preparar a criança, desde muito cedo, para o mercado de trabalho no sentido de suprir as necessidades que este impõe, do que pelo prazer do conhecimento em si. Além disso, mesmo sem nos darmos conta, nossa forma de enxergar a inserção do homem na coletividade passa, ainda, como bem ressaltou Adorno em “Educação após Auschwitz”, pela severidade e pela dureza.

Adorno (2000) critica toda e qualquer forma de inserção violenta do indivíduo ao coletivo e, mais precisamente no âmbito escolar, recusa as formas de violência pelas quais os indivíduos passam para tornarem-se dignos de pertencer a determinado grupo, como os trotes e outros costumes que envolvem dor, violência e humilhação. A idéia de educação pela severidade é, para Adorno, totalmente equivocada. Diz ele: “O elogiado objetivo de ser duro de uma tal educação significa a indiferença contra a dor em geral” (2000, p. 128). A educação jamais deveria premiar a dor e a capacidade de suportá-la, nem o medo deveria ser reprimido. Sobre o medo ele diz: “Quando o medo não é reprimido, quando nos permitimos ter realmente tanto medo quanto esta realidade exige, então justamente por esta via desaparecerá provavelmente grande parte dos efeitos deletérios do medo inconsciente” (p.129). A educação pela dureza apenas consegue perpetuar a dor e a crueldade, pois quem foi acostumado a reprimir o medo, a suportar a dor e a ser severo consigo mesmo, tenderá a ser assim com o outro, não aceitando suas limitações e temores. Adorno propõe uma tentativa de desbarbarização da sociedade através da educação. Diz ele que:

A forma de que a ameaçadora barbárie se reveste atualmente é a de, em nome da autoridade, em nome dos poderes estabelecidos, praticarem-se precisamente atos que anunciam, conforme sua própria configuração, a deformidade, o impulso destrutivo e a essência mutilada da maioria das pessoas (Adorno, 2000, p.159).

Devemos, segundo Adorno, lutar por uma educação que desvele os mecanismos perversos capazes de envolver a sociedade nas teias da barbárie, que leve o indivíduo a emancipar-se e ser sensível o suficiente para recusar os processos que levam à desumanização do homem.

No entanto, o que fica patente é que essa realidade da educação pela dureza e os mecanismos e ritos de iniciação que ela engendra perpetuam-se até hoje, mesmo que de forma sutil, não apenas nas instituições especificamente incumbidas do processo educacional das crianças, mas na educação mais ampla do ser humano, visto que vivemos numa sociedade policultural e somos educados pelos mais diversos grupos, meios e mídias. Privilegiar o lúdico e o prazer como importantes elementos da cultura pode contribuir, e muito, para uma educação que repudie a dureza, a barbárie, o autoritarismo e a severidade.

Há uma confusão entre os significados das palavras severidade e seriedade. Elas não são sinônimas. Pode-se ser sério sem ser duro ou severo para consigo mesmo e para com o outro. E, como vimos, seriedade no imaginário da maioria das pessoas está dissociada do elemento lúdico da cultura. Huizinga apresenta o equívoco desse pensamento, demonstrando que o jogo pode muito bem envolver a seriedade.

Voltando à questão da estreita associação entre escola e preparação para o mercado de trabalho, cabe-nos estabelecer aqui algumas considerações a esse respeito. Hoje o principal objetivo das instituições educacionais é preparar as pessoas para as exigências que o mercado de trabalho impõe. O elemento lúdico da educação e da aprendizagem cede espaço cada vez mais cedo para dar lugar a uma educação preocupada com o treinamento e a preparação para a inserção do indivíduo no mercado de trabalho. No entanto, Marrach diz que, na história, educação já rimou com jogo e com riso. A autora nos remete ao sofista, “primeiro professor universitário que fez da educação uma arte, no sentido literal do termo, pois na arte de educar dos sofistas, o ensino está ligado ao lúdico e ao riso”(Marrach, 1998, p.6).

Huizinga nos diz que o sofista grego, importante figura da vida cultural da época arcaica apareceu sob as formas de profeta, feiticeiro, vidente, taumaturgo e poeta. O sofista tinha como funções exibir seus conhecimentos e mistérios de sua arte e também derrotar seus rivais nas competições públicas. A profissão do sofista estava ao mesmo nível que o esporte. Segundo Huizinga, os sofistas foram os criadores do meio em que tomou forma a concepção helênica de educação e de cultura. Ele salienta que o conhecimento dos gregos não era produto da escola, tal como a conhecemos.

Ou seja, não eram produtos secundários de um sistema educacional destinado a preparar os cidadãos para funções úteis e proveitosas. Para os gregos, os tesouros do espírito eram frutos do ócio e para o homem livre todo o tempo durante o qual não lhe era exigida qualquer prestação de serviços ao Estado, à guerra ou ao ritual era tempo livre, de modo que dispunha mesmo de bastante lazer (Huizinga, 1990, p.165).

O autor coloca que a sofística tem a ver com o velho jogo da perspicácia e oscila entre o ritual mais solene e o divertimento puro e simples. O sofisma está relacionado com o enigma, é “um truque de combatente”(p.165). O que podemos observar é que, na arte do diálogo, do jogo, do enigma e do truque, criava-se cultura e o conhecimento se expandia.

Marrach nos diz que:

Os sofistas atuaram num período criativo e cheio de mudanças. E foram criadores, modificaram, inventaram a arte de educar, inaugurando assim uma tradição de ensino ligada à esfera lúdica e ao riso, em que as figuras do professor e do pedagogo estão mais próximas do poeta que do severo e desprezado censor. (2000, p. 10).

Ao lerem nossas observações, muitos poderão dizer: _ Ora, os tempos são outros, as necessidades são outras. Hoje, vivemos no sistema capitalista e a educação precisa atender as necessidades dessa realidade. Sim, sabemos disso. Procuramos, no entanto, salientar que o prazer, o jogo, o lúdico, nem sempre estiveram distantes da educação e da transmissão da cultura.

No caso específico de nosso trabalho, devemos deixar claro que os objetivos da UNATI-UNESP são distintos dos objetivos dos cursos de graduação das universidades. Não são emitidos diplomas, não há o objetivo de preparar ninguém para uma profissão ou função específicas. Trata-se de um programa de extensão universitária visando a educação permanente dos alunos que dele fazem parte. São oferecidos aos alunos palestras e cursos diversos e os alunos matriculados aprendem uma nova língua ou fazem oficinas de teatro pelo prazer da aprendizagem em si e não porque precisam possuir um certificado ao final do curso para atuarem profissionalmente. A maior parte dos alunos da UNATI de Marília, inclusive, já possui um curso superior, já está aposentada e realiza mais trabalhos voluntários que remunerados. O interesse desses alunos não está voltado para a preparação e inserção no mercado de trabalho, mas para a atualização de conhecimentos, novas aprendizagens, troca de idéias e o diálogo. Enfim, para uma educação que vise o aprimoramento constante dos conhecimentos dessas pessoas, uma educação permanente.

Dadas as características de funcionamento da UNATI- UNESP podemos dizer que ela é um espaço privilegiado no sentido de oferecer uma aprendizagem mais voltada para o prazer do conhecimento em si do que pela preocupação com a preparação e aquisição de conhecimentos para a atuação no mercado de trabalho. Afinal, como já apontamos, a maior parte dos seus alunos é composta por pessoas já aposentadas, que possuem tempo livre e

desejam dispor desse tempo de forma a selecionar qualitativamente as atividades que desejam desenvolver. Muitos alunos exercem trabalhos voluntários ligados a várias instituições, como grupos de igreja, sindicatos de aposentados, clubes que prestam serviços, como o Rotary, mas não pretendem voltar a exercer uma profissão remunerada.

A propósito do idoso e sua relação com o mercado de trabalho, João Mellão Neto em seu artigo “A Terceira Idade não é a última” analisa a importância do trabalho na vida do idoso e o vazio provocado pela aposentadoria, às vezes muito esperada, mas decepcionante quando chega. Fala da reintegração dos sexagenários ao mercado de trabalho e de sua requalificação para o uso de novas tecnologias. Cita o caso de presidentes de empresas que sonhavam em passar o resto de suas vidas desfrutando da aposentadoria e do conforto em Palm Beach, na Flórida e, tempos depois, acabavam morrendo. Diz ele:

Enquanto na ‘ativa’, esmagados pelo excesso de responsabilidade e de trabalho, viviam em constante estresse. Mas, ao menos, viviam. Aí chega a hora da recompensa: dinheiro e tempo de sobra. Logo a seguir sobrevém o tédio, [...] o desagradável sentimento de inutilidade é inescapável. Sua auto-estima diminui a cada dia. A somatização é quase uma certeza. Fica doente uma, duas, três vezes. A consequência, inevitável, é o óbito (Mellão Neto, 2000).

E qual a solução proposta pelo autor para uma vida mais longa e saudável? A reinserção do idoso no mercado de trabalho, mesmo que esse trabalho gere mais estresse que alegria e prazer, pois, segundo o autor, isso seria melhor que o tédio e o ostracismo.

Mellão cita o caso de presidentes de empresas, de executivos, de pessoas que, depois de aposentadas têm ainda a chance de desfrutar de suas aposentadorias e de seu tempo livre como bem quiserem. Resta saber se a reinserção no mercado de trabalho agradaria de fato estas pessoas e mais, se esta seria realmente uma proposta agradável para a maioria dos trabalhadores que sofreram ao longo de toda uma vida as vicissitudes e explorações impostas pelo trabalho no sistema capitalista e nem sequer tiveram a chance de optar por uma aposentadoria tranqüila e tempo livre para a realização de atividades que poderiam talvez ser mais agradáveis e prazerosas que continuar no mercado de trabalho, na ‘ativa’. Mercado que, na maior parte das vezes recusa o idoso, mas não dá às pessoas oportunidades de desfrutar da tranqüilidade de receber uma aposentadoria que lhes garanta, ao menos, a sobrevivência. Em nenhuma parte do artigo Mellão Neto avança a possibilidade de que o tempo da aposentadoria, mesmo no caso de pessoas que podem desfrutá-la com tranqüilidade financeira, pode vir a ser

um tempo de prazer e descobertas. Quando ele fala da requalificação para o uso de novas tecnologias ele está pensando apenas numa aprendizagem voltada para o trabalho e não no prazer em si dessas novas aprendizagens. Seu discurso também mostra claramente a preocupação com a questão da previdência social e o quanto o idoso inativo pode onerar a seguridade social. A lógica de seu discurso não considera outras possibilidades de desfrutar a vida que não passem pela inserção no mercado de trabalho. A única possibilidade de uma vida mais plena para o ser humano é o trabalho, mesmo que este proporcione estresse e não prazer.

Simone de Beauvoir (1976) nos diz que a economia, no mundo capitalista, por basear-se no lucro, subordina toda a civilização a ele. Sendo assim, “o material humano só desperta interesse na medida em que pode ser produtivo. É, em seguida, rejeitado” (Beauvoir, 1976,p.11). O homem é homem apenas enquanto trabalhador. Precisa produzir para o capital, sem ter a chance de usufruir seu tempo para refletir sobre suas ações.

A aposentadoria é vista por Mellão como a última das alternativas, pois ela levaria o aposentado ao tédio e ao ostracismo. Não há a possibilidade de que esse tempo seja destinado ao prazer de aprender, ao desfrute do que se conquistou, às lembranças, às reflexões do vivido e o que mais a liberdade de compromissos profissionais pode trazer. Salientamos, entretanto, que esta é apenas uma entre várias formas de encarar o tempo da aposentadoria.

Ecléa Bosi nos diz que a sociedade industrial é maléfica à velhice. A autora aponta que:

Quando as mudanças históricas se aceleram e a sociedade extrai sua energia da divisão de classes, criando uma série de rupturas nas relações entre os homens e na relação dos homens com a natureza, todo sentimento de continuidade é arrancado do nosso trabalho (BOSI, 1979, p.35).

E mais:

A sociedade rejeita o velho, não oferece nenhuma sobrevivência à sua obra. Perdendo a força de trabalho ele já não é produtor nem reprodutor [...] O velho não participa da produção, não faz nada: deve ser tutelado como um menor. Quando as pessoas absorvem tais idéias da classe dominante, agem como loucas porque delineiam assim seu próprio futuro (p.35,6).

Justamente porque vivemos numa sociedade que apenas valoriza o homem enquanto trabalhador, mas que não garante continuidade à sua obra, porque o idoso quando se aposenta é levado a sentir-se como alguém que perdeu o respeito por não ser mais “produtor” nem “reprodutor”, passível de ser tratado muitas vezes como alguém que precisa de outrem

para dirigir sua vida, é que sobrevém o “desagradável sentimento de inutilidade” e a diminuição da auto-estima de que fala Mellão Neto (2000). Bosi salienta que “quando se vive o primado da mercadoria sobre o homem, a idade engendra desvalorização. A racionalização, que exige cadências cada vez mais rápidas, elimina da indústria os velhos operários”(1979, p.36).

A respeito da inadaptação dos velhos, Ecléa nos diz que as faculdades do ser humano, para continuarem vivas, dependem de nossa atenção à vida, do interesse que temos pelas coisas, de um projeto. Pondera que durante a velhice deveríamos estar engajados em projetos e causas que não envelhecem, que nos transcendem e dão significado ao cotidiano. Cita Simone de Beauvoir que diz que “se o trabalhador aposentado se desespera com a falta de sentido da vida presente, é porque todo o tempo o sentido de sua vida lhe foi roubado.”

Segundo Bosi, a degradação senil se inicia com a degradação da pessoa que trabalha. Nossa sociedade desvaloriza não apenas o operário, mas todo trabalhador, seja ele médico, professor, esportista, jornalista e também os “altos executivos” do artigo de Mellão. Daí a sensação de perda, de inutilidade e de solidão quando o trabalhador se aposenta.

Mellão, mesmo quando fala a respeito dos clubes e associações da terceira idade, não ultrapassa a idéia norteadora do artigo em relação à reinserção do idoso no mercado de trabalho. Diz ele:

Os clubes da terceira idade surgiram espontaneamente e hoje proliferam por toda parte. Neles se percebe que os ‘velhos’, emocionalmente, são em tudo semelhantes a nós. Eles amam, se apaixonam, têm desejos, sonhos e ideais. Juntos, podem criar empresas ou organizações comunitárias. Sozinhos, trancafiados em casa, servem apenas para onerar a seguridade social (2000).

A preocupação do autor está relacionada à questão da seguridade social e dos encargos que os “inativos” representam para os “ativos”. Simone de Beauvoir (1976) nos diz que, quando se trata do estatuto econômico, vemos o idoso como pertencente a uma espécie estranha, diversa da nossa. Como se eles não experimentassem as mesmas necessidades nem os mesmos sentimentos que os outros homens, já que lhes é concedida uma mísera esmola de aposentadoria para nos sentirmos desobrigados a seu respeito. Ressalta que “economistas e legisladores endossam tão cômoda ilusão quando lamentam o peso que, para os ativos, representam os inativos: como se os primeiros não constituíssem futuros inativos e não estivessem garantindo o próprio futuro ao instituírem a pensão às pessoas idosas” (1976, p.7-

8). Como ressalta Mellão, os idosos juntos, reunidos, podem sim criar empresas e organizações e inclusive decidir a respeito de seu futuro e de suas ações em relação ao mundo social. O desejo de muitos deles pode ser o de retornar ao mercado de trabalho, mas é importante que existam espaços nos quais se possa encontrar alternativas a esse modelo liberal que valoriza o ser humano apenas enquanto este está na “ativa” e o descarta quando chega o momento da aposentadoria ou lhe oferece a opção de trabalhar até o fim dos seus dias.

Nesse sentido, as diversas associações de idosos e, mais precisamente as Universidades Abertas à 3ª Idade podem constituir-se em espaços que preencham, ao menos em parte, a busca do idoso por alternativas de atividades intelectuais, sociais e, porque não dizê-lo, lúdicas. Estas instituições podem constituir-se em espaços de valorização das experiências, das lembranças e histórias de vida das pessoas que as freqüentam, destarte as críticas que por vezes lhes são dirigidas. Podem ser espaços para a reflexão e evocação do vivido, segundo as palavras de Marlene, aluna do grupo de teatro da UNATI-UNESP que diz: *“Aqui nos sentimos valorizados. É claro que temos todo o carinho da nossa família, mas é bom estar com pessoas da nossa idade também. Entre nós recordamos, temos uma história em comum”*.

O importante é que a pessoa que envelhece tenha chances e oportunidades de escolher as atividades às quais deseja se dedicar depois da aposentadoria, não tendo como única opção a volta ao mercado de trabalho ou o ostracismo, o tédio e a depressão, como coloca João Mellão em seu artigo, tão sintomático em relação ao tratamento dado ao ser humano no sistema capitalista, que quer o homem sempre produzindo para o capital, sempre na “ativa”. Sistema que mascara as diferenças, que incentiva a rapidez e o esquecimento, que não valoriza a memória e as histórias de vida dos mais velhos, reservando-lhes o ostracismo e o esquecimento. Ecléa Bosi nos diz que

[...] a velhice é o momento de desempenhar a alta função da lembrança. Não porque as sensações enfraquecem, mas porque o interesse se desloca, as reflexões seguem outra linha e dobram-se sobre a quintessência do vivido. Cresce a nitidez e o número das imagens de outrora e esta faculdade de relembrar exige um espírito desperto, a capacidade de não confundir a vida atual com a que passou, de reconhecer as lembranças e opô-las às imagens de agora (1979, p.39).

Quando o idoso recorda, há todo um trabalho de reflexão e localização, há uma inteligência do presente, referenciais do presente, que fazem com que uma lembrança não seja

apenas uma repetição de um estado antigo, mas uma “reaparição”. Bosi (1979) cita Bergson para fazer a diferenciação entre dois tipos de memória: a “memória hábito” e a “lembrança pura”. A primeira consiste em esquemas de comportamento, em memória de mecanismos motores e adquire-se através da atenção e repetição de gestos ou palavras. É um processo que se dá pelas exigências da socialização e que faz parte do nosso “adestramento cultural”. Já a lembrança pura traz à tona e torna consciente um momento único, singular da vida. Possui um caráter evocativo, refere-se a uma situação definida, individualizada. Ecléa nos diz que “se existe uma memória voltada para a ação, feita de hábitos, e outra que simplesmente revive o passado, parece ser esta a dos velhos, já libertos das atividades profissionais e familiares”(1979, p.39).

Recordar, segundo a autora, é uma função para a qual o ancião está maduro e é mais que um sonho ou um simples devaneio, mas é a de unir começo e fim, de “tranquilizar as águas revoltas do presente alargando suas margens”(p.40). Todo um mundo social rico e diverso pode chegar até nós através das memórias dos velhos.

Em nossas oficinas de teatro, o passado é lembrado através de um objeto antigo, de fotos, de conversas, de jogos e a partir desse passado que se mescla com situações e vivências atuais, cria-se uma ponte para a construção de algo novo no presente, de peças teatrais, de poemas, de histórias.

O desejo de participar, de discutir, de criar, de fazer-se presente, de estar com os outros encoraja os alunos que procuram pela UNATI-UNESP a continuar estudando. Suas memórias e histórias de vida ligam passado e presente, constroem algo novo, criam vida e arte.

Paulo Freire (1998), falando da inconclusão do ser humano, nos diz que, como seres inconclusos que somos e por isso em permanente processo de busca, devemos “tratar” de nossa presença no mundo. Diz Freire:

[...] a consciência do mundo e a consciência do homem como ser inacabado necessariamente inscrevem o ser consciente de sua inconclusão num permanente movimento de busca. Na verdade, seria uma contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, o ser humano não se inserisse em tal movimento. É nesse sentido que, para mulheres e homens, estar no mundo necessariamente significa estar com o mundo e com os outros. Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem ‘tratar’ sua própria presença no mundo, sem cantar, sem sonhar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem fazer ciência, ou teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem idéias de formação, sem politizar não é possível (Freire, 1998, p.64).

Estas palavras de Freire estão carregadas de elementos lúdicos. Ele fala da ciência, da política, da aprendizagem, da formação do ser humano e junto disso vem o assombro em face da vida e do mistério, a paixão, a alegria, o sonho, o prazer de pintar, de cuidar da terra, de usar as mãos, de esculpir, de musicar. Ele coloca todas essas coisas juntas e elas podem ser fonte de vida e prazer. As ações humanas, os processos de construção do mundo fazem com que a vida valha a pena. Temos de “tratar” de nossa presença no mundo, e isso envolve a política, a ciência, a arte, o cuidado com as coisas da terra.

Entendemos que “estar no mundo”, agir, fazer do mundo um lugar melhor envolve não apenas planejamento, trabalho e seriedade, mas também o prazer, a alegria e a ludicidade presentes em nossas construções, realizações e aprendizagens. Constatamos, ao longo do nosso trabalho, que o tempo da aposentadoria pode ser para o indivíduo um tempo de alegrias, de descobertas, de experimentação e busca de novos desafios. De dar-se o direito de selecionar o que quer realmente fazer, de entregar-se a atividades que não realizava enquanto trabalhador, pois seu tempo era vilipendiado pelo capital. Através do trabalho desenvolvido durante as oficinas e de conversas informais e entrevistas com os participantes do grupo, todos aposentados, verificamos que essas pessoas estão realizadas desenvolvendo atividades diversas e não sentem falta ou pretendem voltar ao mercado de trabalho, como sugere João Mellão Neto em seu artigo sobre a terceira idade. Há que se consultar os diversos grupos de idosos, saber de suas aspirações, vontades, enfim, dialogar para que alternativas sejam construídas e discutidas “com” o idoso e não apenas “para” ele.

Os procedimentos da pesquisa.

“O prazer é uma experiência qualitativa. Não pode ser medido. Não há receitas para sua repetição”. (Rubem Alves)

Nosso trabalho trata de uma forma específica de aprendizagem, relacionada ao “fazer teatral” através do lúdico, do prazer, da liberdade, da experimentação. Qual o caminho escolhido para avaliar a importância do lúdico na aprendizagem de todo um processo ligado à arte teatral junto a pessoas da terceira idade? Um aspecto ficou claro para nós desde o início

da pesquisa: esta tarefa demandaria tempo e, se quiséssemos conhecer a fundo a realidade e as formas de trabalho, apreensão e aprendizado teatral, assim como a importância do elemento lúdico presente nesse tipo de aprendizagem, ela não poderia ser realizada com muitas pessoas.

Nossa proposta ao realizarmos oficinas de teatro com pessoas da terceira idade vai além do aprendizado de técnicas teatrais e da atuação no palco. A proposta é de que os participantes das oficinas sejam capazes de compreender em profundidade todos os aspectos que envolvem a arte de fazer teatro, desde a concepção de um roteiro para a elaboração de uma peça até sua representação num palco, através do jogo e do improviso. Todos pensam juntos a respeito de questões relacionadas a cenários, figurinos, sonoplastia, posicionamento dos atores num palco, enfim, tudo o que se relaciona ao teatro, tendo sempre em vista a ludicidade e o prazer envolvidos nesses processos.

Cabe-nos explicitar melhor, a partir da proposta de trabalho apresentada, o que são as oficinas de teatro e como se dá o seu funcionamento. As oficinas de teatro da UNATI-UNESP baseiam-se, como já colocamos, em jogos teatrais, em exercícios de improvisação, em todo um trabalho de valorização da expressão através do corpo, em exercícios que estimulam e valorizam as lembranças e memórias dos participantes, no diálogo e no estímulo à elaboração de textos e peças teatrais por parte dos componentes do grupo.

Buscamos fazer das oficinas de teatro um espaço no qual os alunos possam experienciar o trabalho no palco com liberdade e autonomia, criando trabalhos originais, nos quais eles possam imprimir suas formas de pensar, exprimir suas visões de mundo, suas experiências, mas que também, através de suas criações, sejam capazes de questionar idéias pré-concebidas em relação à arte teatral, ao lúdico, e à própria questão do envelhecimento humano.

Iniciamos nosso trabalho abordando a importância do espaço cênico e da relação de cada componente do grupo com esse espaço. É dentro desse campo limitado, o palco, que atuamos, que nos expressamos, que nos movimentamos, que mostramos algo a um público. Esse espaço nos limita e nos dá possibilidades de atuação. O corpo interage com o espaço e se movimenta nele. Esse espaço tem de ser dividido com os companheiros e essa ocupação e divisão do espaço exigem dos que o ocupam reflexão, interação, um relacionamento entre os componentes do grupo.

Trabalhamos com o movimento, baseando-nos nas teorias de Rudolf Laban (1978), buscando levar os alunos a descobertas a respeito das possibilidades de movimento

do corpo como um todo e de suas partes. Buscamos desconstruir, através da reflexão acerca do movimento no cotidiano, formas cristalizadas de agir. Os participantes do grupo passam a observar como caminham, como sentam, como se viram para um lado ou para o outro, e, através dos exercícios, procuram descobrir novas maneiras de se movimentar. Todos procuram descobrir mais a respeito de suas possibilidades físicas, respeitando os limites do corpo, que tem uma determinada idade e já sofreu inúmeros desgastes ao longo da vida. No entanto, durante as oficinas, observamos que os participantes descobrem, muitas vezes, que suas possibilidades de movimento eram maiores do que supunham e que não desafiavam alguns limites mais por medo do que por razões realmente físicas. Por vezes, algumas alunas exploravam o espaço cênico ao máximo, rolando pelo chão, pulando, dançando, movimentando-se com prazer e vontade.

Os exercícios de improvisação também são muito privilegiados em nossas oficinas. Viola Spolin (1992) nos diz que todas as pessoas são capazes de atuar num palco e de improvisar. Mas para tanto, é necessário que o ambiente favoreça a espontaneidade e a liberdade do participante. O orientador do trabalho, segundo Spolin, não deve dar dicas ou dizer *como* se deve realizar uma cena, pois isso impede que os alunos pensem por si mesmos a fim de resolver o problema proposto. O orientador pode, por exemplo, pedir para que eles estabeleçam *onde* se passa a cena, se na rua, no carro, na casa, *quem* são as personagens e *o que* elas estão fazendo, a *ação* do exercício. Estabelecendo-se assim o *onde*, *quem* e o *que*, os participantes procuram resolver o problema proposto e realizam a cena, a partir de um referencial próprio, e não da visão do orientador das oficinas. As formas de ver e pensar o mundo, as vivências e experiências dos alunos aparecem nesses exercícios. O vivido, por vezes serve para a obtenção de uma resposta satisfatória para determinada proposta de exercício. Outras vezes, a solução vem de descobertas e de algo novo, de questionamentos em relação a respostas fáceis e simplificadas.

Além do trabalho de improvisação, desenvolvemos exercícios que valorizam a memória e as lembranças dos alunos. Algumas vezes objetos pessoais de cada um eram levados ao grupo e serviam para reavivar as lembranças de seus donos. Através desses objetos, outras vezes de alimentos ou mesmo de aromas, muitas histórias vieram à tona, lembranças de antigas casas, de cidades, lugares e pessoas da infância, momentos da juventude, lembranças ligadas à maternidade, ao casamento, à maturidade. Muito dessa vivência e dessas memórias constituiu-se em importante material para a elaboração de textos, poemas e peças teatrais.

Podemos dizer que o nosso trabalho nas oficinas de teatro é realizado através de continuidades e rupturas. Estimulamos o recordar, o lembrar, as vivências e experiências dos alunos, mas também estimulamos questionamentos e proposições de problemas que exigem do grupo novas formas de agir e de pensar, respostas rápidas para questões que precisam ser resolvidas no palco, dando espaço a verdadeiras situações criativas. O diálogo permeia todo esse processo, pois todas as decisões são tomadas respeitando as idéias dos participantes do grupo. Em nossas conversas decidimos a respeito de questões relacionadas a roteiros, figurinos, cenários, sonoplastia, até entrarmos num consenso a respeito de como o trabalho deve ser realizado. Dividimos tarefas, pesquisamos, nos encontramos muitas vezes fora da universidade para continuar trabalhando.

As peças criadas pelo grupo são o resultado dos exercícios realizados em oficinas. Os exercícios de ocupação do espaço cênico, por exemplo, contribuíram para que o grupo refletisse sobre questões relacionadas a uma utilização inteligente do espaço no palco, posicionando-se melhor nele, garantindo uma maior intimidade dos alunos com este espaço e elaborando plantas do palco para a criação dos cenários das peças criadas pelo grupo. Os exercícios de improvisação contribuíram para que o grupo pensasse com mais agilidade ao procurar resolver rapidamente os problemas propostos pelos exercícios.

Sempre evitamos sugerir *como* os atores deveriam trabalhar ou atuar. Procuramos sempre auxiliar o grupo para que cada participante encontrasse formas próprias de agir e caminhos de atuação. Através de nossas conversas, o gosto dos alunos por música, por literatura, por romances e poesias contribuiu para a escolha dos temas trabalhados que se transformaram em peças, jograis ou trabalhos mais curtos, como performances e esquetes. O diálogo com os participantes contribuiu também na escolha de sonoplastias, do que entraria ou não na composição dos cenários e imprimiram aos trabalhos do grupo características próprias, como um gosto maior pela comédia que pelo drama, uma linguagem leve, porém preocupada com a construção de cada frase, de cada fala das personagens.

O trabalho de expressão corporal realizado com o grupo propiciou um maior conhecimento dos participantes em relação às possibilidades físicas de cada um, além de facilitar a composição das personagens no tocante aos movimentos e tipos físicos delas. Os alunos aprenderam que falamos também com o corpo. Um olhar em cena, um gesto, um levantar de testa, um movimento de pernas ou de braços, expressam por vezes o que queremos dizer, sem a necessidade de palavras.



Também realizamos exercícios para melhorar a capacidade da voz no palco, trabalhando a entonação, a pronúncia, a altura e os cuidados para que o ator não machuque as cordas vocais ao fazer uso de sua voz. Tivemos orientações de uma fonoaudióloga e de uma professora de canto para a realização desses exercícios.

As oficinas de teatro e os exercícios e jogos realizados com o grupo foram imprescindíveis para que os alunos pudessem criar as próprias peças e atuar no palco. Sempre nos preocupamos com um resultado de qualidade do ponto de vista teatral, mas os processos pelos quais passamos para chegar à criação de todo o trabalho desenvolvido foram mais importantes que o próprio resultado do trabalho, visto que o grupo aprendeu a trabalhar coletivamente, com autonomia e prazer.

Todo este trabalho demandou um tempo relativamente grande para ser realizado. Desenvolvemos nossa pesquisa com um único grupo, observando e analisando sua trajetória, seu desenvolvimento e evolução em relação às propostas e objetivos deste estudo. Não trabalhamos com mais de um grupo, pois nosso objetivo não era o de fazer um estudo comparativo e sim o de acompanhar a evolução da aprendizagem e do desenvolvimento teatral de um grupo de alunos da Universidade Aberta à 3ª Idade – UNESP de Marília, através do jogo e do lúdico.

Adotamos uma linha metodológica de cunho qualitativo devido ao fato de que buscávamos conhecer em profundidade uma determinada realidade de aprendizagem, ligada à arte e ao lúdico, cujas nuances e sutilezas só podem, ao nosso ver, ser apreendidas e analisadas muito de perto, num processo de interação com o grupo, observando-o de forma participante, vivenciando com ele suas descobertas, seu aprendizado e as soluções encontradas ao lidar com as propostas de improvisação, colocadas como problemas para o grupo. Há aspectos relacionados à nossa pesquisa que dificilmente poderiam ser captados com técnicas de pesquisa quantitativa, e só vêm à tona através dos exercícios e jogos propostos ao grupo e pelo grupo, de conversas informais, de depoimentos e histórias dos participantes. Enfim, nos deparamos com a questão da subjetividade dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

Minayo nos dirá que podemos entender como metodologias qualitativas aquelas

capazes de incorporar a questão do SIGNIFICADO e da INTENCIONALIDADE como inerentes *aos atos, às relações e estruturas sociais*, sendo estas últimas tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas (Minayo, 1999, p.10).



Segundo a autora, uma das consequências dessa definição é a interrogação sobre as possibilidades de se considerar ou não científico um trabalho que procura levar em conta a profundidade das relações sociais, mas não pode operacionalizá-los em números e variáveis, que são os critérios usualmente aceitos para a emissão de juízos de verdade no campo intelectual. Ela dirá que essa questão remete às próprias entranhas do positivismo sociológico, que reconhece como ciência apenas a atividade objetiva, menosprezando os aspectos subjetivos, que não podem ser sintetizados em dados estatísticos. Mas acrescenta que:

o próprio positivismo tenta trabalhar a 'qualidade do social' seja buscando substantivá-lo em variáveis, seja, através do estrutural funcionalismo, focalizando os produtos da interação social como componentes funcionais da realidade, e tratando-os como entidades passíveis de estudo, independentemente de sua constituição pelos indivíduos (1999, p.11).

Consideramos importante destacar estas considerações de Minayo acerca das abordagens qualitativas e da questão da subjetividade, visto que nosso trabalho trata do elemento lúdico na educação e na aprendizagem, do prazer de aprender. Sendo assim, lidaremos com questões relacionadas à subjetividade, sem que com isso percamos de vista o caráter objetivo de uma pesquisa científica, mesmo porque objetividade e subjetividade complementam-se numa pesquisa qualitativa.

Segundo Chizzotti,

[...] a abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma formação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações (Chizzotti, 1998, p.79).

Partimos, em nosso trabalho, da idéia de que a realidade que pesquisamos é dinâmica, nova e que vale a pena conhecer todo um universo social que se descortina através da fala, dos gestos, da memória e das histórias dos sujeitos pesquisados, que mostram muito do seu mundo através dos trabalhos e obras teatrais que criam. A maior parte do nosso material de análise foi colhida de forma descontraída durante as oficinas, ao longo de exercícios improvisacionais e jogos teatrais, sem que houvesse a necessidade de extensos

questionários a fim de obtermos do grupo as informações e conhecimentos a respeito da realidade dos alunos que freqüentam a Universidade Aberta à 3ª Idade da UNESP de Marília.

Gostaríamos de salientar que a realidade de projetos de educação permanente voltados para a terceira idade é ainda bastante nova e pouco estudada. Quando os sujeitos das pesquisas são idosos, geralmente a esmagadora maioria dos trabalhos está voltada para a área da saúde, da prevenção e tratamento de doenças, da importância de ações políticas que visam a qualidade de vida na velhice. Dentro da perspectiva de ações políticas voltadas ao envelhecimento, as Universidades da Terceira Idade são uma realidade relativamente nova no mundo, e no Brasil estas instituições são ainda mais recentes.

Há, hoje, a percepção por parte de especialistas de várias áreas, de que um envelhecimento saudável e mais cheio de perspectivas passa também pela educação e pela aprendizagem. Os olhares voltam-se para a importância do conhecimento e da aprendizagem ao longo do processo de envelhecimento dos indivíduos. Nossa pesquisa busca encontrar e analisar o elemento lúdico permeando a aprendizagem da arte teatral de um grupo específico, composto por cerca de trinta pessoas que participaram das oficinas de teatro da UNATI. Dessas trinta pessoas, dezesseis ainda participam ativamente do grupo. Um universo pequeno, mas bastante representativo de uma realidade nova, que reavalia e lança perspectivas e propostas de ação em relação às formas com que a sociedade encara e vivencia o envelhecimento hoje. Não buscamos respostas que visem generalizações. Antes, procuramos mostrar, através de um projeto de educação que privilegia o lúdico no conhecimento e na cultura, as respostas dadas pelo grupo de teatro da UNATI-UNESP em relação ao trabalho proposto e desenvolvido.

Pesquisador e pesquisados, durante todo o desenvolvimento da pesquisa e da coleta de dados estiveram juntos, em constante processo de interação. O trabalho de observação do pesquisador em relação ao grupo deu-se de forma participante, através do diálogo, de propostas de atividades, da convivência com o grupo. Nossa intenção em relação aos sujeitos da pesquisa não era apenas a de fazer deles meros informantes daquilo que queríamos saber ou simplesmente executores de uma proposta de trabalho. Buscamos uma participação real, efetiva, por parte dos sujeitos envolvidos, a fim de que suas ações fossem geradoras de idéias, de conflitos, de transformações. Procuramos assim, dentro das abordagens qualitativas, algumas respostas em relação aos procedimentos a serem utilizados na pesquisa nas linhas da pesquisa-ação e pesquisa participante.

Thiollent define pesquisa-ação dizendo que ela é

um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual o pesquisador e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (Thiollent, 1986, p.14).

O autor ainda diz que

uma pesquisa pode ser qualificada de pesquisa-ação quando houver realmente uma ação por parte das pessoas ou grupos implicados no problema sob observação. Além disso, é preciso que a ação seja uma ação não trivial, o que quer dizer uma ação problemática, merecendo investigação para ser elaborada e conduzida (1986, p.15).

Quanto à pesquisa participante, Fals Borda nos diz que este tipo de pesquisa

[...] responde especialmente às necessidades de populações que compreendem operários, camponeses, agricultores e índios – as classes mais carentes nas estruturas sociais contemporâneas – levando em conta suas aspirações e potencialidades de conhecer e agir. É a metodologia que procura incentivar o desenvolvimento autônomo (autoconfiante) a partir das bases e uma relativa independência do exterior (Fals Borda in: Brandão, 1983,p.43).

Ainda sobre a pesquisa participante, Guy Lê Boterf diz a respeito dessa linha de pesquisa que :

Considerando as limitações da pesquisa tradicional, a pesquisa participante vai, ao contrário, procurar auxiliar a população envolvida a identificar por si mesma os seus problemas, a realizar a análise crítica destes e a buscar as soluções adequadas. Deste modo, a seleção dos problemas a serem estudados emerge da população envolvida, que os discute com especialistas apropriados, não emergindo apenas de simples decisão dos pesquisadores (Lê Boterf in: Brandão, 1987, p.52).

Consideramos que nosso trabalho se aproxima e dialoga com as linhas metodológicas da pesquisa – ação e pesquisa participante, apesar de alguns aspectos não se encaixarem totalmente nesses modelos. Esses modelos de pesquisa pressupõem a participação dos sujeitos envolvidos desde o início da pesquisa, decidindo inclusive o tema a ser pesquisado. Isso não ocorreu em nossa pesquisa, pois a escolha do tema e dos objetivos do trabalho partiu do pesquisador. A população envolvida em nossa pesquisa não faz parte das classes mais carentes da sociedade. Essas metodologias também buscam resultados imediatos que respondam às necessidades das populações pesquisadas e os resultados do trabalho devem ser mostrados a essas populações para que haja ou não concordância a respeito dos resultados

obtidos. Nossa pesquisa não visa resultados imediatos nem pretende trabalhar para ajudar a solucionar questões ligadas a populações carentes da sociedade. A direção, a análise dos dados obtidos e a organização da pesquisa estão a cargo do pesquisador e não dos sujeitos pesquisados.

No entanto, a participação dos alunos no processo de ensino-aprendizagem em relação ao teatro é real, efetiva. Os alunos das oficinas de teatro da UNATI-UNESP opinaram sobre os jogos, os exercícios, o trabalho desenvolvido no palco, elaboraram textos, criaram e montaram peças teatrais. Pesquisador e sujeitos pesquisados envolveram-se com o trabalho no palco de forma participativa e cooperativa, como requer um trabalho qualitativo na linha da pesquisa-ação.

Fals Borda nos diz que a pesquisa participante responde às necessidades das classes mais desfavorecidas da população, considerando suas possibilidades, seu potencial, suas aspirações, procurando incentivar o desenvolvimento da autonomia. Os sujeitos de nossa pesquisa não pertencem às classes economicamente desfavorecidas da sociedade, mas fazem parte de uma categoria social, a dos idosos, que por muito tempo, independentemente da posição econômica que os indivíduos pertencentes a ela possuem, foi deixada de lado pela sociedade brasileira e pelas suas instituições, não ouvida em suas reivindicações e levada por vezes ao isolamento e à solidão.

Podemos dizer que nosso trabalho se aproxima em muitos aspectos das linhas metodológicas da pesquisa-ação e da pesquisa participante, visto que há a preocupação com a questão da autonomia dos sujeitos pesquisados dentro do trabalho desenvolvido e uma ação efetiva por parte desses sujeitos ao longo da pesquisa. Mesmo que alguns aspectos não se encaixem nessas metodologias, salientamos que essas linhas de pesquisa não possuem um corpo teórico rígido e imutável.

Podemos então dizer que esta é uma pesquisa social, de caráter qualitativo, que aproxima-se e dialoga com as linhas metodológicas da pesquisa-ação e pesquisa participante, utiliza-se de seus procedimentos a fim de conhecer com maior profundidade a realidade de um grupo de sujeitos significativos, pertencentes ao grupo de teatro da Universidade Aberta à Terceira Idade da UNESP de Marília, e sua relação com a arte teatral e com esse tipo de aprendizagem através do lúdico.



Os sujeitos da pesquisa.

Os sujeitos de nossa pesquisa são alunos das oficinas de teatro da UNATI/UNESP de Marília. Suas idades variam de 58 a 83 anos. Desenvolvemos o trabalho de oficinas de teatro com o grupo de alunos da UNATI de 1999 a 2002 com atividades todas as sextas feiras, no horário das 14 às 16 horas. O ano letivo começa no início de março e termina em dezembro, havendo férias de um mês em julho.

O desenvolvimento do trabalho durante esse período se deu na interação entre pesquisador e sujeitos, tendo o pesquisador não apenas a função de observador passivo, mas a de alguém que participa, que propõe, que interage com o grupo. A relação sempre ocorreu entre sujeitos que dialogam, propõem, relacionam-se entre si.

Há que se reiterar que, em Ciências Humanas, estudando e pesquisando relações sociais, lidamos com gente, com sentimentos e com subjetividade. Rubem Alves (2000) nos diz que a linguagem da ciência é extremamente eficaz para capturar objetos físicos, mas totalmente incapaz de capturar relações afetivas. Diz o autor que “se não houvesse homens no mundo, se o mundo fosse constituído apenas de objetos, então a linguagem da ciência seria completa. Acontece que os seres humanos amam, riem, têm medo, esperanças, sentem a beleza, apaixonam-se por ideais”(Alves, 2000, p.115). Dessa forma, a aproximação com os sujeitos de uma pesquisa como a nossa, que visa conhecer e analisar questões relacionadas ao lúdico e ao prazer de aprender das pessoas da Universidade da Terceira Idade da UNESP, só pode dar-se num encontro entre sujeitos que dialogam e que trocam experiências.

Entre os anos de 1999 a 2002, um total de 30 alunos participou das oficinas de teatro da UNATI. Destes 30 alunos, 27 eram do gênero feminino e três do masculino. No ano de 1999, as oficinas de teatro contaram com a participação de 24 integrantes, todos do gênero feminino. Em 2000, o grupo tinha 27 integrantes, sendo 3 do gênero masculino e 24 do feminino. No ano de 2001, 20 pessoas participaram das oficinas, 2 homens e 18 mulheres e, em 2002, contamos com a participação de 16 integrantes, todos do sexo feminino. Verificamos, assim, em todos os anos em que o trabalho ocorreu, a predominância da presença feminina no grupo. Há também certas diferenças que marcaram a participação dos homens e das mulheres ao longo do desenvolvimento do trabalho com o grupo.

Os homens participaram pouco da elaboração dos textos escritos pelo grupo. Apenas na peça “Os Italianos” e no roteiro do trabalho “O Cravo e a Rosa” houve a



participação dos homens em relação à criação dos textos, com sugestões de diálogos e situações. Os homens do grupo interessavam-se mais em atuar no palco, participar dos ensaios e de conversas e oficinas específicas relacionadas às peças nas quais estavam envolvidos. Já as mulheres faziam questão de estar presentes em todos os momentos do grupo, que incluíam oficinas de jogos, exercícios de improvisação, de reuniões para conversar sobre temas e elaboração de peças. Gostavam, enfim, de participar de todo o trabalho de montagem de uma peça, desde a concepção de diálogos, escolha de figurinos, montagem de cenários, sonoplastia e pesquisas a respeito dos temas trabalhados. A participação feminina foi maciçamente maior que a masculina nas oficinas de teatro, tanto em número de participantes quanto em relação à qualidade da participação, visto que os homens estiveram presentes apenas em parte das atividades desenvolvidas. A maior participação feminina ocorre também em todas as outras atividades oferecidas pela UNATI-UNESP. Aliás, ao pesquisarmos a respeito dos programas de universidades voltados para a terceira idade, percebemos que a presença e a participação das mulheres é geralmente bem maior que a dos homens. Podemos aventar algumas hipóteses relacionadas a uma maior participação das mulheres nesses programas, tais como o fato de as mulheres ficarem viúvas mais cedo, viverem geralmente mais que os homens e buscarem por atividades que não conseguiam realizar na juventude por causa dos filhos, da administração familiar e de um maior tolhimento social sobre o gênero feminino. Talvez os homens sintam um prazer maior realizando atividades ligadas ao esporte, mas estas são hipóteses nas quais não nos aprofundaremos neste trabalho, visto serem outros nossos objetivos. Observamos que para falar da participação dos integrantes do grupo nas oficinas de teatro, ora faremos uso de termos masculinos, como “os alunos”, “os integrantes”, visto que nos anos de 2000 e 2001 houve a participação de alunos e alunas no grupo, ora faremos uso apenas do feminino, pois nos anos de 99 e 2002 não contamos com a participação masculina no grupo.

Cerca de 13 alunas participaram das oficinas de teatro ininterruptamente dos anos de 1999 a 2002. Outras quatro participaram por três anos letivos das oficinas, 7 pessoas participaram por dois anos, incluindo aí os homens e 6 pessoas participaram do grupo por um período de um ano. Ao todo, 30 pessoas participaram das oficinas de teatro num período de quatro anos letivos. Do total de trinta alunos que participaram das oficinas, 13 permaneceram no grupo por um período de quatro anos, ou seja, cerca de quase 50% dos integrantes do grupo, os quais pudemos acompanhar de perto a evolução em relação à aprendizagem e atuação no palco. Mesmo aqueles que permaneceram nas oficinas por um período menor de



tempo apresentaram muitos avanços em relação à atuação no palco e na participação nos jogos e exercícios propostos.

Quanto às idades dos alunos, elas variam, como já dissemos, dos 58 aos 83 anos, mas cerca de 53% encontram-se na faixa dos 66 aos 75 anos. No quadro abaixo, podemos verificar melhor a faixa etária dos alunos que participam e participaram das oficinas:

Quadro 1: Idades dos alunos.

IDADES		
Faixa Etária	Nº de Alunos	%
55 - 60	4	13,33
61 - 65	3	10,00
66 - 70	7	23,33
71 - 75	10	33,33
76 - 80	5	16,67
81 - 85	1	3,33
Total	30	100,00

Em relação às idades dos alunos, vemos que há uma diferença de cerca de 25 anos separando o mais novo do mais velho. Consideramos essa convivência extremamente salutar e observamos que as diferenças de idade contribuem para que o trabalho se desenvolva de maneira eclética, democrática e saudável. Os mais jovens, os chamados *envelhescentes*, aprendem a visualizar com mais positividade a possibilidade de seu próprio envelhecimento através do contato com os mais velhos, que aos 70, 75, 80 anos, continuam desempenhando inúmeras atividades e vivendo o tempo da velhice de forma saudável e prazerosa. Os mais velhos trocam idéias, debatem e dialogam com os mais jovens e resolvem problemas a partir de pontos de vista diversos.

Há muita coisa em comum ligando os alunos das oficinas de teatro da UNATI/UNESP de Marília. Boa parte desses alunos mora no bairro Maria Izabel ou próximos a ele. Este é um bairro de classe média da cidade e nele está localizado o Campus II da UNESP de Marília. Metade desses alunos possui curso superior completo e outra parte o

curso secundário, mais precisamente o antigo curso Normal, que formava as professoras primárias. A maior parte dos alunos é católica e pelo menos cinco alunos do grupo participam da paróquia de Santa Isabel e de seus diversos grupos religiosos. Algumas alunas do grupo participam também do grupo da “Terceira Idade do Patronato”. Patronato é como é chamado o Centro Comunitário da Paróquia de Santa Isabel. Parte do grupo também participa de outros grupos de Terceira Idade da cidade. Os objetivos desses grupos estão relacionados geralmente à socialização, à busca de amizades, a programas de exercícios físicos e melhoria da qualidade vida através de uma vida mais saudável e ativa. Sendo assim, parte dos alunos que freqüentam ou freqüentaram as oficinas de teatro da UNATI-UNESP encontram-se também fora da Universidade, pois possuem interesses comuns. Compartilham, principalmente, do gosto pela arte e pelo conhecimento.

Os alunos revelaram em conversas com o grupo gostar muito de ir ao teatro e de assistir a diversos tipos de espetáculos. Algumas alunas freqüentam peças teatrais desde a juventude, outras descobriram o gosto pelo teatro mais tarde e passaram a assistir as peças teatrais que a cidade oferece. Uma das alunas mora próxima ao SESI de Marília e assiste a todas as peças do circuito de teatro do SESI. Outra característica interessante do grupo é que ele é composto em grande parte por professoras e diretoras de escola aposentadas. Os quadros abaixo mostram o grau de escolaridade dos alunos e as ocupações profissionais que aparecem com maior freqüência no grupo:

Quadro 2: Grau de escolaridade dos alunos do grupo de teatro.

ESCOLARIDADE		
Grau de Escolaridade dos alunos	Nº de Alunos	%
Primário	2	6,67
Ginasial	3	10,00
Secundário	7	23,33
Superior Incompleto	3	10,00
Superior	15	50,00
Total	30	100,00



Quadro 3: Profissões desempenhadas pelos alunos do grupo de teatro antes da aposentadoria:

PROFISSÃO		
Profissões exercidas pelos alunos	Nº de Alunos	%
Professor	14	46,67
Diretor de Escola	3	10,00
Funcionário Público	3	10,00
Comerciante	3	10,00
Donas de Casa	3	10,00
Outros	4	13,33
Total	30	100,00

Em relação ao grau de escolaridade podemos observar, através do quadro 2, que metade dos alunos possui curso superior completo e outros 3 possuem ainda o superior incompleto. Sete alunos possuem o curso secundário, tendo boa parte desse grupo feito o antigo curso Normal, que preparava as professoras primárias para o mercado de trabalho. No quadro, optamos por discriminar o que chamamos hoje de ensino fundamental em primário e ginásial, pois no tempo em que as alunas iniciaram os estudos era assim que este grau de ensino se dividia. Em relação aos alunos que disseram possuir um curso superior, o curso que mais aparece é o de Pedagogia ou outros cursos ligados ao ensino, como Educação Artística, Geografia, História, além do curso de Direito. Alguns alunos possuem mais de um curso superior, como um aluno, que possui os cursos de Pedagogia e de Direito e uma aluna que é formada nos cursos de Educação Artística, Pedagogia, História e Geografia.

Quanto às profissões e ocupações ao longo da vida, vemos no quadro 3 que a maior parte dos integrantes das oficinas dedicou-se a profissões ligadas ao ensino, seja atuando como professores ou administradores de escola. Não discriminamos no quadro os professores primários dos secundários, pois boa parte desses professores atuou nas duas áreas. Depois aparecem outras atividades, como funcionários públicos, pequenos comerciantes e donas de casa. Na categoria “outros”, temos um bancário, uma assistente social, uma ex-proprietária de terras e uma dona de imóveis. Todos hoje estão aposentados.

As técnicas utilizadas para a coleta de dados.

Em nosso trabalho, como já foi apontado, desejávamos conhecer e analisar a importância do elemento lúdico no aprendizado teatral de pessoas da terceira idade. O tema da pesquisa que desenvolvemos surgiu a partir de nossa experiência prática de trabalho com as oficinas de teatro da UNATI, em 1999, ano em que recebemos um convite da coordenação da Universidade Aberta à 3ª Idade da UNESP, que desejava oferecer mais esta opção de atividade a seus alunos.

Sendo assim, nosso trabalho de campo desenvolveu-se dentro de uma situação bastante favorável em relação ao contato com os sujeitos pesquisados, visto que já havia um conhecimento prévio e uma relação de confiança entre estes e o pesquisador.

Nosso trabalho de observação deu-se de forma participante e sistemática em relação ao que ocorria nas oficinas de teatro. Segundo Chizzotti, a observação direta ou participante é aquela “obtida por meio do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado, para recolher as ações dos atores em seu contexto natural, a partir de sua perspectiva e seus pontos de vista” (1998, p.90). Este tipo de observação pode oferecer, segundo o autor, uma descrição mais pormenorizada dos componentes de uma situação, visualizando melhor os sujeitos “em seus aspectos pessoais e particulares, o local e suas circunstâncias, o tempo e suas variações, as ações e suas significações, os conflitos e a sintonia de relações interpessoais e sociais e as atitudes e os comportamentos diante da realidade”(p.90).

O autor, no entanto, salienta que a observação direta e participante requer cuidadoso e adequado registro para garantir a confiabilidade dos dados e para eliminar impressões emotivas, deformações subjetivas e interpretações fluidas.

Nossa observação ao longo do desenvolvimento das oficinas pautou-se por registros e por anotações acerca de tudo o que ocorria no grupo. Para tanto fizemos uso de “diários de campo” ou “diários de pesquisa”, nos quais anotávamos o desenrolar das atividades e das conversas, do cotidiano do grupo, enfim.

Oracy Nogueira nos diz que:

O diário de pesquisa é o registro cotidiano e minucioso das observações – acontecimentos, manifestações de comportamentos, conversas, estabelecimento de novos contatos, desenvolvimento ou transformação já estabelecidas com elementos da comunidade”(Nogueira, 1968. p. 102-3).



Ele se revela como

[...] um dos mais úteis instrumentos de trabalho de campo, principalmente quando o pesquisador está interessado numa visão de conjunto da organização social e da cultura de um certo grupo (1968. p. 102-3).

Utilizamos, além de diários de campo, de formas de registro mecânicas, gravando em fitas de vídeo algumas oficinas e também todos os trabalhos concebidos e apresentados pelo grupo de 1999 a 2002. Estas fitas tinham por objetivo registrar tudo o que ocorria nas oficinas, mas também eram mostradas aos alunos, a fim de que pudessem observar e avaliar seu próprio trabalho. As oficinas também foram amplamente registradas através de fotografias.

Através dessas formas de registro, pudemos examinar e avaliar a evolução do grupo, tanto no trabalho realizado nas oficinas, nos exercícios propostos, nos jogos, na postura corporal dos alunos no palco ao longo dos exercícios, assim como nas apresentações das peças e jograis. Há diferenças marcantes em relação ao posicionamento em cena, ao ritmo, à voz, à postura corporal, às expressões de rosto e às respostas improvisadas quando comparamos os primeiros trabalhos e exercícios do grupo com os mais recentes. Comparando o primeiro trabalho desenvolvido pelo grupo, intitulado “Fragmentos da Vida” com a peça “Ditos, desditos e não ditos”, último trabalho criado pelo grupo, por exemplo, percebemos que neste há muito mais elaboração em relação à postura corporal, ao movimento e ao uso da voz. Na peça “Ditos, desditos e não ditos” o grupo foi capaz de improvisar em cena com muita facilidade e inclusive de resolver uma situação imprevista ocorrida em uma de nossas apresentações. Uma das alunas, por problemas de saúde de um de seus familiares, não poderia voltar da cidade de São Paulo a tempo para a apresentação. Com dois dias de antecedência, outra aluna assumiu o papel daquela que não poderia comparecer e substituiu-a, improvisando, criando coisas novas a partir das falas do texto com humor e espirituosidade. Isso dificilmente ocorreria se o grupo não estivesse acostumado a realizar exercícios improvisacionais e não tivesse adquirido familiaridade e intimidade com o trabalho de atuação no palco. A evolução do trabalho do grupo fica nítida quando comparamos nossas anotações e observamos as fitas de vídeo contendo as apresentações e atuações dos participantes. O que muitas vezes passa despercebido nas fitas de vídeo aparece com mais clareza nas fotografias.

Colhemos também, ao longo das oficinas, relatos orais e depoimentos, partes das lembranças e memórias dos participantes do grupo. Através do diálogo, das conversas

informais e de exercícios propostos a fim de suscitar acontecimentos vividos pelos participantes, muitas histórias e momentos de vida dos alunos delinearam-se, reapareceram através de narrativas por vezes alegres, por outras tristes e emocionadas. Muitas vezes uma palavra, um objeto, um alimento, um aroma, eram capazes de trazer à tona histórias inteiras, relacionadas à infância, à juventude, ao casamento, ao nascimento dos filhos.

Em nossa pesquisa nos interessamos em colher depoimentos e histórias dos participantes do grupo. Nosso objetivo ao colher esses relatos era o de conhecer mais profundamente o grupo e suas motivações, além de nos utilizarmos da memória do grupo em relação a fatos, acontecimentos e histórias a fim de que estes pudessem contribuir para um maior entrosamento e interação entre os participantes do grupo e auxiliar nas construções e criações dos trabalhos dos alunos. Num grupo de teatro da terceira idade o vivido, as memórias e o conhecimento dos integrantes são elementos importantíssimos que podem ser utilizados para o crescimento do grupo, assim como para auxiliarem os processos de criação. Por isso, valorizamos as conversas e o diálogo, nos valem das técnicas da história oral nos concentrando em colher depoimentos e relatos das vidas dos participantes, mas não histórias inteiras de vida, para melhor conhecermos o grupo. Mas, em que consistem esses procedimentos e o que os diferencia?

Maria Isaura P. de Queiroz (1988) nos dirá que o termo história oral é amplo e recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação, ou quando se quer complementar o que já está documentado. Ela pode ser coletada através de entrevistas e registrar a experiência de um só indivíduo ou de um grupo de indivíduos de uma mesma coletividade. Segundo a autora,

A história oral pode captar a experiência efetiva dos narradores, mas também recolhe destes tradições e mitos, narrativas de ficção, crenças existentes no grupo, assim como relatos que contadores de histórias, poetas, cantadores inventam num momento dado. Na verdade tudo quanto se narra oralmente é história, seja a história de alguém, seja a história de um grupo, seja história real, seja ela mítica (Queiroz in Von Simson, 1988, p.19).

Já a história de vida faz parte do quadro mais amplo da história oral. Ela é uma técnica que demanda tempo e requer por parte do pesquisador o cuidado de não interferir no relato ou interferir apenas o mínimo possível. A história de vida pode ser definida, segundo Queiroz, como:

[...] o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstituir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu. Narrativa linear

e individual dos acontecimentos que nele considera significativos, através dela se delineiam as relações com os membros de seu grupo, de sua profissão, de sua camada social, de sua sociedade global, que cabe ao pesquisador desvendar”(1988, p.20).

Este busca captar “algo que ultrapassa o caráter individual do que é transmitido e que se insere nas coletividades a que o narrador pertence (1988, p.20).

O depoimento pode ser definido, nas ciências sociais, como o relato de algo que o informante presenciou, experimentou, ou de alguma forma conheceu. A condução do trabalho está mais centralizada nas mãos do pesquisador, que recolhe da narração da vida de seu informante apenas aquilo que considerar relevante em relação ao problema de sua pesquisa.

Em nossas oficinas, os relatos de fatos e momentos da vida dos participantes, assim como informações relevantes para um maior conhecimento do grupo e de sua realidade, foram colhidos, como já colocamos, em boa parte através de conversas informais, jogos teatrais e entrevistas não diretivas com os membros do grupo. Nosso interesse não estava centrado em colher histórias de vida através de longos e lineares relatos, mas em captar detalhes e acontecimentos relevantes das vidas dos participantes, principalmente em relação à profissão e ao ambiente familiar, que a memória de cada um seleciona, lapida, reconstrói e considera importante.

Fizemos também uma única entrevista estruturada com o grupo em agosto de 2002, a fim de que as alunas falassem a respeito de sua relação com o grupo de teatro e pudessem avaliar o processo de aprendizagem pelo qual passaram e a evolução do grupo desde 1999, pois as alunas entrevistadas acompanharam todo o trabalho e estiveram presentes nas oficinas desde o início.

Analizamos todo o material coletado à luz do referencial bibliográfico pesquisado e pertinente ao trabalho e através de nossas observações e anotações acerca de tudo o que ocorria nas oficinas. Analizamos o conteúdo dos textos e peças criados pelos alunos desde o ano de 1999 a 2002, a fim de melhor compreendermos o papel do lúdico e do prazer de lembrar, de criar e de atuar dos participantes ao longo da aprendizagem teatral.

Gostaríamos, enfim, de salientar que os exercícios e os jogos, assim como os textos e peças teatrais criados pelos integrantes do grupo de teatro da UNATI/UNESP constituíram-se em nosso principal material de análise. O principal procedimento para avaliarmos a importância do elemento lúdico na vida e aprendizagem dos alunos da UNATI foi o desenvolvimento das oficinas de teatro.

Foto: Ana Paula Cordeiro



Figura 1: Apresentação do jogral “Fragmentos da Vida” – 1999.

Foto: Ana Paula Cordeiro



Figura 2: Apresentação do poema: “Todas as Vidas” de Cora Coralina – 2000.

1 O ENVELHECIMENTO HUMANO E SUAS IMPLICAÇÕES SOCIAIS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O TEMA.

“Estou feliz por ser velha hoje, porque hoje o velho tem o espaço dele e há algum tempo atrás eu acho que não tinha.” (Marlene, aluna das oficinas de teatro da UNATI-UNESP)

“Agora que o Brasil envelheceu é que se tem pensado na velhice. Nada havia sido preparado para o velho. Tudo foi pensado para o jovem. Nós (idosos) ainda estamos presenciando alguns pontos de mudança. “(Virgília, aluna das oficinas da UNATI-UNESP)”

Muitos estudiosos atualmente têm se voltado para o tema do envelhecimento humano. Médicos, psicólogos, gerontólogos, assistentes sociais, sociólogos e pedagogos estudam e apresentam diferentes abordagens e formas de tratar o assunto. Estuda-se a velhice do ponto de vista biológico, social, antropológico, psicológico, para que possamos ter uma visão mais clara a respeito de uma etapa da vida do ser humano pouco estudada e por tantos anos desconsiderada como objeto de estudo.

Muito se falou a respeito da infância, da juventude e da maturidade. Pouco da velhice. Simone de Beauvoir (1976) afirma que até o fim do século XV, todos os trabalhos sobre a velhice resumiam-se em tratados de higiene. Foi ela também uma das primeiras a tratar a respeito do envelhecimento na contemporaneidade de uma maneira mais ampla e profunda, levando em conta os seus aspectos biológicos, sociais e históricos. Podemos dizer que mais coisas foram pensadas e realizadas em relação à velhice nos últimos quarenta anos que em séculos de civilização humana. A diminuição da taxa de natalidade e o aumento da expectativa de vida do homem devido aos avanços da medicina aparecem como importantes fatores para a explicação do aumento do número de pessoas idosas e do interesse de pesquisadores, instituições e órgãos públicos sobre a questão. Antônio J. Netto (2001) nos mostra que o envelhecimento humano, que há quarenta ou cinquenta anos se restringia quase que exclusivamente à esfera privada ou familiar, transformou-se numa questão social e política, sobretudo a partir dos anos 60 do século XX. O envelhecimento humano assumiu, assim, o status de fenômeno, "com o qual todos precisam aprender a conviver, estudar e apresentar soluções para seus aspectos problemáticos atuais e futuros, envolvendo especialistas, governos e a população em geral, na medida em que suas repercussões são amplas e significativas" (Netto, in: Kachar, 2001, p.46).



Trataremos neste capítulo de alguns aspectos que envolvem a questão do envelhecimento humano, principalmente do ponto de vista social. As categorizações e representações sociais sobre a velhice, as mudanças na maneira de enxergar o envelhecimento, a questão da aposentadoria e do tempo do idoso são questões que abordamos neste capítulo, para uma maior compreensão de nosso trabalho com os alunos das oficinas de teatro da UNATI.

1.1 Mas afinal, quando é que ficamos velhos?

Há uma espécie de consenso em se considerar a idade de sessenta anos como um marco, uma passagem para a chamada “terceira idade”. No entanto, antes de mais nada, é importante que tenhamos em mente que :

[...]a velhice é uma categoria socialmente produzida. Faz-se assim distinção entre um fato universal e natural – o ciclo biológico, do ser humano e de boa parte das espécies naturais, que envolve o nascimento, o crescimento e a morte – e um fato social e histórico- a variabilidade das formas de conceber e viver o envelhecimento. (Debert, in Barros, 1998, p.50)

Assim como infância, adolescência e juventude, a categoria velhice também é construída socialmente. É uma tentativa de organizarmos a vida, de compreendermos e discernirmos melhor comportamentos, atitudes, maneiras de agir e pensar dos indivíduos ao longo de sua vida em sociedade.

Mike Featherstone (1998) nos diz que nas sociedades modernas há um esforço maior para demarcar a vida, dividindo-a em estágios dentro de uma ordem cronológica. Segundo Featherstone,

[...]a partir do desenvolvimento da modernidade, possuímos uma formação cronológica do curso da vida, embutida de modo muito forte em nossa percepção. Ou seja, as pessoas sabem a idade que têm e o que, em determinados momentos da vida, devem fazer” (Featherstone in: Terceira Idade, 1998, p. 12).



Debert (1998) também nos dirá que a idade dos indivíduos é uma dimensão fundamental na organização social. A crescente institucionalização do curso da vida atingiu praticamente todas as dimensões do mundo familiar e do trabalho, penetrando na organização do sistema produtivo, na educação, na forma como consumimos e nas políticas públicas. “A regulamentação estatal do curso da vida está presente do nascimento até a morte, passando pelo sistema complexo que engloba as fases de escolarização, entrada no mercado de trabalho e aposentadoria” (Debert in Barros, 1998, p.59).

No entanto, é difícil precisar quando uma pessoa está velha, mesmo porque o envelhecimento é um processo, não ocorre de uma hora para outra. Ficamos velhos quando completamos 50, 55, 60 anos? O grande marco social seria a aposentadoria? Discutiremos essas questões de forma mais aprofundada ao longo deste capítulo. É certo que nascemos, crescemos, nos desenvolvemos e declinamos do ponto de vista biológico. Mas é importante que fique claro que precisar uma idade, um marco a partir do qual se considerará uma pessoa idosa, é algo construído socialmente e, portanto, uma construção arbitrária.

E o que vem a ser a velhice? A esse respeito, Simone de Beauvoir nos diz que :

É um fenômeno biológico: o organismo do homem idoso apresenta certas singularidades. Acarreta conseqüências psicológicas: determinadas condutas, com justa razão, são consideradas típicas da idade avançada. Tem uma dimensão existencial como todas as situações humanas: modifica a relação do homem no tempo e, portanto, seu relacionamento com o mundo e com sua própria história. Por outro lado, o homem nunca vive em estado natural: seu estatuto lhe é imposto tanto na velhice como em todas as idades, pela sociedade a que pertence. A complexidade da questão é devida à estreita interdependência desses pontos de vista (Beauvoir, 1976, p.13).

E ainda:

... a sociedade determina o lugar e o papel do velho, levando em conta suas idiossincrasias individuais: sua impotência, sua experiência; reciprocamente, o indivíduo é condicionado pela atitude prática e ideológica da sociedade a seu respeito. De modo que, uma descrição analítica dos diversos aspectos da velhice não pode ser suficiente: cada um deles reage sobre todos os outros e é por eles afetado (p.13-14).

Quando, então, podemos dizer que uma pessoa está velha? Como salienta Beauvoir, não podemos encarar a velhice como um fato estático. Ela seria o término e o prolongamento de um processo. A idéia de envelhecimento encontra-se ligada à idéia de transformação. O envelhecimento seria um certo tipo de mudança “irreversível e

desfavorável, um declínio”(p.15). No entanto, a autora deixa claro que a palavra desfavorável implica em mero julgamento de valor. Diz que :

[...]não existe progresso ou regressão, a não ser relativamente a um objeto visado. [...] É no âmago do empreendimento de viver que se estabelece a hierarquia das idades e o critério é muito mais incerto. Seria preciso conhecer a meta visada pela vida humana para decidir quais são as transformações que dela a afastam, e quais as que dela a aproximam (Beauvoir,1976,p.15).

A autora nos diz que, se observarmos o homem apenas do ponto de vista de seu organismo, o problema torna-se fácil. Durante os primeiros vinte anos de vida do homem, as mutações ocorridas no organismo seriam benéficas, e aos vinte anos ele estaria no auge da expansão de suas capacidades físicas. Após os vinte anos e principalmente a partir dos trinta, pode-se dizer que inicia-se uma involução dos órgãos. No entanto, perdas e alterações podem ser compensadas por automatismos e conhecimentos práticos e intelectuais. Diz a autora que:

[...] não se falará em envelhecimento enquanto as deficiências permanecerem esporádicas e forem facilmente remediadas. Quando elas adquirem importância e passam a ser irremediáveis, e o corpo se torna frágil e mais ou menos impotente, pode-se afirmar, sem equívoco, que está declinando (1976,p.16).

No entanto tudo se complica quando consideramos o ser humano por inteiro. Onde, após o apogeu do homem, podemos situar seu declínio? Beauvoir nos dirá que, apesar de interdependentes, o físico e o moral não seguem uma evolução rigorosamente paralela. Podem ocorrer numa pessoa perdas morais, antes que se inicie a degradação física ou pode acontecer que no decurso de sua decadência física, o indivíduo tenha enormes ganhos intelectuais. A autora questiona:

A qual deles atribuiremos maior valor? Cada qual dará uma resposta diferente, segundo valorize mais as aptidões corporais ou as faculdades mentais, ou então um feliz equilíbrio entre elas. É de acordo com opções desta ordem que os indivíduos e as sociedades estabelecem uma hierarquia das idades: não existe nenhuma universalmente aceita (Beauvoir,1976,p.17).

A velhice, para Beauvoir, só pode ser melhor compreendida em sua totalidade. Ela é mais que um fato biológico. É também um fato cultural. Para uma melhor compreensão do nosso trabalho, nos deteremos mais nas questões culturais, nas representações que a

sociedade cria e possui a respeito do envelhecimento humano do que nos fatores biológicos ou questões ligadas à geriatria ou à gerontologia. O que representa ser velho em nossas sociedades ocidentais? Qual o peso das palavras e dos conceitos que permeiam o processo de envelhecimento humano? Que questões sociais estão envolvidas quando o assunto é a velhice?

1.2 Idoso sim, velho não. Não? Porquê?

A palavra “velho” é carregada, em nossa sociedade, de conotações negativas e cercada por estereótipos e preconceitos. Simone de Beauvoir (1976) dizia que os homens escamoteiam os aspectos da condição humana que lhes desagradam, inclusive a velhice e a morte. Que a América eliminou a palavra morto do seu vocabulário e hoje se fala em “caro desaparecido”, assim como também se evitam referências à idade propecta.

Chamar uma pessoa de velha, mais que uma alusão ao seu tempo de existência, pode significar que essa pessoa está ultrapassada, que não acompanhou as mudanças sociais, que suas idéias estão desgastadas e que suas opiniões são dispensáveis, que não consegue aprender, pois sua memória é falha e suas posturas são rígidas em face do novo, que é incapaz de lidar positivamente com as mudanças e o avanço tecnológico e que pouco ou nada pode contribuir com os processos e mudanças sociais. Ninguém quer ser velho, porque velho tornou-se sinônimo de ultrapassado.

À idéia de juventude associam-se qualidades como beleza, força física e virilidade, rapidez, lucidez, modernidade, flexibilidade, entre outras. À idéia de velhice, como já colocamos, somam-se quase sempre aspectos indesejáveis e negativos, que apresentam o idoso como alguém sempre em desvantagem em relação ao mais jovem, mesmo que as circunstâncias e o cotidiano demonstrem que as coisas não são bem assim e que as qualidades atribuídas geralmente à juventude podem ser encontradas em pessoas de todas as idades, assim como os aspectos negativos atribuídos à velhice, como posturas rígidas em face do novo, por exemplo. O termo velho tornou-se, com o tempo, extremamente pejorativo e desabonador. Os velhos mais ativos e participantes gostam de fazer uma diferenciação entre o que é ser velho e o que é ser idoso, quase que para mostrar que pertencem a um grupo diferente e não são como a maioria de “*velhos que apenas se lamentam e nada fazem*” para a

melhoria de suas condições de existência. Assim, várias mensagens são veiculadas dentro de diversos grupos de terceira idade, diferenciando o velho do idoso. Uma delas diz:

Idosa é a pessoa que tem idade. Velha é a pessoa que perdeu a jovialidade. A idade causa degenerescência das células e a velhice causa degenerescência do espírito. O idoso tem planos, o velho tem saudade. O idoso se renova a cada dia que começa, o velho se acaba a cada noite que termina, pois enquanto o idoso tem seu olhos postos no horizonte de onde o sol desponta e a esperança ilumina, o velho tem sua miopia voltada para os tempos que passaram. [...] As rugas do idoso são bonitas porque foram marcadas pelo sorriso. As rugas do velho são feias porque foram vincadas pela amargura.²

Podemos perceber nesse discurso a diferença de prestígio das duas palavras. Apenas aspectos positivos somam-se à palavra idoso: esperança, sorriso, planos, renovação. Na vida do idoso não há lugar para saudades nem lamentações. Até as rugas do idoso são mais bonitas que as do velho, pois aquele sorriu, não foi amargurado.

Ora, parece claro que estamos tratando de categorias de indivíduos bem diferentes. O idoso é especial, ativo, tem sonhos. O velho, além da degenerescência física, é aquele cujo espírito está também degenerado. Afinal, quem é esse velho e quem é esse idoso idealizados pelo texto? Porque alguns velhos ainda têm planos, enquanto outros só conseguem ter saudade? Porque alguns velhos têm apenas rugas de amargura enquanto outros sorriem? Que tipo de vida levaram esses “velhos amargos” de que trata o texto, a que tipo de sofrimentos, explorações, intempéries e humilhações foram submetidos? Como viveram os idosos sorridentes e positivos? Porque é tão desabonador ser chamado de velho? Enfim, como passamos pelos termos velho e idoso, chegando à idéia de terceira idade?

Peixoto (1998), ao tentar compreender as nuances das representações sociais francesas e brasileiras a respeito das categorias que envolvem os grupos envelhecidos dessas populações, traçou a trajetória da formulação pública de termos, noções e conceitos relacionados ao envelhecimento e nos fornece algumas pistas para que possamos compreender melhor as questões relacionadas à trajetória das representações ocidentais acerca do processo de envelhecimento humano. A autora nos diz que, na França do século XIX, a questão da velhice estava intrinsecamente relacionada ao estatuto econômico e social dos indivíduos de mais de sessenta anos. Assim, costumava-se designar como velho ou velhote os indivíduos

² Este texto foi trazido ao grupo de teatro por uma das alunas e lido para todas. O título do texto é “Ser idoso e ser velho” e não temos certeza de quem é o autor do texto. Sua autoria está atribuída a José Ricardo, Camboriú, SC.

despossuídos, que não detinham estatuto social, enquanto que os possuidores desse estatuto eram chamados de idosos. Segundo Peixoto, a “noção de velho é, pois, fortemente assimilada à decadência e confundida com incapacidade para o trabalho: ser velho é pertencer à categorização emblemática dos indivíduos idosos e pobres”(Peixoto in Barros, 1998, p.72). No entanto, ressalta que no século XVIII, por exemplo, o termo *vieillard* (velhote) não possuía uma conotação fortemente pejorativa e designava também os velhos abastados, considerados bons cidadãos e bons pais.

Segundo a autora, a partir dos anos 60 do século XX, houve, na França, toda uma mudança na estrutura social, com a elevação de pensões e do prestígio das pessoas aposentadas. Houve uma mudança em relação à percepção que se tinha das pessoas envelhecidas e transformações nos termos de tratamento empregados a elas. Termos tornados pejorativos foram suprimidos de textos oficiais e a palavra *velho* foi substituída na maior parte das vezes pela palavra *idoso*, termo considerado mais respeitoso e adequado.

Se é verdade que os velhos se tornaram pessoas respeitadas através do termo idoso, este parece ser ainda mais valorizado com a criação da categoria aposentado, que introduz melhorias nas condições de vida das pessoas envelhecidas: através de instrumentos legais elas passam a adquirir um estatuto social reconhecido.[...] O estabelecimento do direito à inatividade remunerada – a aposentadoria – permite a uma geração uma situação de disponibilidade e de ociosidade que se transforma em novos hábitos, em novos traços comportamentais e, portanto, em uma luta contra os estigmas de velho e velhote (Peixoto, 1998, p.74).

De acordo com Peixoto, a política de integração da velhice que a partir de 1962 foi introduzida na França, tinha como objetivos mudanças político administrativas, assim como alterar a imagem que se tinha das pessoas que envelheciam. Segundo Beauvoir, a imagem que se faz da velhice é uma imagem sublimada, como as idéias do velho sereno, venerável e sábio, ou pejorativa, quando o velho não corresponde às expectativas dos mais jovens. Então ele é rabugento, caduco, gagá. Seja como for, ele estaria aquém ou além da condição humana. Hoje outras imagens se associam a essas: a do idoso ativo, moderno, participante. O que colaborou para essa nova perspectiva de visão acerca da velhice?

Para Peixoto, houve uma transformação das atitudes por parte dos novos aposentados, e a idéia de velhice decadente, associada às camadas mais excluídas da população, cede espaço para dar lugar a uma outra, associada à atividade e “à arte de viver bem” (Peixoto, 1998, p.76). Dessa forma, segundo a autora, tornava-se necessário “criar um novo vocabulário para designar mais respeitosa a representação dos jovens aposentados

– surge a terceira idade”(p.76). O termo *terceira idade* pode ser encarado como sinônimo de envelhecimento ativo, independente e dinâmico. Assim,

a invenção da terceira idade – nova fase do ciclo de vida entre a aposentadoria e a velhice- é simplesmente produto da universalização dos sistemas de aposentadoria e do conseqüente surgimento de instituições e agentes especializados no tratamento da velhice, e que prescrevem a esse grupo etário maior vigilância alimentar e exercícios físicos, mas também necessidades culturais, sociais e psicológicas. Dessa forma, terceira idade passa a ser mais que um substituto para o termo velhice. (Peixoto, 1998, p.76)

Lenoir, citado por Peixoto (1998), diz que o trabalho de classificação é também um trabalho de eufemização, uma tentativa de tornar nominável, público, o que até então havia sido rechaçado e não tinha chance de se exprimir.

No Brasil, as mudanças começaram a ocorrer em fins da década de 60, a partir dos “ecos vindos da Europa sobre a mudança da imagem da velhice” segundo Peixoto. Os documentos oficiais e as discussões acerca da problemática da velhice passam a utilizar o termo idoso. A noção de terceira idade no Brasil constituiria um decalque do vocábulo francês. A diferença é que no Brasil houve mais uma troca de termos e menos mudanças efetivas em relação a políticas públicas voltadas para o idoso, apesar de alguns avanços em relação à questão.

Resumindo, de acordo com Peixoto, o termo velho está mais associado à decadência, à ruína física e à pobreza, enquanto o termo idoso demonstra mais respeito, refere-se aos velhos “respeitáveis”, ativos, dinâmicos, lúcidos. Terceira idade no Brasil, assim como a representação francesa, caracteriza os “jovens velhos”, aposentados ativos, dinâmicos e participantes da sociedade. Já se fala em quarta idade, numa referência aos indivíduos que completaram 75, 80 anos ou mais e em quinta idade para os de mais de 90 anos .

Percebemos, através das considerações de Peixoto, mudanças de atitudes, algumas muito positivas, em torno do envelhecimento humano, juntamente com a discussão e criação de novas terminologias. A chamada “terceira idade” é vista hoje como uma categoria social e possui visibilidade em relação às suas ações. Ao menos do ponto de vista formal, muitos avanços ocorreram em relação aos direitos do idoso buscando garantir sua qualidade de vida e dignidade. No Brasil, as discussões em torno do envelhecimento, a elaboração do Estatuto do Idoso, as diversas organizações voltadas para a terceira idade, inclusive as Universidades Abertas, os estudos da medicina e da gerontologia são alguns deles e, como salienta Peixoto,

constituem-se em grande parte em ecos vindos da Europa. Mas essa busca de terminologias adequadas e novas categorizações, juntamente com tentativas de mudanças de postura em face do envelhecimento humano, estão longe de solucionar problemas reais enfrentados pela população envelhecida que exigem mudanças profundas na própria estrutura da sociedade capitalista. Sociedade que desrespeita não apenas o velho, mas o homem de uma forma geral.

Os processos de eufemização em torno das questões relacionadas ao envelhecimento não param, simplesmente porque os problemas continuam existindo. Daí que utilizam-se os termos “melhor idade”, “anos dourados”, “tempo da maturidade”, “nova juventude” e outros que procuram mascarar e nivelar uma realidade cercada por contradições e preconceitos que desvaloriza o saber e as experiências dos indivíduos mais velhos e desconsideram suas condições materiais de existência. E muitos não se dão conta disso. O que fica patente é que quando um determinado termo adquire conotações e contornos negativos, tratamos logo de encontrar eufemismos, de arranjar outras palavras mais “politicamente corretas” para designar determinados grupos ou categorias sociais, na busca de um abrandamento de preconceitos, a fim de que a sociedade olhe mais positivamente para eles.

Visto isso, não consideramos o termo *terceira idade* mais apropriado que as palavras *velho* ou *idoso*. Utilizaremos em nosso trabalho esses três termos para nos referirmos às pessoas que atingiram uma idade de cinquenta e cinco anos ou mais, dando igual valor a eles, mesmo porque, em nossas oficinas, possuímos alunos de idades bastante variadas, entre cinquenta e oito e oitenta e três anos. Falaríamos então em termos de terceira e quarta idades? Não julgamos que sejam as terminologias mais adequadas, mesmo porque fazemos a ressalva de que consideramos o termo terceira idade carregado de um mascaramento ideológico que procura extirpar preconceitos e nivelar diferenças sociais. No entanto, utilizaremos o termo terceira idade dada sua enorme difusão e porque ele está presente no próprio nome da instituição na qual realizamos nossa pesquisa, a UNATI (Universidade aberta à 3ª Idade) da UNESP de Marília.

1.3 Algumas variáveis que interferem no processo de envelhecimento das pessoas.

A velhice, na sua qualidade de destino biológico, é vivida de maneira variável, segundo o contexto social. A maneira como se dá o processo de envelhecimento, as possibilidades físicas, mentais e sociais não são as mesmas para todos. A classe social à qual

o indivíduo pertence e que lhe confere uma determinada posição no mercado de trabalho, que lhe dá sua visão de mundo, que determina inclusive suas lutas, seus anseios e seus hábitos, é determinante também no processo de envelhecimento. Uma observação feita por Eneida G. de M. Haddad em sua obra “O direito à Velhice”, nos dá um pouco a dimensão do quanto a classe social à qual o indivíduo pertence e a posição que ocupa no mundo do trabalho são determinantes em relação ao seu processo de envelhecimento. Diz ela:

Quando, em 1988, procurei os postos do Instituto Nacional de Previdência Social – INPS – da Zona Leste da cidade de São Paulo – que, então, procediam ao cadastramento de aposentados e pensionistas, em busca de pessoas que tivessem se aposentado como operários, chamou-me a atenção o número de mulheres viúvas que recebiam pensão dos maridos, ex-operários de indústrias químicas e metalúrgicas. Conversei com elas, embora meu objetivo fosse outro. Passei a registrar alguns dados. Um universo empírico pequenino, mas instigador. Muitas viúvas de trabalhadores químicos e metalúrgicos, muitas vidas ceifadas precocemente (Haddad, 2001, p.10).

E ainda:

A observação acima tem duplo objetivo: primeiro, observar que não se pode considerar a morte sem ligá-la à vida, nem a velhice ignorando a juventude; segundo, observar que tomar a juventude, a velhice, a vida ou a morte, sem considerar as diferenças, é cair nas tramas da universalidade abstrata. (2001, p.10)

As marcas do trabalho, das intempéries, do vivido estão presentes nos rostos e nos corpos de quem envelhece. As rugas, as doenças, as dores, os sorrisos ou as amarguras podem revelar histórias que em algum momento se entrecruzaram no mundo social. As costas da lavadeira velha que se curvou por anos a fio, debruçada sobre montes intermináveis de roupas, as dores que sente na coluna, as mãos secas nos contam de sua vida e das vicissitudes a que foi submetida no mundo trabalho. Ecléa Bosi salienta que a degradação senil começa com a degradação da pessoa que trabalha. Diz ela:

Como deveria ser uma sociedade para que na velhice um homem permaneça um homem? Seria preciso que ele sempre tivesse sido tratado como um homem. A noção que temos da velhice decorre mais da luta de classes do que do conflito de gerações (Bosi, 1979, p. XIX - XX).

Também não podemos nos esquecer que, além da posição que ocupa no mundo do trabalho, o ser humano é fruto de uma época, cujos acontecimentos históricos marcam profundamente, de maneira direta ou indireta, a sua vida. Os sujeitos de nossa pesquisa são

peças que viveram grande parte de suas vidas no século XX, sofrendo, portanto, as consequências das mudanças, dos avanços e barbáries desse século, que Eric Hobsbawm chamou de “Era dos Extremos.” Diz o autor que

[...] falamos como homens e mulheres de determinado tempo e lugar, envolvidos de diversas maneiras em sua história como atores de seus dramas – por mais insignificantes que sejam nossos papéis-, como observadores de nossa época e, igualmente, como pessoas cujas opiniões sobre o século (XX) foram formadas pelo que viemos a considerar acontecimentos cruciais. Somos parte desse século. Ele é parte de nós (Hobsbawm, 1994, p. 13).

Portanto, em nosso trabalho, trataremos da questão do envelhecimento e da aprendizagem sem nos esquecermos de relacionar a aprendizagem e os processo de criação do grupo de teatro com a visão de mundo dessas pessoas, que é fruto de uma época, marcada por acontecimentos históricos que se entrelaçaram às suas vidas, da posição que essas pessoas ocuparam no mercado de trabalho, do lugar onde elas viveram, enfim, com todo o processo de formação dessas pessoas, que as levou a serem quem são. Elas presenciaram transformações, rupturas, crises, foram testemunhas de promessas de desenvolvimento, de fatos históricos, de lutas e de avanços sociais, fossem esses avanços de natureza concreta ou apenas de caráter formal. Muito de suas histórias e do mundo social em que viveram e vivem aparecem nas peças e nos textos que criam nas oficinas de teatro, assim como nos jogos teatrais e improvisações. Como bem salienta Queiroz, “o indivíduo é também um fenômeno social. Aspectos importantes de sua sociedade e de seu grupo, comportamentos e técnicas, valores e ideologias podem ser apanhados através de sua história” (Queiroz in Von Sinson, 1988, p.28).

Ao tratarmos do envelhecimento humano, como vimos, não podemos pensar num único modelo de velhice, nem num único papel que o idoso possa desempenhar em nossa sociedade atualmente, sem correremos o risco de cair em reducionismos. As representações sociais acerca do envelhecimento e a própria forma como os idosos se vêem tomam caminhos variados. A maneira como encaram o tempo da aposentadoria também. É inegável que esta constitui-se num marco social dos mais importantes na vida do indivíduo. Por isso, ao estudarmos questões relacionadas ao envelhecimento, torna-se importante observarmos mais detidamente esse fenômeno social.

A aposentadoria pode ser encarada de maneiras bem diferentes pelos indivíduos que se aposentam ou estão prestes a se aposentar. Pode ser vista como um momento de deterioração, de chegada do envelhecimento e de perdas, de ostracismo e de isolamento, de afastamento do mundo do trabalho, de empobrecimento econômico e de rupturas de elos sociais, mas também pode ser vista como um tempo livre que pode ser destinado à realização de novos projetos de vida, de cuidados com a saúde física e mental. Pode ser vista como um tempo de tranquilidade, de despreocupação com horários e rotinas rígidas, de descansar, viajar, de desfrutar de mais tempo para si mesmo e para o lazer. Pode ser encarada também como um tempo de luta pela melhoria das condições de vida e pelos direitos dos aposentados.

É claro que ainda imperam inúmeros preconceitos e visões estereotipadas por parte dos mais jovens e dos trabalhadores na “ativa” em relação aos indivíduos aposentados. Mas a visão do “vovô” e da “vovó” que apenas ficavam em casa cuidando dos netos, jogando cartas e fazendo bolos cede espaço a outras formas de enxergar esses indivíduos à medida em que os fatos mostram uma outra realidade.

Simões (1998) apresenta o aposentado como “ator político” e diz que, a partir dos anos 90, os problemas relacionados à aposentadoria e à Previdência Social adquiriram uma nova visibilidade política no Brasil e os grandes responsáveis por isso foram os próprios aposentados e pensionistas. Estes ocuparam espaço importante na mídia, indo para as ruas, organizando caravanas, congressos e manifestações de protesto, entre 1991 e 1992, durante o mandato do ex- presidente Fernando Collor, mobilizando-se contra o arrocho dos benefícios pagos pela previdência e a luta pelos 147%.³ Segundo Simões, “o significado da mobilização foi além de uma mera reivindicação distributiva. Ao expor flagrantes das dificuldades e carências que caracterizam o modo de vida de muitos velhos, contribuiu para que se generalizasse a percepção de que a questão dos 147% tocava em conflitos e sentimentos mais profundos em relação aos velhos – conflitos e sentimentos esses que seriam familiares à experiência da população em geral. Os 147% sintetizaram o desprezo que a sociedade brasileira reservava aos mais velhos”. (1998, p.30)

O mesmo autor aponta ainda questões relacionadas à forma como os aposentados militantes politicamente se vêem, como encaram seu papel social e como enxergam outros

³Em setembro de 1991, o salário mínimo recebeu um aumento de 147%, enquanto os benefícios da previdência social foram reajustados em 54,6%. “A reação do movimento dos aposentados e pensionistas foi, a partir de setembro de 1991, impetrar, em diversos pontos do país, ações judiciais contra a portaria dos 54,6%”. (Simões in Barros, 1998, p.25-6) O autor nos diz que, a partir de agosto de 1992, depois de muitas idas e vindas no judiciário e declarações oficiais desencontradas a respeito do estado da previdência, os aposentados acabaram recebendo a quantia referente ao reajuste de 147%.

grupos e categorias de idosos, como as associações e grupos de terceira idade que visam mais a diversão e o lazer do que as lutas sociais. Segundo Simões, nota-se, nas falas e entrevistas que colheu com militantes nas associações de aposentados, a intenção de marcar uma nova imagem dos idosos aposentados. Há a ênfase na saúde e no discernimento, em contraposição ao estereótipo do velho caduco e apático, enfatiza-se o passado de trabalhador e a posição de que este aposentado continua com o encargo de provedor da família, como contraponto à imagem do velho que constitui-se num peso financeiro para os filhos e só pensa em comer, dormir e descansar.

Os aposentados militantes também diferenciam seu movimento dos grupos de terceira idade. Estes proporcionariam mais atividades de descanso e lazer, deixando de lado as lutas sociais. Os grupos de terceira idade sem militância também se prestariam mais facilmente à manipulação por parte de políticos e de governos. Simões cita entrevistas de militantes aposentados e um deles, o senhor Antônio Galdino, critica em 1991 as associações e grupos de terceira idade, dizendo que quando os movimentos de aposentados começam a se desenvolver, os movimentos de terceira idade ganham força junto aos órgãos públicos, falando-se inclusive em “faculdade da terceira idade”. Os aposentados militantes identificariam-se mais com a categoria de ex-trabalhadores que com as categorias e grupos de idosos em geral. No entanto, Simões apresenta em relação a estas concepções algumas sinalizações de mudança e cita o próprio senhor Galdino que, tempos depois, ressaltava a importância de uma aliança de aposentados e pensionistas com os idosos, apesar de seu discurso mostrar que idoso ainda é o “outro”.

Hoje observamos uma realidade um pouco diferente da apresentada por Simões. As Universidades e faculdades da terceira idade ganharam um enorme impulso nos anos 90 e pessoas militantes de associações de aposentados participam também das universidades da terceira idade. As próprias universidades da terceira idade, inclusive, incentivam por vezes uma maior participação política e social. No caso do nosso grupo de teatro, por exemplo, entre quinze alunas, duas participam ativamente da APAMPESP (Associação dos Professores Aposentados do Estado de São Paulo) enquanto outras também fazem parte desta mesma associação e procuram estar constantemente informadas a respeito do que acontece na mesma. No entanto, os próprios alunos da UNATI-UNESP de Marília e especificamente do grupo de teatro, por exemplo, diferenciam-se em seus discursos dos outros grupos de terceira idade da cidade, que ofereceriam apenas atividades voltadas para a saúde e o lazer. Uma das alunas do nosso grupo de teatro, ao escrever o texto de apresentação do grupo e de uma das peças de

criação coletiva, “Ditos, desditos e não ditos” diz o seguinte: “O que seria a UNATI? Com certeza, mais uma coisa para me distrair. Mas não se tratava do distrair por distrair. Aqui ouvimos palestras riquíssimas em informações, além de contarmos com as boas e novas amizades que tivemos a oportunidade de conquistar. A UNATI também nos oferece vários cursos, [...]e, entre eles, o teatro.”

Hoje, sem dúvida, o idoso aposentado conta com mais opções de lazer, de cultura, de atuação social e política que há trinta ou quarenta anos atrás. Muito se fala também a respeito da importância do papel da pessoa idosa como agente cultural, participando ativamente em seu meio social, preservando a memória, criando. Nosso trabalho busca justamente ressaltar a importância dessa participação, dos processos de criação, da elaboração de textos e obras realizadas pelos alunos da UNATI de Marília. Evitaremos, no entanto, falar a respeito de coisas como “o resgate da cidadania do idoso” e “a reinserção do idoso na sociedade”, termos muito utilizados nos discursos de pesquisadores e profissionais que trabalham com as questões ligadas ao envelhecimento humano. Os termos “resgate” e “reinserção” pressupõem que a pessoa que envelhece não é mais cidadã, está totalmente fora do mundo social e por isso precisaria de “salvadores”, de pessoas mais jovens para ajudar a reinseri-la na sociedade. Não concordamos com esse ponto de vista. Os idosos não precisam de salvadores e sim de pessoas que estejam interessadas em suas lutas e em discutir e atuar com eles para que cada vez mais a sociedade se aperceba de que o processo de envelhecimento humano e todas as questões sociais a ele relacionadas interessam à sociedade como um todo, visto que todos vislumbramos a perspectiva de vivenciar o tempo da velhice também. Como viver bem esse tempo? As próprias alunas do grupo de teatro da UNATI nos mostram alguns caminhos.

O desejo de participar, de discutir, de criar, de fazer-se presente, de estar com os outros encoraja os alunos que procuram pela UNATI a continuar estudando. Buscam, não pelo resgate de uma cidadania perdida, pois grande parte dessas pessoas continua atuando, como já colocamos, política e socialmente, seja através de sindicatos de aposentados, seja por meio de partidos políticos ou outros grupos sociais, mas por momentos de aprendizagem, de troca, de crescimento pessoal.

Existe hoje toda uma reflexão teórica acerca dos principais aspectos que envolvem o envelhecimento humano, como o da aposentadoria e do tempo livre que ela proporciona ao idoso. Beauvoir (1976) já denunciava que a afirmação de que a aposentadoria constituiria-se na época da liberdade e dos lazeres não passava de mentira deslavada. Para ela, a sociedade

impõe ao velho um padrão de vida tão miserável, que a expressão “velho e pobre” chegava a ser quase um pleonismo. “Os lares não oferecem possibilidades novas ao aposentado: na hora em que se vê liberado de constrangimentos, roubam-se ao indivíduo os meios de utilizar sua liberdade” (1976, p.11). Muitos velhos precisam continuar trabalhando a fim de garantir a própria sobrevivência. Para esses não existem opções, não existe sequer aposentadoria e muito menos tempo livre para desfrutá-la. Essa, no entanto, não é a realidade dos alunos da UNATI de Marília. Eles possuem a opção de escolher o que desejam fazer com seu tempo livre e decidiram continuar estudando e aprendendo. Mário Sérgio Cortella nos dirá: “Qual é o meu tempo? O meu tempo é agora; é enquanto estou vivo”.(Cortella, in: A terceira idade, 1998, p.16). Cortella também salienta que “o humano não nasce pronto; o humano nasce se fazendo. Eu sou o mais novo de mim. Há coisas que eu deixei e outras que eu carrego. Eu não posso dizer ‘no meu tempo’, porque o meu tempo é hoje”(1998, p.25-6).

O humano não nasce pronto. E porque o humano não nasce pronto, mas vai constantemente se construindo, porque somos seres inconclusos e conscientes de nossa inconclusão, porque estamos constantemente buscando, ávidos por conhecer e compreender sempre mais sobre o mundo do qual fazemos parte, o processo educacional pode constituir-se em um trabalho permanente, que tenha algo a oferecer a pessoas de todas as idades, inclusive às que já estão na faixa etária que se convencionou chamar de “terceira idade”, desde que essas pessoas assim o desejem. E muitas delas desejam. Desejam um tempo para si, desejam aprender e desenvolver habilidades que não tiveram chances de desenvolver no passado, desejam habilitar-se para ter acesso a tecnologias que não existiam há algum tempo atrás, desejam compreender melhor as mudanças e atuar socialmente.

Talvez a questão principal que se coloca, quando analisamos as questões relacionadas ao envelhecimento humano do ponto de vista social e cultural, não é a do resgate da cidadania do idoso, mas a do resgate do tempo do ser humano. Um tempo que seja mais seu, do qual ele possa dispor a seu modo, apesar das inúmeras imposições e modelos de como agir ou do que fazer. Esse tempo é roubado do trabalhador, é roubado do aposentado, é roubado do homem.



Foto cedida pela Secretaria da UNATI-UNESP de Marília.



Figura 3: Apresentação da peça “Os Italianos” no Teatro Municipal de Marília – Abril 2000.

Foto cedida pela Secretaria da UNATI-UNESP de Marília.



Figura 4: Apresentação da peça “Os Italianos” no Teatro Municipal de Marília – Abril 2000.

2 O QUE SÃO AS UNIVERSIDADES ABERTAS À TERCEIRA IDADE?

O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana , sem prejuízo da proteção integral de que trata esta lei, assegurando-se-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade.”(Estatuto do Idoso, Título I, artigo 2)

Dentre as inúmeras mudanças ocorridas nos últimos quarenta anos em relação ao modo como as sociedades ocidentais encaram as questões relacionadas ao envelhecimento humano, está a preocupação com a educação permanente das pessoas que envelhecem por parte de instituições de ensino, sejam elas públicas ou privadas, com o intuito de atender essa parcela da população em suas necessidades culturais e em sua busca por novos conhecimentos e atividades. Com esse intuito surgiram as primeiras Universidades da Terceira Idade (UTI). Segundo Novaes (2000), desde os anos 60, na Europa, já havia uma certa preocupação com atividades culturais e de lazer voltadas para os idosos. No início dos anos 70 surgiu a primeira Universidade da Terceira Idade em Toulouse, na França. A partir daí, muitos países adotaram o modelo francês e as UTI foram implantadas em várias instituições da Europa, chegando depois à América.

No Brasil, intensifica-se cada vez mais a criação de programas de ensino e extensão universitários voltados para a terceira idade. Estes programas de extensão universitária recebem, de acordo com as instituições dos quais fazem parte denominações diversas, como Faculdade da Terceira Idade, Universidade da Terceira Idade (UTI), Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI ou UNATI).

Na UNESP esses programas recebem o nome de UNATIs. Há muitos pontos em comum ligando os diversos programas de Universidades Abertas à Terceira Idade uns aos outros. Destacamos como o principal deles o fato de que as UNATIs possuem como característica primordial a preocupação com a educação permanente de sua clientela, não havendo, portanto, a emissão de diplomas ou a conclusão do processo caracterizada por formatura ou término de um curso universitário específico, como ocorre nos cursos de graduação. Na maior parte dos programas que norteiam os trabalhos das UNATIs o aluno pode freqüentar a universidade pelo tempo que lhe aprouver. São oferecidas, geralmente,



palestras referentes aos mais variados temas, além de cursos, inclusive de línguas, oficinas e atividades que buscam incentivar o entrosamento do aluno com o meio acadêmico e disciplinas nos cursos de graduação das universidades ou faculdades, nas quais a pessoa pode participar como aluna especial.

Em relação aos objetivos das Universidades Abertas, a maior parte dos discursos versa sobre a atualização de conhecimentos, a participação e o convívio com os meios acadêmicos, a reinserção do idoso nos meios sociais, o exercício da cidadania. Eis alguns exemplos:⁴

O objetivo principal do programa é manter as pessoas que passaram dos 50 anos atualizadas e participantes na sociedade. Com esse intuito a universidade acolhe, em seus espaços de produção e divulgação de conhecimentos, os idosos, possibilitando-lhes condições de atualizar e/ou ampliar conhecimentos em áreas de seu interesse, bem como propiciando a integração entre eles, visando um maior desenvolvimento cultural e de lazer. (Programa “UNESP aberta à Terceira Idade”- Câmpus de Presidente Prudente)

Preparar os participantes para vivenciarem o seu processo de envelhecimento e caracterizá-los sobre seus direitos; promover a atualização cultural dos participantes permitindo-lhes o debate contemporâneo; resgatar o potencial criativo dos idosos, possibilitando novas formas de inserção social; estimular os idosos a redimensionarem seus espaços de participação social, objetivando sua contribuição efetiva na comunidade. (Programa de extensão UFJF- Universidade Federal de Juiz de Fora/ Terceira Idade)

Contribuir para a boa qualidade de vida do idoso visando a inserção na sociedade e o fortalecimento da cidadania. Propiciar a atualização e ampliação do conhecimento sobre a questão do envelhecimento saudável. (Núcleo UNESP/UNATI- Câmpus de Bauru)

Podemos perceber que os objetivos desses programas também abordam, além dos aspectos culturais, o lazer e a criatividade, elementos facilmente identificáveis com o lado lúdico da vida. Vemos que há a preocupação não apenas com a questão do aprendizado acadêmico, mas também com a da participação social, com a da qualidade de vida e essa qualidade de vida passa também pelo lúdico, pelos processos de criação artística, pelo lazer, pela diversão. A aprendizagem e o conhecimento podem ser fontes de alegria e prazer, principalmente numa fase da vida em que já não há uma preocupação tão grande com questões relacionadas à sobrevivência e ao mercado de trabalho.

⁴ Trechos retirados dos Anais do III Seminário UNESP/UNATI – “A UNESP desvelando as questões do envelhecimento”. Rio Claro, SP, 2001, p.38, 39 e 41. Os autores dos textos citados podem ser encontrados nas Referências Bibliográficas, no final do trabalho.



Trataremos especificamente neste capítulo das Universidades Abertas à Terceira Idade pertencentes ao Núcleo UNESP/UNATI e mais detidamente ainda, do programa da UNATI da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP de Marília, onde desenvolvemos nosso trabalho com oficinas de teatro.

Na Universidade Estadual Paulista o núcleo UNESP/UNATI, que originou-se do Projeto Sênior UNESP Aberta à Terceira Idade, vinculado à Pró-Reitoria de Extensão Universitária, une as pessoas interessadas em desenvolver atividades de ensino, pesquisa e extensão ligadas às questões relacionadas ao processo de envelhecimento humano, entre professores, pesquisadores, alunos e servidores técnico administrativos da UNESP, desde 1993. De acordo com o regimento UNESP/UNATI⁵, no Artigo 3, são objetivos do núcleo :

- I- possibilitar às pessoas idosas o acesso à Universidade, como meio de ampliação do espaço cultural, bem como a educação continuada, pelo oferecimento de cursos e atividades que propiciem a atualização de conhecimentos, tanto gerais como específicos, aos interesses deste segmento;
- II- estimular a participação da pessoa idosa nas atividades sociais, políticas, econômicas e culturais da sua comunidade;
- III- proporcionar informações que permitam a reflexão sobre o processo de envelhecimento;
- IV- proporcionar espaço gerador de convivência e troca de experiências;
- V- possibilitar ao idoso acesso a programas, serviços e recursos que atendam seus interesses e necessidades, nas diversas unidades universitárias;
- VI- incentivar o desenvolvimento de pesquisa e parcerias para formulação de políticas públicas e implementações de ações dirigidas às pessoas idosas;
- VII- fomentar iniciativas para preparação e/ou aprimoramento de recursos humanos internos e externos à Universidade;
- VIII- promover intercâmbio de âmbito nacional e internacional com outras instituições visando o desenvolvimento do núcleo UNESP/UNATI.

Podemos perceber através desses objetivos a preocupação da Universidade com a participação do idoso dentro da mesma através de uma educação permanente. A universidade torna-se, assim, um espaço estimulador da participação social da pessoa idosa. Seus alunos, além do aprendizado, da troca de experiências e da convivência no meio acadêmico, discutem questões relacionadas ao próprio processo de envelhecimento. Há também a preocupação com o desenvolvimento de pesquisas voltadas para os temas do envelhecimento e preparação de pessoal capacitado para trabalhar com esta parcela da população brasileira.

⁵ O regimento UNESP/UNATI pode ser encontrado no site <<http://www.unesp.br/proex/3idad/regimen.htm>>-16-05-02



As Universidades Abertas à Terceira Idade do núcleo UNESP/UNATI estão espalhadas pelas várias unidades da UNESP, situadas no interior do Estado e na capital. São elas: Araçatuba, Araraquara, Assis, Bauru, Botucatu, Franca, Guaratinguetá, Ilha Solteira, Marília, Presidente Prudente, Rio Claro, São José do Rio Preto, São Paulo (Instituto de Artes) e Reitoria da UNESP. Geralmente os alunos das UNATIs da UNESP assistem palestras que podem ser semanais, quinzenais ou mensais sobre temas e assuntos variados. Participam de cursos oferecidos pelos programas, de atividades sociais e de lazer, bem como de visitas e passeios programados. As matrículas para os diversos cursos podem ser semestrais, ocorrendo no início e no meio do ano ou anuais, ocorrendo no início do ano letivo. Alguns programas priorizam determinados aspectos da aprendizagem ou determinadas atividades, de acordo com a unidade da UNESP em que estão inseridos. O programa da UNATI do IA- Instituto de Artes, por exemplo, prioriza cursos, atividades e eventos relacionados às artes plásticas, às artes cênicas e à música, visando a aproximação desse público com o universo das artes. Através desse trabalho discutem-se questões ligadas ao envelhecimento. Já a UNATI de Rio Claro, que possui o curso de Educação Física, prioriza as atividades físicas e discute questões como a possibilidade de um envelhecimento saudável e com maior qualidade de vida, através de um programa de atividades desenvolvidas dentro de um contexto que privilegia o lúdico, o prazer e o trabalho conjunto de diferentes gerações. Em São José do Rio Preto, por exemplo, a preocupação do programa parece incidir tanto sobre os processos culturais quanto sociais e de lazer, pois são oferecidos aos alunos desde cursos de computação a dança de salão.

Quanto à idade para que os alunos possam ingressar nas Universidades Abertas, ela varia de acordo com os diversos programas. Alguns deles admitem alunos com 45 anos ou mais. Na UNESP de Assis os alunos podem ingressar na UNATI a partir dos 40 anos. Na de Araçatuba, a partir dos 41 anos. A maior parte dos programas, no entanto, aceita alunos que tenham de 50 a 55 anos ou mais. Há, por parte dessas universidades, a preocupação em enxergar o envelhecimento humano como um processo, pois estamos, evidentemente, envelhecendo sempre, ininterruptamente, e preparar seus alunos para um envelhecimento mais saudável, mesmo que estes não façam parte ainda da chamada *terceira idade*. Sabemos que as condições materiais nas quais um indivíduo viveu determinam também o seu processo de envelhecimento, podendo os sinais físicos e psíquicos do envelhecimento tornarem-se mais visíveis antes ou depois dos sessenta anos. Daí as diferenças encontradas em relação à idade mínima para a admissão dos alunos nos programas das UNATIs” .



No caso específico da Universidade Aberta à Terceira Idade da UNESP de Marília, a idade mínima para a admissão no programa é de 55 anos. Não há um grau mínimo de escolaridade exigido para frequentar a UNATI, mas é necessário que os alunos tenham condições de locomover-se até a Universidade por seus próprios meios. Os objetivos da UNATI-UNESP de Marília são “a integração social do participante mediante o convívio no meio universitário”(Del Masso, 2002). Segundo Del Masso, a Universidade Aberta à Terceira Idade da UNESP de Marília.

[...] é resultado de uma série de discussões dos membros da Comissão de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários – CEUAC (atual CPEU), do Campus de Marília, com relação à problemática que o idoso enfrenta atualmente quanto a sua integração no meio social, tendo por base, para essa discussão, a proposta da Pró –Reitoria de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários intitulada Projeto Sênior. (Del Masso, 2001)

De acordo com a autora, o CEUAC, a fim de refletir sobre as questões relacionadas ao envelhecimento, realizou em outubro de 1994 o “Seminário da 3ª Idade da UNESP”, objetivando levar ao conhecimento de docentes, alunos e funcionários da Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília os problemas enfrentados na atualidade pelos idosos, bem como apresentar os trabalhos desenvolvidos com grupos da terceira idade existentes na cidade. O evento contou com a participação em mesas redondas de docentes de Universidades públicas e privadas, bem como de profissionais que na época desenvolviam trabalhos com idosos em diversas áreas de atuação. Realizado o evento, foi feito um levantamento junto aos docentes e funcionários da Faculdade, a fim de verificar o interesse destes na constituição de um grupo de voluntários dispostos a discutir a respeito das questões relacionadas ao envelhecimento humano, à inserção do idoso no meio acadêmico e a formas de atuação junto à comunidade idosa. Foi a partir do interesse de diversos profissionais do Campus de Marília em discutir as questões relacionadas ao envelhecimento, conhecer melhor essa realidade e atuar junto à comunidade, que se estruturou a “Proposta de Implantação da Universidade Aberta à Terceira Idade”(Del Masso, 2001).

Quando a UNATI-UNESP de Marília iniciou suas atividades no primeiro semestre de 1995, foram oferecidas 40 vagas para alunos dos sexos masculino e feminino. Foram preenchidas 35 vagas, sendo 31 alunos do sexo feminino e quatro do sexo masculino. As idades variavam de 55 a 79 anos. Em 2002, 108 alunos estão matriculados na UNATI. Destes alunos 102 pertencem ao sexo feminino e 6 ao masculino. As idades dos alunos variam



de 55 a 83 anos. Quanto ao grau de escolaridade, cerca de 70% deles possuem nível superior completo.

Todas as quartas-feiras os alunos assistem a palestras que versam sobre os mais diversos temas, proferidas por profissionais de diferentes áreas do conhecimento (professores, médicos, sociólogos, psicólogos, pesquisadores) vinculados ou não à UNESP. A participação dos alunos nas palestras é obrigatória. As outras atividades e cursos são optativos. Os cursos e atividades oferecidos pela UNATI são os seguintes: Língua Espanhola, Língua Inglesa, Língua Francesa, Língua Italiana, Língua Alemã, Biblioterapia, Oficinas de Teatro, Fisioterapia para a terceira idade, Computação e Tai chi chuan. Os alunos também podem cursar disciplinas nos cursos de graduação da unidade como alunos especiais.

Na UNATI-UNESP de Marília, a maior parte dos alunos possui curso superior completo, muitos possuem o segundo grau completo ou o equivalente ao segundo grau, como cursos técnicos e o antigo curso Normal, que preparava as professoras primárias para o mercado de trabalho. O grau de escolaridade dos alunos, desta forma, é bastante alto. Suas exigências culturais também. Em conversas com as alunas do grupo de teatro durante as oficinas, algumas delas revelaram seu gosto por peças teatrais e uma delas disse gostar de ópera. Muitas viajam freqüentemente, com o intuito de conhecer novos lugares, mas também para assistirem espetáculos e visitar exposições. A maioria desses alunos reside em bairros de classe média da cidade e possui também uma situação financeira estável. Isso lhes confere maior tranquilidade na aposentadoria e flexibilidade para escolherem as atividades das quais desejam participar. As atividades da UNATI-UNESP de Marília estão mais voltadas para o campo intelectual e cultural que para atividades de lazer e artesanato. Outros programas de extensão mesclam atividades culturais e intelectuais com atividades voltadas para o artesanato e o lazer. Vemos em outros programas cursos como o de dança de salão, pintura em porcelana e pátina, por exemplo. Estas diferenças se dão devido ao fato dos diversos programas procurarem ouvir e atender as necessidades de seus alunos de acordo com as possibilidades e recursos humanos disponíveis. Os alunos da UNATI-UNESP de Marília buscam por atividades intelectuais e culturais, visto que já existem na cidade outros grupos de terceira idade que investem em atividades físicas e de lazer. Muitos alunos da UNATI participam de aulas de ginástica, fisioterapia e atividades voltadas ao lazer em outros grupos existentes na cidade. Isso não quer dizer que o lúdico não seja privilegiado nas atividades desenvolvidas pela UNATI-UNESP. Como vimos, o lúdico está presente na linguagem criadora, no prazer



de aprender, nas discussões com os palestrantes, no improviso, na construção de uma peça teatral.

Cabe-nos ressaltar também que o intuito da UNATI-UNESP de Marília não é o de oferecer um programa diferenciado dos existentes em outros Câmpus, nem o de buscar uma clientela elitizada. Como vimos, não existe um grau mínimo de escolaridade necessário para a participação dos alunos. Os cursos são gratuitos e os alunos pagam apenas uma taxa de matrícula pequena no início do ano, obedecendo às orientações regulamentares para a execução de atividades de extensão universitária. A própria localização da Universidade pode ter contribuído para a confluência desses alunos mais escolarizados no programa. As palestras e parte das atividades ocorrem no Anfiteatro II e em salas do prédio da UNESP situado na Avenida Vicente Ferreira, no bairro Maria Izabel. Este é um bairro de classe média da cidade e nele e próximo a ele mora parte dos alunos que freqüentam a UNATI. Talvez a própria carência de programas desse tipo para a terceira idade, que visam mais os aspectos culturais e de aprendizagem, tenham contribuído também para que as pessoas com um grau maior de escolaridade buscassem pela UNATI - UNESP.

Podemos constatar que nos anos 90 houve, no Brasil, um verdadeiro *boom* no que diz respeito à abertura de inúmeros programas de extensão voltados para a terceira idade, tanto em instituições públicas como particulares. Todos os programas da UNESP, como vimos, surgiram a partir de 1993. Estes programas, segundo avaliação dos próprios alunos participantes, têm contribuído, e muito, para uma maior participação do idoso dentro das faculdades, universidades e em suas comunidades, para trazer à baila debates importantes acerca do envelhecimento humano, da importância de políticas públicas voltadas para as melhorias das condições de vida dos idosos e para que estes possam reunir-se com seus pares e com pessoas de diferentes gerações, facilitando o diálogo e a troca de experiências.

No entanto, estes programas recebem também diversos tipos de críticas por parte de intelectuais, profissionais e de idosos. Antônio Jordão Netto (1998) aponta algumas críticas recebidas pelos programas e faz uma reflexão acerca delas. Os cursos, segundo ele, são acusados de elitistas, pois a maior parte dos idosos acaba não sendo atendida pelos programas. Isso envolveria aspectos geográficos, econômicos, educacionais. Pudemos constatar em conversas com as alunas do grupo de teatro da UNATI-UNESP, que algumas delas possuem amigas ou conhecidas que foram convidadas a participar do programa, mas não aceitaram, alegando que não se sentiriam à vontade no meio acadêmico, justamente por considerarem elitistas as propostas das Universidades Abertas à Terceira Idade.



Segundo Netto (1998), outra crítica feita aos programas é a de que, ao se criarem cursos voltados especificamente para a terceira idade, as instituições estariam segregando os idosos, colocando-os à margem dos outros alunos dentro das próprias universidades. Critica-se também o fato desses cursos não emitirem diplomas aos alunos e não haver um processo avaliativo a respeito do que se aprendeu. O caráter desses cursos, assim, seria mais paternalista e assistencialista que verdadeiramente acadêmico.

Em um congresso do qual participamos certa vez, ouvimos também, ao apresentar nosso trabalho, a seguinte crítica de uma professora universitária em relação às Universidades Abertas à Terceira Idade: a de que os alunos que freqüentam estes programas estariam mais sujeitos a manipulações políticas dentro das instituições, que muitas vezes poderiam não estar verdadeiramente preocupadas com os programas que oferecem e que os manteriam apenas para dizer que estão prestando serviços à comunidade.

O que nós, que vivenciamos e participamos do corpo docente de um desses programas podemos dizer a respeito dessas críticas é o seguinte: os programas visam, sim, atender a uma parcela específica da população que se convencionou chamar de terceira idade. No entanto, como bem coloca A. J. Netto (1998), estes programas atendem também, muitas vezes, pessoas na faixa dos quarenta e cinquenta anos, que não são idosos, preparando-as para um envelhecimento mais saudável e promovendo o encontro dessas pessoas com outras na faixa dos sessenta, setenta e oitenta anos. Haveria uma salutar troca e diálogo entre gerações. Além disso, nos programas, em alguns mais, em outros menos, há toda uma interação das pessoas da terceira idade com os alunos de 18, 20 anos, que freqüentam os cursos de graduação das universidades. Entretanto, nas conversas com as alunas do grupo de teatro, percebemos que o interesse está menos no contato com os mais jovens, que com o desejo de vivenciarem experiências com seu pares. As alunas se mostram muito satisfeitas por conhecerem e interagirem com pessoas da mesma idade, que passaram por coisas parecidas, que presenciaram momentos históricos e que se recordam de coisas das quais os mais jovens apenas leram em livros ou sequer tomaram conhecimento, que ouviram as mesmas músicas, viram os mesmos filmes, enfim, que reconhecem o próprio passado no discurso ou na história do outro. Assim como os jovens, muitos idosos também sentem prazer em estar na companhia de pessoas da mesma faixa etária e de conversar sobre coisas que lhes despertam o interesse. As palavras de Marlene, aluna do grupo, confirmam isso: *“aqui nos sentimos valorizados. Temos todo o carinho e amor das nossas famílias, mas é bom estar com pessoas da nossa idade. Entre nós recordamos, lembramos de músicas do nosso passado, um objeto antigo é*

trazido ao grupo e é valorizado, contamos a história desse objeto, falamos de nossas vidas. Temos uma história em comum.”

Em relação à segregação, J. Netto (1998) ressalta que o espírito segregador ocorre também nos cursos voltados para outras faixas de idade. Os jovens também se fecham nos seus grupos e se reúnem por faixas etárias. Observamos, no entanto, que ninguém considera que o jovem está sendo segregado quando são oferecidos cursos e atividades voltados especificamente para sua faixa de idade. Quando se trata da terceira idade, parece haver um olhar mais policlesco por parte dos intelectuais em relação a iniciativas públicas e institucionais.

Quanto às críticas feitas em relação ao perigo desses grupos serem mais manipuláveis por parte das instituições, ressaltamos que nenhum grupo humano está livre disso. Os jovens também estão sujeitos à manipulação dentro das diversas instituições de ensino. Acreditar que os mais velhos tenham menos capacidade para se defender de manipulações e interesses que não os do seu bem estar, talvez equivalha a revelarmos nossas idéias pré concebidas de que o idoso é incapaz de armar-se ou de perceber que está sendo usado.

Em relação ao caráter elitista dos programas, estes atendem realmente uma parcela relativamente pequena da população de idosos devido a uma série de fatores, sejam eles geográficos, econômicos ou outros. Também nem todos os idosos se interessam pelas atividades e cursos oferecidos nas UNATIs e buscam ocupar-se e viver o tempo da aposentadoria de outras maneiras. Além disso, as próprias universidades atendem ainda a uma parcela relativamente pequena da população brasileira.

No que diz respeito à não emissão de diplomas, já esclarecemos que os objetivos desses programas diferem dos cursos de graduação convencionais. Tratam-se de programas de extensão que visam uma educação continuada, permanente. A intenção não é a de formar profissionais para o mercado de trabalho. Qualquer pessoa que deseje formar-se profissionalmente pode prestar o vestibular para o curso que deseja frequentar independentemente da idade que tiver.

Quanto às críticas feitas em relação aos processos avaliativos, não há realmente provas ou testes, tradicionalmente vistos como a forma mais rápida e eficaz de verificar o que o aluno apreendeu dos conteúdos ministrados. Mas há outras formas de avaliar os resultados dos trabalhos desenvolvidos. No caso específico das oficinas de teatro, em que os alunos

participam desde a concepção até a apresentação de uma peça para o público, o próprio resultado desse processo fornece os elementos necessários para a avaliação do desempenho e do aprendizado dos mesmos.

Enfim, há muito o que se discutir em relação ao modelo de universidade voltado para a terceira idade, vigente não apenas no Brasil, mas em várias partes do mundo. Há muito o que ser avaliado e aperfeiçoado, pois toda essa realidade é, ainda, muito nova em se tratando do Brasil. O programa da UNATI-UNESP de Marília tem pouco mais de sete anos. As críticas e discussões a respeito do fenômeno e da proliferação dessas universidades são importantes e fornecem pistas para o direcionamento a ser dado pelas instituições que oferecem estes programas de extensão voltados para a terceira idade. É inegável, no entanto, que as Universidades da Terceira Idade têm beneficiado de diversas formas as pessoas que delas participam. J. Netto nos diz que a criação das Universidades da Terceira Idade

[...] representou uma oportunidade sem igual para fazer os idosos se reencontrarem, redescobrimo o seu potencial, [...] resgatando sua auto imagem e mostrando aos familiares e à sociedade sua capacidade de pensar e de agir por si mesmos; sobretudo, de ir á luta pelos seus direitos e pela conquista de seu legítimo espaço social.(1998, p.41)

Estimulando novas aprendizagens, propiciando um convívio saudável entre o idoso e os meios acadêmicos, valorizando a memória e as experiências dos mais velhos, as universidades têm buscado entrar em consonância com o novo olhar acerca do envelhecimento humano e de suas implicações sociais.



Foto: Ana Paula Cordeiro

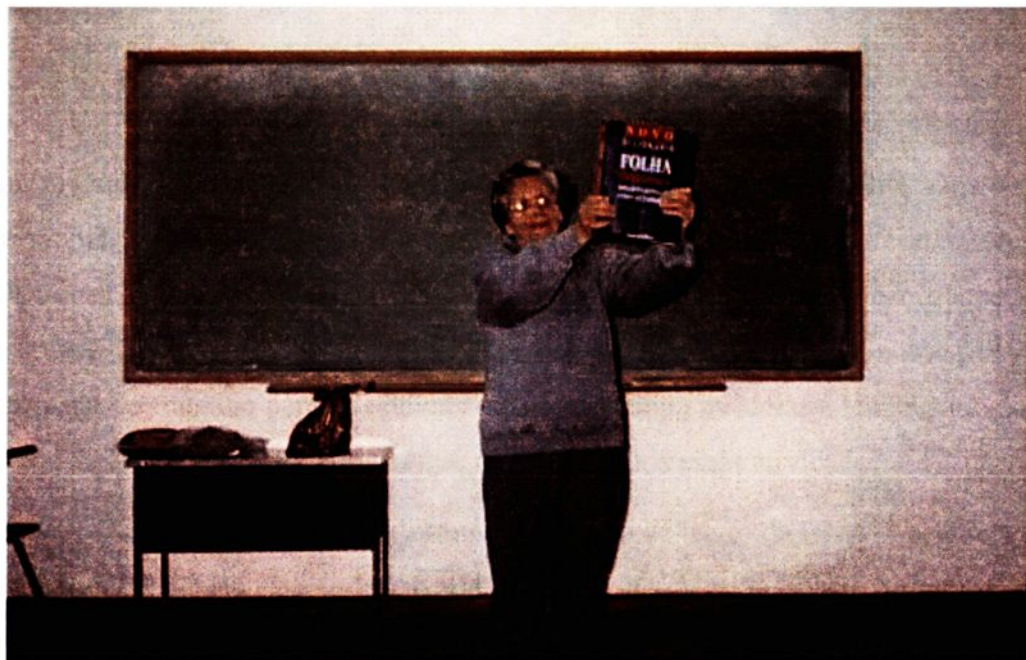


Figura 5: Oficina de Teatro - 2001

3 DE “FRAGMENTOS DA VIDA” A “DITOS, DESDITOS E NÃO-DITOS”: UM POUCO DA HISTÓRIA DO COTIDIANO E DAS CRIAÇÕES DO GRUPO DE TEATRO DA UNATI.

Contar um pouco da história do grupo de teatro da UNATI não é, para nós, uma tarefa fácil. Como selecionar, entre tantos fatos e momentos importantes para o grupo, os mais relevantes? Cada oficina teve a sua importância, cada exercício teve a sua razão de ser. Qualquer recorte nos parece arbitrário, mas é necessário selecionar o que contar, o que escrever. Optamos por relatar nosso primeiro encontro com o grupo, nosso primeiro diálogo, a proposta do trabalho para as oficinas e como surgiram as idéias e temas para a construção das peças ao longo desse período em que desenvolvemos essas atividades.

Nosso primeiro encontro com o grupo de teatro da UNATI aconteceu no dia 19 de abril de 1999, no anfiteatro II da UNESP de Marília. Num primeiro momento nos apresentamos ao grupo e buscamos estabelecer um diálogo tranquilo e amistoso, procurando conhecer um pouco da vida de cada participante: suas ocupações, profissões e também suas motivações ao escolherem participar das oficinas de teatro. Além disso, procuramos saber o que as alunas esperavam do trabalho com as oficinas e se alguma delas já havia participado de grupos de teatro antes. Algumas alunas disseram que sempre gostaram de teatro e que era um sonho antigo o de ensaiar uma peça e apresentá-la num palco. Uma das alunas disse que sempre teve uma certa curiosidade em saber como era o trabalho teatral em seus bastidores, como se desenvolviam os ensaios, como era a sensação do ator antes de pisar no palco para apresentar um espetáculo. Um grupo de cerca de sete alunas já havia participado das oficinas de teatro da UNATI-UNESP em 1995, com o professor Alexandre Matte, que coordenou as oficinas de teatro quando a Universidade Aberta à 3ª Idade iniciou suas atividades em Marília. Outras haviam participado na juventude de teatros e jograis da escola, ou dirigido peças infantis na época em que eram professoras primárias. Em relação ao que esperavam das oficinas, a maior parte do grupo disse acreditar que com a aquisição de técnicas teatrais, seriam capazes de atuar no palco, numa peça de teatro, mas que essa tarefa demandaria tempo. Outras disseram que gostariam de participar dos exercícios, de experimentar a convivência em grupo, fazer novas amizades, mas não queriam atuar no palco numa peça teatral. No entanto, ajudariam no que fosse necessário fora do palco.



Depois de ouvir o grupo, falamos de nossa proposta de trabalho em relação às oficinas. Propusemos um trabalho no qual o grupo participaria de maneira efetiva não apenas em relação à atuação no palco, mas também construindo textos, elaborando as próprias peças que seriam montadas e encenadas pelas alunas. Para tanto, faríamos das oficinas um espaço para o desenvolvimento dos jogos teatrais, da improvisação e do diálogo. Falamos a respeito da importância de exercícios que, num primeiro momento, parecem não estar relacionados ao teatro, mas que estão ligados a um bom desempenho no palco, mesmo que de forma indireta. Os exercícios seriam importantes para que observássemos melhor o uso da voz, a maneira de respirar, o conhecimento e a ocupação do espaço cênico, o desenvolvimento maior de nossos órgãos sensoriais, da atenção e da concentração nos momentos em que estamos agindo no palco, da capacidade de improvisar e de responder rapidamente a uma situação imprevista ou a um problema proposto. As oficinas funcionariam, assim, como um aquecimento e um local de aprendizagem para que o grupo se conhecesse melhor e pudesse entrar em ação.

Num primeiro momento a reação de algumas alunas foi de resistência e de incredulidade quanto a serem capazes de escrever suas próprias peças. Consideraram a proposta um tanto ousada e difícil. No entanto, procuramos tranquilizar o grupo, dizendo que todo o trabalho desenvolvido seria o resultado de um esforço gradativo e que nada ocorreria de uma hora para a outra. Reiteramos que o mais importante em nossas oficinas seria o prazer envolvido em cada exercício, em cada proposta de ação. Poderíamos dispor do tempo à nossa maneira, sem pressões externas, com autonomia e somente apresentariamos qualquer trabalho ao público quando o grupo estivesse preparado para tanto. Dessa forma, as alunas presentes em nosso primeiro encontro mostraram-se, depois de nossa conversa, muito dispostas a participar e a contribuir com o desenvolvimento das oficinas. Aquelas que já haviam participado das oficinas de teatro da UNATI no ano de 1995 estavam mais seguras, pois tinham, inclusive, desenvolvido um trabalho de criação coletiva com o professor Alexandre Matte.

Nosso primeiro encontro com o grupo de teatro foi muito importante, pois nele começamos a conhecer um pouco do que as alunas esperavam das oficinas, seus anseios e suas dúvidas em relação à proposta de trabalho e estabelecemos uma relação de empatia e confiança com o grupo que sempre perdurou ao longo de nossa convivência.

No ano de 1999 ficou combinado que nos encontraríamos uma vez por semana, inicialmente às segundas feiras, das 8:30h às 10:30h. Mas logo esse horário foi mudado para as sextas feiras, das 14 às 16h, pois a maior parte do grupo considerou, devido a

compromissos pessoais, o período da tarde como o mais conveniente para o desenvolvimento do trabalho. Durante algumas oficinas, mais precisamente em 13 encontros, desenvolvemos com o grupo vários tipos de jogos teatrais e exercícios envolvendo a boa ocupação do espaço cênico, a expressão corporal e o improviso. Iniciamos todos os nossos encontros com exercícios para relaxar o corpo: braços, pernas, ombros e pescoço, além de valorizarmos sempre os exercícios respiratórios, reiterando ao grupo a importância de um processo respiratório profundo, que seja capaz de relaxar o ator, proporcionar-lhe mais fôlego ao falar e prepará-lo fisicamente para os desafios no palco.

Os exercícios de improvisação tornaram-se muito apreciados pelo grupo. Muitas cenas eram criadas sem a menor dificuldade a partir de uma palavra, de uma situação ou mesmo da junção de objetos. Numa das oficinas pedimos às alunas que trouxessem de casa objetos de uso cotidiano. Elas não tinham idéia do que seria feito com aqueles objetos. Pedimos que eles fossem colocados todos juntos, em cima de um móvel que fica no palco. Pedimos que cada aluna fosse ao palco e escolhesse um objeto. Escolhidos os objetos, a tarefa era a de criar uma história de vida para ele: onde ele foi fabricado, para que servia, como ele chegou às mãos de seu dono eram algumas das sugestões para a criação da história, mas cada aluna era livre para criar a história do objeto escolhido, acrescentando os dados que quisesse. As alunas, uma a uma, iriam à frente e contariam a história do objeto, como se ele próprio tivesse vida e pudesse falar de si mesmo. Um dos objetos escolhidos por uma aluna foi uma sombrinha. A aluna foi à frente e emprestou sua voz ao objeto, contando a seguinte história:

“Meu nome é Umbrella. Acho que nasci na Coréia, mas fui levada, ainda jovem, para o Paraguai. Um belo dia vim parar no Camelódromo de Marília e minha dona me comprou. Mas ela era muito distraída e me esqueceu no canto de uma loja de bijouterias. E essa agora! Eu tinha vindo de tão longe, atravessado o mundo e agora minha dona me perdia numa lojinha qualquer. Mas logo ouvi novamente a voz da minha dona: -Alguém por aí viu uma sombrinha? Ufa!”

Em outras oficinas, fizemos uso de objetos pessoais, de valor sentimental para as alunas e de fotos, textos ou poemas, com o objetivo de suscitar lembranças, recordações. Em nossos encontros, sempre conversávamos a respeito dos avanços do grupo, das respostas dadas aos exercícios e de que tipo de trabalho gostaríamos de apresentar ao público, qual seria o tema e a disponibilidade e segurança do grupo para atuar num palco.

A idéias para o nosso primeiro trabalho teatral a ser apresentado a um público surgiu a partir dos eventos comemorativos realizados no ano de 1999, em torno dos 40 anos



de funcionamento da UNESP na cidade de Marília.⁶ O grupo de teatro, convidado a participar dessas comemorações pela coordenação da UNATI, aceitou com entusiasmo o convite e propôs-se a criar um trabalho que traduzisse um pouco da importância da Universidade para a comunidade mariliense. Algumas alunas do grupo, inclusive, realizaram seus cursos superiores pela antiga FAFI e uma delas trabalhou como funcionária pública durante trinta anos na UNESP. A Universidade também possui uma dimensão importante para as alunas no presente, pois elas continuam estudando e freqüentando os eventos promovidos por esta instituição de ensino.

Ficou determinado pelo grupo que o trabalho a ser realizado não seria uma peça teatral, mas uma apresentação que envolvesse poemas, relatos e impressões do grupo a respeito da Universidade e de sua importância histórica para a cidade. A concepção temática do trabalho estaria relacionada à importância do homem comum, que luta, constrói, e cujo nome não consta nos livros de História. Muitas pessoas passaram pela Universidade e contribuíram para o seu crescimento: alunos, funcionários, pessoas que não são lembradas. Decidida a temática do trabalho, o grupo passou a trazer poemas, relatos e textos relacionados à universidade e à importância do homem comum no movimento da história. História que na maior parte das vezes se preocupa pouco com o cotidiano desse homem comum e em seus recortes relata os acontecimentos e fatos pela ótica dos dominantes.

Entre os vários textos e poemas trazidos, o grupo escolheu aqueles que estavam ligados mais de perto à temática proposta. Foram escolhidos os seguintes textos: “Perguntas de um trabalhador que lê”, de Bertold Brecht, o poema “A moça”, de Esmeralda Peregrino de Moura, poeta e tia de uma das alunas do grupo, “Os meninos da rua da Descida”, de Ana Paula Cordeiro, trechos de poemas de Fernando Pessoa e um relato de Virgília, aluna do grupo, que trabalhou por muitos anos na Universidade. O grupo entrelaçou estes textos com outros relatos curtos, relacionou os poemas entre si e criou o trabalho intitulado “Fragmentos da Vida”. Neste primeiro trabalho as alunas optaram por fazer uma leitura do texto ao público.

Apresentamos este primeiro trabalho do grupo em três ocasiões. A primeira delas foi no teatro municipal de Marília, em evento cultural promovido pela UNESP em homenagem aos seus quarenta anos de existência. Fizemos a abertura do evento, que contou

⁶ Em 1959 nascia a antiga FAFI (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília), que oferecia ensino público e gratuito a seus alunos. A FAFI, um instituto isolado, foi incorporada à Universidade Estadual Paulista no ano de 1976. Esta é constituída por campus universitários, que abrigam Unidades Universitárias, compostas por Faculdades e Institutos. A UNESP de Marília oferece hoje à comunidade cinco cursos de graduação: Biblioteconomia, Ciências Sociais, Filosofia, Fonoaudiologia e Pedagogia. Conta também com quatro programas de Pós Graduação nas áreas de Educação, filosofia, Ciências Sociais e Ciências da Informação.



depois com a apresentação de uma orquestra de câmara. Este evento ocorreu no dia 29 de outubro de 1999.

Fizemos uma segunda apresentação de “Fragmentos da Vida” em 17 de novembro do mesmo ano por ocasião da “*I Jornada da UNATI- O Ano Internacional do Idoso*”, realizada na UNESP de Marília, como parte da programação do evento. Na festa de encerramento do ano letivo de 1999, fizemos uma última apresentação desse trabalho, no dia 1 de dezembro.

A cada apresentação de “Fragmentos da Vida”, o grupo ia ganhando mais segurança e vontade de criar e apresentar novos trabalhos. Em uma avaliação do trabalho feita pelo grupo, as alunas expressaram suas opiniões a respeito de todo o processo de concepção, elaboração e apresentação de “Fragmentos da Vida”. Uma das alunas disse ter sido para ela extremamente prazerosas as reuniões nas quais escolhemos o tema do trabalho, os poemas a serem apresentados, o processo de criação de um texto coerente com a mensagem que se queria transmitir. Falou-se do prazer de pisar no palco, de apresentar-se a uma platéia, dos ensaios, de toda uma experiência nova para a maior parte das alunas do grupo.

Ainda no ano de 1999, no mês de novembro, o grupo de teatro da UNATI recebeu um convite da professora Rosalina Tanuri, membro da Comissão de Registros Históricos da Câmara Municipal e da cidade de Marília para participar da “16ª Noite dos Pioneiros”, que se realizaria no dia 14 de abril de 2000. Este é um evento tradicional da cidade, que ocorre sempre no mês de abril, junto da programação de eventos para comemorar o aniversário de Marília, que ocorre no dia 4 deste mês. A “Noite dos Pioneiros” tem como objetivo prestar homenagens aos que de alguma forma foram pioneiros em diversas áreas de atuação na cidade. Homenageia-se os pioneiros nessa noite especial através de manifestações artísticas, como apresentações de dança, teatro e música, entremeadas por narrações de histórias de uma determinada época ou acontecimento. Cada ano os organizadores da “Noite dos Pioneiros” determina uma temática a fim de homenagear certos grupos da cidade, considerados significativos para o desenvolvimento da história do município. No ano 2000 os homenageados seriam os imigrantes e migrantes que vieram para a região entre os anos 20 e 30 e contribuíram para o desenvolvimento da cidade. Seriam homenageados os grupos de imigrantes portugueses, japoneses, espanhóis, italianos, sírio libaneses e os migrantes nordestinos.

Nosso grupo foi convidado a participar da “16ª Noite dos Pioneiros” elaborando uma peça curta a respeito da imigração italiana na região de Marília. A partir de nossas



primeiras apresentações com o trabalho “Fragmentos da Vida”, o grupo começou a ficar conhecido na cidade e muitos convites para apresentações em eventos surgiram, alguns dos quais aceitos pelo grupo. O convite da Comissão de Registros Históricos para a participação na “Noite dos Pioneiros” foi colocado ao grupo, que depois de conversar a respeito das possibilidades e disponibilidade de cada integrante, decidiu aceitar participar deste evento comemorativo. Mas havia um problema: o evento ocorreria no meio do mês de abril do ano 2000. Estávamos no mês de novembro de 1999 e em breve o ano letivo se encerraria e a UNATI entraria em férias, retornando apenas no mês de março do ano seguinte. Não haveria tempo hábil para preparar um trabalho que envolveria inclusive pesquisa acerca da história da imigração italiana na região de Marília em fins dos anos 20 e início dos 30. O grupo decidiu então que nos reuniríamos também nas férias, nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro para desenvolvermos este trabalho. As alunas aceitaram com prazer realizar este trabalho e algumas delas tinham um motivo especial para fazê-lo, pois elas próprias eram filhas ou netas de imigrantes italianos, com histórias e costumes de seus familiares dos quais se recordavam. Havia, assim, uma empatia muito grande com o tema.

Começamos a traçar uma linha de ação para o desenvolvimento do trabalho sobre a imigração italiana. O que escolheríamos para contar? Como desenvolveríamos o tema? Onde pesquisariamos? No dia 13 de dezembro de 99 nos reunimos para uma primeira conversa a fim de tratar da peça que elaboraríamos. Nesse dia uma das alunas do grupo levou um texto da professora Rosalina Tanuri, no qual ela retratava um pouco dos costumes de uma família italiana. Fizemos uma leitura do texto e, enquanto líamos, a aluna Lydia, filha de italianos, começou a se recordar de alguns fatos e costumes relacionados a seus familiares, além da pronúncia de algumas palavras. Lydia se lembrou também da sugestão de Rosalina Tanuri de retratarmos uma cena de batizado.

Sugeriu-se que houvesse na peça uma narradora, idosa e filha de italianos, contando no palco o cotidiano de sua família na Marília dos anos 30. Tudo o que ocorresse no palco faria parte das memórias dessa narradora. As personagens seriam como fantasmas, lembranças fugidias de um tempo distante. Esta idéia foi muito apreciada e ficou combinado que elaboraríamos uma peça curta, com cerca de quinze minutos de duração, na qual uma narradora, filha de italianos, se recorda de sua família, de sua infância, enfim, do cotidiano de pessoas que emigraram da Itália e se estabeleceram na cidade de Marília no início dos anos 30. Houve também a sugestão de convidarmos alunos da UNATI que não pertenciam ao grupo de teatro, mas que sabiam o idioma italiano ou eram descendentes de italianos para

participarem conosco deste trabalho. Resolvemos também convidar adolescentes e crianças para fazerem parte desta nossa “família italiana”. Ficou combinado que pesquisáramos os costumes e procuraríamos saber um pouco mais sobre a imigração italiana na cidade. Fariamos nossa pesquisa em bibliotecas, através de conversas com descendentes de italianos conhecidos de pessoas do grupo, alguns deles, inclusive, professores de italiano e conhecedores de usos e costumes de seus antepassados.

Combinamos também de nos dividir em sub grupos para a realização das tarefas propostas. Algumas pessoas ficaram encarregadas de pesquisar em bibliotecas e entrevistar pessoas descendentes de italianos, outras ficaram encarregadas de convidar alunos da UNATI e participantes de fora do grupo para trabalharem conosco na peça, outros ainda cuidariam de escrever um roteiro com as idéias que surgiram.

O grupo encarregado de convidar novos participantes para a peça conseguiu seu intento. Os convites foram aceitos. Precisávamos da participação de homens na peça, mas durante todo o ano de 1999, apenas integrantes do sexo feminino participaram do grupo. As alunas poderiam fazer papéis masculinos, mas optamos por convidar três alunos da própria UNATI para participarem da peça conosco. Os alunos foram convidados e aceitaram fazer parte do elenco da peça, entrando assim para o grupo. Nos reunimos inúmeras vezes para discutir a elaboração da peça, das falas da narradora, das cenas que seriam apresentadas, do cenário onde a história aconteceria.

Ficou decidido que o nome da narradora da história seria Rosa e esta se recordaria no palco de sua família: pais, irmãos, avós, tias e também da vizinhança, das amizades, do trabalho, dos sacrifícios dos imigrantes. Cenas cotidianas ganhariam vida, como o preparo da comida, as brincadeiras das crianças, o carinho e afeto entre os familiares, as pequenas discussões e o batizado do irmão caçula da narradora, nascido na cidade de Marília. Chamamos este trabalho de oficinas e reuniões para a elaboração de peça de “Projeto Raízes” e à peça demos o nome de “Os Italianos”.

O grupo de teatro da UNATI também pesquisou em fotos antigas das famílias de algumas alunas as roupas que eram usadas nos anos 30 e cuidou de arranjar os móveis e objetos que seriam usados no cenário. Nossa equipe de sonoplastia convidou uma aluna da UNATI, Vilma, que toca bandolim e esta aceitou participar conosco da peça. Um sanfoneiro também foi convidado a tocar canções italianas ao longo da apresentação.



Enfim, durante todo o período das férias, de dezembro de 1999 a março de 2000 o grupo trabalhou e se encontrou semanalmente e às vezes até diariamente para a montagem da peça “Os Italianos”. Esta foi apresentada no dia 14 de abril de 2000, na “16 Noite dos Pioneiros”, juntamente com trabalho de outros grupos que homenagearam através de música, dança e teatro os imigrantes espanhóis, portugueses, japoneses, sírio libaneses e os migrantes nordestinos.

No ano 2000, além da peça “Os Italianos” e dos exercícios e oficinas, elaboramos também uma performance baseada no poema “Todas as Vidas”, de Cora Coralina, envolvendo este poema e músicas de Chico Buarque. Além disso, no dia 8 de março, dia Internacional da Mulher, uma parte do grupo elaborou um trabalho, com texto de uma das alunas, Lygia, para ser apresentado no Terminal Rodoviário Urbano da cidade. Este é um local de grande fluxo de pessoas e várias atividades ocorreram ali naquele dia, entre elas nossa apresentação do texto-poema de Lygia, intitulado “Mulher”. Este evento foi promovido pelo Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania da cidade de Marília. As alunas que participaram do evento disseram ter apreciado muito o fato de declamarem um poema num local público, aberto, com muitas pessoas para ouvi-las. Esta foi uma experiência nova para todas elas.

Outro trabalho realizado em 2000 foi a peça curta “Momentos do dia-a-dia” que tratava de questões relacionadas ao preconceito contra o idoso no cotidiano. A peça, com uma duração média de 15 minutos, mostra situações de preconceito enfrentadas pelos velhos no dia a dia: em casa, na rua, nas lojas, no trabalho, no trânsito. A idéia para esta peça surgiu a partir de um trabalho elaborado por algumas alunas do nosso grupo que participaram anteriormente das oficinas de teatro da UNATI com o professor Alexandre Matte em 1995. Nessa ocasião o antigo grupo de teatro elaborou a peça “Não é proibido sonhar”. Nesta peça, além dos participantes do grupo falarem de suas vidas, abordou-se também a questão do preconceito contra o idoso. Nosso grupo extraiu dessa peça a parte que trata dos preconceitos e reorganizou diálogos, atualizou contextos, enfim, reestruturou o texto escrito em 1995, adaptando-o à nova realidade do grupo de teatro da UNATI, que contava no ano 2000 com um número bem maior de pessoas que o grupo formado em 1995.

Os trabalhos “Todas as Vidas”, de Cora Coralina e “Momentos do dia a dia”, de criação coletiva do grupo foram apresentados na “I Jornada Municipal do Idoso de Marília,” promovida pela prefeitura Municipal e realizada na Universidade de Marília (UNIMAR), no dia 29 de setembro de 2000. Esta jornada contou com palestras de diversos profissionais que



trabalham com questões relacionadas ao envelhecimento humano e teve a participação de vários grupos de terceira idade da cidade, inclusive dos idosos asilados, alguns bastante debilitados fisicamente, amparados inclusive por enfermeiros, mas demonstrando vontade de participar do evento.

Em dezembro de 2000, no dia do encerramento das atividades da UNATI apresentamos novamente a performance baseada no poema de Cora Coralina, “Todas as Vidas” e o grupo fez a leitura do texto “O Estatuto do homem”, de Thiago de Mello.

Iniciamos o ano letivo de 2001 recebendo um convite para participarmos de um evento cultural com fins beneficentes, chamado de “Noite O cravo e a Rosa”, que homenagearia quatro marilienses, dois homens e duas mulheres, por seus trabalhos de cunho cultural e filantrópico prestados à cidade. O evento também buscava ser um encontro cultural de vários grupos da cidade que desenvolviam trabalhos relacionados às artes. Estes grupos, com seus trabalhos, contariam um pouco da história de Marília. A “Noite O Cravo e a Rosa” ocorreria em abril, como parte das comemorações do aniversário da cidade. Depois das apresentações culturais haveria um baile embalado por grupos de seresteiros de Marília.

Como já dissemos, tornou-se comum o grupo receber convites para participar de inúmeros eventos culturais da cidade. A cada apresentação que fazíamos de algum trabalho, surgiam convites para outras apresentações. O grupo decidia se participaria ou não dos eventos para os quais éramos convidados, mesmo porque uma de nossas metas era a de estimular em todos os momentos o comportamento autônomo dos participantes, estimulando a tomada de decisões a partir do diálogo. Reiteramos também que, em todos os trabalhos realizados, nunca abrimos mão dos exercícios e jogos teatrais, pois eles sempre foram o aquecimento necessário para o desenvolvimento do grupo e fonte de prazer e criação.

O grupo optou por participar do evento, pois considerou interessante a proposta de homenagear pessoas que contribuíram para o crescimento cultural da cidade, além da proposta de contar um pouco da história de Marília a partir do encontro de várias manifestações artístico-culturais. Aceito o convite para participarmos da noite “O Cravo e a Rosa”, começamos a nos reunir para elaborar o roteiro do trabalho a ser apresentado. O grupo optou por realizar um trabalho um pouco diferente dos apresentados anteriormente. Em nossas conversas, considerou-se que o próprio espaço físico onde o evento seria realizado, no caso o salão de festas da A.A.B.B. (Associação atlética Banco do Brasil), que é grande demais e não possui boa acústica para a apresentação de uma peça teatral, visto que ele é um salão próprio para a realização de bailes, propiciava um trabalho que envolvesse mais a expressão corporal,

o ritmo, a música e a dança, do que a apresentação de uma peça teatral. Ficou resolvido que mostraríamos um pouco da infância e da juventude de um grupo de pessoas da cidade de Marília nos anos 30 e 40. Algumas alunas se recordaram de sua infância e juventude: as brincadeiras de roda no meio das ruas sem asfalto, a “amarelinha”, o jogo de rodar pião e o de peteca, as brincadeiras com brinquedos antigos como o “bilboquê”, a brincadeira do túnel. Na juventude, os passeios à sorveteria, o “footing”, que consistia em caminhadas pela avenida Sampaio Vidal, ponto central da cidade. As moças caminhavam enquanto os moços ficavam parados ao longo da avenida olhando-as passarem. Ocorriam então pequenos flertes, trocas de olhares e sorrisos. Havia também os bailes, o carnaval, as velhas marchinhas. Todas essas lembranças vieram à tona em nossos encontros para a elaboração de nossa apresentação.

Decidimos que este trabalho deveria surgir a partir de um roteiro prévio, mas de forma descontraída e livre, a partir dos próprios exercícios realizados nas oficinas. Preparamos uma oficina na qual o grupo realizaria no palco tudo o que havia sido lembrado da infância e da juventude dos participantes. Surgiram, a partir da proposta de “voltar à infância e à juventude”, brincadeiras variadas, cantigas de roda, a brincadeira do túnel, em que os participantes, em pares, com as mãos unidas e voltadas para cima, em forma de “torre” e enfileirados formam um túnel pelo qual as pessoas passam e mudam de lugar, reestruturando este túnel, enquanto cantam ou “prendem” alguém para a realização de alguma tarefa ou castigo. Surgiram no palco improvisações de passeios pela avenida Sampaio Vidal. As moças de braços dados, os moços olhando e flertando. Algumas alunas realizaram gestos tentando mostrar a passagem do tempo, como olharem-se no espelho, passarem batom, pentear os cabelos. Uma das alunas, inclusive, simulou o espanto ao perceber que menstruava pela primeira vez. Outras dançavam valsa e outros ritmos, como se estivessem em um baile. Uma das alunas começou a cantar a marchinha de carnaval “Jardineira” e todos cantaram juntos. Esta oficina ocorreu no dia 30 de março de 2001 e, a partir de todas estas idéias e improvisações, elaboramos o roteiro de nosso trabalho, intitulado “O cravo e a rosa”, em alusão ao evento de mesmo nome para o qual fomos convidados.

Apresentamos este trabalho no dia 21 de abril de 2001, para um público de cerca de trezentas pessoas. Mostramos as brincadeiras, a passagem da infância para a juventude, os bailes, o carnaval, através da mímica, da dança e da música. Este foi um trabalho que exigiu do grupo muito ritmo, criatividade e preparo físico. É importante ressaltar que os jogos e exercício propostos em oficinas de teatro voltadas para um público de terceira precisam ser adaptados às condições físicas dos participantes e respeitar seu ritmo e possibilidades de

movimento. Evitamos movimentos bruscos ou exercícios que envolvam grande desgaste físico. Os integrantes trabalham respeitando sempre os limites de suas possibilidades de movimento e muitas vezes descobrem que podem ir além do que imaginavam em relação aos próprios movimentos.

No ano de 2001 realizamos ainda inúmeras oficinas envolvendo o jogo e o improviso, e um dos exercícios de improvisação realizado com o grupo originou a idéia para a peça que apresentamos no ano seguinte chamada “Ditos, desditos e não ditos.” Em oficina realizada no primeiro semestre de 2001, os participantes do grupo contaram histórias, “causos”, como diziam os antigos, baseados em ditos populares. O resultado deste exercício foi tão bom e compensador para o grupo, que neste dia sugeriu-se que amadurecêssemos a idéia de elaborar uma peça baseada em ditos e provérbios populares.

Como seria essa peça? A primeira coisa determinada pelo grupo depois da escolha do tema é que um certo tom de comédia deveria predominar nas falas das personagens. Resolvemos pesquisar ditos populares para podermos ter idéias de quais deles escolheríamos para a realização de nosso trabalho. Ficou decidido que contaríamos no palco historietas baseadas em alguns ditos populares. Como estas histórias se relacionariam entre si? Em nossas conversas surgiu a idéia de entrelaçarmos as histórias a partir da fala de narradoras, que fariam as vezes de “contadoras de causos”. As narradoras seriam as próprias alunas da UNATI que, a caminho da faculdade, conversariam entre si e contariam ao público o projeto do grupo de montar uma peça baseada em ditos populares. Nas conversas das narradoras elas iriam se recordando de velhos ditos e de histórias relacionadas a eles. As histórias iriam surgindo no palco a partir das lembranças das narradoras. Estas também discutiriam o quanto de sabedoria, preceitos e preconceitos encontramos nos ditados populares. Também resolvemos abordar um pouco os ditos populares que se contradizem. Encontramos em nossa pesquisa sobre ditados populares ditos que anulam outros, como por exemplo: “Quem dá aos pobres empresta a Deus” e “Quem dá o que tem, a pedir vem.” Consideramos que trabalhar com ditos e contraditos deixaria a peça mais engraçada e levaria o público a questionar um pouco a validade e a sabedoria atribuídas a esses ditos.

No segundo semestre de 2001 o grupo realizou uma pesquisa compilando cerca de quatrocentos ditos populares. As alunas se recordaram de ditos ensinados por suas mães e avós, buscaram encontrar ditos em livros e almanaques, perguntaram a conhecidos se estes se recordavam de provérbios populares, descobriram curiosidades interessantes a respeito de alguns ditos e de como eles se transformaram ao longo do tempo, mudando inclusive o

sentido original dos mesmos. Fizemos votações para escolher os ditos que originariam as histórias que seriam contadas ao público e decidimos que os próprios diálogos da peça estariam entrecortados por ditos populares e brincariam com eles de forma leve e divertida.

O grupo se dividiu em subgrupos para criar histórias e apresentá-las em nossas reuniões. Várias idéias surgiram, várias histórias foram criadas e apresentadas com o objetivo de elaborarmos a peça. Às vezes, uma história se encaixava em outra e estas se fundiam em uma só. Este foi um trabalho longo que levou todo o segundo semestre de 2001 e parte do primeiro semestre de 2002 para ser concluído. Perto de maio de 2002 a peça ficou pronta, e mesmo depois de pronta, ao longo dos ensaios, muitas pequenas alterações foram feitas a partir dos improvisos do grupo.

A peça recebeu, como já dissemos, o nome de “Ditos, desditos e não ditos”. Ela conta três historietas baseadas nos seguintes ditos populares: “Quem conta um conto aumenta um ponto”, “Quem pode manda, quem tem juízo obedece” e “Visita sempre dá prazer. Se não for quando chega, será quando sai”. Algumas alunas da UNATI fazem as vezes de narradoras que contam essas histórias no palco e as relacionam entre si. Fizemos nossa primeira apresentação desta peça no dia 13 de setembro de 2002, no Anfiteatro II da UNESP de Marília para um público de cerca de duzentas pessoas. A peça tem uma hora de duração e conta com a participação de quinze atrizes, alunas do grupo de teatro da UNATI. Também nos apresentamos no dia 10 de outubro, na Casa do Médico da cidade de Marília, em evento realizado pelo projeto “Caminhando com Saúde”, da UNIMED de Marília (Cooperativa de Trabalho Médico), que privilegia várias atividades, físicas principalmente, voltadas para o público da terceira idade. Nossa última apresentação com a peça deu-se no dia 21 de novembro, para um público de aproximadamente cem pessoas. Pretendemos apresentar esta peça várias vezes ainda no próximo ano, pois nosso trabalho de oficinas com o grupo de teatro da UNATI continua.

Este é um breve resumo de nosso trabalho realizado com o grupo de teatro da UNATI. Procuramos apenas contar neste capítulo um pouco das motivações do grupo para a elaboração de textos, peças, performances e outros tantos trabalhos apresentados a públicos diversos. Procuramos mostrar também um pouco da forma como trabalhamos, valorizando o diálogo e as criações coletivas do grupo. As oficinas constituíram-se ao longo dos anos de 1999 a 2002, num local privilegiado de criação, de liberdade de expressão e de escolhas, de diálogo e, acima de tudo, de alegria, ludicidade e aprendizagem.



Foto: Ana Paula Cordeiro

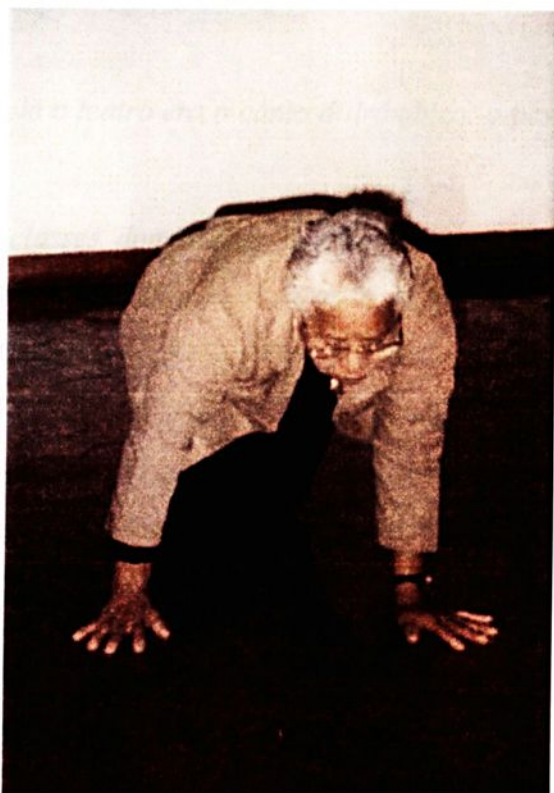


Figura 6: Oficina de Teatro - 2001

Foto cedida por Elza Guerra

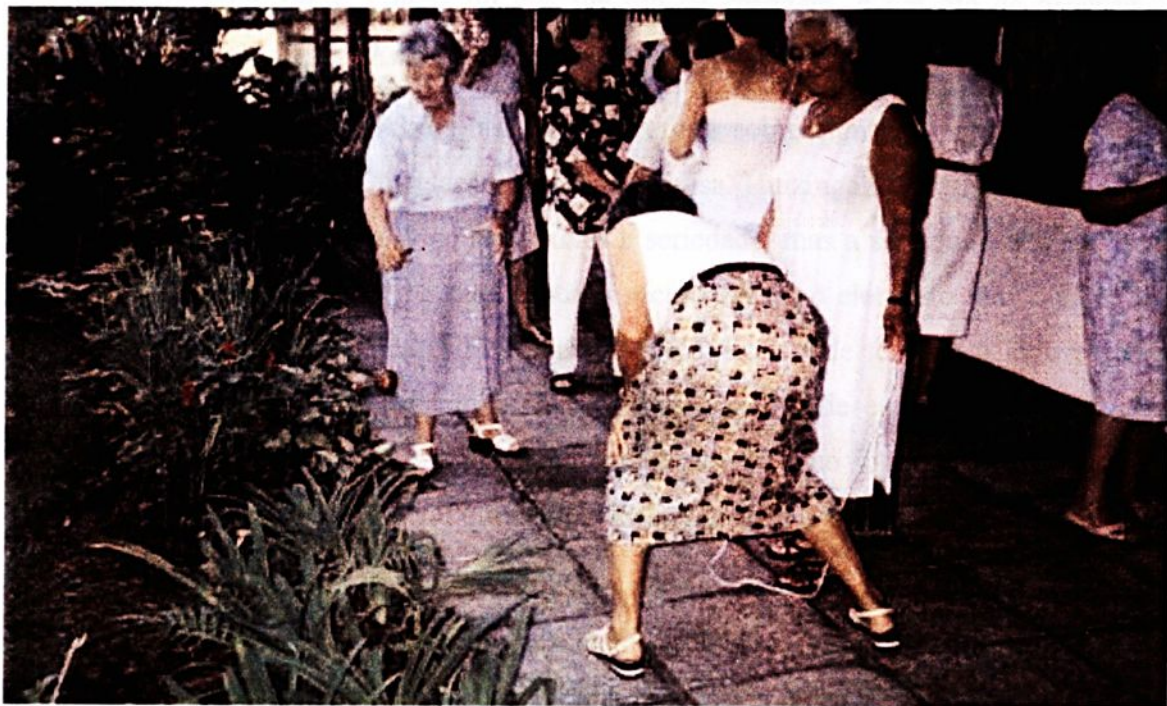


Figura 7: Ensaio da peça "O cravo e a rosa" no jardim da casa de Elza - 2001

4 O LÚDICO E O PRAZER NOS EXERCÍCIOS E JOGOS DAS OFICINAS DE TEATRO DA UNATI.

“No princípio o teatro era o canto ditirâmico: o povo livre cantando ao ar livre. O carnaval. A festa.

Depois as classes dominantes se apropriaram do teatro e construíram muros divisórios. Primeiro, dividiram o povo, separando atores de espectadores: gente que faz e gente que observa. Terminou-se a festa! Segundo, entre os atores, separou os protagonistas das massas: começou o doutrinamento coercitivo.

O povo oprimido se liberta. E outra vez conquista o teatro. É necessário derrubar muros!” (Augusto Boal, Teatro do Oprimido)

No dia 13 de setembro de 2002 o grupo de teatro da UNATI-UNESP apresentou pela primeira vez a peça “Ditos, desditos e não ditos”. Nesse dia, antes da estréia da peça, uma das alunas, Alzira, falou ao público presente sobre o trabalho desenvolvido pela UNATI e pelas oficinas de teatro. Falou também a respeito das motivações que levam o grupo a seguir adiante. Todas as alunas se apresentaram dizendo seus nomes e procuraram resumir numa frase um pouco do que estavam sentindo naquele momento. Alzira disse o seguinte: *“Pisar no palco aos sessenta anos, é mais do que um ato de coragem. É um ato de bravura.”* Nos ensaios da peça ela dizia: *“Estou nervosa sim, mas não quero ter medo de ser feliz”.*

As palavras de Alzira nos fizeram refletir sobre algumas questões que julgamos importantes e pertinentes em relação à nossa pesquisa. Huizinga (1990), como já colocamos anteriormente, nos diz que o jogo não exclui a seriedade, mas a seriedade procura excluir o jogo. Este mesmo autor nos diz que, desde o século XVIII, o elemento lúdico da cultura se encontra em decadência e fica cada vez mais difícil dizer onde termina o jogo e começa o não-jogo. Nossa sociedade contemporânea acirrou a dualidade entre jogo e seriedade. No entanto, o autor conclui que a civilização tem suas raízes no jogo e que para atingir sua plenitude não pode deixar de levar em conta o elemento lúdico.

O homem contemporâneo afastou cada vez mais de seu dia a dia o elemento lúdico. Huizinga nos diz que o esporte, por exemplo, apesar de ser uma atividade denominada de jogo, tornou-se tão organizado e complexo que o verdadeiro espírito lúdico tende aí a desaparecer, pois, como coloca o autor, “no verdadeiro jogo é preciso que o homem jogue

como uma criança.”(1990, p.221). O afastamento do elemento lúdico ocorreu também nas artes, na educação e em outras esferas da vida. A partir destas afirmações de Huizinga, as palavras da aluna Alzira ganham ainda mais sentido.

De um lado a pessoa idosa tem buscado formas alternativas de atividades que visam o divertimento, o prazer, o aprendizado e por vezes a tentativa de realização de um velho sonho de juventude, como atuar em um palco, por exemplo. Há, inclusive, um certo incentivo social para tanto, visto que a maneira pela qual a sociedade passou a encarar as questões ligadas ao envelhecimento mudou muito nos últimos quarenta anos, como vimos no capítulo 1 deste trabalho. No entanto, o idoso sofre, ainda, em relação às escolhas que faz, com o preconceito social. Não há problema no fato dos mais velhos desejarem aprender coisas novas, como uma nova língua, o manuseio do computador ou fazer um curso de literatura. Mas pisar num palco pela primeira vez aos sessenta, setenta, oitenta anos como ator amador, expor-se atuando numa peça teatral, rir alto, chorar, cantar, dançar, fazer o que for preciso para dar vida a uma personagem, pode parecer, aos olhos de muitas pessoas, como algo não apropriado para quem é considerado idoso. Ridículo, até. Daí que, pisar num palco e atuar pela primeira vez para quem já é idoso, pode, sim, tornar-se um ato de coragem, de bravura, como diz Alzira, mesmo porque expor-se, apresentar um trabalho para a apreciação de um público é algo que exige sair da cômoda posição de espectador e ser capaz de encarar o desconhecido, a crítica alheia, os olhares de aprovação ou desaprovação, enfim, ser capaz de receber aplausos ou suportar a indiferença e até mesmo as vaias.

Viola Spolin (1992) nos diz que todos somos capazes de atuar e de improvisar. Não apenas alguns “ungidos”, mas todas as pessoas que assim o desejarem. Para que um ambiente propício aos processos de criação exista, não podemos desprezar o lúdico, o imprevisto, a autonomia e as formas de ver e sentir o mundo dos participantes envolvidos no trabalho. Nosso objetivo não é o de entregar aos participantes do grupo um conhecimento pronto, acabado, mesmo porque não há nada acabado no mundo e este está em constante processo de construção. Escrevemos, apagamos e reescrevemos histórias, mudamos conceitos, estruturamos e reestruturamos a vida à medida em que vivemos.

Neste capítulo buscamos analisar o elemento lúdico presente nos jogos e exercícios propostos nas oficinas de teatro. Tratar de questões relacionadas à arte, ao lúdico, ao prazer de aprender exige do pesquisador a sensibilidade necessária para que saiba captar, através de uma observação sistemática, o que há de mais autêntico, de mais significativo num trabalho que envolve as sutilezas da subjetividade.

Ao longo das oficinas os alunos criaram, improvisaram, cantaram, riram e choraram recordando-se, contando histórias. Histórias de suas vidas, relacionadas à juventude, à família e ao tempo de trabalho. Dialogaram, debateram, escolheram o que era melhor para o grupo nas mais variadas situações. Vivenciaram com autonomia o trabalho desenvolvido no palco. Assim, falar a respeito dessa experiência de aprendizagem é algo delicado. Nosso objeto é ao mesmo tempo detectável e fugidio, dizível e indizível, opaco e transparente.

Rubem Alves nos diz que

A experiência do gosto, da beleza, da estética pertence ao mundo das 'qualidades'. Não pertence ao mundo das realidades quantitativas. A linguagem matemática da ciência não dá conta dessa experiência. Não é capaz de dizê-la. Faltam-lhe palavras. Faltam-lhe sutilezas. (2000, p.126)

Mas diz o autor que essa experiência, “essa ‘coisa’ indizível é real” (p.126). Segundo ele, a experiência estética, qualitativa, se apossa do nosso corpo. O que nos comove e nos faz agir é sempre o qualitativo. Inclusive o que nos leva a fazer ciência. Trabalhamos em nossa pesquisa com experiências únicas, irrepetíveis. Os mesmos jogos e exercícios desenvolvidos nas oficinas poderiam ser propostos às mesmas pessoas que os experienciaram, mas os resultados seriam sempre diferentes, originais, porque são frutos da espontaneidade e do imprevisto. Analisar o elemento lúdico através dos exercícios e jogos, do movimento, do que o corpo diz para além das palavras requer do pesquisador um trabalho comparado ao de um garimpeiro à procura de pedras raras e preciosas.

Iniciaremos esse nosso trabalho de “garimpeiro” buscando a presença do lúdico, em primeiro lugar, na relação do movimento do ator dentro do espaço destinado ao jogo: o palco. Palco que não precisa ser necessariamente o palco situado em um prédio que se convencionou chamar de teatro. Não é isso. Falamos de um certo espaço delimitado e necessário ao desenvolvimento do jogo. Um palco que pode situar-se num terraço, num quintal, numa sala, ao ar livre, num jardim e até mesmo numa rua, num terminal rodoviário urbano. Estes lugares abrigaram nossos *palcos* algumas vezes para o desenvolvimento de jogos, de ensaios, apresentações do grupo.

Vimos, com Huizinga (1990), que o jogo ocorre dentro de determinados limites de tempo e espaço. O tempo e o espaço destinados ao jogo são distintos dos da vida cotidiana. Deixamos nossos afazeres e preocupações de lado para nos dedicarmos inteiramente ao

mundo proposto pelo jogo e suas regras, pelo lúdico. Seguimos as regras do jogo. As ações do ator ocorrem neste espaço, que pode ser tão grande quanto um salão de bailes ou pequeno como uma saleta. Reconhecendo o espaço destinado ao jogo, movimentando-se nesse espaço, interagindo com ele e com os outros atores, os alunos do grupo adquirem a percepção de que o palco deixa de ser um simples pedaço de chão para tornar-se um espaço privilegiado, distinto. Dá-se ali uma nova realidade, na qual atos simples como respirar, movimentar-se, ganham nova importância, novos significados.

Os alunos são estimulados, durante as oficinas, a movimentar-se das mais variadas formas, buscando encontrar diferentes possibilidades de movimento em relação às pernas, braços, mãos, pés, cintura, ombro, cabeça. Os movimentos executados no dia a dia são reproduzidos nos exercícios e jogos, mas ganham uma nova dimensão, pois existe reflexão a respeito deles. Utilizamos-nos para desenvolver nossas reflexões acerca do movimento das teorias de Rudolf Laban⁷.

Laban (1978) observou o movimento humano e a sua importância na vida do homem moderno, bem como o uso do movimento nas danças e ações primitivas. Observou trabalhadores manuseando máquinas nas fábricas, pessoas movimentando-se em hospitais e em instituições educacionais. Percebeu também a importância do movimento para o teatro. Diz ele que “os movimentos do corpo, incluindo movimentos das cordas vocais são indispensáveis à atuação no palco”(Laban, 1978, p.21). Segundo Laban o homem se movimenta a fim de satisfazer uma necessidade. Seu movimento revela muitas coisas diferentes. O homem busca, através deles, atingir algo que lhe é valioso, importante. Nesta busca, seus movimentos podem ser ditados tanto por objetivos tangíveis quanto intangíveis. Laban cita a figura bíblica de Eva para falar dos objetivos do movimento humano. Eva, ao colher a maçã da árvore do conhecimento executou um movimento ditado tanto por um objetivo tangível quanto intangível:

“Desejava ter a maçã para comê-la, mas não apenas para satisfazer seu apetite por comida. O tentador lhe havia dito que, comendo a maçã, ela alcançaria o máximo do conhecimento: era esta sabedoria o valor fundamental a que ela aspirava.” (1978,p.19).

⁷ Bailarino e coreógrafo húngaro, estudioso da dança e do movimento. Seu trabalho dirigiu-se para a dança como meio de educação. Foi um verdadeiro renovador da dança e de seu enfoque teatral. Sua pesquisa e metodologia nos fornecem bases para que possamos compreender melhor o homem por meio do movimento.



Todos os movimentos dos alunos do grupo de teatro da UNATI-UNESP têm sua razão de ser e atendem a objetivos específicos, tangíveis ou intangíveis ligados à resolução dos problemas propostos pelos diversos tipos de jogos ao longo das oficinas. Cada participante, a partir da proposta de determinado exercício, responde de maneira única e, por vezes, surpreendente. O simples ato de um aluno ao olhar fixamente para as próprias mãos pode encerrar diversos significados.

Em uma de nossas oficinas, a proposta de alguns exercícios era a de suscitar no grupo lembranças, recordações de momentos significativos da infância e da juventude através de mímicas, de gestos apenas, sem a interferência das palavras. Em determinado momento, uma das alunas olhou perplexa para as próprias mãos. Depois, colocou-as entre as pernas e olhou novamente para as mãos, fazendo movimentos com os dedos como se eles estivessem sujos de alguma substância. O grupo deduziu que aqueles gestos buscavam demonstrar a perplexidade diante da primeira menstruação. Ao longo dessa oficina, surgiram vários gestos que buscavam mostrar momentos de transição, de passagem da infância para a juventude. Uma aluna fez o gesto de passar batom nos lábios. Outro aluno colocou óculos escuros e começou a caminhar e dançar pelo palco. Depois de terminados os exercícios conversamos a respeito da proposta. Os alunos disseram que muitas lembranças foram suscitadas com o desenrolar da oficina e eles constataram que os gestos que buscavam mostrar a transição de uma fase da vida para outra vinham carregados de uma emoção muito forte. O ato de passar batom, as primeiras manifestações de vaidade, os primeiros bailes, os flertes e o início da puberdade, tudo isso foi dito através do movimento.

Em outras ocasiões o grupo se movimentava no palco com tamanha liberdade que poderíamos mesmo dizer que criavam com seus movimentos verdadeiras coreografias, originais, impossíveis de ser repetidas porque totalmente espontâneas. Em uma das oficinas, pedimos que as alunas se unissem formando pares. Uma delas iniciaria um movimento e a outra procuraria movimentar-se como se quisesse complementar os gestos da primeira, harmonizando-se com eles. Com o desenvolvimento do exercício, o que vimos foi um verdadeiro balé de movimentos os mais diversos. Os pares caminhavam pelo palco, executavam movimentos que eram quase como uma dança. Braços, pernas, corpos mexiam-se com liberdade e vigor. Uma pessoa complementava os movimentos da outra.

Em outro exercício proposto, levamos ao palco dois objetos e pedimos que cada participante criasse uma situação dramática, utilizando-se apenas de gestos e movimentos do



corpo e um objeto como complemento da cena. Os objetos eram um livro grosso e um urso de pelúcia. Cada participante teria de criar uma situação procurando dar, a partir das situações criadas, um destino diferente para aqueles objetos. O primeiro objeto a ser escolhido foi o livro. Uma das alunas foi à frente, abriu o livro e começou a lê-lo. Com seus gestos ela parecia estar muito atenta à leitura. Folheava-o, sorria, espantava-se. Outra aluna, com o corpo ereto e o rosto muito sério pegou o livro e o ergueu, virou-se para os lados mostrando-o a todos os presentes, como um padre ou um pastor fazem com a Bíblia. Outra, com seu gesto, desmitificou totalmente o caráter respeitoso e sagrado do livro como fonte de conhecimentos. Colocou o livro em cima de uma cadeira. Subiu na cadeira e no livro e fechou uma das janelas do palco que era alta e estava aberta. Outra, vendo aquela atitude, pegou o livro e o colocou embaixo do pé de uma mesa, fazendo dele uma espécie de calço. Depois uma das alunas pegou o urso de pelúcia e colocou-o no peito, como se ele fosse um bebezinho e ela o estivesse amamentando. Outra aluna pegou o urso e o colocou nos ombros como se ele fosse uma criancinha brincando de “cavalinho” com sua mãe. Rodopiou com o urso, colocou-o no colo. Uma última aluna pegou o urso e começou a jogá-lo para o alto. Depois passou a engatinhar pela sala e deixou o urso no chão. Constatamos que os participantes do grupo revelam seu mundo e suas recordações não apenas através de palavras, de histórias vividas ou criadas, mas também através de seus gestos. O grupo conta histórias e cria situações dramáticas no palco ao movimentar-se.

Laban diz que o ser humano, por ser capaz de coordenar uma gama de possibilidades de esforço muito maior que a de qualquer outro animal, ultrapassa as necessidades da mera sobrevivência e pode alterar e enriquecer seus hábitos de movimentação nas mais diversas situações. O ser humano possui algo muito importante, que é a consciência em relação a seus movimentos. Disso concluímos, pois constatamos ao elaborar propostas de exercícios e ao observarmos o grupo de teatro em seus movimentos, que muitas formas cristalizadas de nos movimentarmos, arraigadas, tornadas hábitos, podem ser repensadas, trabalhadas no sentido de uma ampliação da gama de possibilidades de movimentação do corpo. Isso independe da idade que o indivíduo tenha. Por mais profundos que sejam nossos hábitos, possuímos consciência da forma como agimos e nos movimentamos e podemos trabalhar para ampliar nossa capacidade física a fim de movimentarmos nosso corpo de forma mais livre.

Laban salienta que, apesar da capacidade humana de movimentar-se ser superior à dos animais, há, entre eles, um importante ponto em comum em relação ao movimento, que é



o fato de tanto o animal quanto o ser humano costumarem simular, quando pequenos, os tipos de ações que terão necessidade de praticar para sobreviverem e se sustentarem quando adultos. Estas atividades são denominadas brinquedos quando executadas por crianças e animais jovens. Quando executadas por adultos, são chamadas de danças e representações.

As representações, as danças, o movimento, a dramaticidade de um indivíduo adulto quando atua num palco guardam muito do elemento lúdico que se dilui e parece desaparecer da vida à medida em que acaba a infância. No entanto, esse elemento lúdico parece estar apenas adormecido, aguardando o momento de surgir de novo por entre as brechas da seriedade, por entre a sisudez do cotidiano. No teatro ele está presente em nosso desejo de jogar, de improvisar, de representar os mais diversos tipos de personagens.

Nossa proposta de trabalho com as oficinas de teatro é a de que os participantes experimentem jogar das mais diversas maneiras, criando trabalhos que expressem as formas de pensar e de ser desta pequena coletividade formada pelos integrantes do grupo de teatro. Há várias maneiras de dizer as coisas, vários tipos de linguagens: a linguagem do corpo, dos gestos, dos sentidos, da fala, da escrita, do desenho, e tantas outras das quais nem nos damos conta. Rubem Alves nos diz que:

As pessoas normais brincam com muitos jogos de linguagem: jogos de amor, jogos de poder, jogos de saber, jogos de prazer, jogos de fazer, jogos de brincar. Porque a vida não é uma coisa só. A vida é uma multidão de jogos acontecendo ao mesmo tempo, uns colidindo com os outros, das colisões surgindo faíscas. Uma cabeça ligada com a vida é um festival de jogos. E é isso que faz a inteligência (Alves, 2000, p.112).

Nas oficinas ocorrem inúmeros tipos de jogos. Jogos que, como coloca Rubem Alves, colidem uns com os outros e das “colisões surgem faíscas.” Buscamos o novo através do improviso, das soluções que precisam surgir de forma rápida e espontânea ao jogarmos nossos *jogos de improvisar*. O grupo improvisa no palco situações cotidianas através de sugestões simples e o mínimo de interferência possível por parte de nossa coordenação. Procuramos nunca dizer *como* o exercício deve ser realizado, pois, fazendo isso, a espontaneidade dos alunos se perderia, visto que eles não estariam resolvendo sozinhos o problema proposto. No máximo, dizemos *quem* são as personagens, o *que* elas fazem e *onde* elas estão, como sugere Viola Spolin (1992). *Como* o exercício se desenvolve a partir daí é tarefa dos jogadores. Em certa ocasião cada participante do grupo recebeu um papel contendo a sugestão de uma personagem a partir de ações ou profissões que esta executaria em seu dia a

dia, como por exemplo: médico, palhaço, assaltante, enfermeira, professora, bailarina, etc. Depois de recebida esta sugestão, os participantes foram unidos aleatoriamente em grupos de quatro pessoas. Os integrantes que fariam as personagens do médico, do palhaço, do assaltante e da professora, por exemplo, teriam de, juntos, criar no palco uma situação de interação entre essas personagens, contando uma pequena história na qual elas deveriam se encontrar e relacionar-se. O resultado deste e de outros tantos jogos de improviso auxiliaram o grupo a perder o receio de criar. Como já colocamos, no início do trabalho, o grupo sentia-se inseguro em relação à proposta de criação das próprias peças. No entanto, não houve resistência quanto aos exercícios propostos em oficinas e estes foram imprescindíveis para que o grupo adquirisse confiança em relação à sua capacidade de criar e de jogar os mais diversos tipos de jogos no palco. Mesmo quando o roteiro de uma peça estava pronto e iniciávamos os ensaios, o grupo continuava improvisando, criando coisas novas durante os ensaios, enriquecendo o trabalho. Isso aconteceu com muita frequência durante os ensaios da peça “Ditos, desditos e não ditos”, o mais recente trabalho elaborado pelo grupo. As alunas que participaram desta peça freqüentam as oficinas de teatro da UNATI desde 1999. Este tempo de caminhada participando de todos os jogos e exercícios propostos forneceu ao grupo a segurança necessária para criar sem receios e de perceber que sempre há lugar para o improviso, mesmo quando temos um roteiro elaborado.

Improvisar nos leva a pensar e a resolver rapidamente os problemas propostos, seja “no palco da UNATI ou no palco da vida”, usando as palavras da aluna Alzira. Como já dissemos, jogamos diversos tipos de jogos em nossas oficinas. Jogamos *jogos de improvisar* mas também jogamos *jogos de lembrar*.

Muitas histórias foram contadas. Histórias de professoras, de mães, de avós. Histórias de objetos, de aromas e sabores. Recordar é trabalhar. Ecléa Bosi (1979) nos fala do “trabalho da memória”. Trabalho que exige uma inteligência viva e desperta. Recordar exige reflexão, localização, um encontro de referenciais do passado e do presente, pois, como já colocamos na introdução de nosso trabalho, nenhuma lembrança é pura. Ela está relacionada à toda uma vivência posterior que a modifica. Ela é mais uma “reaparição” que uma “aparição”.

Recordar é trabalhar. Mas recordar também é brincar, é prazer. Quando recordamos ligamos passado e presente. A toalha amarelada de crochê leva sua dona a recordar-se do presente que ganhou de enxoval de casamento, de risos, de dias felizes. A laranja de hoje guarda ainda o sabor da laranja da infância, tão saborosa e especial, colhida nos pomares dos sítios e quintais da memória.

Buscamos preparar o ambiente de forma especial em nossas oficinas para que o grupo jogue o *jogo de lembrar*. Trabalhamos com um grupo de pessoas que viveu por muitos anos, presenciou momentos históricos, vivenciou as alegrias e vicissitudes da vida familiar, da vida profissional, chegou à aposentadoria, acompanhou o crescimento dos filhos, netos e vê chegarem os bisnetos. Estas pessoas possuem um passado longo se comparado ao dos mais jovens, possuem um arsenal de experiências e de histórias para contar. Elas têm o que dizer e querem compartilhar suas experiências e seu conhecimento com os outros. Quando uma das alunas se recorda de coisas que viveu, que presenciou, as outras vêem também seu passado e suas memórias presentes em certas narrativas. A aluna Regina nos diz o seguinte: *Com o passar do tempo a gente acaba se esquecendo muita coisa do passado. Nas oficinas, através de objetos, de exercícios, nos recordamos de coisas ocorridas há tempos. Através da lembrança do outro, nossas lembranças também afloram. É interessante saber que, ao envelhecermos, as coisas não ficam perdidas*". A aluna Marlene nos diz também que é bom estar com o grupo porque ali elas possuem um passado em comum e podem conversar sobre ele.

Ecléa Bosi (1979) nos diz que a lembrança une passado e presente e que o trabalho do velho é o de unir início e fim quando recorda. Nas oficinas de teatro, o exercício de lembrar tem a função de unir passado e presente, de valorizar as histórias de vida de cada participante para que, a partir dessas histórias e vivências, juntamente com o que é improvisado e inventado, o grupo crie seus próprios trabalhos, que podem ser textos curtos, poemas, trabalhos de expressão com o corpo ou peças teatrais. O vivido toma forma novamente através da lembrança, através da memória. Mescla-se com o novo e esta parceria é responsável pelos processos de criação do grupo. Costumes, formas de encarar o mundo, a vida, velhas histórias e "causos" passados de geração a geração aparecem nos trabalhos do grupo. A respeito da memória, Rubem Alves nos diz que:

De muitas coisas a gente se lembra sem dor nem saudade. São as coisas corriqueiras que moram na superfície da terra, ao alcance dos olhos, ao alcance das mãos, ao alcance das palavras... Nas cavernas da memória, entretanto, só são guardadas imagens que doem ao ser lembradas. São imagens de saudade. Imagens de saudade são pedaços do nosso próprio corpo, que o tempo levou. Tudo o que se ama transforma-se em parte da gente... (Alves, 2002, p.56)



Verificamos, através das observações realizadas ao longo das oficinas nas ocasiões em que propusemos exercícios que estimulam as lembranças dos participantes, que os momentos de vida recordados vinham carregados de emoção e saudade. Momentos caros, “pedaços do próprio corpo que o tempo levou”, como diz Rubem Alves. Por vezes uma aluna chorava ao se lembrar da mãe, de um membro da família ou do marido que foi o companheiro de uma vida. Pessoas mortas, mas vivas nas lembranças de quem as amou. Outras vezes o grupo dava boas risadas quando alguém se lembrava de fatos ocorridos na infância ou na juventude. Estes exercícios foram importantes, além de serem úteis aos processos de criação do grupo, pelo simples prazer que proporcionaram aos participantes e pelas avaliações que por vezes fizeram de momentos vividos à luz do presente. Como bem salientou a aluna Regina, um perfume, um objeto, uma história contada por uma colega do grupo, reavivam a memória, a vida volta, está tudo ali. Envelhecemos, mas “as coisas não ficam perdidas.” As lembranças não são lineares, só fica o que a memória guardou, como pequenos pontos luminosos num céu anoteado. Alguns exemplos de exercícios desenvolvidos com o grupo podem elucidar melhor nossas afirmações.

Numa oficina ocorrida em 1999, pedimos às alunas que trouxessem de casa alimentos de que gostassem. Podia ser uma fruta, biscoitos, chá, um prato quente, o que elas quisessem trazer. Os alimentos foram colocados no palco em cima de um balcão. Colocamos também uma música suave de flautas ao fundo e pedimos que cada uma das alunas saboreasse os alimentos que quisesse, com calma e tranquilidade. Pedimos que, ao comer, buscassem se recordar de algo bom que aquela mesa e aqueles alimentos pudessem evocar. Começamos a conversar ao redor de nossa mesa improvisada no palco.

A primeira aluna a falar foi Lourdes, que se lembrou das antigas ceias de família que reuniam mais de cem pessoas e do quanto era bom ver todos reunidos. Alzira se recordou de Natais recentes, que para ela têm sido muito bons. Diva lembrou-se de um dia em sua escola, quando criança. Uma colega de classe levou uma maçã para a professora. Naquela época, nem todos podiam comer maçãs, era uma fruta cara e comprada em ocasiões em que as pessoas ficavam doentes. A professora partiu a maçã em pedaços pequenos e a repartiu com a classe. O gesto da professora e o pequenino pedaço de maçã, para ela, foram inesquecíveis. Lygia lembrou-se de um prato de sopa quentinha com bolinhos de arroz que sua mãe lhe preparava ao voltar da escola quando freqüentava o curso Normal. Adélia sentiu fome depois do parto de sua filha e comeu um pacote de rosquinhas, que, para ela, naquele momento, estavam deliciosas. Alice lembrou-se do aniversário das netas e de um bolo de chocolate.

Urânia, ao comer doce de abóbora, lembrou-se de sua infância, da mãe fazendo o doce. Muitas lembranças surgiram ao longo deste exercício de recordar. Bolos de casamentos, piqueniques e pão com mortadela, viagens, festas de fim de ano, sorrisos, filhos, alegria. Recordar também é brincar, é ter prazer. Nesta oficina que acabamos de narrar, o prazer de saborear um alimento misturou-se ao prazer de saborear uma lembrança cara, especial. Junto com isso veio o prazer de compartilhar esses momentos importantes com os amigos do grupo

Recordando, improvisando, jogando jogos diversos, o grupo de teatro da UNATI criou peças, atuou no palco. Todos os exercícios foram importantes para que o grupo refletisse a respeito de suas possibilidades em relação ao movimento, ao improviso, à capacidade de atuar, de escrever, de expressar-se a partir de inúmeras formas de linguagens. Talvez aí resida a magia e a ludicidade do teatro: no entrelaçamento das linguagens. Rubem Alves (2000) nos diz que é justamente neste entrelaçamento dos diversos tipos de linguagens que a inteligência acontece. Segundo o autor, o homem que joga um único jogo fica enfeitiçado. O enfeitiçado dança sem parar. É fácil identificá-lo, pois o homem enfeitiçado por um único jogo “sabe dançar uma dança só. E quem só sabe jogar um jogo de linguagem fica burro. [...] Porque a inteligência acontece precisamente nos saltos entre danças diferentes”(2000, p.97). Muitas foram nossas “danças” ao longo das oficinas. Todos os alunos do grupo foram convidados a jogar. E aceitaram o convite.



Foto: Ana Paula Cordeiro



Figura 8: Ensaio da Peça: “Ditos, desditos e não ditos” – 2002

5 O LÚDICO E A MEMÓRIA PRESENTES NOS EXERCÍCIOS DE ESCRITA DAS OFICINAS DE TEATRO DA UNATI-UNESP.

“O calendário me informa que mais um ano da minha vida se foi. Vejo o monte de areia na parte inferior da ampulheta. A parte superior, os deuses, por bondade, ocultam-me. Peço-lhes a graça de viver por muitos anos, pois a vida é muito boa. Mas, para isso, é preciso que a minha fome seja cada vez maior. Não quero satisfação ou tranquilidade. Quero é fome. Que todos os queijos do mundo, com seus múltiplos e estranhos cheiros, sejam pouco para ela.” (Rubem Alves, 2001, p.97)

Neste capítulo buscamos avaliar a importância do lúdico e da memória para os processos de criação de textos escritos pelo grupo de teatro da UNATI-UNESP durante os exercícios e jogos das oficinas nos anos de 1999, 2000 e 2001. Estes textos são o resultado de conversas com as alunas, de suas memórias e lembranças, de propostas de exercícios ao longo das oficinas e não foram encenados a um público maior. São textos elaborados individualmente e quem os escreve são mulheres, muitas das quais professoras aposentadas, ligadas durante um bom tempo de suas vidas ao espaço escolar. Apenas as mulheres escreveram textos individuais. A participação masculina em relação à elaboração de textos foi muito restrita se comparada com a feminina. Não há, por exemplo, nenhum texto individual de um aluno. Os homens participaram apenas de algumas reuniões para a elaboração dos roteiros das peças coletivas “Os italianos” e “O cravo e a rosa”, contribuindo com sugestões e idéias. Mas mesmo nestes trabalhos a escrita feminina é predominante. A vida em família, o casamento, a maternidade, as conversas entre amigas, o preconceito sofrido pela mulher idosa surgem nos textos do grupo e nos contam algo de quem os escreveu. O olhar feminino está presente, imprimindo aos escritos toda uma forma de encarar o mundo e a vida que passa pela sensibilidade de mulheres que presenciaram e viveram conquistas e avanços em relação a seu papel na sociedade.

A criação de textos e as leituras e dramatizações destes trabalhos funcionaram, num primeiro momento, como uma espécie de aquecimento para que o grupo se desinibisse e perdesse o receio de escrever e de atuar. Mesmo depois das criações e montagens de trabalhos apresentados ao público, como peças de teatro, o exercício da escrita foi estimulado durante as oficinas, pelo prazer que proporcionava e porque muitas idéias fluíam através dos textos

individuais e funcionavam como alimento para as criações coletivas e montagens de peças, jograis e esquetes. Eles foram importantes também para que conhecêssemos melhor as motivações do grupo para escrever e atuar, seus temas predominantes, suas resistências e possibilidades.

5.1 Escrever: quebra de resistências, um ato de coragem.

Desde o início do nosso trabalho com o grupo de teatro da UNATI-UNESP buscamos estimular o exercício da escrita por parte dos alunos ao longo do desenvolvimento das oficinas de teatro. Como já salientamos, inicialmente houve um certo desconforto por parte do grupo em relação à proposta de criação dos próprios trabalhos. Incertezas ligadas à realização do intento. Nossas conversas iniciais, a troca de experiências e de histórias e os exercícios propostos, no entanto, foram decisivos para a quebra da resistência do grupo em relação ao ato de escrever.

A partir de conversas sobre o cotidiano das alunas (dizemos aqui alunas, pois apenas as mulheres participaram mais assiduamente das oficinas e dos exercícios de elaboração de textos individuais), propusemos, numa de nossas oficinas do primeiro semestre de 1999, que elas escrevessem textos curtos a respeito de temas relacionados ao dia-a-dia, à vida familiar, à experiência de participar do grupo de teatro, da UNATI, enfim, que elas tivessem liberdade para escolher um tema que lhes agradasse, relacionado a suas experiências. O texto poderia ser como elas quisessem elaborá-lo: uma narrativa, um poema, um diálogo, cada uma era livre para escolher a forma de escrevê-lo. O prazo estipulado para a elaboração dos textos foi de duas semanas e as alunas que quisessem poderiam fazer uma leitura do seu texto ou dramatizá-lo para a apreciação do grupo. Cada uma era livre para decidir se gostaria ou não de realizar o trabalho proposto. Algumas disseram, inclusive, que não gostariam de escrever e de apresentar um texto escrito por elas, pois achavam o exercício muito difícil. No entanto, no dia estipulado para a apresentação dos textos, a maior parte das alunas trouxe o trabalho proposto e fez questão de ler o que havia escrito. Outras, estimuladas pelas criações de suas colegas, também decidiram realizar o intento de escrever e trouxeram seus textos na semana seguinte.

O resultado deste nosso primeiro exercício de escrita foi extremamente compensador. As alunas elaboraram poemas, trouxeram narrativas inspiradas em histórias ocorridas com elas ou com conhecidos, interessaram-se por assuntos veiculados em jornais,

escreveram sobre suas vidas, sobre sentimentos e sobre o trabalho desenvolvido nas oficinas de teatro da UNATI. As alunas Diva e Alice, por exemplo, escreveram um texto a respeito do que é ser uma pessoa realizada. Diva elaborou um diálogo entre ela e um entrevistador fictício, no qual este lhe faz perguntas a respeito do que é ser uma pessoa realizada. Eis um pequeno trecho:

“Entrevistador: _A senhora se sente realizada?

Diva: _Porque você quer saber isso?

Entrevistador: _ Nada não. A professora é que mandou perguntar.(...)

Diva : _Primeiro eu preciso saber o que é se sentir realizado.

Entrevistador: _A senhora não sabe?

Diva: _ Para dizer o que eu sinto quero saber antes se o que eu sinto é o mesmo que se deve sentir quando se está realizada ou se julga estar. E para isso é preciso saber o que é estar realizada.

Entrevistador: _Poxa, não complica.”

Ambos não chegam a nenhuma conclusão e percebem que é muito difícil responder a esse respeito. Alice entra na conversa para resolver a questão, procurando responder em seu texto o que entende por realização, o que ela acha que é ser uma pessoa realizada, a fim de dissipar as controvérsias entre o entrevistador e Diva. Ao final, Alice conclui que talvez não tenha ajudado muito a solucionar a questão, pois o assunto é complexo e cada pessoa se sente realizada ou não de acordo com suas formas de ver o mundo, com seus objetivos de vida que variam com o passar da idade e também variam de pessoa para pessoa. Diva e Alice apresentaram seus textos às outras alunas do grupo, dramatizando-o. Os textos escritos por elas apresentam questionamentos, falam de criação, de objetivos de vida, do cotidiano de quem os escreveu e não fornecem respostas prontas ou lições de moral a respeito do que vem a ser uma pessoa realizada. Não há respostas prontas porque cada um tem que buscar seus próprios caminhos, visto que somos únicos e, portanto, diferentes uns dos outros. Sendo assim, nos realizamos de modos distintos. O diálogo entre Diva e o entrevistador se dá de maneira divertida e descontraída, com toques de humor.

Já a aluna Virgília escreveu seu texto em forma de narrativa. Inspirou-se numa história que, segundo ela é verídica, ocorrida na cidade de Marília, SP, sobre o caso de um

casal que perdeu a guarda de seu filho adotivo para a mãe verdadeira depois de tê-lo criado até os doze anos de idade. Virgília, em seu texto, faz questão de reiterar que a história é real e faz um apelo às autoridades para que os pais adotivos não passem por esse tipo de situação, pois decisões como essa arrefecem o desejo dos casais de adotar uma criança, pois sabem que correm o risco de perdê-la.

A aluna Lygia optou por escrever seu texto em forma de poema e seu tema relacionou-se à própria proposta do exercício. No poema ela fala das oficinas, dos exercícios propostos, das alunas do grupo, da satisfação de estarem juntas. É um poema longo, por isso transcrevemos aqui apenas alguns versos e estrofes:

“Pedi-nos a professora

Que escrevêssemos uma história.

“Pessoal?” Pergunta alguém.

Pode ser. Ou ilusória.

E lá ficamos nós todas

A pensar e a pensar.

Umas disseram: “Não sei.”

Outras porém: “Vou tentar.”(...)

Eis então que hoje cedo

A aula foi só de lembranças

As quais foram despertadas

Por chazinhos e comilanças.(...)

Veio-me então à “cachola”

Um projeto se formando

De compor o tal do texto

Com o que estava observando.”

Lygia intitulou seu poema de “Sopa de Letras”. Os ingredientes da sopa são todas as alunas do grupo. O tempero é a relação entre elas:

“O caldo é o amor que nos liga

E o tempero é acrescentado

Pelo carinho da mestra

Com tanto zelo e cuidado.

Às vezes, até pimenta

Ardidinha das piadas

Um nadinha de malícia

E sempre boas risadas...”

O poema “Sopa de Letras” da aluna Lygia conseguiu resumir um pouco do sentimento das alunas já naqueles primeiros encontros nos quais começavam a dialogar, a conhecer-se, a estabelecer laços de companheirismo e de amizade que, mais tarde, se estenderiam para além da participação no grupo. *Conversas, piadas, risadas, lembranças, comilanças, amizade, companheirismo e alegria* são palavras presentes no poema. Lygia mistura sentimentos bons com o ato de comer. O próprio nome do poema é sugestivo nesse sentido. Há uma fome implícita no texto. Fome de estarem juntas, de participar, de amizade, de expressar sentimentos. O verbo saborear aparece no poema com um sentido maior que o de saborear o chá e as guloseimas trazidas no encontro do grupo. Já relatamos em capítulo anterior a respeito de uma oficina que realizamos na qual pedimos às alunas que trouxessem de casa alimentos variados, prontos para comer. Esses alimentos, com seus cheiros, cores e sabores tinham como objetivo despertar lembranças, ativar a memória. Memórias sensoriais que seriam apenas a ponta de um fio, de um novelo a ser desenrolado. É sobre esta oficina que Lygia fala no poema. A fome está presente. Fome profunda de coisas diversas.

Em uma crônica de Rubem Alves (2001) intitulada “Quero é fome”, ele diz que é bom envelhecer com fome. Triste é ter na prateleira queijos de todos os tipos e não sentir vontade de comê-los. Diz ele que:



Talvez a proximidade da morte aumente a fome e a sede – queremos comer tudo, beber tudo; tudo fica infinitamente belo sob a luz triste do crepúsculo. E aí já não faz mais sentido continuar a usar as tolas máscaras de adulto: é preciso gozar a vida como uma criança. (Alves, 2001, p.96)

O poema “Sopa de Letras” de Lygia nos mostra que há uma fome de encontros, de sorrisos, de alegria. No fim do poema ela pede a “Nosso Senhor” que nunca lhes falte o alimento da “fé, da força e do amor.” Assim como Rubem Alves em sua crônica, Lygia em seu poema fala de alegria, de prazer. Ambos envelheceram com “fome”. Fome de viver. Para as alunas do grupo de teatro da UNATI-UNESP, viver tem a ver com aprender coisas novas, desfrutar da companhia da família e dos amigos, encontrar-se com o outro, compartilhar lembranças caras, dialogar, debater, argumentar, escrever, criar.

Nos textos escritos pelas alunas do grupo encontramos assuntos relacionados ao cotidiano familiar, à preocupação com a educação dos filhos, à realização através da família, à participação e ao encontro com o outro. Os exercícios relacionados à escrita foram privilegiados ao longo de todo o trabalho realizado nas oficinas de teatro. Os textos elaborados durante os exercícios e jogos das oficinas foram por vezes o ponto de partida para a criação das peças do grupo.

A partir de propostas simples fluíram textos muito bem escritos e idéias diversas, mesmo quando o exercício não pedia a elaboração de um texto. Numa oficina realizada em 7 de julho de 2000, escrevemos algumas palavras em cartões e os colocamos no chão, no centro do palco. Cada cartão continha uma palavra. As palavras eram as seguintes: alegria, amor, amizade, arte, dor, esperança, medo, morte, sonho, tristeza e vida. Cada aluna escolheu uma palavra e falou sobre ela, houve toda uma reflexão acerca dos sentimentos que estas palavras evocavam. Enquanto a conversa ocorria, a aluna Iraci iniciou um texto a partir do diálogo a respeito das palavras contidas nos cartões. Seu texto fala do amor, tanto o amor romântico como o amor pelos filhos, pela família e a vida de sacrifícios e trabalho enfrentada pelo casal para garantir o bem estar dos filhos. O texto é elaborado em forma de um diálogo que se dá entre um homem e uma mulher que se amam e desejam unir-se para construir uma família. Eis um pequeno trecho:

“Homem: _Vem! Caminhemos! Vamos construir um ninho só para nós dois.

Macio! Quentinho. Claro. Pequeno, mas forte!

Mulher: _Perfumado! Colorido! O bastante para nós dois e nossos filhotes!



Homem: _ Assim como um cesto. Uma ninhada feliz!

Mulher: _Que alegria, que belos rebentos! Como crescem! Em número e em peraltice!”

Há nos textos das alunas elaborados como exercícios de escrita nas oficinas temas recorrentes, como situações cotidianas envolvendo a família, a maternidade, a alegria de ser mãe, a dor da perda ou da separação de um filho. No texto de Virgília, por exemplo, o tema é a perda da guarda de um filho adotivo e há a indignação diante dessa perda através da crítica feita a uma decisão da justiça. No de Iraci, o casal cria os filhos, estes crescem e tomam rumos próprios, como uma consequência natural do crescimento. Mas a questão da perda, da ausência de um filho amado está presente nos dois textos, mesmo que de formas distintas. Há humor e brincadeiras com as palavras, como no texto de Diva a respeito do que vem a ser uma pessoa realizada. Ela e o entrevistador fictício, ao longo do diálogo travado, afastam-se cada vez mais de uma conclusão satisfatória a respeito da questão. No poema “Sopa de Letras” de Lygia, ela fala de piadas, de malícia, de risadas. Brinca com as letras dos nomes das alunas do grupo. Diverte-se com as palavras. Gente vira letra, vira sopa, alimento. Escreve sobre a alegria do encontro e capta essa alegria, transformando-a em palavras. Conversando certa vez com Lygia, ela nos disse que só consegue escrever de um jeito bonito, inspirado, quando a emoção transborda, quando os sentimentos afloram. Clarice Lispector nos diz que:

“(…) escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não-palavra morde a isca alguma coisa se escreveu. Uma vez que se pescou a entrelinha, podia-se com alívio jogar a palavra fora. Mas aí cessa a analogia: a não-palavra, ao morder a isca, incorporou-a”. (Lispector, 2001, p.63)

Lygia, através da palavra, pescou a não-palavra, o sentimento que unia naquela oficina de “chazinhos, comilanças e lembranças” as alunas do grupo. As lembranças, os velhos “causos”, histórias de avós, de mães e de filhas, os tempos da escola, as histórias de professoras, muito das vidas das alunas do grupo foram “pescadas” pela palavra. A não-palavra: essa coisa que é sentimento. Dor, alegria, lembranças, saudade. Coisas que a palavra consegue fisgar, quando a emoção transborda.

Saudade! Rubem Alves nos diz que “velhice é saudade” (2002, p.62). Não, ele não quer com isso dizer que o velho vive apenas de saudade. Citando Guimarães Rosa e seus personagens Riobaldo e Miguilim, Rubem Alves chega à conclusão de que a velhice não é o

que o tempo faz com o corpo, marcando-o com rugas. Velhice, para ele, “é algo que vai crescendo por dentro, do jeito mesmo como num jardim cresce uma flor” (2002, p.62). Como o menino Miguilim, ele bebia um golinho de velhice todo dia. Sentir saudade é, para o autor, sentir ausência. A coisa amada está ausente e por isso sentimos saudade. Às vezes sentimos saudade sem saber de quê, não há sequer um objeto. Crianças já sentem saudade, jovens também. Estão envelhecendo. Mas o que tudo isso quer dizer? Porque a afirmação de que “velhice é saudade”? A saudade, para Rubem Alves, nos faz ver diferente, nos faz crescer e andar pelos “bosques misteriosos onde nasce a poesia. [...] Todos os poetas [...] já nascem velhos” (2002, p.63).

Para Alves (2002), há essa possibilidade de envelhecer enxergando melhor, sentindo saudade e adentrando no mundo da poesia. Sentimos isso em nossa conversa com Lygia. Para escrever bem, ela nos disse que precisava sentir, emocionar-se. O Sentimento transbordava e nascia a poesia. Porque Lygia viu algo no momento em que ela e as companheiras de grupo estavam juntas, felizes, saboreando chás e lembranças. Talvez já estivesse sentindo saudade enquanto tudo acontecia.

A saudade, vista dessa forma, não é coisa que imobiliza ou aliena, pelo contrário. Ela nos torna mais sábios, pois a força desse sentimento é capaz de nos levar a uma melhor compreensão do mundo, de nós mesmos e de nos dar a dimensão da poesia. Poesia que nasce de conversas, de lembranças, de ... saudade.

Lembrar-se de coisas boas e belas, mesmo que tristes, reavivar a memória, foi um exercício fundamental para o crescimento do grupo, para um maior conhecimento de seus participantes, para a construção de textos cheios de poesia e pelo puro prazer das conversas, dos encontros e coincidências de histórias que muitas vezes se cruzaram há trinta, quarenta, cinquenta anos. As alunas Diva, Alice e Odette recordaram-se certa vez que o colega do grupo de teatro da UNATI, Miguel, foi vizinho delas quando crianças. Elas se lembravam dele muito pequenino, bebê ainda. Reencontraram-se participando da UNATI. Aliás, “Reminiscências” foi o tema de uma das oficinas do grupo ocorrida em maio de 2001.

No dia 4 de maio, uma semana antes desta oficina, conversávamos com as alunas a respeito de velhos “causos” contados pelos antigos, de histórias verídicas que se misturavam às invenções dos contadores de histórias. Resolvemos então, de comum acordo com o grupo, que a próxima oficina seria de reminiscências, nas quais as alunas contariam algo de suas vidas, de suas lembranças, de suas habilidades. As alunas que desejassem poderiam trazer um texto por escrito, dramatizá-lo para as colegas ou poderiam simplesmente ir à frente e falar de

improviso. Assim, a oficina do dia 11 de maio ocorreu carregada de reminiscências, de apresentações e leituras de textos e de histórias contadas no calor daquele momento. A aluna Maria de Lourdes, a Lourdinha, como é carinhosamente chamada no grupo escreveu um texto que, pela sua beleza e densidade nos faz lembrar dos “Poemas dos Becos de Goiás e outros mais”, de Cora Coralina. No texto de Lourdinha, visualizamos velhas paisagens e costumes, lugares e casas que talvez ainda existam em algum sítio ou fazenda perdidos pelo interior do Brasil. Sobre seu nascimento ela diz:

Tal como me contaram, eu nasci de parto natural e minha mãe de cócoras, ou melhor, sentada e escorregando num banquinho de madeira. Aos primeiros sinais de que eu viria ao mundo, meu pai (que saudades!) foi logo buscar a parteira, a Dona Zefa, que chegou com seu inseparável pito, fumando e balançando as saias. (...) Em pouco tempo cheguei ao mundo berrando como todos os bebês. Meu pai quando me viu, tomou-me nos braços e foi me mostrar para todos dizendo que a Estelita (nome da minha mãe) havia tido uma ‘coruja’. Imagine só! Uma coruja! Deveria mesmo só ter olhos, muito arregalados e curiosos, ávidos para ver o mundo e as pessoas ao seu redor.

Ela descreve com muitos detalhes a casa antiga dos avós e suas redondezas: “Perto desta casa ficava o engenho de moer cana, onde se fabricava além do açúcar mascavo uma pinga muito boa, que era famosa na região”. Sobre seus gostos e preferências, relata que sempre gostou de representar. Lembra-se das festas e teatros da infância: “E os cirquinhos que as crianças armavam no fundo dos quintais, onde se pagava palitos de fósforo como entrada?” Relaciona a arte de representar à sua profissão: “E como professora primária a gente também não é um pouco artista?? Certa vez um aluno até me perguntou se eu havia trabalhado na televisão.”

No texto de Lourdinha, nascimento, família, casa, teatro e trabalho se misturam. Conta com detalhes o seu nascimento. Ecléa Bosi (1979) nos fala da importância dos velhos parentes, dos encontros que fazem com que o indivíduo relembre seu passado com um frescor que não existe na evocação solitária. Muitas das recordações que incorporamos ao nosso passado não são nossas, nos foram contadas por nossos familiares e depois lembradas por nós. Diz a autora que muitas de nossas idéias e lembranças

“[...]foram inspiradas nas conversas com os outros. Com o correr do tempo elas passam a ter uma *história* dentro da gente, acompanham nossas vidas e são enriquecidas por experiências e embates.

Parecem tão nossas que ficaríamos surpresos se nos dissessem o seu ponto exato da entrada em nossa vida. Elas foram formuladas por outrem, e nós, simplesmente, as incorporamos ao nosso cabedal. Na maioria dos casos creio que este não seja um processo consciente” (Bosi, 1979, p.331).

Segundo a autora, existe um “lastro comunitário” (p.331) de que nos servimos para constituir o individual. Através das idéias do meio em que vivemos e de uma *práxis* coletiva, construímos nossos valores. É um processo cujas fases não são elaboradas conscientemente. Na fala e nos textos das alunas das oficinas de teatro da UNATI lembranças longínquas vêm à tona e podemos vislumbrar os ecos de um passado ainda mais distante, de vozes de mães, pais, avós.

No texto de Lourdinha há lembranças do nascimento, da casa dos avós, do engenho de moer cana e da fabricação do açúcar mascavo e da pinga boa, famosa na região. Lembranças suas ou lembranças incorporadas às suas pelos parentes, pela família? Não importa. Lourdinha sabe dessas coisas e fala delas com precisão de detalhes. Há também as lembranças da juventude, do trabalho, da alegria de ser uma professora “meio artista”. A sua visão em relação ao ato de ensinar entrelaça-se com o ato de criar. Ela liga o professor ao artista, e não ao sacerdote, como fazem muitas professoras aposentadas. Ser professor é ser artista, é inventar sempre um jeito novo de ensinar, de estimular os alunos, de motivá-los.

Outra aluna, Iraci, inspirou-se no poema “Todas as vidas”, de Cora Coralina, para falar de suas reminiscências. Como já salientamos em capítulo anterior, trabalhamos este poema com o grupo de teatro da UNATI-UNESP no ano 2000. Para quem não conhece o poema, em “Todas as Vidas” Cora Coralina diz viver dentro dela a cabocla velha, a cozinheira, a lavadeira do Rio Vermelho, a mulher do povo, a mulher roceira, a mulher da vida. Tantas vidas em uma só. As alunas dramatizaram o poema e acrescentaram músicas de Chico Buarque na montagem que foi apresentada ao público. “Todas as vidas” é um poema muito querido pelo grupo. Iraci, parafraseando Cora Coralina, inicia assim seu texto:

Vive dentro de mim uma menina.

Vive dentro de mim um menino.

Vive dentro de mim um(a) adolescente.

Vive dentro de mim um(a) jovem.



Vive dentro de mim um(a) adulto(a).

Vive dentro de mim um(a) velho(a).

Quanta gente dentro de mim.

Que bom que não sou (estou) só.

Tanto o poema de Cora Coralina quanto o texto de Iraci nos remetem a Ecléa Bosi e ao que ela chama de “lastro comunitário” do qual nos servimos para construir nossa individualidade. Cora Coralina diz que dentro dela vivem muitas vidas. Vidas que se entrelaçam e das quais ela tomou conhecimento através de histórias, de “causos” contados por tanta gente. Essas vidas estão dentro dela, vidas situadas num tempo e numa comunidade familiares à autora. Iraci, em seu texto, fala também das vidas e das histórias de sua comunidade e em particular da própria infância no sítio “Água do Norte”. São histórias suas, histórias que os pais contaram de vizinhos e amigos vindos do Norte, na verdade do Nordeste. Fala dos pais que vieram da Bahia. Pais, amigos, vizinhos, todos “tentando a vida” no Estado de São Paulo. Tenta se lembrar das origens do nome do sítio em que viveu, mas as histórias que ouviu a esse respeito divergem. É possível que o sítio tivesse esse nome por causa das águas de um rio que cortava ao norte suas terras, mas pode ser que o nome tivesse relação com os migrantes nordestinos que residiam ali. Nas lembranças de Iraci, há histórias de toda uma comunidade de migrantes nordestinos vivendo em São Paulo. Descreve-os assim:

“Peles morenas, tostadas pelo sol. Pés feridos e maltratados, mãos rudes e calejadas, cabelos queimados, dentição incompleta, dentes podres. Corpos descuidados, doloridos, que ocultavam não raro outros corpos belos. Corações, na maioria das vezes bondosos. Gente feia e boa. Gente bonita e má. Gente, apenas gente.”

Fala da vida no sítio e de sua sensibilidade de menina olhando e sentindo o mundo que a cercava. Fala das dores e das alegrias de ser menina:

“No olhar, o embaçamento das cicatrizes internas, dos choros escondidos, dos desejos reprimidos, dos sonhos e esperanças não ousados. No sorriso a matreirice da criança. Misto de criança e adulto que sabe do potencial para aprender, com experiências às vezes perigosas, em contato com bichos do mato, cachorros loucos, águas fundas de açude e doenças da infância, simples, mas traiçoeiras. Marcas sobretudo na alma. Marcas e lembranças, indeléveis, inapagáveis, ainda que camufladas.

Marcas boas e más, feias e bonitas. (...) Cheiros. Ah, quantos cheiros! Cheiros de infância e de saudade! Cheiros de saudade da infância! ”

Nas lembranças da infância de Iraci há cicatrizes, choros e desejos reprimidos. Mas há o aprendizado através de experiências, que ela ressalta que foram às vezes perigosas. Uma aprendizagem lúdica, em contato com a natureza, com bichos e com águas. Há a memória sensorial dos cheiros, que ela chama de “cheiros de infância e de saudade”. Cheiros de frutas, de plantas, de terra . Cheiros vivos nas lembranças de Iraci.

Os textos apresentados até aqui constituíram-se em exercícios de escrita. Assim como os outros exercícios e jogos ocorridos durante as oficinas de teatro, eles ajudaram a despertar nos participantes do grupo muito do seu potencial criativo. Mais importante até que os resultados dos trabalhos que culminaram com as apresentações das peças ao público, foi este exercício de criação constante, foi a aprendizagem teatral que aconteceu de forma descontraída e lúdica, através dos diversos jogos propostos. O grupo atuou, improvisou, escreveu e recordou jogando os jogos teatrais durante as oficinas. Os textos individuais escritos pelas alunas do grupo estão cheios de poesia, histórias, idéias e recordações. Podemos perceber através deles que há muitas vidas em uma única vida, tantas leituras possíveis de serem feitas a partir de um único texto.

Foto: Ana Paula Cordeiro



Figura 9: Ensaio da Peça “Ditos, desditos e não ditos” - 2002

Foto: Ana Paula Cordeiro



Figura 10: Ensaio da Peça “Ditos, desditos e não ditos” - 2002

6 DO TEXTO AO PALCO: O LÚDICO EM CENA.

[...] eu sempre gostei de teatro desde criança. Eu brincava com minhas amigas e inventava pecinhas, eu montava pecinhas infantis. Meu pai era professor, e em cada cidade do interior que a gente morava ele organizava um grupo de teatro amador e ensaiava peças. Ele trabalhava, a minha mãe, então eu sempre estava em contato com teatro e sempre gostei. (Elza Guerra, aluna do grupo de teatro da UNATI-UNESP)

“Havia o medo da cena. Mas foi um desafio vencer a timidez”. (Iraci Mello, aluna do grupo de teatro da UNATI-UNESP)

Desde a concepção de textos até a montagem dos mesmos para serem apresentados ao público, houve um longo caminho percorrido pelo grupo de teatro da UNATI-UNESP. Caminho cheio de paisagens, de mirantes para apreciá-las, de encontros com vidas e histórias. Já contamos parte desta trajetória: falamos das oficinas de teatro e das propostas de exercícios e jogos. Jogos diversos. Improvisos, lembranças, alegrias com as descobertas e aprendizagens. Os alunos não apenas atuaram no palco, mas participaram de todo o processo de criação de uma peça até sua montagem. Envolveram-se com escolhas de temas e a escrita de textos, pesquisaram, elaboraram os cenários e figurinos das peças, cuidaram de sonoplastias e empenharam-se ensaiando. Mesmo os homens, cuja participação no grupo foi mais modesta que a das mulheres envolveram-se no processo de criação das duas peças nas quais atuaram, “Os italianos” e “O cravo e a rosa”.

Neste capítulo buscamos resgatar um pouco da trajetória feita pelo grupo de teatro em relação aos seus processos de criação. Criação envolvida pelo lúdico e pelo prazer. Prazer que está presente no improviso, no jogo, na pesquisa, no exercício da escrita, nos ensaios, nos encontros e no diálogo, na experimentação e na reflexão sobre toda uma prática teatral, visto que da criação de uma peça até sua montagem e apresentação ao público muita coisa acontece. O elemento lúdico esteve presente em todas as etapas deste trabalho e impulsionou os processos de criação do grupo. Das oficinas às apresentações das peças, do texto ao palco, o aprendizado teatral deu-se de forma prazerosa, lúdica. Vamos falar então um pouco desses prazeres.

6.1 Do princípio ao fim, o objetivo é a alegria e o prazer.

Em nossa pesquisa falamos do lúdico, do prazer de aprender que envolveu todo o trabalho realizado nas oficinas de teatro. Os participantes do grupo desejavam pisar no palco, atuar, apresentar-se a um público. Queriam chegar a algum lugar. Mas souberam apreciar as paisagens do caminho. Realizaram um trabalho sério sem perder de vista a alegria que envolve o ato criador. Dos processos de criação ocorridos nas oficinas nasceram “Fragmentos da Vida”, “Os Italianos”, “Momentos do dia-a-dia”, “O cravo e a Rosa” e “Ditos, desditos e não ditos”, trabalhos coletivos do grupo que foram vistos por diversos públicos em diferentes ocasiões.

O primeiro desses textos, “Fragmentos da Vida”, homenageia os quarenta anos de existência da UNESP de Marília, completados no ano de 1999. O texto fala de construção, de vidas anônimas que ajudam *a tecer as redes da trama social*. Gente que faz história, que é esquecida e por vezes excluída. Mescla poemas de autores consagrados e de outros desconhecidos com o relato de Virgília, aluna do grupo de teatro da UNATI e funcionária aposentada da UNESP que trabalhou por trinta anos na Universidade. Os poemas e o relato de Virgília são alinhavados pela fala das outras alunas. O grupo classificou o texto “Fragmentos da Vida” como um jogral.

“Os Italianos” e “Momentos do dia-a-dia” são peças curtas. A primeira narra o cotidiano de uma família de imigrantes italianos residente na cidade de Marília nos anos 30. A segunda trata do tema do preconceito contra a mulher idosa em diversas situações do dia-a-dia. Já o texto de “O cravo e a Rosa” caracteriza-se mais como um roteiro para a realização de um trabalho performático. Este trabalho fala da infância e da juventude dos alunos do grupo de teatro nos anos 30 e 40 na cidade de Marília e diferencia-se dos demais pelo fato de utilizar-se mais da expressão corporal, do trabalho com o corpo que de falas e diálogos. “Ditos, desditos e não ditos”, último trabalho coletivo do grupo, é uma peça de cerca de uma hora de duração e aborda de forma divertida e despretensiosa diversos ditos e provérbios populares. Enfim, os textos elaborados pelo grupo tratam de temas variados e por vezes são diferentes em relação aos formatos. Temos peças teatrais, roteiro e jogral. Mas há muitas coisas unindo estes trabalhos entre si. Consideramos que o elemento lúdico foi o elo, a chave que abriu as portas para a criação.

Falamos muito ao longo de nossa pesquisa em criação. Mas, o que é criar? Fayga Ostrower nos diz que:

Criar é, basicamente, formar. É dar uma forma a fenômenos que foram relacionados de modo novo e compreendidos em termos novos. Nas perguntas que o homem faz sobre o mundo e nas soluções que encontra, nas suas ações bem como na própria experiência do viver, o homem sempre forma (Ostrower, 1977, p.11) .

Criar, para a autora, é formar. Segundo ela, nos movemos entre formas. Recebemos inúmeros estímulos a cada momento e estes provocam em nós estados e sensações. Nós relacionamos alguns desses estímulos e, nesses relacionamentos, os percebemos. As formas de percepção não são gratuitas e os relacionamentos que fazemos não se dão ao acaso. Nós relacionamos os fenômenos entre si e os ligamos a nós mesmos. As relações que estabelecemos tem a ver com uma ordenação interior, com nosso ser mais íntimo. Diz a autora que:

Nessa busca de ordenação e de significados reside a profunda motivação humana de criar; trata-se de possibilidades do homem que correspondem a necessidades existenciais. Impelido a compreender, o homem é impelido a criar. Ele precisa ordenar os fenômenos e avaliar o sentido das formas ordenadas, precisa comunicá-lo a outros seres humanos através de novas formas ordenadas. (1977, p.11)

Se concordarmos com as considerações de Ostrower, podemos dizer que nossas criações têm a ver com nossas percepções, com nossas formas de ver o mundo. Para criarmos, estabelecemos relações entre os fenômenos e os ligamos ao nosso mundo interior. Ou seja, criamos a partir dos nossos referenciais e de nossas ordenações interiores. Nas criações do grupo, individuais ou coletivas, pudemos observar suas motivações para escrever, as formas como expressam o seu cotidiano e a presença das memórias da vida familiar e social, assim como do trabalho. Desde a escolha dos temas, passando pela pesquisa e elaboração dos roteiros, dos diálogos das peças, até os ensaios e a atuação no palco, além das conversas sobre cenários, figurinos, sonoplastia, o grupo encontrou formas próprias de relacionar-se, de trabalhar.

Os participantes criaram e atuaram no palco com autonomia a partir de todo um aprendizado teatral ocorrido nas oficinas. Aprendizado lúdico que está relacionado ao prazer de *dialogar*, de *lembrar*, de *conhecer* e *compreender* coisas novas, de *improvisar*, de

escrever, de atuar. Todos estes elementos estão entrelaçados e dão forma às criações do grupo.

Dialogando, o grupo foi capaz de criar a partir de suas vivências, de suas lembranças, de suas preferências, de seu cotidiano. Dialogando o grupo descobriu caminhos, a partir dos quais pudemos observar uma série de características e tendências em relação às suas construções.

Algumas dessas características são: o gosto pela pesquisa, certas preferências em relação às escolhas dos temas, que geralmente estão ligados às memórias e ao cotidiano dos participantes, o cuidado com a escrita dos textos e com os detalhes das suas montagens.

Sempre conversamos, desde o início das oficinas, sobre absolutamente tudo o que ocorria no palco: sobre os exercícios, sobre o que os participantes sentiam em relação às propostas, sobre temas para a criação de trabalhos. O grupo percebeu que uma única peça de teatro pode ser montada de diferentes formas, que um texto pode se prestar a inúmeras interpretações de acordo com os olhares daqueles que os lêem. Que nem sempre o que é idealizado e colocado no papel fica bom quando transposto para o palco. O diálogo propiciou diversas idéias sobre um mesmo tema, propiciou a lembrança de histórias enriquecedoras que contribuíram para a construção das peças, para a montagem delas.

Lembranças: histórias dos participantes, de suas famílias, de seu grupo social, de momentos históricos estão presentes nas criações do grupo. Em “Fragmentos da Vida” encontramos o relato de Virgília sobre suas memórias enquanto funcionária da UNESP. Ela se recorda da aula inaugural, ocorrida em 1959 na antiga FAFI. Fala da revolução de 64, dos simpósios, dos alunos que conheceu. No período em que o grupo se reuniu para a elaboração do jogral, Virgília escreveu um texto longo a respeito das memórias de seu trabalho na UNESP. Este texto foi adaptado e ficou mais curto para fazer parte de “Fragmentos da Vida”.

Para a elaboração da peça “Os Italianos”, o grupo se reuniu inúmeras vezes, inclusive no período de férias da UNATI-UNESP para conversar sobre o roteiro. As alunas, algumas delas filhas e netas de italianos, como Olinda, Lydia, Lygia e Onésia, compartilharam suas histórias com os colegas, ensinaram a pronúncia e a forma correta de escrever algumas palavras em italiano e se recordaram de pessoas filhas de imigrantes que também poderiam contribuir fornecendo dados a respeito de antigos costumes de suas famílias. Gente que ajudou a construir a cidade de Marília, SP, juntamente com imigrantes de outras nacionalidades e migrantes de tantos cantos do país. Houve pesquisa sobre a imigração

de famílias italianas para Marília também junto à Casa D'Itália, centro de cultura e de ensino da língua italiana na cidade.

No roteiro para a apresentação de “O cravo e a rosa”, os participantes resgataram as lembranças de antigos brinquedos: soltar pipa, rodar pião, jogar bilboquê, pular amarelinha, brincar de roda. Entre oficinas, jogos, improvisos e conversas, as memórias dos prazeres da infância e da juventude reapareceram fortes, carregadas de emoção e vivacidade. A infância nos anos 30/40, a juventude nos anos 40/50. Os alunos Miguel e Venício se lembraram dos antigos “footings”: As moças caminhavam juntas, às vezes de braços dados, enquanto os rapazes ficavam encostados nos prédios da avenida principal da cidade olhando as moças passarem. Havia troca de olhares, pequenos flertes, sorrisos tímidos. Os bailes e os carnavais de antigamente, com suas músicas e cores, confetes, serpentinas e fantasias não foram esquecidos.

As lembranças também estão presentes na peça “Ditos, desditos e não ditos” desde a pesquisa e compilação de cerca de quatrocentos ditos e provérbios populares pelas alunas do grupo, até a criação das historietas baseadas em três desses ditos. A aluna Elza possui cadernos repletos de ditos, provérbios e pensamentos de escritores, pensadores, filósofos e de anônimos. Muitos dos ditos reunidos na pesquisa do grupo saíram dos seus cadernos, mas todas as alunas contribuíram com os mais diversos ditos. Eles eram levados ao grupo e lidos por elas. A leitura dos ditos ocorria de forma divertida e bem humorada. Alguns deles eram engraçados, outros carregados de lições de moral e de preconceitos. Uns, por vezes, contradiziam outros. Daí, inclusive, a inspiração para o nome da peça. As alunas se recordaram de ditos que eram como verdadeiros conselhos proferidos por suas mães, tias, avós. Lembrando dos ditos, lembravam-se também de histórias relacionadas a eles. Nas historietas criadas a partir dos ditos há até pequenas homenagens a familiares de alunas do grupo. A personagem Tita, por exemplo, recebeu esse nome em homenagem à avó de Urânia, aluna que interpreta a personagem na peça. A historieta baseada no dito “Visita sempre dá prazer, se não é quando chega é quando sai”, foi quase toda elaborada a partir de idéias e recordações de Lourdinha, aluna do grupo que interpreta a personagem Zefina.

As lembranças dos participantes do grupo foram importantes não apenas em relação à construção dos textos, mas também para a montagem dos mesmos. Histórias, objetos antigos, fotografias, velhos discos e canções contribuíram para a elaboração de cenários, figurinos e sonoplastias. Na peça “Os Italianos”, o grupo conversou e pesquisou a respeito de cenários, figurinos e sonoplastia, com o intuito de recriar no palco um cenário que

fosse a sala de jantar de uma casa antiga e toda a ambientação de época. As alunas recordaram-se das casas de suas avós, dos móveis, dos utensílios, dos velhos bibelôs. Móveis e objetos antigos, alguns com quase cem anos, fizeram parte do cenário da peça. Plantas do palco foram desenhadas a fim de que houvesse um estudo para que se encontrasse a melhor forma de colocação dos móveis e objetos no cenário. Fotos antigas dos anos 30 foram trazidas por algumas alunas para que as roupas das personagens ficassem bem caracterizadas em relação à época de que tratava a peça: o ano de 1934. Fotos de mães, pais, primas e irmãos, fotos importantes que guardam as memórias das famílias dessas alunas.

Para a montagem de “O cravo e a rosa” a aluna Elza trouxe velhos brinquedos, como bilboquê e peteca para o momento em que o grupo relembra das brincadeiras infantis. O aluno Miguel contribuiu com a sonoplastia da peça trazendo discos com músicas de bailes antigos e velhas marchinhas de carnaval.

Na peça “Ditos, desditos e não ditos”, o cenário de uma das historietas é a sala de uma casa antiga. Mais uma vez as alunas do grupo contribuíram com seus móveis e objetos. A aluna Alzira levou o retrato de sua mãe para fazer parte do cenário, pois na peça as personagens Zefina, Maria, Luzia e Catarina citam várias vezes ditos e pensamentos atribuídos à falecida “Tonica”, avó das quatro na história. As alunas acharam então que já que a “vó” Tonica era citada na peça, poderia haver um retrato dela no palco. Assim, o retrato da mãe de Alzira passou a ser a avó Tonica, a fazer parte do cenário. E todas as vezes que uma das quatro personagens faziam citações à “vó”, elas olhavam ou apontavam para o retrato e ainda diziam: “_que Deus a tenha! Amém!” Outro objeto que tornou-se uma personagem à parte da peça foi um gato de louça trazido pela aluna Iraci. Segundo Iraci, o gato é um objeto muito querido, pois foi dado de presente por uma amiga. Na historieta baseada no dito “Visita sempre dá prazer, se não é quando chega é quando sai”, as personagens Zefina, Maria e Luzia são irmãs, moram juntas numa casa antiga de uma pequena cidade do interior e recebem a impertinente visita de uma prima de São Paulo, Catarina. A prima Catarina acha a casa das três um horror e coloca defeito em tudo. Dos móveis aos objetos, nada escapa. Numa das cenas, Catarina pega o gato que faz parte do cenário como um enfeite da casa e faz uma careta de desaprovação ao olhar para ele. Depois coloca-o em cima de uma mesa, com cara de desprezo. Em outra cena, Gustinha, empregada da casa, vê o gato fora de seu lugar e o recoloca onde ele estava inicialmente. Nas três vezes em que a peça foi apresentada, o público soltou boas risadas com essas cenas. Nos ensaios, as alunas passaram a ter um carinho especial pelo gato de louça de Iraci. Gato de louça que fez parte da história do grupo.



Ecléa Bosi (1979) nos fala da importância dos objetos que nos rodeiam. Ela nos diz que:

Mais que um sentimento estético ou de utilidade, os objetos nos dão um assentimento à nossa posição no mundo, à nossa identidade. Mais que da ordem e da beleza falam à nossa alma em sua doce língua natal. O arranjo de sala cujas cadeiras preparam o círculo das conversas amigas, como a cama prepara o repouso e a mesa de cabeceira os instantes prévios, o ritual antes do sono. A ordem desse espaço povoado nos une e nos separa da sociedade: é um elo familiar com sociedades do passado, pode nos defender da atual revivendo-nos outra. (p.360)

Observamos nos trabalhos do grupo, bem como nos exercício das oficinas, uma ligação muito forte entre os participantes e seus objetos queridos. As alunas gostavam muito de contar histórias relacionadas a esses objetos: o gato de louça de Iraci, o álbum de família de Olinda, com suas fotos amareladas pelo tempo, mas que reavivam suas lembranças familiares; o grande retrato da mãe de Alzira, as fotos antigas da família de Nair. Cadeiras de balanço, cabideiros, mesas, retratos, gatos de louça, elefantes vermelhos, girassóis de pano: esses objetos serviram aos nossos cenários, estiveram presentes em ensaios e apresentações do grupo. Com todo o cuidado eles eram trazidos e colocados no palco. Com o mesmo cuidado retornavam aos braços e lares de suas donas. Objetos do passado que ganharam vida e significados diversos no palco. Que serviram e servem à vida. Nos textos das peças a importância deles também é ressaltada. Na peça “Os italianos”, Rosa, a narradora, se recorda da vassoura que varria o assoalho de sua casa, das toalhas limpas, da panela de polenta que a mãe mexia com a colher de pau. Em “Ditos, desditos e não ditos”, a personagem Catarina sugere às suas primas que elas se desfaçam de seus velhos bibelôs e Zefina responde que eles têm valor sentimental para elas. São presentes e lembranças de viagem. Despertam coisas boas, trazem recordações.

Tecemos até agora algumas considerações sobre os trabalhos do grupo relacionadas ao prazer de *dialogar*, de *conhecer*, de *pesquisar* e de *lembrar*. Elementos importantes e alimentos para as criações dos participantes, assim como o prazer de *improvisar*, de *falar sobre o cotidiano*, sobre assuntos e temas de interesse comum. A *cotidianidade* e as *visões de mundo* dos participantes surgiram através dos jogos, dos improvisos, das conversas e até mesmo na forma de construir os textos. Já dissemos que pelo menos metade do grupo atuou profissionalmente na área da educação. No desenvolvimento

dos trabalhos percebemos o quanto essa variável foi importante na formação de um “jeito de ser” próprio do grupo.

Stano (2001) analisa as peculiaridades do envelhecimento de professores aposentados e nos diz que:

há, no professor/a velho/a, permanente traço e vestígio do/a professor/a que proferia palestras, que liderava grupos, que impunha disciplina, que selecionava conteúdos e que formava o outro com sua ação pedagógica (2001, p.56).

E ainda:

Ou seja, ao aposentar-se, o/a professor/a fortalece os seus laços com a profissão exercida utilizando-se de suas marcas, do que ficou e do seu olhar sobre o vivido, redefinindo-o para mantê-lo num projeto de existência (p.58).

A autora nos diz que o professor, mais que qualquer outro profissional que se aposenta, procura por atividades nas quais possa, de alguma forma, continuar em contato com aspectos de sua profissão. Profissão marcada pelo espaço público, pelo simbólico.

Pudemos constatar em nossas observações e conversas com o grupo, o gosto pela profissão na fala das professoras aposentadas. Lordinha escreve em seu texto “Reminiscências”, que ser professor é ser um pouco artista. Elza contou várias vezes histórias relacionadas ao magistério, aos sacrifícios que o professor fazia para chegar às escolas rurais ou de difícil acesso. Sacrifícios recompensados pelo encontro com os alunos. Regina também nos contou a respeito das escolas rurais e da fazenda “São João do Nhema”, na região de Júlio Mesquita- SP, na qual por muitos anos exerceu o magistério alfabetizando crianças. O caminho para chegar à pequena escola era longo, mas compensado pelo carinho das crianças que corriam para abraçá-la à medida em que a avistavam na estrada de terra. Ruth foi professora de história, Nair de Educação Artística. Sempre havia algo a contar sobre as aulas, sobre o gosto pela profissão. Muitas outras histórias poderiam ser citadas. Mas queremos apenas ressaltar que a profissão do magistério esteve presente de forma marcante nas conversas e construções do grupo.

Observamos, por exemplo, que no processo de criação dos textos, havia um forte zelo para com a construção das frases, com as palavras. Havia também uma certa preocupação com a clareza dos textos, do que se queria transmitir. Pesquisa em relação a figurinos e cenários. Na peça “Os italianos” houve um enorme cuidado para que nas falas, nos figurinos e no cenário, tudo indicasse que se tratava dos anos 30 e não houvesse, em nenhum momento, alguma “gafe” nesse sentido, como um linguajar mais moderno ou objetos que não eram de uso na época. O aluno Venício, professor e supervisor de ensino aposentado, que atuou na peça como o padre Victor, por exemplo, tomou o cuidado de, durante a cena da festa do batizado do pequeno Marcelo, não dançar e apenas demonstrar sua alegria com algumas palavras à família do menino e sorrisos a todos. Os padres tinham um comportamento muito contido na época, segundo ele e outras alunas do grupo, e não cabia ao padre Victor dançar como os outros convidados da festa. Em conversas descontraídas a respeito da melhor forma de montar as peças, o grupo recebia pequenas lições de história, português, geografia. O conhecimento de cada um era compartilhado com todos. Não queremos com isso dizer que não houve a colaboração de outras áreas de atuação que não a do magistério. Apenas ressaltamos que o fato de que metade dos participantes do grupo tenha atuado no magistério ao longo de suas vidas enquanto profissionais imprimiu ao grupo algumas características, indicou certas maneiras de condução do trabalho desenvolvido.

Outra variável importante que destacamos dada a sua importância quanto às construções do grupo é a da predominância da presença feminina no mesmo. Das trinta pessoas que participaram das oficinas, apenas três pertenciam ao gênero masculino. Os homens participaram de apenas dois trabalhos apresentados pelo grupo. Percebemos nas peças e textos a cotidianidade vista através do olhar feminino. Na peça “Os italianos” todas as cenas ocorrem dentro da casa da infância de Rosa, filha de italianos e narradora da história. São as lembranças de Rosa que se materializam no palco. A peça “Momentos do dia-a-dia” trata de maneira bem humorada diversas situações de preconceito contra a mulher idosa. Mostra o preconceito através de frases, de atitudes, de maneiras de se dirigir à mulher, quando esta envelhece. Frases que por vezes ouvimos dos mais jovens quando estamos no ônibus, aparecem na peça, como: “ Eu não vou me sentar perto desta velha” ou “ Tem tanto horário pra sair e as ‘vó’ cismam em fazer isso justo agora”. O comportamento da mulher idosa que vai de encontro a padrões estabelecidos e que é criticado pelos demais também é mostrado a partir de situações corriqueiras, como ir a uma loja e ter que ouvir da vendedora que a cor da roupa escolhida não é própria para mulheres mais velhas. Rubem Alves nos diz o seguinte:



[...] a sociedade tem um lugar preciso para os velhos. Antigamente dizia-se de um negro bom: 'Ele conhece o seu lugar'. Coisa parecida se pode dizer de um velho bom: 'Ele conhece o seu papel,' o papel que as gerações mais novas lhe atribuem.

As frases preconceituosas contidas na peça mostram o que a sociedade muitas vezes espera da mulher que envelhece: que fique em casa, que cuide dos netos quando necessário, mas que não dê palpites quanto à educação dos mesmos. Que seja recatada, que não saia demais para não lotar os ônibus nem as ruas, que viva em função de filhos e netos. Que conhece o seu lugar, que cumpra com seu papel. A peça denuncia isso.

As *formas de ver o mundo e a cotidianidade* dos participantes constituíram-se em elementos fundamentais para as construções dos textos, dos trabalhos do grupo. Nesse sentido, procuramos salientar a importância de variáveis como a questão da profissão e a questão de gênero presentes nessa cotidianidade, nessas formas de ver o mundo. Passaremos a falar agora a respeito da importância de mais um elemento que consideramos fundamental em relação ao trabalho desenvolvido: a *improvisação*. Como já salientamos, houve todo um entrelaçamento de diversos elementos que alimentaram, que foram os alicerces para as criações do grupo. Apenas para fins didáticos nos detemos mais em um ou em outro.

Improvisar num palco, segundo Spolim (1992), é possível a qualquer pessoa, desde que o ambiente propicie as condições para o intento. O chamado comportamento talentoso, para a autora, nada mais é que a capacidade que alguns indivíduos possuem de entregar-se ao ambiente, de envolver-se ao máximo com ele. É um envolvimento em todos os níveis: intelectual, físico e intuitivo. A autora nos diz que o aspecto intuitivo é geralmente negligenciado nos processos de aprendizagem. E não deveria, dada a sua enorme importância em relação ao ato de aprender. Ela salienta que todos nós, em algum momento de nossas vidas, encontramos uma resposta a um problema ou simplesmente "fizemos a coisa certa sem pensar"(p.3). A intuição nos faz transcender os limites do que nos é familiar, nos faz adentrar no desconhecido e por alguns instantes pode liberar o gênio que existe em nós. O intuitivo, segundo Spolin, só pode responder ao imediato, às situações que ocorrem no "aqui e agora"(p.3). Ele ocorre quando somos capazes de nos envolver com o mundo à nossa volta, que está em constante transformação. A autora nos diz que "quando a resposta a uma experiência se realiza no nível do intuitivo, quando a pessoa trabalha além de um plano intelectual construtivo, ela está realmente aberta para aprender"(1992, p. 3-4). Ela salienta

também que existe um caminho para que o conhecimento intuitivo possa existir. O conhecimento intuitivo requer que o ambiente seja de espontaneidade, no qual as pessoas possam experimentar e agir com liberdade.

Nas oficinas de teatro da UNATI-UNESP, os participantes encontraram um ambiente propício capaz de liberar comportamentos espontâneos, pois a autonomia e a liberdade de cada um sempre foi respeitada. Todos eram livres para aceitar ou não as propostas de jogos e exercícios. Na grande maioria das vezes, o grupo todo aceitava os desafios propostos. Os exercícios improvisacionais sempre foram apreciados pelo grupo, que resolvia com entusiasmo as situações que surgiam no palco e que requeriam respostas novas e imediatas.

Muitas idéias pré-concebidas cercam a questão do envelhecimento. Uma delas é a de que o idoso possui posturas rígidas em face de novos aprendizados. Comprovamos através de nossas observações e acompanhamento do trabalho desenvolvido que os participantes do grupo, pelo contrário, aceitaram facilmente todas as propostas de exercícios e jogos, disponibilizando-se com prazer a jogar, atuar, improvisar. Não houve rigidez nem rejeição em relação à maior parte dos exercícios, das propostas. Às vezes até mesmo limitações físicas, como dores na coluna, por exemplo, eram superadas para que alguns exercícios fossem realizados. As oficinas de teatro propunham muitas novidades e traziam novas informações aos participantes que, em sua maioria, nunca haviam participado de um grupo de teatro antes. Mesmo os que na juventude tiveram algumas experiências nessa área não estavam habituados a oficinas teatrais e a exercícios improvisacionais.

Improvisar fez parte da trajetória do grupo nos jogos diversos que foram jogados no palco e também nos ensaios e apresentações teatrais do grupo. Quanto mais o grupo se sentia livre para improvisar, mais soluções originais apresentava em relação aos textos e às montagens das peças. Percebemos, inclusive, uma enorme evolução nas atuações do grupo quando comparamos o primeiro trabalho, "Fragmentos da Vida", com o último: a peça "Ditos, desditos e não ditos".

"Fragmentos da Vida" caracteriza-se como um jogral, uma homenagem simples feita pelo grupo de teatro a todos os que, anonimamente, foram responsáveis pelo desenvolvimento da UNESP. As alunas fizeram apenas uma leitura do texto ao público, declamaram poemas, ousaram quase nada em cena. No dia da primeira apresentação pública do grupo, podíamos ver que os rostos de algumas das alunas estavam tensos, as mãos trêmulas, as vozes ainda saíam tímidas, baixas e por vezes nervosas.



Já em “Ditos, desditos e não ditos” o texto flui com sutilezas e humor. É uma peça despreziosa, que brinca com as palavras e com o tom moralizante dos ditos populares e que está bem estruturada em relação ao que busca mostrar. No período em que as alunas elaboraram o texto, sempre havia algo novo a propor, a acrescentar. Com os ensaios ocorreu o mesmo: muitas coisas novas surgiam nos momentos em que o grupo atuava no palco. As alunas estudavam o texto, suas falas, memorizavam a peça, mas também não se amedrontavam diante de situações novas, de imprevistos. O comportamento espontâneo e a autonomia do grupo fortaleceram-se com o passar do tempo, com a convivência, com as aprendizagens. No período de ensaios as alunas atuavam e conversavam a respeito de suas atuações, havia troca de idéias, de opiniões sobre a montagem da peça. Havia a busca de uma linguagem cada vez mais própria, mais autêntica. Viola Spolin (1992) nos fala da importância do período de ensaios, em que deve reinar uma atmosfera relaxada, franca, alegre, pois ela com certeza influirá no produto final do trabalho.

Nesse sentido, a peça “Ditos, desditos e não ditos” constituiu-se no trabalho mais amadurecido do grupo. Nas apresentações da peça as alunas do grupo atuaram com desenvoltura e havia ritmo e liberdade de movimentos. Spolin nos diz que:

“um ator está ‘maduro’ quando está com um bom relacionamento com seu papel, com a peça e com os outros atores; quando ele tem movimentos fáceis e sua fala flui; e, acima de tudo, quando ele está consciente de sua responsabilidade para com a platéia.” (1992, p.302)

O grupo de teatro da UNATI-UNESP amadureceu. Na convivência grupal, todos os participantes cresceram em suas atuações e conhecimentos sobre a arte teatral. No *prazer de lembrar, de improvisar, de escrever, de mostrar seu mundo, de dialogar*, os participantes do grupo *criaram*, deram forma a um emaranhado de histórias, sentimentos e de idéias que surgiram com o desenvolvimento do trabalho. Das oficinas às peças, do texto ao palco, a criação ocorreu. Criação prazerosa, porque amorosa, carregada de sentidos, de vidas com muitas histórias para contar e com muito o que aprender. Encerramos este capítulo com as palavras de Elza: “*Nunca imaginei que tivesse coragem de apresentar-me num palco, perante uma grande platéia aos 83 anos de idade. Há um provérbio pejorativo que ouvi na infância: ‘Burro velho não toma andadura.’ Discordo. Em qualquer idade, mesmo avançada, a gente pode chegar lá. É só querer. E ‘querer é poder’.*”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Velhice é quando se percebe que não existe no futuro nenhum evento portentoso por que esperar, como início da felicidade. Mas isso não será verdadeiro da vida inteira? Por isso, talvez, os jovens devessem aprender com os velhos que é preciso viver cada dia como se fosse o último. A alegria mora muito perto. Basta esticar a mão para colhê-la, sem nenhum esforço. Mas, para isso, seria necessário que os nossos olhos fossem iluminados pela luz do crepúsculo.” (Rubem Alves)

Nesta pesquisa discutimos e avaliamos a importância do elemento lúdico no processo de aprendizagem teatral de pessoas idosas. Apresentamos os trabalhos elaborados pelo grupo de teatro da Universidade Aberta à 3ª Idade- UNATI-UNESP de Marília ao longo do desenvolvimento das oficinas teatrais, dos jogos e exercícios propostos. Demonstramos que o grupo criou textos, peças e atuou no palco a partir do prazer de lembrar, de dialogar, de jogar, de improvisar. Com este trabalho procuramos redimensionar o papel do elemento lúdico na vida e na aprendizagem de pessoas adultas, pois o lúdico está intrinsecamente ligado à imagem da criança. Vimos que é possível criar no palco, escrever textos, atuar de maneira prazerosa, autônoma, livre. O lúdico não desaparece porque nos tornamos adultos. Apenas somos doutrinados socialmente, muitas vezes, a deixar de lado a alegria e o prazer, que poderiam estar presentes em nossas aprendizagens, em nosso trabalho, em nosso modo de fazer as coisas, em nome do utilitarismo. O grupo de teatro da UNATI aprendeu prazerosamente, criou e atuou improvisando, jogando. E nem por isso deixou de realizar um trabalho sério, competente. Afinal, como bem salienta Huizinga (1990), é a seriedade que exclui o jogo e não o contrário.

Trabalhamos com pessoas com idades entre cinquenta e oito e oitenta e três anos. Gente que muito trabalhou, que presenciou momentos históricos marcantes, que guarda histórias de suas famílias e de suas comunidades. Gente que revela suas formas de ver o mundo, suas lembranças, seu cotidiano através da participação nas oficinas e também nas peças e textos que elabora. Gente que envelheceu buscando por coisas novas, valorizando o aprendizado e o conhecimento. Tratamos no **capítulo 1** deste trabalho sobre questões relacionadas ao envelhecimento humano, principalmente do ponto de vista social. Procuramos

mostrar que a velhice, mais que uma fase da vida, constitui-se numa categoria socialmente produzida. Muitas são as visões, as formas de conceber e de lidar com o envelhecimento humano. As sociedades determinam o papel do idoso em seus meios: ditam regras de convivência, decidem o que é ou não adequado em termos de comportamento. Mas vimos também que, de quarenta anos para cá, muitas mudanças ocorreram em relação às visões acerca do processo de envelhecimento dos seres humanos. Ocorreram avanços formais e reais que contribuíram para que as questões relacionadas ao envelhecimento ganhassem mais visibilidade, fossem merecedoras de estudos e de ações por parte de instituições públicas e privadas. Verificamos também neste capítulo o peso e as conotações que certos termos e palavras adquirem quando o assunto é o envelhecimento. As palavras velho e idoso possuem pesos diferentes, como pudemos constatar. Percebemos todo um processo de eufemização de termos que vem acompanhado de mudanças na maneira de se conceber o envelhecimento humano. Vimos como se passou, da idéia de velhice como algo decadente e incapacitante, à idéia da terceira idade, de um tempo de descobertas, de realizações de projetos e de vida com qualidade. A universalização dos sistemas de aposentadoria, segundo Peixoto (1998), muito contribuiu para o surgimento da idéia de terceira idade e de envelhecimento saudável. Nesse sentido diversas instituições, inclusive de ensino, tomaram para si a responsabilidade de oferecer atividades variadas aos idosos, buscando suprir parte de suas necessidades de lazer, esportivas e culturais. As UNATIs (Universidades Abertas à Terceira Idade) são fruto de toda uma mudança ocorrida em relação à forma como as sociedades ocidentais passaram a encarar as diversas questões ligadas ao envelhecimento humano.

No **capítulo 2** deste trabalho fizemos algumas considerações a respeito de como funcionam os programas de Universidades voltados para a terceira idade. Ressaltamos que estes caracterizam-se como programas de extensão que visam a educação permanente de seus participantes, buscando proporcionar-lhes atualização de conhecimentos através de palestras sobre temas variados, cursos e oficinas culturais, entre outras atividades. As UNATIs, como vimos, seguem um padrão semelhante de funcionamento nos mais diversos países que as adotam. Nelas, o desejo de aprender algo novo, de conviver no meio universitário, com os seus pares e com os mais jovens, faz parte da fala dos participantes. Lydia, aluna do grupo de teatro da UNATI-UNESP de Marília nos diz: *“Após a aposentadoria eu me sentia sem ter atividades, e me lancei de corpo e alma nessa alternativa da UNESP. Eu adorei porque ao invés de parar no tempo eu comecei a fazer muitas coisas que durante esse período todo que eu trabalhei eu não tive tempo de pensar. Em mim, em passeios, em conhecimentos novos.”*

Após a aposentadoria, Lydia conseguiu organizar-se a fim de usufruir de seu tempo livre prazerosamente, realizando atividades variadas e concretizando antigos projetos. Ela administrou fazendas, cuidava de tudo sozinha. Com a aposentadoria veio a possibilidade de escolher a melhor forma de administrar seu tempo, de utilizá-lo com atividades capazes de lhe proporcionar alegria, contentamento. Entre elas, estava o teatro.

Constatamos em conversas com o grupo que, depois da aposentadoria, os sentimentos são diversos: saudade, vazio, contentamento, liberdade e o sentimento de ter de ir em frente, de “não parar no tempo”, como diz Lydia. Os participantes do grupo de teatro da UNATI nos mostraram, no entanto, que o tempo da aposentadoria pode se constituir num tempo de descobertas, de alegria, de criação. Que há alternativas para a pessoa que se aposenta fora do binômio *trabalho remunerado x ostracismo e tédio*. Outros caminhos e projetos são possíveis. Caminhos e projetos muitas vezes reencontrados no mais fundo das lembranças de cada um, onde sempre há vontades e desejos escondidos, que pelos mais diversos motivos não puderam se concretizar. As pessoas que participam da UNATI-UNESP optaram por continuar aprendendo, conhecendo coisas novas, compartilhando. No palco, atuaram, enfrentaram corajosamente platéias diversas e teatros cheios mesmo quando por vezes as mãos tremiam e a emoção transbordava. Superaram medos: o medo de errar, de não se lembrar das falas, o medo de improvisar, de escrever.

No **capítulo 3** contamos um pouco da história do grupo de teatro da UNATI-UNESP: no início das oficinas, o projeto de elaborar e montar textos próprios parecia grande demais. Com o passar do tempo, os participantes perceberam que o intento era possível, que havia muitas histórias para contar e gente interessada em ouvi-las. A cada novo trabalho, a cada novo desafio, o grupo se fortalecia, ganhava intimidade com o palco e segurança ao atuar. Recordar ganhou novas dimensões. As lembranças uniram *passado e presente* nas criações dos alunos. Textos carregados de poesia foram escritos. Neles encontramos alegria, beleza, indignação, resignação, humor, melancolia, saudade. Porque “a vida é assim mesmo, um emaranhado”, como dizia Elza na última cena de “Ditos, desditos e não ditos”.

Na busca por novos espaços de atuação após a aposentadoria, os alunos e alunas do grupo mostraram que é possível viver intensamente esse tempo, marcado por rupturas e continuidades. Fazer teatro, coisa nova. Estudar, aprender e trocar experiências: uma forma encontrada por antigas professoras de continuarem próximas da essência de sua profissão. Juntar esses elementos: uma alegria. Elza, aluna do grupo, nos diz que sempre gostou de atuar e uniu em seu trabalho teatro e educação: “*Enquanto exerci o cargo de professora primária e*

diretora de escola sempre tratei de incluir teatro nas aulas. Escrevia dramatizações para as festas escolares que eram muito freqüentes. Em São Paulo, no teatro Leopoldo Froes, fiz um curso de técnica de teatro infantil. Conservo até hoje as anotações das lições que nos deram e relendo-as percebo como eram bem explicadas e esplanadas as lições.” Elza encontrou, em sua participação no grupo de teatro, uma forma de continuar próxima das atividades que gostava e de aprofundar-se em relação ao conhecimento da arte teatral. Elza já gostava da arte de atuar. Outras alunas, que nem cogitavam fazer teatro na juventude, resolveram participar das oficinas por curiosidade e descobriram o gosto pela arte teatral.

As oficinas de teatro, com suas propostas de jogos, de exercícios, propiciaram descobertas, constituíram-se em caminho para as realizações do grupo. Realizações e alegrias que foram compartilhadas com o público, com a coletividade. Percebemos com muita clareza o gosto dos participantes por atividades em que o contato e a interação com o outro estão presentes. Neste contato, tudo se torna mais imprevisível, pois o outro sempre nos traz informações novas, desestrutura por vezes nossos cômodos pontos de vista e até nos incomoda. Criar coletivamente, ouvir o que cada um tem a dizer, exercer a autonomia e a liberdade com respeito às idéias e opiniões dos companheiros, viver na diversidade, descobrir-se também no outro: estes foram alguns dos desafios aceitos pelos participantes do grupo de teatro da UNATI-UNESP.

O teatro configurou-se como uma das alternativas escolhidas pelos participantes em sua busca pelo novo, por continuar aprendendo sempre. As criações do grupo, textos individuais e coletivos estão registrados neste trabalho. Contamos aqui um pouco do caminho percorrido pelos participantes em seus processos de criação. No **capítulo 4** tratamos da presença do elemento lúdico nos exercícios e jogos desenvolvidos durante as oficinas de teatro. Falamos da familiaridade que o grupo adquiriu com o palco, que é o espaço onde o jogo acontece. No palco os participantes descobriram possibilidades de movimentar o corpo com mais liberdade, de expressar sentimentos não só através de palavras, mas também com gestos, com olhares, com movimentos. Constatamos que as representações, as danças, os gestos realizados no palco guardam algo do elemento lúdico que parece desaparecer da vida das pessoas adultas. Vimos que diversas linguagens se entrelaçaram nas oficinas de teatro: a linguagem do corpo, da fala, da escrita.

Os exercícios de escrita realizados pelas alunas no decorrer das oficinas foram analisados no **capítulo 5** de nosso trabalho. Estes textos, carregados de histórias e poesia constituíram-se em preciosos elementos para que pudéssemos compreender melhor as



motivações das alunas para escrever, seus temas preferidos, seu cotidiano familiar e as lembranças do trabalho. Como diz Clarice Lispector (2001) em “A Pesca Milagrosa”, ao escrever usamos a palavra como isca para pescar o que não é palavra. Quando pescamos a não palavra e a entrelinha através da palavra, algo foi escrito. Em nossas oficinas de teatro, durante os exercícios, algumas das alunas traduziram sentimentos e sutilezas presentes nos relacionamentos do grupo em palavras, em textos: poemas, narrativas, roteiros. Todos os textos foram escritos a partir das conversas e dos jogos realizados nas oficinas teatrais de forma tranqüila, prazerosa, sem a obrigação por parte das alunas de necessariamente ter de escrever. Dizemos aqui alunas, pois, como já explicamos no capítulo 5 deste trabalho, os alunos do grupo não elaboraram textos individuais, tendo participado apenas de dois trabalhos de criação coletiva. Os textos elaborados pelas alunas a partir dos exercícios nas oficinas teatrais contam um pouco das vidas de suas autoras. Eles alimentaram as criações coletivas do grupo, que foram enriquecidas com tantas histórias diferentes: de infâncias em sítios e fazendas, de lutas, de professoras que não se esquecem de seus alunos e suas escolas, de amores, casamentos e filhos.

No **capítulo 6** nos detivemos nas criações coletivas do grupo. Falamos de todo o trabalho desenvolvido pelos participantes, desde o diálogo que impulsionou a criação de roteiros, textos e peças até a montagem dos trabalhos elaborados e apresentados ao público. Do texto ao palco, a criação ocorreu a partir do prazer dos encontros, das conversas coletivas. Do prazer de lembrar, de jogar, de improvisar, de escrever, de pesquisar, de atuar.

Através de nossa pesquisa, buscamos romper com alguns estereótipos, como o de que o lúdico só pode estar ligado à educação infantil. Observamos que, se o ambiente for propício à espontaneidade, à liberdade e ao jogo, o aprendizado pode ocorrer de forma prazerosa e lúdica. No caso específico do nosso trabalho, tratamos do aprendizado teatral de um grupo de pessoas que frequenta as oficinas de teatro da UNATI-UNESP de Marília, mas nosso intuito é também o de apontar caminhos na direção de um processo educacional que não despreze o elemento lúdico, o sentimento, a alegria de descobrir, de criar e de aprender. Uma educação que não privilegie de forma alguma a dureza e a dor, como bem salienta Adorno (2000), mas que volte seu olhar para o prazer existente no ato criador. Outra idéia pré-concebida que julgamos ter desmistificado em nosso trabalho é a de que o idoso tem mais dificuldade para aprender, para criar e para aceitar o novo que o adulto jovem. Os participantes das oficinas de teatro da UNATI-UNESP aceitaram jogar e realizar os exercícios



propostos e também se utilizaram de seu cotidiano, de suas memórias e experiências para as criações do grupo.

O ambiente das oficinas teatrais, permeado pelo jogo, pelo lúdico, propiciou aos participantes a oportunidade de manifestarem suas lembranças, de falarem de seu passado. Essa é uma questão que consideramos de extrema importância em nosso trabalho. Ecléa Bosi (1979) nos diz que a sociedade capitalista desvaloriza a lembrança e o vivido. A memória, que contribui para que o ser humano dê sentido à sua vida, é substituída pela rapidez e pelo imediatismo. Em nosso trabalho com as oficinas de teatro da UNATI-UNESP, propusemos exercícios e estimulamos conversas com vistas ao afloramento das lembranças e ao desenvolvimento da reflexão acerca da vida e das experiências dos participantes do grupo. As memórias uniram passado e presente, deram mais sentido ao cotidiano de cada um e estimularam as criações do grupo.

No palco da UNATI, as histórias dos participantes foram respeitadas, assim como o ritmo de trabalho e o tempo de aprendizado de cada um. Foi com enorme alegria que o grupo de teatro encarou cada apresentação de seus trabalhos ao público. No entanto, não houve apenas a preocupação com os resultados das montagens. O prazer do aprendizado teatral esteve presente nos momentos em que os participantes jogaram no palco, improvisaram, recordaram, escreveram e discutiram roteiros, ensaiaram. Estes momentos de aprendizado e de atuação do grupo, no entanto, não são coisas do passado. O trabalho com as oficinas de teatro continua. A alegria de criar continua e, certamente, outras peças do grupo de teatro da UNATI serão vistas por outros públicos, inspirarão outras histórias. Histórias de vidas vividas intensamente, sempre.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. *Educação e Emancipação*. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2000.

ALVES, Rubem. *Entre a Ciência e a Sapiência: O dilema da educação*. São Paulo: Loyola, 2000.

_____. *As Cores do Crepúsculo: a estética do envelhecer*. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

_____. *Sobre o Tempo e a eternidade*. Campinas, SP: Papyrus, 2002.

BEAUVOIR, Simone. *A Velhice: a realidade incômoda*. São Paulo-Rio de Janeiro: DIFEL, 1976.

BOAL, Augusto. *Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Queros, 1979.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Repensando a Pesquisa Participante*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CHACRA, Sandra. *Natureza e Sentido da Improvisação Teatral*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. São Paulo: Cortez Editora, 1998.

CONVERSO, Maria E. R. Programa "UNESP Aberta à Terceira Idade"-Câmpus de Presidente Prudente. In: *III Seminário UNESP-UNATI: a UNESP desvelando as questões do envelhecimento*. Rio Claro. 2001. *Anais*, p.38.

CORTELLA, Mário Sérgio. Repensando o Envelhecer: Entre o Mito e a Razão. *A Terceira Idade*, São Paulo, ano X, n.13, p.8-28, abr. de 1998.

COURTNEY, Richard. *Jogo, Teatro e Pensamento*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

DEBERT, Guita Grin. A Antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In BARROS. Myriam M. L. de. (org.) . *Velhice ou Terceira Idade?* Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

DEL MASSO, M. C. *Relatório de Atividades do núcleo UNESP-UNATI de Marília*. Marília, SP: Faculdade de Filosofia e Ciências-UNESP, 2001, 9 p. (mimeo)

DEOTTI, M. de O. G. Programa de Extensão UFJF/ Terceira Idade. In: *III Seminário UNESP-UNATI: A UNESP desvelando as questões do envelhecimento*. Rio Claro. 2001. *Anais*. P.39.

FALS BORDA, Orlando. Aspectos Teóricos da Pesquisa Participante: Considerações sobre o Papel da Ciência na Participação Popular. In: BRANDÃO, C.R. (org.). *Pesquisa Participante*. São Paulo: Brasiliense, 1983.



FEATHERSTONE, Mike. A Velhice e o Envelhecimento na Pós Modernidade. *A Terceira Idade*, São Paulo, ano X, n. 14, p. 6-17, ago.1998.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

HADDAD, Eneida G. de M. *O Direito à Velhice: os Aposentados e a previdência Social*. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Atlas, 1995.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1941*. trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. Trad. João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 1990.

JORDÃO NETO, Antônio. A Universidade Aberta para a Terceira Idade da PUC-SP." *A Terceira Idade*. Ano X, n.14, p. 39-43, 1998.

_____. Universidade Aberta para a Maturidade: avaliação crítica de uma avançada proposta educacional e social. In KACHAR, Vitória. *Longevidade: um novo desafio para a educação*. São Paulo: Cortez, 2001.

LABAN, Rudolf. *Domínio do Movimento*. Ed. Organizada por Lisa Ullmann. São Paulo: Summus, 1978.



LISPECTOR, C. *Melhores Contos de Clarice Lispector*. Seleção Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Global, 2001.

MARRACH, Sônia A. *A Arte do Encontro de Vinícius de Moraes: Poemas e Canções de uma Época de Mudanças (1932-1980)*. São Paulo: Escuta, 2000.

_____. *O lúdico, o Riso e a Educação no Romance de François Rabelais*. Marília: UNESP: Faculdade de filosofia e Ciências, 1998.

MELLÃO NETO, João. A Terceira Idade não é a última. *O Estado de São Paulo*, 2.6.2000, p. A2.

MELLO, Thiago de. *Faz escuro mas eu canto*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de S. *O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde*. São Paulo - Rio de Janeiro: HUCITEC- ABRASCO, 1999.

NOGUEIRA, Oracy. *Pesquisa Social*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.

NOVAES, Maria Helena. *Psicologia da Terceira Idade: conquistas possíveis e rupturas necessárias*. Rio de Janeiro: NAU, 2000.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: Velho, velhote, idoso, terceira idade... . In BARROS, Myriam M. L. de. *Velhice*



Ou Terceira Idade? Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

QUEDA, C. M. Da L. M. Núcleo Local UNESP-UNATI- Campus de Bauru. In:

III Seminário UNESP-UNATI: a UNESP desvelando as questões do envelhecimento. Rio Claro. 2001. *Anais.* P.41.

QUEIROZ, Maria Isaura P. de . Relatos Oraís: do “indizível” Ao “dizível”. In VON SIMSON, Olga de M. (org.). *Experimentos com Histórias de Vida: (Itália – Brasil).* São Paulo: Vértice, 1988.

REVERBEL, Olga. *Um Caminho do Teatro na Escola.* São Paulo: Scipione, 1989.

SIMÕES, Júlio Assis. “A maior categoria do país”: o aposentado como ator político. In BARROS, Myriam M. L. de. (org.) *Velhice ou terceira idade?* Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

SLADE, Peter. *O Jogo Dramático Infantil.* Trad. de Tatiana Belinky. São Paulo: Summus, 1978.

SPOLIN, Viola. *Improvisação para o Teatro.* São Paulo: Perspectiva, 1992.

STANO, Rita de Cássia M. T. *Identidade do Professor no envelhecimento.* São Paulo: Cortez, 2001.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da Pesquisa- Ação.* São Paulo, Cortez, 1986.



ANEXOS**ANEXO A – Turmas das Oficinas de Teatro da UNATI – UNESP de 1999 a 2002.****Ano de 1999**

Adalva Xavier
Adélia Polito
Alice Geronymo
Alzira Vieira
Benedita Pinheiro
Célia Vidon
Dirce Nicolau
Diva Miller
Elza Guerra
Iraci P. M. de Mello
Linda Haber
Lourdes Padovani
Lydia Vilela
Lygia Morales
Maria de Lourdes C. Lima
Marlene Cunha B.
Nair Topan
Natalina A. Chaves
Odette C. Cordeiro
Olinda M. dos Santos
Ruth M. Bacelar
Urânia P. Trevizo
Vera Palma
Virgília P. de Souza
Total: 24 alunos

ANO 2000

Adalva Xavier
Alice Geronymo
Alzira Vieira
Célia Vidon
Celso C. Motta
Dirce Nicolau
Diva Miller
Elza Guerra
Iraci Mello
Linda Haber
Lourdes Padovani
Lidia Vilela
Lygia Morales
Maria de Lourdes C. Lima
Maria Regina S. Cordeiro
Marlene Cunha B.
Miguel Silva
Nair Topan
Natalina Chaves
Odette C. Cordeiro
Olinda M. Dos Santos
Onézia Bocchio
Ruth Bacelar
Urânia Trevizo
Valdinéris Haber
Venício Onofri
Virgília P. Santos
Total: 27 alunos

ANO de 2001

Alice Geronymo
Alzira Vieira



Diva Miller
Elza Guerra
Iraci Mello
Linda Haber
Lourdes Padovani
Lydia Vilela
Maria de Lourdes C. Lima
Maria Regina Cordeiro
Marlene Cunha B.
Miguel Silva
Nair Topan
Odette Cordeiro
Olinda M. dos Santos
Ruth Bacelar
Urânia Trevizo
Valdinéris Haber
Venício Onofri
Virgília P. de Souza
Total: 20 alunos

Ano de 2002

Alice Geronymo
Alzira Vieira
Diva Miller
Elza Guerra
Edith
Iraci Mello
Lidia Vilela
Maria de Lourdes C. Lima
Maria Regina S. Cordeiro
Marlene Cunha B.
Nair Topan



Olinda M. dos Santos

Ruth Bacellar

Urânia Trevizo

Valdinéris Haber

Virgília P. de Souza

Total: 16 alunas

Alunas que participaram das oficinas de teatro da UNATI de 1999 a 2002:

Alice Geronymo

Alzira Mendonça

Diva Miller

Elza Guerra

Iraci Mello

Linda Haber

Lidia Vilela

Maria de Lourdes C. Lima

Marlene Cunha B.

Nair Topan

Olinda M. dos Santos

Urânia Trevizo

Virgília P. de Souza

Total: 13 alunas



**ANEXO B - Entrevista de uma aluna da Universidade Aberta da Terceira Idade –
Textos de Diva Miller e Alice Gerônimo.**

(Este texto é resultado de uma oficina realizada em junho de 1999. Nesta oficina dialogamos a respeito das realizações de cada participante do grupo e foi pedido às alunas que elaborassem um texto sobre o tema.).

_ Bom dia! Posso começar a entrevista?

_ Pode.

_ A senhora se sente realizada?

_ Por quê você quer saber isso?

_ Nada não. A professora é que mandou lhe perguntar.

_ A professora tem interesse em saber se eu me sinto realizada? Para quê?

_ Para saber porque a senhora com essa idade está freqüentando uma Oficina de Teatro. Nessa idade poxa.

_ Quê que têm? Toda idade é boa para estudar, a gente não acaba nunca de saber de coisas. Então diga a professora que venha me procurar.

_ Pra quê?

_ Para eu perguntar se ela se sente realizada.

_ A senhora vai perguntar isso a ela?

_ Vou, porque se ela quer saber se eu me sinto realizada, eu também quero saber a mesma coisa dela. Indiscrição por indiscrição...

_ Gozado... se a senhora fizer isso não bota o meu nome no meio porque vai dar grilo. Vê lá heim!

_ Fique descansado. Não vou comprometer você.

_ E a senhora só vai responder a minha pergunta depois que falar com ela? E se ela não responder? Se demorar? Tenho que entregar esta entrevista até segunda-feira.

_ Bem, eu respondo agora mesmo.

_ Então responde, vamos lá.

_ Primeiro eu quero saber o que é se sentir realizado.

_ A senhora não sabe?

_ Para dizer o que eu sinto, quero saber antes se o que eu sinto é o mesmo que se deve sentir quando está realizada ou se julga estar. E para isso é preciso saber o que é estar realizada.

_ Poxa, não complica.

Estou complicando? Minha intenção era simplificar, esclarecer. O que é mesmo se sentir realizado?

_ Ora, se sentir realizado é... quer dizer... não sei explicar muito bem, mas a senhora entende né?

_ Mais ou menos. Quer dizer: menos.

_ E a senhora sabe responder agora?

_ Se o senhor não entende bem, eu é que vou entender?

_ Então como é que eu posso responder?

_ Ué, o senhor é o entrevistador, o que sabe das coisas.

_ E quando não sei?

_ Não sabe se está realizado?

_ Não sei nem o que é realizado.

_ Corta essa! Não vai me dizer que não tem dicionário em casa.

_ Tenho alguns, mas em vez de me tirarem as dúvidas me acrescentam outras.

_ Desculpa, mas o senhor é enrolado heim? Será que não achou o significado de realizado?

_ Vamos simplificar fora do dicionário que complica. 'Indivíduo realizado dito por uma pessoa de si própria, quando considera ter alcançado todos os seus objetivos no terreno _ ético ou no de suas atividades profissionais ou artísticas'.

_ Tenho objetivos éticos definidos? Quais são? São meus ou são impostos ou sugeridos pela educação e pela conveniência social? E em minhas atividades práticas ou criativas? Que é que eu pretendo? Será que estou falando certo? Parece que estou cada vez Mais confusa. Será que vocês não podem me ajudar? Alguém poderia me tirar dessa situação?

Diva C. Miller

Dá licença... não sei se posso lhe ajudar; mas vou tentar, expondo minhas idéias, quanto à tal “realização”. Acho que a “realização”, como você disse, implica em conseguir nossos objetivos de vida. Realmente temos objetivos éticos, profissionais ou artísticos.

Porém, esses não são determinados para a vida toda. Eles mudam no decorrer de nossas vidas conforme nossa idade e nossas aspirações. Uma criança considera-se realizada quando tem uma família aconchegante e carinhosa, quando pode brincar à vontade e quando vai bem nos estudos. Quando chegamos à adolescência, já se acrescenta mais alguma coisa aos nossos objetivos: passear, viajar, conquistar um namorado e ser bem aceita pelos amigos. Se passarmos no vestibular para a profissão que escolhemos é uma realização, pois os efeitos dela irão acompanhar-nos por muitos anos!

E o casamento? Ah! Ninguém deixa de pensar nele! Quando chegamos ao altar com a pessoa que escolhemos, sentimo-nos realizados e prontos para enfrentar uma vida a dois, sempre com o objetivo de ser cada vez mais feliz. Aí, surgem novos objetivos: ter filhos, conciliar a vida familiar com a profissão que escolhemos etc... etc. Depois...se sentirmos realização de nossos filhos, isto é, vê-los bem, cada um conseguindo “sentir-se realizado”, sentimo-nos realizados também. Porém, não temos um limite de vida; nossos objetivos não acabam aí, porque a vida continua. Temos que viver, como se a vida começasse sempre.

Chegar a esta etapa da vida significa reconhecer que houve uma caminhada bastante intensa e com muitas mudanças, em nível interno e externo. Precisamos lembrar que a cada fase da vida, foram exigidas adaptações frente às novas situações, e que agora não é diferente. Não se chega nesta etapa de vida em vão. Ter maturidade e ser realizado é saber tomar decisões coerentes, é planejar novas escolhas ocupacionais ou de lazer. Enfim... lutar por conquistas sociais pois, a cada dia há uma nova conquista, da qual se sai mais forte e mais seguro de si.

Meu Deus! Pretendia ajudá-la, mas pus-me a explicar o que é “sentir-se realizado”, a dizer como a vida deve ser encarada mas... e daí? Será que ajudei em algo? Parece que depois de tudo isso, vocês terão que parar... pensar... concordar ou não com minhas idéias e depois chegar à conclusão de considerar-se ou não uma “pessoa realizada”. E tem outra... expus os meus objetivos, mas estes mudaram de pessoa para pessoa. O assunto é muito problemático; acho que não devia ter me metido nisso. Bem... se não consegui ajudá-la, respondendo o que é uma pessoa realizada, pelo menos consegui interromper aquela conversa confusa de vocês.

Alice Geronymo.



ANEXO C – Texto de Virgília Porto de Souza

Esta é uma história com H, porque é realmente verídica.

Um casal, ele carroceiro, ela doméstica e sem filhos. Resolveram adotar uma criança.

Em breve o lar se encheu de alegria, com o chorinho de um bebê.

O casal muito simples e analfabetos criou o bebê, com muito carinho e dava tudo que estava ao alcance deles, principalmente Amor.

Por ironia do destino, um belo dia, quando o menino completava 12 anos, a mãe biológica aparece, perturbando por várias vezes aquele casal simples, para levar a criança.

Um dia a mãe biológica aparece novamente e disse ao menino, se você voltar para morar comigo vou lhe dar uma bicicleta, vai ter o seu próprio quarto e até vou levar você para assistir o jogo de campeonato do seu time.

Não houve dúvida, pois tantas promessas mirabolantes, o menino decidiu ir com a mãe.

Os pais adotivos então recorreram ao juiz, pois não era justo depois de tê-lo criado, ser levado assim por uma mulher sem escrúpulo que não pensou antes de dar a criança que não tinha como reagir ao ser levado por pais adotivos.

Perante ao juiz estava a mãe biológica, os pais adotivos e a criança. Um triste chama de fazer chorar aos demais que assistia a grande selvageria.

Então o juiz perguntou ao menino. Pense bem no que vou lhe perguntar _ Com quem gostaria de ficar? – O menino de olhos arregalados, olhou para os pais adotivos, fixou os olhos na mãe biológica, baixou a cabeça, demorou a responder.

Os pais adotivos estavam inertes, como grudado na cadeira, olhou firme no menino esperando uma resposta que gostaria de nunca ter ouvido, mas a resposta veio do próprio menino. _ Quero ficar com minha mãe verdadeira.

Inacreditável, os velhos se abraçaram, caíram num terrível pranto, onde juiz, funcionários e platéia choram a dor do casal que humildemente beijou a criança e saiu.

Esta história aconteceu no Fórum de Marília.

Obs: Porque hoje está tão difícil de se adotar uma criança? Os problemas são vários, crianças que voltam para as mães verdadeiras, crianças revoltadas em não aceitar em ter pais adotivos, são problemáticas.

Em casa chegam até a matar pais adotivos por não aceitar a situação.

Gostaria de fazer um alerta as autoridades competentes em doação, que quando uma criança fosse adotada, que ficasse claro para quem elas realmente pertencem. Pais são os que criam, não os que geram.



ANEXO D – Poema: “Sopa de Letras” – Lygia Peregrino Morales**Sopa de Letras**

Pediú-nos a professora.

Que escrevêsemos uma história.

“Pessoal?” Pergunta alguém.

“Pode ser. Ou ilusória.

E lá ficamos nós todas

A pensar e a pensar.

Umas disseram: “Não sei...”

Outras, porém: “Vou tentar...”

E cada qual, com certeza,

Começou a verrumar

Idéias e pensamentos

Pra lição realizar.

Vejam bem, duas semanas

O prazo que nos foi dado

Disse a mestra: “É pra dar tempo”

Do texto ser “bem bolado”.

Eis então que hoje cedo

A aula foi só de lembranças

As quais foram despertadas

Por chazinhos e comilanças.

E vendo e ouvindo as colegas,

O meu chá saboreando,

Lembrei de coisas tão boas...

Fiquei sonhando... sonhando...

Veio-me então à “cachola”

Um projeto se formando
De compor o tal do texto
Com o que estava observando.

E aqui está a lição
Que a Ana Paula nos pediu.
Também é um alimento
Esta história que surgiu.

O nome é “Sopa de Letras”
Já vou dar a explicação:
Cada letra é uma de nós.
E a sopa? Vocês verão.

Alice, Adélia e Alzira
São três As, logo se vê.
Benedita uma só letra,
Então apenas um B.

De uma só letra, mais oito:
J, E, O, U, S, N, R, I
Jovina, Elza, Olinda, Urânia,
Soledade, Natalina, a Ruth e a Iraci.

De pares temos só dois:
V e V e M e M
São a Vera e a Virgília
Maria de Lourdes e Marlene.

Agora vem mais um trio
Três Ds e são uns amores:
A Diva, também a Dirce
E a nova amiga Dolores.

Afinal vem o quarteto
Quatro Ls, coisa linda!
Lygia, Lourdes e Luiza
E a nossa querida Linda.

Mas não vamos esquecer
Ana Paula, nossa mestra
Participa com A e P. E mais o L
Da Lourdinha e está pronta a “minestra”

Como eu disse, sobre a sopa,
É um prato confortador,
Feita com todo o desvelo,
Alimenta e dá calor.

E esta nossa “Sopa de Letras”
Preparada todo o dia
Nos proporciona amizade
Companheirismo e alegria.

O caldo é o amor que nos liga
E o tempero é acrescentado
Pelo carinho da mestra
Com tanto zelo e cuidado

Às vezes, até pimenta
Ardidinha das piadas,
Um nadinha de malícia
E sempre boas risadas...

Eis aí, minhas amigas,
A sopa que preparamos,
E tenho toda a certeza
Que com ela sustentamos



Nosso ânimo para a luta
Nosso humor para enfrentar
Algum dissabor fortuito
Algum “grilo” ou mal-estar.

Pra terminar, uma prece:
“Não deixe, Nosso Senhor,
Que nos falte o alimento
Da fé, da força e do Amor.”

(Composto às 23:00 do dia 21 de junho de 1999)



ANEXO E – Texto: “Amor” – Iraci Pereira Mesquita de Mello

Amor

♂ _ Amor

♀ _ Amor! Ah, o amor!

♂ _ Existe mesmo? O amor é possível? Quanto dura?

♀ _ No início que emoção! Lindo!

♂ _ Alegria! Sorrisos! Luzes! Cores! Movimento! Festa!

♂ _ E sorrisos! Olhares! Paquera! Encontro!

♀ _ Namoro! Ah! Namoro.

♂ _ Você é linda! Seus olhos! _ Oh! Quanta meiguice!

♀ _ Como é bom estar com você . Ouvi-lo, Vê-lo, Senti-lo é só que desejo!

♂ _ Vem! Caminhemos! Vamos construir um ninho só para nós dois! Macio! Quentinho!

Claro! Pequeno mas forte!

♀ _ Perfumado! Colorido! O bastante para nós e nossos filhotes!

♂ _ Assim como um cesto! Uma ninhada feliz!

♀ _ Oh! Que alegria! Que belos rebentos! Como crescem! Em número e em peraltice!

♂ _ Crescem depressa! Comem bem! Consomem também!

♀ _ E já estão crescidos! Encheram o ninho. Brinquedos, roupas trecos, livros. Quanta coisa eles arrumam! A casa ficou pequena!

♂ _ É preciso uma casa maior. Mais espaço no quintal, e uma garagem. Não dá para sair a ou de ônibus.

♀ _ Também é preciso levá-los à aula de inglês, ao balé, a natação. E nós também precisamos ganhar tempo.

♂ _ Ainda mais agora, que dobramos o horário de trabalho. Dupla jornada e mais a faculdade à noite!

♀ _ Tem também as reuniões da Igreja, os cursinhos, vez ou outra uma visita. Um aniversário. Um baile!

♂ _ É... com a empregada dormindo em casa é preciso construir mais um quarto!

♀ _ Filho criado, trabalho dobrado! Em dobro também o barulho, o entra e sai. Um reboiço na casa! Com eles vem os amigos! E mais barulho! Mais música, mais agito!

♂ _ Mais trabalho! Rápido, é preciso ganhar mais. Mais dinheiro para uma coisa maior.

♀_ E outro carro! Afinal já são moços! Estão entrando e saindo a toda hora.

♂_ Vende as bicicletas! Ninguém as usa mais!

♀_ Acho que precisamos de uma faxineira. Só a empregada não vence tanto serviço! Como trocam de roupa! Quantos banhos! Quanta coisa esparramada pela casa!

♂_ Quantos amigos eles tem! Moçada bonita! Será que são gente boa? Quem serão os pais? Serão estudiosos e responsáveis? Quanta preocupação! Quantos compromissos nós temos que ter para cuidar deles?

♀_ Você viu o meu cabelo? Está bonito?

♂_ Heim? O Quê? Você tem?

♀_ Você gostou do meu vestido novo? Ficou barato.

♂_ Aã? Você usa? Quê? Dinheiro? Para quem? Qual deles precisa?

♀_ Todos! Precisamos pagar as contas!

♂_ E quando é que alguém além de nós dois vai trabalhar e ganhar um pouco de dinheiro?

♀_ Estou pensando...

♂_ Não pense! Faça! Transforme! Mude! Progrida!

♀_ É... Passar de classe C para no mínimo B! É inspiração legítima!

♂_ É desejo de todo o cidadão consciente!

♀_ Politizado, engajado.

♂_ Religioso, trabalhador, honrado!

♀_ Mas e a cozinha, pequena, limpinha cheia de flores?

♂_ Vida feliz! Ah! Sim! Crianças saudáveis e felizes!

♀_ Bem vestidos, bem alimentados, inteligentes.

♂_ Espertos, estudiosos, esforçados, cultos, prósperos!

♀_ Sim... Vou trabalhar mais! Eles precisam!

♀_ É vou arrumar mais algumas aulas! Dobrar o período!

♂_ E agora nesta casa grande!

♀_ Um castelo se comparado ao ninho inicial! Mais espaço dentro e fora!

♂_ Vizinhos novos! Gente exigente!

♀_ Amigos de escola particular são um pouco diferentes! A escola particular também é diferente!

♂_ Diferente e cara!

♀_ Mas vale a pena! Passa logo! Não demora já estão formados! Cuidando da vida

♂_ Cada qual para um canto!

♀_ Cada canto com contas a pagar são agora 5 casas.

♀_ Demoram para pegar o rumo!

♂_ Bem que eu poderia estar mais folgado!

♀_ É aposentado bem que daria por uma viagem ou sei lá o que!

♂_ Me divertir um pouco!

♀_ Ano que vem quem sabe!



ANEXO F – Texto: “Reminiscências” - Maria de Lourdes Castro Lima**Reminiscências**

Talvez seja um tanto quanto inusitado o que vou lhes contar. Mas, antes de falar de minhas tendências ou de minhas inclinações quando jovem, surgiu-me o desejo de narrar o seguinte episódio: o do meu nascimento.

Vocês também não se lembram do dia que nasceram? Pois eu lhes garanto que me recordo muito bem do meu. Cheguei em uma noite de verão, no final do mês mais curto do ano. Sou, portanto, uma pisciana, com todas as características típicas de quem nasce com esse signo. O de peixes. (não é a toa que gosto tanto de água!)

Meus pais estavam na Fazenda Barra Grande, dos meus avós maternos, em Lençóis Paulista, naturalmente esperando a minha chegada.

Tal como me contaram, eu nasci de parto natural e minha mãe de cócoras ou melhor sentada e escorregando em um banquinho de madeira.

Aos primeiros sinais, de que eu viria ao mundo, meu pai (que saudades!) foi logo buscar a parteira, a Dona Zefa que chegou com seu inseparável pito, fumando e balançando as saias.

Tudo ocorreu bem, sem anestesia, sem fórceps, sem cesariana, etc, etc.

Minha avó Tonica, trouxe logo uma bacia de alumínio com água quente, álcool, algodão e muitos lençóis brancos.

Em pouco tempo cheguei ao mundo berrando como todos os bebês. Meu pai quando me viu, tomou-me nos braços e foi mostrar para todos dizendo que a Estelita (nome de minha mãe) havia tido uma “coruja”. Imagine só! Uma coruja! Deveria mesmo só ter olhos, muito arregalados e curiosos, ávidos para ver o mundo e as pessoas ao seu redor.

Lembro-me da casa de meus avós, grande e de madeira, onde havia logo na entrada dois quartos que davam para uma pequena sala. Logo em seguida, uma pequena escada dava para uma grande sala de jantar. Do lado esquerdo outros quartos e ao lado direito outro degraus que davam para uma cozinha imensa com suas paredes cheias de fuligem e um enorme fogão de lenha, onde sempre fumegava um caldeirão de ferro com água fervente. Tudo isso faz parte das minhas lembranças quando era pequena. Esta casa, que não era nenhuma mansão, pelo contrário, simples e muito limpa!



Lembro-me até do assoalho de tábuas largas e quase brancas de tanto serem lavadas.

Perto desta casa, ficava o engenho de moer cana, onde se fabricava além do açúcar mascavo, uma pinga muito boa, que era formosa na região. E o pomar imenso e o moinho de moer milho de onde saía um fubá cheiroso e amarelinho?! Que mais posso lhes contar das minhas reminiscências?

Quando eu já era maior meus avós construíram outra casa de alvenaria grande também e que ficava no alto de uma pequena elevação.

Estou fugindo do assunto, não é? Falando agora minhas preferências ou as minhas tendências, talvez poderia até empregar o termo vocação...

Desde o tempo do grupo escolar sempre gostei de participar de festas, teatro e outras atividades de dramatização. E os cirquinhos que as crianças arrumavam no fundo dos quintais, onde se pagava palitos de fósforo como entrada?

Em todas as etapas de minha vida escolar sempre gostei de representar, declamar e até cantar. Pois não é que até participei de programas de rádio, em Agudos, onde me formei? Isto aconteceu na época da 2ª Guerra em 1943 ou 1944, mais ou menos.

E como professora primária a gente também não é um pouco artista??

Certa vez um aluno até me perguntou se eu havia trabalhado na televisão. Imagine! Se eu fosse contar todas ou quase todas as minhas reminiscências de minha vida e de minhas preferências não caberia em poucas páginas. Com certeza precisava de um livro!

É isso aí, querida Ana Paula!...

Lourdinha

Oficina de Teatro Maio de 2001



ANEXO G – Texto: “Vive Dentro” - Iraci Pereira Mesquita de Mello

Vive Dentro

Texto baseado no poema “todas as vidas” – Cora Coralina.

Este texto foi trabalhado e dramatizado pelo grupo.

Vive dentro de mim uma menina.

Vive dentro de mim um menino.

Vive dentro de mim um (a) adolescente.

Vive dentro de mim um (a) jovem.

Vive dentro de mim um (a) adulto (a).

Vive dentro de mim um (a) velho (a).

Quanta gente dentro de mim.

Que bom não sou (estou) só!

Quem são estas pessoas que estão (são) dentro de mim?

Dentro de mim vive..., ainda a Cizinha. Aquela garota gordinha, lente, introspectiva, medrosa. Menina simples como seus pais, parentes e vizinhos.

Como eram simples todos eles!

Toda aquela gente que vivia do e no Sítio Água do Norte era simples.

Água do Norte! Não sei se Água do Norte por causa do riacho que ladeava o sítio e que nascia ao norte ou pelo fato de os donos dele terem vindo do norte do país, nordeste mais precisamente. Todos os baianos que por ali viviam se referiam aos seus lugares de origem como “norte” - Lá no norte era assim..., Quando viemos do norte.... etc. Era uma gente humilde, pobres na maioria, com a cultura própria e peculiar de poucos imigrantes italianos, espanhóis ou japoneses, que também, ali, dividiam o espaço do afortunado chão paulista na busca de sobrevivência.

O pai da Cizinha, bem como sua mãe e demais parentes vieram da Bahia, andando a maior parte do trajeto a pé, ou quando muito em lombo de burros.

Sol escarlate, muita poeira e pouquíssima água. Chuva? Nenhuma! Comida? A conquistada pelos caminhos, dia a dia.

Peles morenas, tostadas pelo sol. Pés feridos e maltratados, mãos rudes e calejadas, cabelos queimados, dentição incompleta, dentes podres. Corpos descuidados,

doloridos, que ocultavam não raro, outros corpos belos. Corações, na maioria das vezes bondosos. Gente feia e boa, gente bonita e má. Gente, apenas gente.

A Cizinha, como outras meninas, tinha e ainda tem, marcas no corpo, no olhar, no sorriso, na alma. Sobre o corpo, a pele queimada pelo sol, encardida dos banhos mal tomados. Nas pernas e pés as cicatrizes dos ferimentos por pedra, estrepes e espinhos, picadas de insetos..., cicatrizes que perduram muito tempo, algumas para a vida toda.

No olhar, o embaçamento das cicatrizes internas, dos choros escondidos, dos desejos reprimidos, dos sonhos e esperanças não ousados.

No sorriso a matreirice da criança. Misto de criança e adulto que sabe do potencial de aprender, com experiências às vezes perigosas, em contacto com bichos do mato, cachorros loucos, águas fundas de açudes e doenças da infância, simples, mas traiçoeiras. Marcas sobre tudo na alma. Marcas e lembrança, indeléveis, inapagáveis, ainda que camufladas. Marcas boas e más, feias e bonitas.

Lembranças de canecas de leite tomadas de manhãzinha no curral, saidinhas da teta da vaca, das mangas madurinhas, pintadinhas, chupadas no galho mais alto da mangueira.

Do bando de crianças correndo pela casa, pelo quintal e pomar, e na cozinha à espera do prato feito pela mãe.

Lembranças!... Das peraltices dos irmãos e primos que embraveciam a matriarca ao limite extremo. Das surras bem dadas, merecidas ou não. Dos passeios fortuitos e solitários pelo cafezal em flor.

Que perfume bom exaltado pelas florzinhas brancas que logo se transformariam em frutinhas vermelhas e doces como mel! Fruto proibido! – Imagine se aquele bando de crianças sedentas de delícias caísse em cima de tão precioso, quanto tentador petisco.

Muitas sacas de café e coco seriam diminuídas.

Lembranças dos cheiros! Cheiro de flores que seriam frutos logo mais. Cheiro das flores de laranjeiras, das mangueiras, das goiabeiras, do jambeiro e do coqueiro plantado à beira das casa, para lembrar os coqueiros do Norte. Cheiro da terra molhada, cheiro de curral e de galinheiro. Cheiro do leite derramado e queimado na chapa do fogão de lenha. Cheiro de carne de porco frita, que saía da latinha de merenda no recreio da escolinha da Fazenda Três Unidos. Cheiro das flores do umbuzeiro nos galhos do qual, a meninada se apinhava para comer a merenda. Cheiro do lado e da água rasa do córrego, que dividia o sítio, da Fazenda Cachoerinha, onde os moleques se banhavam na volta da escola. Cheiro de Brilhantina e outros óleos para cabelos, que acompanhavam as moças nos passeios de domingo a tarde.

Cheiro dos biscoitos roubados na dispensa e escondidos debaixo das cobertas, para serem devorados quando as lamparinas se apaguem.

Cheiros! Ah, quantos cheiros! Cheiros de infância e de saudade! Cheiros de saudade da infância!

Iraci Pereira Mesquita de Melo

UNATI



ANEXO H – Texto: “Reminiscências” - Lydia Pierini Vilela

Marília, 04 de maio de 2001.

Meu nome! – Lydia Pierini Vilela

Nasci em São Paulo (capital) no dia 22-08, bem perto da Avenida Paulista, hoje o maior centro empresarial de São Paulo, mas que no meu tempo de criança vivia cheio de mansões dos Senhores do Café; lá eram realizados os famosos Corsas do Carnaval com quilos e quilos de serpentinas e confetes; as crianças brincavam com lança-perfume sem ao menos imaginarem que ela se tornaria um produto proibitivo no futuro.

Fiz até o quarto ano de piano, estudei e me formei no Curso Secretarial tendo aprovação do Ministério da Educação para lecionar até o quarto ano primário, mas optei por exercer o cargo de secretária num escritório de advocacia no prédio Mappin em frente ao Teatro Municipal na Praça Ramos de Azevedo; lá se vão 50 e tantos anos! Adquiri muita experiência pois trabalhei com o Consultor Jurídico do Banco do Brasil e de mais vinte Sindicatos.

Fiz também o Curso de Inglês na União Cultural Brasil Estados Unidos: adorava ir ao cinema sem precisar ler as legendas pois até a gíria usada pelos atores eu entendia. Hoje? Esqueci tudo...

Numa férias fomos a Poços, lá conheci aquele que viria a ser meu marido; casei após um ano e meio e viemos morar na Fazenda São Vicente em Pompéia. Tempos felizes! Daria um belo romance! Meu filhos (três) nasceram dois em São Paulo e o caçula prematuro em Marília (não deu tempo de viajar). Agora começou o meu sofrimento pois dez dias após o nascimento do caçula, meu marido indo para a Fazenda (já estávamos morando em Marília há um ano), foi colhido pelo trem da Fepasa na travessia de Padre Nóbrega e morreu no local dentro do Jeep.

Foi muito triste para mim e as crianças; ficamos sozinhos. A muito custo assumi a administração das fazendas (duas) durante 27 anos, trabalhei muito, me esforcei ao máximo para criar meus filhos e dividir o trabalho e a educação deles. Hoje são homens íntegros, honrados e responsáveis, lutando e continuando o trabalho que o pai deixou. Tenho orgulho da minha família: três filhos casados: Antonio Luiz, Cláudio e Mario Guilherme; dez netos, dois bisnetos: Camila e Heitor.

Gosto do que faço! A UNATI veio preencher o vazio que aparece ao encerrarmos nossa atividade. Adquiri mais amizade e adoro as aulas de Teatro. Se pudesse voltar na vida, faria tudo de novo pois me sinto muito feliz com bastante saúde, energia e de bom humor com a vida.

Hoje não tenho mais fazendas, nem sitio, nem casa com jardim e quintal. Em compensação tenho na janela do quarto andar, jardineiras com gerânios vermelhos, mesclados, rosas que enchem a alma de alegria com suas maravilhosas cores e flores que me levam agradecer a Deus por ter me dado ver tanta beleza!



ANEXO I – Texto: “Reminiscências” - Elza Ricci Guerra**Lembranças de uma Tia...**

Vou começar citando dois ditados populares: “Quem não tem cão, caça com gato” e “A quem deus não dá filhos, o Diabo dá sobrinhos”.

Eu morei na Fazenda Paredão em Oriente, de 1941 a 1982. Nunca tive filhos. Mas tenho 30 sobrinhos.

Por isso posso só contar “casos” em que figurem sobrinhos.

Pois é. Para ir da Fazenda para Oriente a gente tinha que atravessar um bosque. O proprietário da fazenda, Dr. Pedro Wirth, gostava de reflorestar. Ecologia....

Uma tarde, eu atravessava o bosque na companhia de 2 sobrinhos: a Sílvia, com 5 anos e o Ricardo, com 3.

No meio da trilha encontramos uma cabra a cata de folhinhas verdes. Esse bicho come tudo!

O Ricardo apanhou umas pedrinhas, para atirar na cabra. Eu não deixei é claro!

_ Não Ricardo, não faça isso! Você não vê que a cabra está gorda, esperando cabritinhos?

_ É tia! Disse a Sílvia. _ E por onde vão sair os cabritinhos?

Fiquei meio embaraçada, mas, sai-me com esta:

_ Pelo lugar onde ela faz xixi...

_ É, tia! E todos os bichos são assim? Nascem desse jeito?

_ Natural, Sílvia, disse Ricardo. Só gente que não!

É claro, nesta altura, eu me calei.

Elza Ricci Guerra

Oficina de Teatro da UNATI

Prof Ana Paula Cordeiro

18 de maio de 2001

ANEXO J – Texto: “Viver é”**Viver é:**

Acordar de manhã bem alegre, dando graças a Deus por mais um dia d vida.

Abrir a janela e admirar as flores, as plantas, os pássaros e cantar ao Senhor um hino de louvor e agradecimento.

Sair a passeio pelo bosque, dizendo “bom dia!” a todos os transeuntes, sorrindo.

Cuidar de uma criança com amor, brincando e ensinando a alegria de crescer sob todos os pontos de vista.

- Ter saudade

- Ter lembranças de todos os momentos de nossa vida.

Gostar de aprender sempre, seja o que for. Seja como preparar um prato na cozinha ou como arrumar as flores num vaso.

Viver é:

Alegrear-se com o bem-estar dos outros.

Cuidar de um jardim, arrancando os trevos e as ervas daninhas.

Pensar nas dificuldades dos que nos são queridos, procurando suprir no que for necessário...

Elza Ricci Guerra

22/06/2001

Viver é...

Desfrutar de todos os momentos a cada dia de sua vida usando a experiência de sua vivência para enfrenta os dias difíceis e saber apreciar as alegrias sempre com dignidade e sentindo a presença de Deus.

Nair Topam

Viver é...

...saber agradecer a Deus por este dom.

...saber admirar e agradecer tudo o que foi criado.

...saber se relacionar com as pessoas procurando sempre ajudar aqueles que precisam de nós.

...saber amar, sem distinção.

...saber estar sempre alegre, porque tristeza não nos leva a nada.

...saber procurar o que desconhecemos para poder servir.

Odette C. Cordeiro (22/06/2001)

Viver é...

Estar aberta a toda experiência.

A vida é um contínuo aprender, desde que nascemos até o último suspiro. Por isso, devemos aproveitar muito, tanto no conhecimento como nas alegrias que a vida pode nos dar, para que amanhã, ao olharmos para trás, não nos sintamos arrependidos por coisas que deixamos de fazer.

Viver é ter alegria mesmo que com coisas pequeninas.

Nem sempre a vida é só alegria, mas devemos também nos lembrar, que existem momentos de sofrimento, de saudade, mas que o tempo também cicatriza feridas.

Urânia Treviso.



ANEXO L - Texto: Fragmentos da Vida

Texto elaborado pelo grupo de teatro da UNATI no ano de 1999 a partir de poemas, relatos, idéias e lembranças das alunas do grupo. Este trabalho consistiu numa homenagem aos quarenta anos de existência da UNESP na cidade de Marília (1959 a 1999).

Início: Alunas do grupo declamam o poema de Bertolt Brecht, adaptado por elas.

PERGUNTAS DE UM TRABALHADOR QUE LÊ

(BERTOLT BRECHT)

IRACI _____

Quem construiu a Tebas das sete portas?

Nos livros os nomes dos reis.

Os reis arrastaram os blocos de pedras?

DIVA _____

E a babilônia, tantas vezes destruída?

TODAS _____

Quem ergueu outras tantas?

ALICE _____

Para onde foram os pedreiros na noite em

Que ficou pronta a muralha da china?



NATALINA _____ A grande Roma está cheia de arcos de triunfo.

TODAS _____ Quem os levantou?

Sobre que triunfaram os Césares?

VERA _____ O jovem Alexandre conquistou a Índia,
ele sozinho?

ALICE _____ Frederico II venceu a Guerra dos Sete Anos.

TODAS _____ Quem venceu, além dele?

IRACI _____ Uma vitória em cada página.

Quem cozinhava os banquetes da vitória?

Um herói a cada 10 anos.

URÂNIA _____ Quem pagava as suas contas?

Tantos relatos. Tantas perguntas.

LYDIA

Aprendemos nos livros a história dos

E

vencedores. Os livros deveriam contar também

ODETE

a história dos construtores.

VIRGÍLIA:

Olhem só! Quem diria! Após 40 anos ainda me encontro nesta casa. Tantas alegrias, tristezas e decepções, mas quem não as tem? Quantas lembranças desde 1959!

A Aula inaugural, a revolução de 64. O primeiro trote, os grandes simpósios...

Os alunos que passaram pela antiga FAFI, e os que continuam passando pela UNESP... Alunos que se tornaram grandes profissionais! Alunos que foram embora e eu nunca mais soube deles.

Tantas vidas que se cruzam!

Tantos sonhos, tanta gente!

Tantos relatos, tantas perguntas!

ALZIRA:

Tanta gente, tantas vidas e o mundo se transforma. Mãos tecendo as redes da trama social. Mãos anônimas e o anônimo é sempre esquecido. Os rostos das ruas nos mostram as diferenças.



LIDIA

- O Sucesso e o fracasso.
- A alegria e a tristeza. A esperança e a descrença.

ALZIRA

A ansiedade dos estudantes cheios de sonhos e ideais.

Os meninos das ruas nos quais ainda se vislumbra a pureza da infância, apesar da adversidade que a vida lhes imprimiu.

A moça sem sonhos que se torna feia.

São as diferenças fazendo a vida que pulsa em cada ser humano.

OLINDA:

Você falou em moça sem sonhos e eu me lembrei de uma mocinha que eu vi, certa vez, no ponto do ônibus. Para onde será que ela foi?

LYGIA

Eu conheço esta moça!

(Lygia se aproxima para o meio do palco.)

Feia. Mal vestida e magra.

Mal calçada.

Mal pintada.

Mal penteada.

Blusa desbotada.

Saia consertada.

Bolsa velha.

Óculos grossos e antiquados.

Braço sem relógio;
Troquinho pronto na mão.
Fome visível na cara.

Namorado?... Pretensão!
Emprego?... Presunção!

Presunçosa!... Convencida!...
Não! Vítima da vida.

(A Moça- Poema de Esmeralda peregrino de Moura)

LOURDES:

E é disso que a vida é feita: de muitas vida que, sem querer, se cruzam. São as diferenças e as igualdades.

VERA

De gente buscando amor. De gente que se importa. De gente que não se importa.

LOURDINHA:

Ouvindo falar em meninos das ruas, eu vejo agora, como via sempre, aqueles meninos soltos pela ladeira na tarde quente. Olhem eles aí!

POEMA: "OS MENINOS DA RUA DA DESCIDA"

Lá vêm os meninos da Rua da Descida
num ziriguidum danado mexendo
seus corpos desnutridos ao som das latas
abandonadas no lixão do terreno grande.
Eles vêm contentinhos e descalços
escorregando ladeira abaixo.

Lá vêm os meninos da Rua da Descida
Doces, rudes, cheios, vazios.
Às vezes um caco de vidro
fura seus pés sem sapatos
Mas esse é um mal pequeno,
se comparado a outros tantos.

Os meninos da Rua da Descida
não tem sobrenome, sobremesa,
nem batismo com fotografia.

Lá vêm os meninos em grana,
Sem café, sem geladeira, sem tênis,
Sem pai, sem lágrimas.
Às vezes um deles morre
de fome, de frio, de medo,
de dor de barriga e de bala certa.

Mas outros meninos surgem das
sarjetas, dos esgotos, dos barracos,
dos estupros, das camas, das bebedeiras,
dos abortos que falharam.

Lá vêm os meninos da Rua da Descida.

Da descida da rua,
da descida da vida.

Lá vêm eles escorregando
ladeira abaixo com cacos
de vidro nos pés, graxa nas mãos,
cola no nariz e remendos no coração.

(Ana Paula Cordeiro)

MARLENE:

E para onde foram aqueles moços e moças, enchendo de vida e de alegres risadas os corredores da FAFI que nascia? Às vezes tímidos, tantas vezes entusiasmados, maravilhados pela conquista do vestibular!

DIVA:

E os professores, e os funcionários? E a vida toda que fluiu e refluíu nos anos 60, 70, 80, 90? Onde estão todos eles?

DIRCE:

Estão construindo, batalhando, vencendo.

Uns já partiram.

De muitos, não sabemos.

Mas todos, todos, em algum momento, sonharam.

ELZA:

E depois de quarenta anos de lutas, passagens, decepções, alegrias, ganhos e perdas, nós nos perguntamos:

TODAS:

Valeu a Pena?

ELZA:

Tantos relatos, tantas perguntas.

E respondemos como o poeta:



TODAS:

Tudo vale a pena

Se a alma não é pequena.

TUDO VALE A PENA

SE A ALMA NÃO É PEQUENA.



ANEXO M - Peça: Os Italianos**PROJETO “RAÍZES” - OS PIONEIROS DE MARÍLIA****OS ITALIANOS****(Peça teatral elaborada pelo grupo de teatro da UNATI)****PERSONAGENS**

Alice	Vizinha III
Alzira	Giusepe (padrinho do bebê)
Celso	Giovane (pai)
Dirce	Tia Filomena (irmã da Ângela)
Diva	Carmela (irmã da Rita)
Giovana	Nina (filha)
Lydia	Ângela (mãe)
Maiara	Rosa (filha)
Maria de Lourdes	Rita (madrinha do bebê)
Marlene	Tia Assunta
Miguel	Nono Atilio (pai de Ângela)
Nair	Prima II
Odette	Vizinha I
Olinda	Prima I
Onézia	Nona Marieta (mãe de Ângela)
Ruth	Prima III

Urânia	Dona Angelina (mãe de Rita)
Venício	Padre Victor
Virgília	Antônio (filho)
Marcelinho é o Bebê	

I – NÚCLEOS DAS PERSONAGENS:

A Família – Giovani (pai), Angela (mãe), filhos do casal: Rosa – 10 anos, Antônio – 8/9 anos, Nina – 6/7 anos, Marcelinho (bebê) – Atílio e Marieta (nonos – pais de Ângela) e Tia Filomena (irmã de Ângela).

Os Vizinhos – (moram na casa do lado) – Giusepe (padrinho do bebê), Rita (madrinha do bebê), Nona Angelina (mãe de Rita) e Carmela (irmã de Rita).

As Vizinhas – (moram na mesma rua) – Vizinha I, Vizinha II e Vizinha III.

Parentes do Sítio – Tia Assunta e Prima I, Prima II, Prima III e Prima IV.

Padre Victor – Virá para a festa do batizado.

Vilma – A tocadora de Bandolim

Jorge – O sanfoneiro

Narradora – É a Rosa, uma senhora de 70/75 anos.

II – O AMBIENTE

A história irá acontecer na casa de Giovani e Ângela. Moram com eles os nonos Atílio e Marieta e Tia Filomena, irmã de Ângela.

Cenário: O palco estará arrumado mostrando um único cômodo grande. Haverá uma mesa maior para as refeições e para fazer a massa de macarrão e uma mesa pequena que servirá de escrivaninha. Na mesa maior uma toalha de enfeite, bordada e com bico de crochê ou renda. Sobre esta mesa uma fruteira ou saladeira. Na mesa menor uma moringa com um copo ou caneca e apetrechos de alfaiate (tesoura, fita métrica, uma caderneta e um lápis). Perto da mesa grande uma prateleira onde estão arrumados pratos, um canecão com talheres, algumas toalhas dobradas, e alguns objetos como bule, bibelôs antigos e caderneta de compras. Um pouco afastado da mesa maior, um berço. Algumas cadeiras simples e/ou banquinhos. Uma chapeleira. Um tripé com bacia e jarra. Uma cantoneira (ou banco bem alto) com um vaso de flores. Quadros de santos, retratos. Uma vassoura que estava encostada em um dos lados da prateleira. No mesmo lado, um prego com um pano branco (para limpar a mesa). O chapéu de Giovani deverá estar pendurado na chapeleira. Se for possível, um guarda-chuva estará na chapeleira, apenas para completar. A cantoneira estará colocada mais à frente, no canto onde ficará a Narradora e do lado oposto à Vilma, tocadora do bandolim e responsável pela sonoplastia. Haverá um jornal dobrado, colocado na parte de baixo da cantoneira ou sobre uma cadeira ou banquinho perto da cantoneira. Haverá uma cadeira de balanço, a qual ficará mais ou menos perto do berço. As cadeiras e/ou banquinhos estarão arrumadas: duas perto da mesa grande e duas ou três perto da mesa menor. A chapeleira deverá estar em um dos lados da porta de entrada e do outro, o tripé. Haverá uma toalha para enxugar as mãos, pendurada em um prego ou pequeno cabide, ou mesmo colocada no tripé, na alça da jarra ou sobre uma cadeira. No fundo do palco, no lado da mesa maior, uma porta ou cortina ou saída para a cozinha (cozinha hipotética). **OBS. *** A mesa menor deve ficar mais à frente.



III – O DESENVOLVIMENTO

Ao se abrirem as cortinas. Vilma estará sentada, com o bandolim nas mãos, em posição de tocar. Sua cadeira deve ser colocada em um dos cantos, à frente, no canto oposto onde estará a Narradora. Haverá um microfone para o bandolim.

A Narradora estará perto da cantoneira, como que arrumando as flores e em seguida pegará o jornal, desdobrará e olhando rapidamente a manchete da primeira página fará uma expressão entre surpresa e saudosa.

NARRADORA: *_ 4 de abril... Aniversário de nossa cidade. (voltando-se mais diretamente para a platéia) Marília está comemorando 71 anos. Esta cidade se formou sob a égide de diversas raças, de gente de todos os lados... O japonês, o espanhol, árabes, portugueses e também os nordestinos... (para um instante e continua) e os italianos. Todos ajudaram a construir esta cidade cheia de graça e beleza. Os pioneiros deram a Marília o suor de seu trabalho. A minha família faz parte desse contexto, desses grupos de pessoas de lugares tão diferentes. Todos nós participamos com trabalho e muito, muito amor... Eu sou a Rosa...*

A narradora pára por um instante, parece lembrar alguma coisa. Olha para o ambiente onde viveu com sua família, suspira saudosa e continua falando. O palco ainda vazio.

NARRADORA: *_ Lá se vão 65 anos. Eu tinha 10 anos quando chegamos aqui. “Questa” é minha família: mio papa Giovanni - giovani entra, dirige-se à sua mesa e ajeita os apetrechos que estão ali. Em seguida quando a Narradora disser: mia mama Ângela – esta já estará entrando com o bebe no colo e o colocará no berço. Neste momento solo de bandolim pianíssimo, que terá começado no momento em que a Narradora tiver acabado de dizer Ângela. O solo de bandolim continua (bem baixinho) enquanto a Narradora diz: os nonos Atílio e Marieta, e ambos entram, um pouco lentos, de braços dados. Ao chegar perto da cadeira de balanço Atílio solta o braço de Marieta e senta-se, acomoda-se e pega um livro que*

estava na cadeira e começa a folhear, ajeita os óculos e lê. Marieta dirige-se para o lado da prateleira e ajeita algum objeto. Continuando a narradora diz: **e a tia Filomena**, e esta entrará e dirige-se para perto de Marieta, murmura qualquer coisa para ela (apenas em mímica) e também ajeita algum objeto. O bandolim deve parar neste momento. A narradora continua: **meus irmãos Antônio, Nina e o piccolo Macelinho. Sim, eu sou a Rosa, a mais velha...** Há uma pequena pausa silenciosa e Giovani, levanta os olhos do objetos que arrumava, e, surpreso e preocupado dirige-se a Ângela: **Ângela, dove stanno i bambini?** Ângela que ainda estava ajeitando o berço, também entre preocupada e surpresa grita (ou exclama), dirigindo o chamamento para a porta por onde todos entraram: **Rosa, Antônio, Nina, vienne qua!** Imediatamente as três crianças entram, apressadas e logo se dirigem para o berço, fazendo festinha com o bebê. Rosa deve ficar na parte de trás, Antônio mais perto do pé do berço e Nina do lado da frente. Mas Nina não deve ficar de costas para o público e sim de lado. Nina se abaixa um pouco e depois, olhando para Ângela que está mais na cabeceira do berço, diz: **Olha a carinha dele, olha mama!** Marieta estará perto da prateleira e ao ver as crianças chegando terá dado alguns passos em direção a elas (mas não chegará muito perto) e dirá, meio em tom de chamar-lhes a atenção: **Stai zito! Il bambino dorme...** As crianças se aquietam mas continuam no mesmo lugar. Assim também Marieta, Filomena e nono. Giovani, depois de ter recolhido seus apetrechos, dirige-se à chapeleira, tira de lá o chapéu, coloca-o na cabeça e dirigindo-se a toda família diz: **Tchau! Devo lavorare...** sai em seguida, não apressadamente, enquanto todos respondem (inclusive as crianças): **Tchau...** Imediatamente, Marieta e Filomena saem pela porta que leva à cozinha. O nono continua na cadeira de balanço mas parou de ler, pode deixar o livro cair no chão e olhando na direção das crianças, fará um aceno para Rosa e dirá: **Rosa, senta-te aqui com o nono.** Diz isto apontando um banquinho que estará perto da cadeira de balanço. Rosa sairá de perto do berço e vem sentar-se no banquinho e conversará baixinho com ele (apenas em mímica, não serão pronunciadas palavras). As duas crianças menores deverão sentar-se no chão, mais ou menos entre o berço e a mesa grande e iniciarão um joguinho com saquinhos. Ângela ainda estará perto do berço, pode ajeitar as cobertas ou o cortinado (se houver).

NARRADORA: **_E era assim... Assim vivemos... Assim era a família. Todos participando, convivendo. E o trabalho... Papai chegando cansado. Cansado mas não triste. Tinha sempre nos lábios um bom sorriso e sempre vinha entoando alegres canções da sua Itália.**

Giovani vem entrando. Traz seus apetrechos e mais uma peça de roupa dobrada. Tem o casaco atirado aos ombros e o chapéu para trás. Vem cantarolando “O Sole Mio”. Pendura o chapéu na chapeleira. Coloca os objetos e a peça de roupa dobrada sobre a mesa menor. Dirigi-se para onde está a bacia, coloca a água, lava as mãos e as enxuga. Torna a pendurar a toalha. Dirige-se à mesa menor, senta-se e começa a arrematar a roupa.

Quando a Narradora começa a falar: **Mamãe nas lidas da casa.** Ângela vem para perto da mesa e retira a fruteira, colocando-a na prateleira. A Narradora continua falando: **As toalhas limpinhas. A vassoura...** Neste momento Ângela sai para a cozinha. A narradora continua: **O chão de tábuas sempre bem esfregadas. A grande panela de polenta que a mamãe mexia com a colher de pau. Que saudade me dá!...** Então Ângela volta, vindo da cozinha enxugando a testa no avental. Deve estar uma tanto “afogueada”, chega, pára perto da mesa dizendo: **A polenta já está pronta. Eco! Ma que caldo! Mama mia!** Pode abanar-se um pouco com as mãos e em seguida tira a toalha da mesa, a dobra e coloca na prateleira ou dentro da fruteira. Filomena volta da cozinha, vem enxugando as mãos no avental, caminha um pouco até ficar perto de Ângela, por trás da mesa. Neste momento Atílio se levanta da cadeira de balanço e dirige-se para o berço. Quando o nono se levantar da cadeira, Rosa (que estava no banquinho) se levanta depressa e senta-se na cadeira do nono, balançando-se brejeira. As crianças menores continuam brincando no chão. Atílio olha para dentro do berço, pode colocar a mão na cabeça do bebê (este gesto será apenas percebido mas não será visível, pois o berço tem as grades que estão encobrendo o bebê) e diz: **Ah! Picolino está desperto, eh?! Levanta a cabeça e olhando para o lado em que está a Filomena diz: Filomena, vem cá, filha! Ma Marcelinho no te lembra o tio Genaro?** Filomena que já chegou perto do berço (pois assim que Atílio começou a chamá-la, ela veio dirigindo-se para o berço), olha para o bebê e diz: **Ma ele é muito pequeno ainda, papa!** Sacode a cabeça, fazendo um gesto de “troça” para o pai. Atílio faz um gesto de “meio bravo”, abana a cabeça e volta para a cadeira de balanço. Ao ver o nono voltando, Rosa se levanta depressa e torna a sentar no banquinho. Filomena fica ainda um instante perto do berço e volta para perto da prateleira. Rosa e Atílio retomam a conversa carinhosa (sempre em mímica) e, não imediatamente, mas aos poucos, Atílio fica sonolento e acaba cochilando. Rosa deve continuar sentada ao seu lado e fará carinhos na sua cabeça quando ele dormir. (Talvez Atílio possa estar com um cachecol e, neste caso, Rosa o aconchegará ao pescoço do avô). Ângela, dirigindo-se a Nina (que está



brincando com o irmão) diz: **Nina, vá filha pegar aquele pano** (aponta o pano que deve estar pendurado na prateleira) **e passa ali na mesa. Limpa direitinho para a nona fazer a massa, vai, filha!** Nina se levanta assim que a mãe chama, pega o pano e limpa a mesa. Quando ela estiver terminando, Ângela se volta em direção à cozinha e diz (um tanto “gritado”): **Mama! Pode trazer a massa!** Nina volta para perto do irmão e senta-se no chão, dona Marieta vem da cozinha cantarolando. Ela traz enrolada em um pano/ou dentro de uma bacia, uma grande bola de massa enfarinhada e o pau de macarrão que ajeitará sobre a mesa. Ângela volta para perto do berço.

FILOMENA: **_Mama está contenta hoje!**

MARIETA: **_A mi me piace le feste famigliare. Percce se canta, se balla, se mangeano le crustoli.** (cantarola alegremente enquanto mexe com a massa, levantando uma nuvem de farinha)

NARRADORA: Olhando os movimentos da nona: A nona... Ah, dona Marieta... a nona... Que saudade! Como ela lidava com a massa! A grande bola de massa se esparramando na mesa, levantando uma nuvem de farinha. A folha da massa tão fininha, tão fininha (movimentos de Marieta). Ah! Que delícia de crústolis.

Enquanto a nona trabalha, Filomena dirige-se à cozinha e volta de lá trazendo um prato de crústolis e o coloca na prateleira. Neste momento entram dona Angelina e sua filha Carmela. Cumprimentam ligeiramente o Giovani, detêm-se um instante acariciando as crianças. Enquanto elas entram e se movimentam (sempre em silêncio) a narradora vai falando

NARRADORA: **_Olha lá a dona Angelina! É nossa vizinha. A Carmela veio também! Ela é irmã da Rita que vai batizar o Marcelinho. Eles tem uma horta bonita no quintal. Dona Angelina sempre nos traz as folhas verdinhas. A nona sempre dá pra elas uma porção de crústolis quentinhos, o prato coberto por um guardanapo quadriculado. Hum... o cheiro delicioso parece que me chega às narinas... (aspira, deliciada, recordando).**

Solo de bandolin (piano)

As vizinhas vão entrando. Angelina traz uma cesta com verduras. Ângela, que estava perto do berço, dirige-se ao encontro das vizinhas.

ANGELINA E CARMELA: _Bom giorno!

MARIETA, ÂNGELA E FILOMENA: _Bom giorno!

Angelina dá a cesta para Ângela que agradece e vai levá-la para o fundo do palco. Volta logo. Angelina e Carmela vão se aproximando da mesa onde Marieta trabalha. Ângela também está por perto. Rosa se levanta do banquinho e se aproxima também das mulheres. O bandolim pára.

ANGELINA: _Ma Rosa esta ficando mocinha! Que bela ragazza!

CARMELA: _É mesmo, como está bonita! E quase do meu tamanho, heim Rosa?

Olhando para a mãe, Rosa diz:

ROSA: _Mama, vou ficar do tamanho da Carmela!

Filomena pega o prato de crústolis da prateleira e dá para Carmela. Será interessante que Filomena passe um pouco perto da Narradora, a qual aspirará o cheiro dos crústolis, mostrando estar deliciada. Todos estes movimentos devem ser feitos delicadamente e sem atropelo, mais ou menos rapidamente e sem conversas, apenas haverá murmúrios, para que se tenha a impressão de conversas amigáveis entre as quatro mulheres.

Angelina e Carmela se despedem e saem, dizendo: **_Tchau!**

Nona, Ângela, Filomena e Rosa respondem: **_Tchau!**

Ângela e Filomena se afastam um pouco para o fundo do palco. Rosa volta e senta no banquinho perto do nono que está sentado na cadeira de balanço cochilando. As crianças sentadas no chão, brincando. Giovani continua costurando. Marieta ainda continua trabalhando a massa.

NARRADORA (como que voltando à realidade, dirige-se diretamente para a platéia):
_Foram anos, foi trabalho, economia. Foram dias de luta. Mas houve também recompensas. Foi também alegria. A cidade nova crescendo! Crescendo! A vida acontecendo!

(música alegre e forte de sanfona)

Giovani deve estar fazendo anotações na caderneta, depois de ter dobrado a peça de roupa que costurava. A sanfona pára. Giovani murmura consigo:

GIOVANI: **_Como está difícil a vida... Tanta luta... Faço conta, conta... Economia... Parece que não venço esta luta... (continua escrevendo)**

O nono continua cochilando, Rosa pega o livro do chão e começa a folheá-lo. Ângela vem um pouco para a frente e dirige-se à Rosa, chamando-a. Filomena continua mais atrás.

ÂNGELA: **_Rosa, corre na venda do Sr. Mário buscar um quilo de sal para a mama, anda! Leva a caderneta.**

Rosa se levanta rápido, tendo colocado o livro no banquinho. Dirige-se à prateleira, pega a caderneta e sai pela porta da sala.

Nona Marieta dirige-se às crianças que estão brincando no chão e lhes dá alguns crústolis. Eles pegam os petiscos e discutem. Nona volta para perto da mesa, a desocupa e vai para a cozinha.

ANTÔNIO: _Ah! Nina! A nona te deu o grande para você! Mama, olha a Nina!

NINA: _É nada! Ela deu mais pra você!

Giovani se impacienta um pouco e interrompe o que estava acontecendo.

GIOVANI: _Não dá! Assim não dá! Mama mia!

ANGELA: _Não briguem, crianças! Papa está fazendo as contas, não façam barulho. Cáspita!

As crianças se acalmam e afastam-se um pouco. Rosa volta com o embrulho e entrega para a mãe.

ROSA: _Pronto, mama! (vai colocar a caderneta no lugar)

(Bandolim)

Rosa chama os irmãos que se levantam e os três ficam ao redor do berço.

Giovani se levanta e começa a arrumar seus apetrechos com naturalidade. Atilio vira-se para Giovani (sem se levantar, apenas se vira um pouco) e os dois conversam (em mímica).

Nona Marieta volta da cozinha e as três mulheres se entretêm em conversas perto da mesa. Ângela põe a toalha de enfeite na mesa.

Ouve-se palmas. O bandolim pára. Entra a madrinha Rita. Ela traz a camisola do batizado que está bordado. Na grande saia do vestido estará preso em um bastidor.

RITA: _Permissão? Passa pelos homens, cumprimenta-os dizendo: **Bon giorno!** Os homens respondem: **Bon giorno!** Rita continua falando: **Vim mostrar o bordado que estou fazendo na camisola do afilhadinho. Vocês gostam?** Ela deve vir dizendo estas palavras e vir se dirigindo para perto das mulheres que estão arrumando a mesa. Rita mostra o bordado para a comadre Ângela. Filomena e Marieta se aproximam. Ângela e Filomena elogiam.

ÂNGELA: _Que belo está!

FILOMENA: _Si! Está lindo!

Rita se despede e sai dizendo: **Tchau!**

Filomena, Ângela e Marieta respondem: **_Tchau!**

Ângela e Marieta se aproximam dos homens que estão conversando.

Filomena chama as três crianças e os quatro saem discretamente.

NARRADORA: (olhando na direção das pessoas que estão conversando) **Parece que estou vendo eles combinando a festa do batizado. Como estavam felizes!**

ÂNGELA: **_Ma vá, si! Vai ser uma festa bela!**

MARIETA: **_Ma guarda! Não vão me esquecer de convidar a tia Assunta e as primas lá do sítio, eh!?**

Atílio tira o bebê do berço e o acalenta.

ATÍLIO: **_Eh! Bambino! Logo você será um Cristiano! Nostro primeiro bambino de Marília.**

Os quatro vão se afastando e saem levando o bebê. O palco escurece. O pessoal de apoio arruma tudo para a festa. Bolo na mesa. Móveis afastados para os lados. O solo de bandolim será apenas por um instante e pára.

NARRADORA: **_E chegou o dia do batizado. Papai convidou também o padre Victor para a festa. E vieram os amigos. Também os parentes do sítio. A tia Assunta. E os vizinhos. Foi tão bonito! A festa, a alegria, as canções. Estávamos felizes. (olha o pessoal que vem entrando)**

Assim que a Narradora parar de falar, o padre Victor e os convidados, que já estavam esperando no saguão, deverão entrar, conversando animadamente. Vêm descendo pelo meio do teatro.. O padrinho estará junto com os convidados e assim que se encontrarem ele deve se aproximar da madrinha Rita (sua esposa) e ajudar a “cuidar do afilhadinho”. O sanfoneiro estará tocando. Finalmente todos sobem no palco. As crianças estarão um tanto impacientes e os adultos deverão ajudá-las a subir as escadas.

(A mesa estará arrumada com o bolo. O ambiente foi mais ou menos desocupado, cadeiras e outros móveis afastados para todos os lados).

A família, o padre, os padrinhos, e dona Angelina estão mais para o fundo. Filomena ficará perto da tia Assunta e das primas que estarão mais à frente, à direita. Carmela estará perto das vizinhas, à esquerda, também mais à frente.

A Narradora continuará no mesmo lugar, sempre em atitude de observação. Deve expressar saudade e não tristeza. Não poderá mostrar que está participando da festa pois está como observadora.

O sanfoneiro está tocando música alegre. Ele terá tocado algumas vezes durante o espetáculo, sempre na coxia. Para se unir às pessoas da festa, também deverá ter saído pela porta do lado do palco.

O sanfoneiro para de tocar.

VIZINHA I: _Mas que coisa linda o batizado do Marcelinho! Padre Victor me deixou emocionada!

VIZINHA II: _Ah! Vocês precisam ver que casaquinho bonito de crochê que eu fiz para dar pro Marcelinho!

VIZINHA III: _E eu! Fiz um sapatinho de crochê também! Vai formar um conjuntinho!

PRIMA I: (olhando para Filomena) _Ah! Filomena, que vestido lindo o teu!

Filomena dá uma voltinha, envaidecida.

PRIMA II: (aponta para Carmela e pergunta para Filomena) **_Aquela é a Carmela, vero?**

FILOMENA: **_Si!**

TIA ASSUNTA: (dirigindo-se às outras parentes) **_Vocês viram? Estão dizendo que o filho do compadre Anacleto fugiu com a Lena, a filha lá do dono do sítio Esperança...**

AS PRIMAS DÃO GRITINHOS DE SUSTO: **_Nossa!.. Mama mia!...**

PRIMA III: (dirigindo-se para tia Assunta) **_Ma será mesmo, mama? A Lena parece que estava noiva do João, aquele da venda... Vá saber, no!?**

O sanfoneiro começa novamente a tocar.Os convidados vão se afastando e ficam em semicírculo.O padre e os padrinhos se aproximam mais para a frente do palco.O sanfoneiro vai parando a música.

PADRE VICTOR: (dirigindo-se aos padrinhos) **_Então, Giusepe e Rita, não vão me esquecer agora que vocês têm a obrigação de encaminhar este bambino na fé cristiana, eh?**

PADRINHO GIUSEPE: **_Si, padre Victor. Si que sabemos do nostro dever. Marcelinho será um bom cristiano, no é vero, Rita?**

Rita concorda com a cabeça e diz: **Si!**

GIOVANI: (dirigindo-se ao padre Victor) **_Padre Victor, estamos tão contentos que o senhor batizou nosso Marcelo e também veio para a festa! O senhor diz alguma coisa para nós? Si?**

PADRE VICTOR: (dirigindo-se a todos) **_Bom, minha gente. Estamos contentes. Deus nos abençoe! Batizamos mais um Cristiano e mariliense. Se Deus quiser, o pequeno Marcelo vai crescer feliz com a família e também no meio de nós todos. E vocês sabem, parece que as coisas até estão melhorando. Quem sabe até o governo vai melhorar. O Getúlio fez a tal da “Nova Constituição” (há um murmúrio entre os presentes) vai ter o “Salário mínimo” e até as mulheres vão votar (as mulheres aplaudem). Bom, hoje é alegria, vamos festejar!**

O sanfoneiro toca alegremente. Vilma terá se afastado de seu lugar e estará reunida aos convidados. As pessoas dançam e cantam. O padre observa. Aos poucos o palco escurece. As pessoas devem ir ficando imóveis, ainda em posição de dança. A família deve estar reunida. Os padrinhos perto. A madrinha sempre segurando o bebê. Faz-se silêncio.

Foco na Narradora.

NARRADORA: **_“Houve momentos difíceis, sim. Dias duros de trabalho e suor. Mas havia também alegria. A nossa gente colheu da árvore da vida, junto com os frutos do trabalho, as pequenas e grandes alegrias. Era como diziam:**

_Semana amarga, domingo alegre!”

NOTA – O texto final foi tirado do livro “Pelos caminhos das fazendas – pelas ruas das cidades” do Dr. Urbano Dias bastos – 1ª Edição – EDICON – 1995.

ANEXO N - Poema: "Mulher"

(Poema de autoria da aluna Lygia Peregrino, do grupo de teatro da UNATI. Este poema foi declamado pelas alunas do grupo no dia 8 de março de 2000, "Dia Internacional da Mulher", no Terminal Rodoviário Urbano da cidade de Marília.)

Nascida de mulher, sou filha.
E cresci: menina, moça, mulher.
Ao me tornar mulher
Eu fui amada,
E em mim, o fruto me fez ser
A Mãe-mulher.
No fruto do meu fruto
Me tornei Avó.
Sou filha, sou mãe, sou avó.
Mulher eu sou.
Do homem, a companheira.
Na batalha da vida,
Uma guerreira.
Suave no carinho,
Mão forte na defesa do meu ninho

Sou filha, sou amiga,
Mestra, esposa, mãe, avó.

Mulher!

ANEXO O - Peça: Momentos do dia-a-dia

(Peça de autoria coletiva do grupo de teatro da UNATI, apresentada na ocasião da (Primeira Jornada Municipal do Idoso de Marília).

Cena I

(Apresentação das alunas da UNATI)

Adalva: - Boa tarde, amigas e amigos. Que bom estar aqui com vocês, participando das atividades da “Primeira Jornada do Idoso de Marília”. Nós, alunas do Grupo de Teatro da Unati vamos mostrar a peça “Momentos do dia-a-dia”. Vamos começar nos apresentando. Eu sou a Adalva. Agora as minhas colegas. (*Chama*): Odette! (*Entra Odette*). Urânia! (*Entra Urânia*). Lygia! (*Entra Lygia*). Ruth! (*Entra Ruth*.) Célia! Parece que a Célia não veio... (*Continua chamando*): Marlene! (*Espera um pouco e diz*): O que será que aconteceu? A Marlene também não veio? Bom, vamos continuar assim mesmo. Lurdinha! (*Entra Lurdinha*.)

Elza e Virgília aparecem e dizem: E nós?!!!

Adalva: - Ah! Sim. (*Mostrando as colegas que apareceram*): Elza e Virgília. (*Ambas entram e se acomodam*.)

(*À medida que vão entrando, as que foram chamadas acomodam-se nas cadeiras que estão no palco arrumadas em semicírculo. Quando Célia e Marlene forem chamadas e não entrarem, as que já estão no palco fazem gestos de interrogação e se entreolham*).

(*Adalva Continua*).

Adalva: - Bem, vamos então ver os “momentos do dia a dia”, contando a vocês alguma coisa do que... (*neste instante entram Célia e Marlene, esbaforidas. Adalva se assusta um pouco, logo se acalma e se dirige para a sua cadeira*).

Cena II

(Diálogo entre Marlene e Célia)

Marlene: Vamos entrar logo, Célia, tenho que explicar às colegas porque saí com você.
(Dirigindo-se as colegas que olham admiradas): Olhem, amigas, estou bem! Desculpem nosso atraso.

Célia: *(Para Marlene)* Graças a Deus que você foi comigo! Viu o problema do meu carro?

Marlene: Pois é! Paramos bem no meio da avenida!

Célia: Eu não conseguia fazer o carro pegar, e você viu aquele mocinho gritando: “Vai pra pia, dona Maria!?”

Marlene: E aquela menina que gritou: “oh vó, tirou carta por telefone?” Pois é, além desse contratempo ainda tivemos que ouvir a má criação dessas pessoas que não respeitam mulheres e velhos.

Célia: - E tem outra. Carro de engenheiro quebra, carro de jovem quebra, de todo mundo... mas de velho não pode...

Marlene: - Por que é que a gente não tem direito?

Célia: *(Dirigindo-se mais para a platéia):* É, minha gente, isto ainda é pouco! Vocês não imaginam os absurdos que nós somos obrigadas a ouvir diariamente!

(Célia e Marlene sobem ao palco e sentam-se)

Cena III

(Abordagem a respeito da questão do preconceito em casa, no ônibus, na rua, no trabalho)

Adalva: EM CASA TAMBÉM EXISTE PRECONCEITO.

Marlene: Não, não, não... Deixa que eu faço que você não pode!

Lygia: Ah! Esqueceu de novo!

Lurdinha: Mãe, vai assistir televisão, vai!

Urânia: Ai vó, para de falar... Minha mãe deixou, viu?

Adalva: Mãe, você não acha que está velha para usar esta roupa?

Célia: Mãe, tá bom, eu sei que esse compromisso é muito importante, mas com quem eu vou deixar o Júnior?

Odette: Sei lá... Universidade de terceira idade?... Eu, heim? Velho tem que ficar descansando.

Ruth: Velha, eu deixo você ir, mas antes faça uns bolinhos de chuva e um café fresco. Depois você vai.

Lurdinha: O vó, quem manda aqui nesta casa é minha mãe!

Elza: Fica com ela que eu preciso sair. Tenho medo de deixá-la sozinha... Sabe como é né? Ela esta tão velha!

Célia: - Pô, vó! De novo no telefone?

Odette: Vó, a mãe falou pra você passar esta camiseta pra mim...

Adalva: Não sei porque sua mãe dá tanto palpite. Ninguém escuta!

Ruth: Ah, bem, deixa ela falar, Ela está tão velha!

Elza: Ta bom vó, já ouvi. Agora vai dormir um pouco, vai.

(Todas se levantam e vão se dirigindo para frente do palco.

Odete se adianta e deve ficar um pouco mais à frente.)

Odette: Ter mãe é bom, pena que dura tanto...

Virgília: Mãe é uma só, ainda bem! Porque se fossem duas...

Todas: Ninguém agüentava!

Elza: Se continuar assim, só mandando a mãe para o asilo.

Assim que Elza falar, sem atropelo, todas devem colocar-se em fila como se estivessem dentro de um ônibus, assim: na frente, Adalva, Lurdinha, Lygia, Marlene e Virgília. (Da esquerda para a direita). As outras devem ficar na fila de trás, como se cada par ocupasse um banco.

Adalva: NO ÔNIBUS ACONTECE CADA UMA!

Virgília: Incrível! Tanto horário para andar de ônibus e as “vó” cismam de fazer isso justamente agora!

Marlene: Agora vamos ter que esperar meia hora até a velha descer.

Lurdinha: Moço, esse lugar é meu.



Lygia: Eh, velha chata, por que não viaja de carro?

Elza: Eu não vou sentar perto desta velha!

Assim que Adalva falar todas começam a se movimentar pelo palco. Ruth deve ficar mais ou menos perto de Urânia pois vai falar com ela. Cada uma que for falando, deve procurar estar mais ou menos perto da frente para ser ouvida, sempre se dirigindo para o ator seguinte.

Adalva: E NA RUA, ENTÃO!

Ruth: Que coisa, viu! Velha só atrapalha!

Urânia: Dona, vai esquentar a barriga no fogão e esfriar no tanque, vai.

Lurdinha: Chi! Mas esta velha ainda dá uma meia sola.

Urânia: Ta ficando velha, heim?

Célia: Ela não e velha, é caquética.

Virgília: Puxa, mas como velho anda!

Quando Virgília falar, todas se posicionam como manequins, fazendo pose. Menos Célia, Ruth e Adalva. Célia estará à esquerda mais à frente.

NA LOJA

Célia: Ih! Lá vem uma velha. Você atende!

Ruth e Adalva deverão estar como quem olha uma vitrine.

Ruth, para Adalva: Na sua idade essa cor não orna.

Assim que Ruth acaba de falar, as manequins voltam ao “normal”. Célia continua no mesmo lugar.

NO PORTÃO – *Alguém bate palmas.*

Célia: Mãe, tem uma velha que quer falar com a senhora.

Lurdinha: O que é tão importante que essa velha vem toda hora conversar com a senhora?

ATÉ NO TRABALHO

Lygia: *Para Adalva:* Você, nessa idade, com tempo de já estar aposentada, não tem vergonha de tirar o pão da boca dos outros que estão precisando?

FINAL

Urânia: *Dirigindo-se às outras:* Vocês não viram os meus óculos?

Todas: Vó! Perdeu os óculos de novo?!!!

ANEXO P - OS ESTATUTOS DO HOMEM

(THIAGO DE MELLO)

(texto declamado pelas alunas do grupo de teatro da UNATI-UNESP por ocasião do encerramento do ano letivo de 2000.)

ARTIGO I. Fica decretado que agora vale a verdade,
Que agora vale a vida,
E que de mãos dadas,
Trabalharemos todos pela vida verdadeira.

ARTIGO II. Fica decretado que todos os dias da semana,
Inclusive as terças-feiras mais cinzentas,
Têm direito a converter-se em manhãs de domingo.

ARTIGO III Fica decretado que, a partir deste instante,
Haverá girassóis em todas as janelas,
E que as janelas devem permanecer, o dia inteiro,
Abertas para o verde onde cresce a esperança.

ARTIGO IV. Fica decretado que o homem
Não precisará nunca mais
Duvidar do homem.
Que o homem confiará no homem
Como a palmeira confia no vento,
Como o vento confia no ar,
Como o ar confia no campo azul do céu.

PARÁGRAFO

ÚNICO: O homem confiará no homem
como um menino confia em outro menino.



ARTIGO V. Fica decretado que os homens

estão livres do jugo da mentira.

Nunca mais será preciso usar

A couraça do silêncio

Nem a armadura de palavras.

O homem se sentará à mesa

Com seu olhar limpo

Porque a vida passará a ser servida

Antes da sobremesa.

ARTIGO VI. Fica estabelecida, durante os séculos da vida,

A prática sonhada pelo profeta Isaías,

E o lobo e o cordeiro pastarão juntos

e a comida de ambos terá o mesmo gosto de aurora.

ARTIGO VII. Por decreto irrevogável fica estabelecido

O reinado permanente da justiça e da claridade,

E a alegria será uma bandeira generosa

Para sempre desfraldada na alma do povo.

ARTIGO VIII. Fica decretado que a maior dor

Sempre foi e será sempre

Não poder dar-se amor a quem se ama

Sabendo que é a água

Que dá à planta o milagre da flor.

ARTIGO IX. Fica permitido que o pão de cada dia

Tenha no homem o sinal de seu suor.

Mas que sobretudo tenha sempre

O quente sabor da ternura.

ARTIGO X. Fica permitido a qualquer pessoa,

A qualquer hora da vida,

O uso do traje branco.

ARTIGO XI. Fica decretado, por definição,

Que o homem é um animal que ama
E que por isso é belo,
Muito mais belo que a estrela da manhã.

ARTIGO XII. Decreta-se que nada será obrigado nem proibido.

Tudo será permitido,
Inclusive brincar com os rinocerontes
E caminhar pelas tardes
Com uma imensa begônia na lapela.

PARÁGRAFO

ÚNICO: Só uma coisa fica proibida:
 Amar sem amor.

ARTIGO XIII. Fica decretado que o dinheiro

Não poderá nunca mais comprar
O sol das manhãs vindouras.
Expulso do grande baú do medo,
O dinheiro se transformará em uma espada fraternal
Para defender o direito de cantar
E a festa do dia que chegou.

ARTIGO FINAL: Fica proibido o uso da palavra liberdade,

A qual será suprimida dos dicionários
E do pântano enganoso das bocas.
A partir deste instante
A liberdade será algo vivo e transparente
Como um fogo ou um rio,
E a sua morada será sempre
O coração do homem.



Quinta Normal,
Santiago do Chile,
Abril de 64.



ANEXO Q – “Todas as Vidas”, de Cora Coralina.

(Poema declamado pelas alunas de teatro da UNATI- 2000)

Vive dentro de mim
uma cabocla velha
de mau-olhado,
acocorada ao pé do borralho,
olhando para o fogo.
Benze quebranto.
Bota feitiço...
Ogum. Orixá.
Macumba, terreiro.
Ogã, pai-de-santo...

Vive dentro de mim
a lavadeira do Rio Vermelho.
Seu cheiro gostoso
d'água e sabão.
Rodilha de pano.
Trouxa de roupa,
pedra de anil.
Sua coroa verde de são-caetano.

Vive dentro de mim
a mulher cozinheira.
Pimenta e cebola.
Quitute bem feito.
Panela de barro.
Taipa de lenha.
Cozinha antiga
toda pretinha.
Bem cacheada de picumã.
Pedra pontuda.



Cumbuco de coco.

Pisando alho-sal.

Vive dentro de mim

a mulher do povo.

Bem proletária.

Bem linguaruda,

desabusada, sem preconceitos,

de casca-grossa,

de chinelinha

e filharada.

Vive dentro de mim

a mulher roceira.

- Enxerto da terra,

meio casmurra.

Trabalhadeira.

Madrugadeira.

Analfabeta.

De pé no chão.

Bem parideira.

Bem criadeira.

Seus doze filhos,

seus vinte netos.

Vive dentro de mim

a mulher da vida.

Minha irmãzinha...

Tão desprezada,

tão murmurada...

Fingindo alegre seu triste fado.

Todas as vidas dentro de mim:



Na minha Vida –
a vida mera das obscuras.
(Cora Coralina)



ANEXO R - Roteiro: O Cravo e a Rosa

Roteiro

“Noite: O Cravo e a Rosa”

Encenação apresentada na noite do dia 21.04.01 na A.A.B.B. Baile de época “O Cravo e a Rosa”.

Abertura:

Todos caminham ocupando espaço. Uma pessoa começará a dizer a seguinte frase:

_ “O Cravo e a Rosa”. As outras seguirão o ritmo da primeira e, aos poucos, enquanto caminham, também vão dizendo: _ “O Cravo e a Rosa”. O som vai crescendo até que alguém dirá mais alto: “O Cravo e a Rosa” e todos param. Congela a cena.

Alguém dirá:

_ “*Que saudade da infância... A nossa infância: as brincadeiras avisam a saudade*”.

A partir daí todos serão crianças. Ocorrerão vários tipos de brincadeira como:

- amarelinha (Valdineres e Alice)
- corda (Virgília)
- bola (Lourdinha, Diva e Linda)
- bilboquê (Elza e Urânia)
- iô-iô (Olinda)
- peteca (Lourdes)
- roda (Lydia, Regina e Natalina)

Roda

Depois de uns dois ou três minutos, Virgília, que está brincando de corda, começará a chamar todas as outras para entrar na roda. Aos poucos todas estão na roda. Será cantada a cantiga de roda “O Cravo brigou com a Rosa”.

“O cravo brigou com a rosa, debaixo de uma sacada.

O cravo saiu ferido e a rosa despedaçada.

O cravo ficou doente.

A rosa foi visitar.

O cravo teve um desmaio e a rosa pôs-se a chorar.

Palma, palma, palma, pé, pé, pé.

Roda, roda, roda, caranguejo peixe é.”

Túnel

Depois da roda será feito um túnel. No final dele, duas pessoas estarão segurando um arco florido, pelo qual todos passarão, em pares. Enquanto fazem o túnel, todos repetem:

“Passa, passa cavaleiro pela porta do carneiro, 3 vezes, 3 vezes, a última há de ficar”.

Obs: O túnel é bastante simbólico e vai mostrar a passagem da infância para a mocidade.

Depois de passarem pelo túnel, cada atriz retira o laço da fita, afasta-se das brincadeiras e sai se arrumando, se olhando no espelho, ajeitando o cabelo, enfim, desenvolvendo gestos que apresentem com clareza a passagem da infância para a juventude.

Depois haverá a passagem pelo arco para o baile.

As moças e os rapazes começam a dançar. Pode ser uma valsa, uma música significativa da época (anos 40). Depois de dançarem, começarão a passear pelo palco numa alusão ao antigo *footing*, que consistia em caminhadas pelo centro da cidade. Esse era o momento em que os rapazes flertavam com as moças.

Obs: Túnel: Vai ser puxado pela Olinda.

Carnaval

Começarão a cantar a marchinha de carnaval “Jardineira”. O carnaval dura por alguns instantes, até que todas param. Alzira e Alice começarão a ler a homenagem (escrita por Alzira) que será feita aos quatro marilienses: Rosa, Rosalina, Francisco e Carlos, os “cravos e as rosas”. Após a leitura, continuam cantando uma marchinha de carnaval e vão entregando cravos e rosas aos homenageados.



ANEXO S - Peça: Ditos, Desditos e Não Ditos

Apresentação das alunas do grupo (Alzira apresenta o grupo de teatro da UNATI aos espectadores)

TEATRO NA UNATI, TEATRO NA NOSSA VIDA.

Texto de Alzira de Mendonça Vieira

Dos afazeres de casa já não estava com tanta responsabilidade e nem mesmo com o trabalho fora do lar, pois já estava aposentada. No sofá me envolvia tricotando blusa para a neta ou preocupava-me com o crochê para os panos de pratos, com a finalidade de aumentar o estoque da gaveta. Livros, pintura, televisão, cinema e o dedilhar nas contas do rosário eram as atividades diárias. O farfalhar do jornal jogado na varanda me despertou o desejo de saber as notícias da nossa cidade. Neste dia uma reportagem da UNESP me chamou a atenção. Era a formação e a instalação da **UNATI**- Universidade Aberta à Terceira Idade .

Era o ano de 1995. O que seria a **UNATI**? Lá fui eu ávida, ansiosa, curiosa para saber do que se tratava. Ah! Mais uma coisa, provavelmente, para me distrair. Mas não se tratava do distrair por distrair.

Aqui ouvimos palestras riquíssimas em informações, além de contarmos com as novas e boas amigas que tivemos a oportunidade de conquistar. A **UNATI** também nos oferece vários cursos, como espanhol, inglês, italiano, francês, fisioterapia, biblioterapia e teatro.

TEATRO! Logo me visualizei em um palco. O palco que até então eu havia pisado era o palco da vida, onde por vezes o desenrolar da peça suscitava aplausos, outras vezes o fracasso era marcante. Mas sempre chegava ao fim de todos os atos. Agora o teatro da **UNATI**. Encantado com a idéia, um grupo se propôs a participar das Oficinas de Teatro.

Quando contei aos familiares e amigos do meu interesse pelo teatro, isso foi motivo de riso curtinho, escondido e irônico. Mas mesmo assim houve incentivo e aqui estou.



Formamos uma equipe responsável, temos muitas dificuldades a vencer, mas decididas a fazermos o melhor. Nossa orientadora é Ana Paula, esta jovem com muita dedicação e paciência. Esta orientadora, que já nos é muito querida, também sofre com suas alunas. Bem, aluna é sempre aluna. Temos dificuldades e muitas, mas mesmo assim procuramos vencê-las. Já nos apresentamos algumas vezes e no final de cada trabalho ficamos felizes e até acreditamos que temos talento!

Este grupo, que se chamará **Vovô Miguel**, em homenagem ao colega de teatro que já se foi, deixando saudade, se apresentará com a peça **“DITOS, DESDITOS E NÃO DITOS.”** A peça, de autoria do grupo, é composta de pequenas historietas baseadas em provérbios populares.

Assim, imbuídos no propósito e na convicção de fazermos um trabalho sério que nos traga grandes emoções e satisfação, sentimos que estamos experimentando novas emoções que fazem bem ao nosso espírito.



Personagens:**Narradoras: Diva****Elza**Narradora 1 **Ruth**Narradora 2 **Nair**Narradora 3 **Edith**Narradora 4 **Marlene****Historieta: “Quem conta um conto aumenta um ponto”.**

Titã Urânia

Eulália Alice

Esperança Virgília

Historieta: “Quem pode manda, quem tem juízo obedece”.

Risoleta Marlene

Candinha Alzira

Hsitorieta: “Visita sempre dá prazer. Se não é quando chega será quando sai.”

Maria Olinda

Zefina Lourdinha

Luzia Lydia

Catarina Linda

Gustinha Alzira

Carlitos Iraci

Peça coletiva elaborada pelas alunas do grupo de teatro da UNATI .



Roteiro: Lourdinha, Diva, Olinda, Lydia, Urânia, Regina, Elza, Alice, Iraci, Alzira, Ana Paula./ **apoio:** Lourdes, Virgília, Nair, Marlene, Ruth e Linda.

Sonoplastia: Ana Paula, Alzira.

Cenário: grupo de teatro da UNATI

Figurino: Grupo de teatro da UNATI

(Duas pessoas serão, inicialmente as narradoras da peça. Através de diálogos, elas introduzirão o assunto a ser tratado ao público. A peça tem como tema os ditos populares. Os narradores terão a função de traçar uma relação entre as três historietas que serão apresentadas baseadas em ditos populares.)

CENA I

(Duas alunas da UNATI entram em cena. Podem ser Diva e Elza).

ELZA- Ô, Diva, depressa, depressa, estamos atrasadas!

DIVA- Quem tem pressa come cru e frio. Já vou!

ELZA- Venha rápido! Elas estão esperando.

DIVA- Tudo bem. Quem espera sempre alcança.

ELZA- Mas cansa, também. Quem espera também cansa.

DIVA- Cansa? Mas elas estão sentadas!

ELZA- E vão continuar sentadas porque de pé cansa?

DIVA- Não. Só estou tratando aqui de um último detalhe que deveria ter feito ontem.

ELZA- Como? Você não sabe que não se deve deixar para amanhã o que se pode fazer hoje?

DIVA- Sei também que não se deve fazer hoje o que se pode deixar para amanhã porque o hoje é o amanhã de ontem.

ELZA- Paciência! Paciência! Mas vamos lá. E essa agora, heim? Fazer uma peça baseada em ditados populares.

DIVA- Eu não tenho idéia.

ELZA- Até perdi o sono esta noite!

DIVA- Pois eu até sonhei com os tais ditados.

ELZA- E o grupo já está lá reunido. Cada uma deve ter pensado em alguma coisa.

DIVA- E estão lá nos esperando. Ai, ai, ai...

ELZA- Calma, companheira! Eu estava apressando você mas agora estou mais tranquila. A união faz a força e estamos todas no mesmo barco.

DIVA- O duro é se o barco estiver furado.

ELZA- Calma! Não abandone o barco como os ratos em ameaça de naufrágio.

DIVA- É verdade. Eu não fujo da raia. Vamos lá. Ditos populares, ditos e desditos. A gente vive usando e nem se dá conta.

ELZA- Com certeza. Dizem que são sínteses da sabedoria popular.

DIVA- E às vezes do preconceito popular também. Depende do dito.

ELZA- Mas alguns... Aquele, por exemplo, do “quem conta um conto aumenta um ponto”, tem gente que é assim mesmo. Sempre dá uma aumentadinha no que ouviu.

DIVA- Ou aumenta ou distorce. Mas isso todo mundo faz um pouco, não faz?

ELZA- Nem todo mundo. Mas eu bem que conheci uma senhora, daquelas muito faladeiras, que aumentava todas as histórias. Se via uma fumacinha na brasa, ela alardeava um incêndio. Mas era muito boa gente. Que saudade da dona Tita!

(Elza e Diva se afastam. Saem de cena. Entra Carlitos para arrumar o palco. O cenário agora é uma feira livre e há três personagens: Tita, Esperança e Eulália.)

Obs: Urânia entrará anunciando todas as historietas.



HISTORIETA: “Quem conta um conto aumenta um ponto.”

Personagens: **Esperança, Eulália e Tita**

Esperança e Eulália encontram-se numa feira livre. Estão conversando sobre trivialidades quando Tita aparece.

Esperança: Olha, Eulália, que verduras bonitas! Tão verdinhas! Comprei aqui na feira: tem alface, couve e rúcula.

Eulália: Pois é. As frutas também estão uma beleza. Esta feira é muito boa, mas eu sinto falta da D. Maria da barraquinha dos peixes. Ficou doente, a pobrezinha!

Nesse instante entra D. Tita.

Tita: Olá, minhas amigas. O que temos de novidade? Você falou de alguém doente?

Eulália: D. Maria da barraquinha dos peixes. Foi internada às pressas. Dizem que é problema de rim ou de vesícula.

Tita: Ah, sim, fiquei sabendo. Mas não sei não. A coisa parece mais grave.

Esperança: Mais grave como?

Tita: Bem, ouvi dizer que no dia em que foi internada ela gritava de dor. Dizem que ela estava verde como estas verduras. Depois os médicos ficaram muito preocupados. Pediram muitos exames e descobriram que a coisa não vai nada bem. Está com problemas de fígado, estômago, coração, uma lástima! Uma tristeza!

Esperança: Mas não pode ser. O que sei é que não era tão grave assim. A gente fica apreensiva... Eu tenho a mesma idade dela e às vezes sinto umas dores!

Tita: Não se preocupe, Esperança! Afinal, como diz o ditado, a esperança é a última que morre. Mas já D. Maria...

Eulália: Bem, que tal falarmos de coisas menos tristes? Eu ouvi dizer que o Marcinho, filho da D. Joana, está indo muito bem no futebol.

Esperança: Ele sempre foi um menino apaixonado pelos esportes. E agora que está mocinho, dedica-se ao máximo.

Tita: Indo bem? Bem é pouco. Este menino é um prodígio, um gênio da bola! Quem o viu jogar diz que ele é um novo Romário. Não, Romário não, que este é muito fraco. Nem foi convocado para a seleção! Estão dizendo que ele será tão bom quanto... Pelé. Podem acreditar! Já tem até olheiro de clube de olho nele.

Eulália: Nossa! Não sabia que ele era tão bom assim. Que Deus abençoe suas pernas! E as minhas também, que doem tanto.

Tita: Doer? Você não sabe o que é doer. Quem me vê pela feira caminhando com desenvoltura, não sabe a dor que sinto. Tudo formiga, sinto umas pontadas, parecem agulhas me furando toda. Sofro tanto que às vezes quero ser levada deste mundo. Bem, lá vou eu, que o almoço me espera. Até mais!

Sai Tita

Esperança: Boa mulher a Tita. Sempre muito prestativa. Mas é impressionante o modo como ela aumenta os acontecimentos.

Eulália: Se a pessoa está doente, ela diz que está nas últimas, se eu digo que sinto uma dor, a dela é sempre maior. E o Marcinho da D. Joana? Na boca dela, já virou Pelé. Ora! Isso é irritante. Tita bem que merecia uma lição, que a deixasse com vergonha de aumentar as coisas desse jeito.

Esperança: Eulália, tive uma idéia maldosa! E se inventarmos uma história só para ver Tita cair do galho?

Eulália: Você acha que Tita, além de aumentar as coisas, mente descaradamente?

Esperança: Não é bem isso. É que ela quer tanto participar e estar por dentro de todas as conversas, que ela acaba falando demais. Mas vamos fazer o seguinte...*(Saem cochichando)*.

(Diva e Elza, que estavam fora do palco, reaparecem).

DIVA: Agora eu quero ver Eulália e Esperança desmascararem D. Tita.

ELZA: Fique quietinha e espere pelo fim da história.

(saem novamente).

(Voltam Esperança e Eulália, conversando).

Esperança: Eu não falei que a Titã vai cair do galho? Eulália, olha a Tita ali!

Eulália: Fique quieta. Agora nós pegamos ela. *(entonando a voz)* Esperança, Esperança, que coisa mais triste! O acidente de carro foi terrível. Júlia tentou salvá-lo, mas seu grande amor morreu queimado. E ela ficou quase inválida. Pobre heroína.

Esperança: Nem me fale, Eulália! Só de ouvir me dá vontade de chorar.

(Tita, que ouvia tudo, entra na conversa).

Tita: Ah, minhas amigas, que coisa mais triste esse acidente. Você disse Júlia? Pobrezinha. Creio que a conheci. Tão linda, tão jovem, tão na flor da idade. Que desastre do destino, não? Era noivo ou marido dela o que morreu queimado? Dizem que o carro quase explodiu e Julia por pouco não morreu com ele. Parece que ficou tão deprimida, que nunca mais se recuperou.

Eulália: Tita, minha cara, você está falando deste acidente como se ele fosse verdadeiro, está dando até detalhes dele e no entanto eu estou aqui contando para Esperança a respeito de um romance maravilhoso e triste que estou lendo. Júlia é a heroína do romance. Tita, Tita, quem muito fala, muito erra.

(Tita fica em princípio desconcertada, mas logo vai emendando):

Tita: Bem, sabem como é, não? Eu conheço tanta gente, já vi tanta coisa e ouvi falar de tantas outras, que creio que me confundi. Mas não sei, não. Acho que o autor deste livro se baseou num fato real para escrever esta história. Porque eu conheci uma Júlia que sofreu um acidente, isso eu posso garantir. Bem, minhas caras, um bom dia pra vocês! *(Sai de cena.)*

Esperança: Mas que cara de pau, heim? De nada duvida quem nada sabe.

Eulália: Não tem jeito. Tita é mais esperta do que nós e pelo visto não se constrange. A língua não tem osso, mas quebra ossos. *(Saem)*

(Voltam Diva e Elza)

(Entram duas alunas da UNATI, apressadas, e encontram-se com Diva e Elza)

Diva: Olha, Elza, duas outras atrasadinhas. Acho que esse negócio de ditos populares está difícil pra todas.

Aluna 1: Estou suando em bicas! O que é que nós fomos inventar?

Aluna 2: Eu me lembrei de uns ditados solenes, mas o combinado foi que a peça teria um tom de comédia.

Aluna 1: Às vezes a graça está no excesso de seriedade das pessoas. Em suas “rabugices” também.

Aluna 2: Falando em ditados solenes eu me lembrei de um desses ditos bem danados, que eu acho que foi inventado, provavelmente, por algum “mandão” autoritário. É aquele: Quem pode manda, quem tem juízo obedece”.

Aluna 1: Esse dito serviu bem à dita...dura e tem gente que adora, viu? Como a Risoleta, uma senhora que eu conheci que odiava política e vivia com saudade da “dita”.

HISTORIETA: *Quem pode manda. Quem tem juízo obedece.*

(As quatro saem de cena. O cenário agora é composto por duas cadeiras. Carlitos entra para colocá-las. Entram Risoleta e Candinha conversando sobre trivialidades. As duas sentam-se. Risoleta tricota algo enquanto Candinha está com o jornal nas mãos.)

Candinha: O que você está fazendo, Risoleta?

Risoleta: Tricotando meias com restos de lã nem sei para que nem para quem.

Candinha: Bem, vou ler o meu jornal, me atualizar.

Risoleta: O que há de tão importante nesse seu jornal? Em jornal só tem desgraça, desastre, roubo, assalto. Cruze! Eu já desisti de ler jornal.

Candinha: São notícias gerais as que leio, mas as mais importantes são as que se referem à política.

Risoleta: Assuntos políticos... Argh! Eles me dão enjoos. Nunca li, não leio, mas não tenho raiva de quem lê, pois meu marido também adora e lê de tudo. Quanto a mim, assuntos políticos não me dizem nada.

Candinha: Como, Risoleta? Ainda é tempo de nos inteirmos dos assuntos deste país. E assim saber julgar e decidir o voto.

Risoleta: Voto, voto...já estou pendurando as chuteiras e votar pra quê? Só vou votar enquanto for obrigada.

Candinha: Pendurando as chuteiras? As minhas, só penduro quando eu morrer.

Risoleta: Ô Candinha! Antes, eles faziam tudo por nós sem a gente precisar votar. Como diz o ditado: Quem pode, manda. Quem tem juízo obedece. Eu tenho juízo. Sempre fui obediente.

Candinha: Ah!”Maria vai com as outras”, heim?

Risoleta: Também não precisa ofender, né? “Devagar com o andor que o santo é de barro”.

Candinha: Mas também, Risoleta, você tem cada idéia de girico!

Risoleta: Girico? Pronto! Agora virei burrinha.

Candinha: Perdão, Risoletinha. Mas é que o pior cego é o que não quer enxergar.

Risoleta: É que você me vem com essa história de voto e isso me aborrece. O melhor para mim é o vota em branco.

Candinha: Voto branco é coisa de quem está sempre em cima do muro, esperando a brecha das oportunidades. E, afinal quem não arrisca não petisca”.

Risoleta: Ë que eu sou muito pessimista em relação à política.

Candinha: Então cuidado! O otimismo pode não funcionar e não melhorar as coisas. Mas o pessimismo funciona, e aí tudo fica pior.

Risoleta: Ah, minha amiga, chega! Eu vou é para o meu bingo. Vamos fazer as pazes, que depois da tempestade vem a bonança”.

Candinha: Está bem, está bem.

Risoleta: Além do mais, política nunca encheu a minha barriga e ninguém é patriota de barriga vazia.

Candinha: Mas se a gente deixar, ela enche a barriga dos corruptos e safados.

Acaba a cena. A partir desse momento, haverá uma busca de interatividade com o público. Diva e Elza tentarão entrosar-se com o público, fazendo perguntas, pedindo ajuda à platéia.

Diva: Minha nossa! O tempo está passando e nós aqui, divagando e contando histórias.

Elza: Amiga, vamos botar esse povo pra trabalhar.

Diva: Ô, minha gente! Dá uma mãozinha, vai! Vocês conhecem ditados populares? É claro que sim!

Narradora 1: Ajudem a gente com um ditado bem bonitinho.

Elza: Mas antes, esperem, você, Ruth, e você Diva, anotem os ditados para não nos esquecermos.

(Esperamos que o público retribua. Uma ou duas pessoas, combinadas com o grupo, poderão começar a dizer os ditados para que outros se sintam descontraídos para fazê-lo também). Obs. A pessoa que estará “combinada” com o grupo deverá, entre os vários ditados, dizer este : “Visita sempre dá prazer. Se não é quando chega, é quando sai”).

Diva: Anotei direitinho. Adorei este aqui, ó! “Visita sempre dá prazer. Se não é quando chega, é quando sai”.

Narradora 2: Começa a rir.

Narradora 1: Está rindo de quê, afinal ?

Narradora 2: Desse ditado. Me lembrei de umas conhecidas minhas que receberam há tempos atrás uma visita muito impertinente.

Narradora1: Vamos lá! Quem sabe essa história nos dê alguma idéia para a peça.

Narradora 2: Bem, em uma pequena cidade do interior paulista, próxima ao triângulo mineiro, moravam em um casarão três irmãs, últimas remanescentes de família de ricos fazendeiros. Até aqui, nada demais. Mas essas três eram daquelas senhoras sistemáticas e encalhadas, assim como as irmãs cajazeiras. Vocês se lembram...Bem, lá vai a história.

HISTORIETA: *“Visita sempre dá prazer. Se não é quando chega, é quando sai.”*

Personagens: Luzia

Maria-

Josefina (Zefina)

Visita: Catarina

Criada da casa: Gustinha

Entra Carlitos para colocar o cenário. Através de mímicas, chama Gustinha para ajudar a arrumar o palco.

Maria entra arrumando flores em um vaso... Entra Luzia esbaforida perguntando:

Luzia: Onde foi a Zefina, que já faz tempo que saiu?...Procurei por todo lado...

Maria: Sei lá! Com certeza está rezando em casa da comadre Joana ou na Igreja.

Luzia: Coitada! Quanto mais ela reza mais a assombração lhe aparece..(E começa a rir às gargalhadas).

Maria: O que foi? Chií... muito riso é sinal de pouco siso. Qual é a graça?

Luzia: Por falar em assombração, me lembrei de uma coisa. (ainda rindo)

Maria: O que foi? Diga logo...

Luzia: É que outro dia, quando Zefina voltava da Igreja, já era noite, percebeu que alguém a seguia vestido todo de preto.

Maria: Credo! E daí? Quem era? Um homem ou assombração mesmo?

Luzia: Que nada! Até seria bom que fosse homem! Quando chegou perto da Zefina era uma velha alta, feia e toda enrugada perguntando onde ficava a casa dos Mendonças!

(a outra muito assustada)

Maria: O que foi que a Zefina respondeu?

Luzia: Coitada! Estava tremendo tanto e disse que ela perguntasse a outra pessoa, pois “quem tem boca vai a Roma”.

Maria: Coitada dessa velha! Zefina não lembrou de que quem vê cara não vê coração? De repente era uma boa pessoa...

Entra Zefina toda esbaforida com uma carta na mão.

Zefina: Gente, gente, vocês não imaginam de quem é esta carta!

Maria: Chií! Até já sei! Deve ser alguém pedindo doativo. Nunca recebemos cartas!

Zefina: Daí você se engana! É da prima Catarina, lá da capital.

Luzia: E o que ela quer? Nunca deu notícias! Precisamos tomar cuidado, pois parente que não é certo, um olho fechado e outro aberto! Já dizia a nossa avó Tonica...

Zefina: Diz que vem pra cá fazer-nos uma visita...

Maria: De certo está interessada em nossa herança! E vem para assuntar a nossa situação financeira! Ela não dá ponto sem nó.

Zefina: Será? As vezes não...Ela é tão amável na carta.

Luzia: É...você tem razão! Mas não se esqueçam que a amizade acaba quando a desconfiança começa...

As três vão saindo de cena enquanto Zefina chama gustinha para colocar a casa em ordem para receber a visita. Gustinha entra cantando desafinado. Arruma a sala. As três primas retornam ao palco. Zefina está muito ansiosa.

Zefina: Estou tão nervosa! Nunca recebemos visitas. Será que a Gustinha deixou mesmo tudo em ordem? Eu estou bem?

Luzia: Escutem! Acho que ouvi o barulho de um carro.

Zefina vai até a porta. Chega a prima com muitas malas, toda produzida e cheia de jóias. Uma olha para a outra...sem saber o que dizer. Mas de repente se alegram e vão abraçar a prima, perguntando:

Zefina-Como foi de viagem?

Luzia:Como está a tia Júlia?

Maria:Por que não veio com você?

Zefina: Em São Paulo está muito frio?

A visitante, um pouco admirada com aquela recepção, vai respondendo as perguntas um pouco atrapalhada:

Catarina:Calma! Bem. Mamãe está boa, mas não anda muito disposta, por isso ela não veio. São Paulo está um gelo.

Enquanto Luzia fala com a visita, procurando ajudá-la com as malas, as outras, Maria e Zefina, falam em tom de coxixo em outro canto do palco.

Maria: Como está diferente! Toda enfeitada! Será que ela vai demorar?

Zefina: Pelo tamanho das malas parece que veio pra ficar muito tempo.

Maria: Chii...Com toda essa empáfia, com certeza é daquelas que por fora bela viola . Por dentro pão bolorento. Hum! Que entojó!(sorri, voltando-se para Catarina) Prima!

Catarina , que estava de chapéu, vai tirando e o colocando em uma cadeira e logo dizendo com voz pedante:

Catarina: Estou exausta! Que fim de mundo fica esta cidade, mas enfim aqui estou! *(Faz uma pequena pausa e olha para a sala)* Que casa! Vocês precisam se atualizar, primas! Sabiam que quem vive do passado é museu?

Zefina: É verdade, Catarina, mas aqui a vida é muito simples e pacata, e nós gostamos desta casa, nos traz muitas recordações!

Catarina: Antes de mais nada, prefiro que me chamem de Kate, como me conhecem em São Paulo. É mais chique.

As outra duas que estão ao lado se entreolham com ar de deboche. Zefina dirigindo-se a visita:

Zefina: Vamos Kate, para dentro ver seu quarto. Com certeza , você gostaria de tomar um banho antes do jantar.

Catarina: Caiu mel na sopa. Estou mesmo precisando de um bom banho.
(as duas saem)

Enquanto isso as outras duas continuam comentando.

Maria: Virgem, até tirar aquela maquiagem toda, acho que vai demorar no banho!

Luzia: Veja só, Maria, Kate! Que pedante! Até parece nome de...(cala-te boca!) Quem te viu, quem te vê!

Maria: E agora? Porque será que ela resolveu aparecer? Quase nunca deu notícias!

Luzia: Ué, quem é vivo sempre aparece.Com certeza veio pensando que aqui tem um príncipe encantado ou então um velho solitário e encroado! *(as duas riem muito)*

Maria: O que iremos fazer para o jantar? Sobremesa, já fizemos doce de abóbora e de leite...

Luzia: É...Tem também aquele queijo fresquinho que compramos na venda do seu Chico.

Maria: Acho que seria bom matarmos aquele frango carijó. O que você acha?

(Neste momento entra Catarina com Zefina) Catarina ouve a última fala e retruca:

Catarina: Matar frango? Credo! Compra morto e limpo no supermercado. Vocês são desse tempo?

Zefina: É isso aí, Kate. Nós criamos galinhas no quintal. Nada como um franguinho caipira. Você vai gostar, tenho certeza.

Maria: Aproveita, Luzia, passa no pomar e colha algumas laranjas para uma laranjada bem fresquinha.

(Luzia sai do palco) Catarina andando pela sala e olhando para todos os lados diz:

Catarina: Que casa escura! Credo! Fica tão fúnebre essa penumbra. Ainda mais em casa antiga!

Zefina: Aqui também se fez economia de energia e agora estamos acostumadas.

Catarina: É mesmo? Pensei que fosse só na capital. Lá estava uma calamidade! Nem se podia sair á noite. Era um apagão só!

(Catarina olha ao redor, pega um dos bibelôs da casa e, trazendo-o nas mãos, diz)

Catarina: Primas, caras primas, e estes objetos de valor artístico e estético duvidosos? Sabem o que eu faria se fosse vocês? Doaria tudo. Ou então faria um bazarzinho na frente da casa vendendo a preços simbólicos essas peças. Sabem... é chique e nos Estados Unidos é até comum.

Zefina: Pois é, Kate. Mas acontece que nós gostamos desses objetos. Alguns são lembranças de viagem e outros ganhamos de presente. Cada um tem a sua história.

Catarina: Mudando de assunto. Esta cidade, como é? Tem cinema, bailes, teatro? O que se faz aqui para se divertir?

Zefina: Temos um jardim bonitinho com coreto, uma banda de música todo o domingo e quermesse no pátio da Igreja.

Catarina: Só? Ah! Que chatice!...Será que não teria um fazendeiro rico por aqui? Quem sabe eu não me arrumaria.

Maria olha para Zefina e as duas riem um pouco.

Maria: Ah! Me lembrei! Ouvi dizer que apareceu por aqui um moço dizendo ser filho de fazendeiro, mas feio que dói.

Zefina: É sim. Coitado, narigudo, caolho e horroroso, mas dizem que muito trabalhador.

Catarina: Não tem importância! Como dizia vó Tonica, antes marido rico, feio e laborioso, do que belo e preguiçoso. Beleza não se põe na mesa.

As duas concordam.

Maria: É mesmo! Eu me lembro bem dessas palavras da vó Tonica. Que Deus a tenha!

As três se benzem e dizem amém! Neste instante entra Luzia com a laranjada para todas. Conversam sobre banalidades.

Depois de alguns instantes Gustinha grita: - O jantar está pronto!

Elas saem. Gustinha entra com uma vassoura e pano de pó, como se fosse limpar a sala. Ela até pode cantarolar qualquer coisa.

Gustinha: Não aguento mais essas três velhas encroadas! Se não bastasse ainda aparece essa dona toda entojada que fala demais e reclama de tudo.

(Nesse instante entra Catarina).

Catarina: Hum! Estou ouvindo uns resmungos por aqui, é? É por isso que você está varrendo a casa tão devagar, é?

Gustinha: Uai! A senhora não estava dizendo numa conversa que a pressa é inimiga da perfeição? E depois, aprendi a trabalhar assim com a minha mãe, que me dizia: _Faz tudo direitinho, filha, filho de peixe, peixinho é!

Cat.: Mas fico enervada com sua moleza. Parece que faz as coisas com preguiça! *(Fala em tom solene)* E a preguiça é a mãe de todos os males.

Gustinha: Calma, patroa! Devagar se vai ao longe. Porém, se não estiverem satisfeitas com meu serviço assim, contratem outra! E daí vocês verão que atrás de mim virá quem bom me fará.

Cat: *(nervosa)* Não diga isso, Gustinha!*(cochicha)* Ai, que se ela for embora, minhas primas me matam! *(voltando-se para Gustinha)* Sei que me enervo com facilidade, mas “aceitar a limitação humana é ser capaz de estender a mão para Deus”. *(sai)*

Gustinha: *(faz uma careta)* Ai, tô precisando me benzer! Sai de mim, assombração!

Gustinha sai e entram Maria e Luzia. Elas comentam entre si:

Maria: Você reparou, Luzia, que já faz 30 dias que a Kate está aqui e não fala de ir embora?

Luzia: É mesmo! Já ando cansada de suas conversas e de seu enjoamento. Critica tudo que a gente fala e ainda nos corrige.

Maria É mesmo! *(sorrindo)* Mas não há mal que sempre dure nem bem que nunca se acabe. Visita é assim: no primeiro dia é “querida visita”, no segundo é “a visita” e no terceiro em diante é “o raio da visita”. *(as duas ainda riem)*.

Luzia: Essa é também da vó Tonica?

Ouve palmas na porta e Zefina que vai atender entra com uma carta na mão.

Zefina: Olha gente, uma carta.

Maria: De quem será?

Zefina: Não é para nós. Está endereçada à Kate.

Luzia *(grita):* Kate! Carta para você! Venha cá.

(Catarina aparece com cara de sono.)

Cat: De quem será? Ah, é da minha mãe. O que será que aconteceu?

As três se entreolham e Maria diz:

Maria: Abra logo Kate. Eu vou buscar seus óculos.

Luzia: *(Dirigindo-se á Zefina)* Será que a tia Júlia resolveu vir para cá também?

Zefina: ...Santa bárbara, será? Uma desgraça nunca vem só!

Maria volta com os óculos. Kate abre a carta e a lê em silêncio. No começo preocupada, mas depois dá um suspiro de alívio e diz:

Cat : Minha mãe dá notícias de casa e de São Paulo e avisa que a mulher do seu Jordão, nosso vizinho, faleceu.

As três dizem em coro: Coitada!

Catarina: Ah! Deus me perdoe! Ainda bem, porque o Jordão já andava de olho em mim, faz tempo! Preciso voltar, primas, vou já arrumar as minhas malas! Quem sabe! Antes tarde do que nunca.

Catarina sai e as três ficam. Elas caem de joelhos e dizem:

- Graças a Deus! Visita sempre dá prazer, se não for quando chega, será quando sai!

Final:

(As duas narradoras estão chegando à faculdade). Antes há o diálogo:

Diva: Ah!, Quem já não teve uma visita impertinente, heim?

Elza: Idéias surgiram aos montes com nossas divagações e histórias.

Entram Val e Edith: Cumprimentam-se.

Val: Estamos aqui, num impasse. A Edith lembra de um ditado, eu logo me lembro de um contra-ditado ditado. Como chegaremos num consenso?

Edith: Eu digo que quem dá aos pobres empresta a Deus!

Val: Pois eu digo que quem dá aos pobres e empresta, adeus. Pois como dizia minha mãe, quem dá o que tem, a pedir vem.

Edith: Eu me lembrei deste: “Faz o bem, sem olhar a quem”.

Val: Pois eu digo que fazer o bem sem olhar a quem, seus perigos tem.

Edith: Olha, só, para cada dito meu, ela tem um desdito!

Diva: Pessoal, pessoal, vamos nos acalmar. É no balanço da carroça que as abóboras se acomodam. Com as histórias e “causos” que temos, já podemos pensar em montar nossa peça.

Edith: E a moral da história?

Elza: Moral da História? Não sei se tem. As coisas acontecem, os ditos aparecem, as verdades são relativas, há muita sabedoria popular, preceitos e preconceitos, a vida é um emaranhado. E assim vamos vivendo nossas experiências.

Diva: E como diz o ditado: *(em tom solene)* “**A experiência é um pente que só se adquire depois de calvo.**”

Elza: Depois de calvo? Aí não precisa de pente.

Ruth: Seja como for, vamos escrever nossa peça, porque se ajoelhou, tem que rezar. Saiu na chuva é pra se molhar.

Val: Ou não.

Nair: E que fique o dito pelo não dito, pois quem ri por último, ri melhor.

Val: Quem ri por último é porque não entendeu a piada, isso sim.

Todas riem.



ANEXO T - Entrevista com as alunas do Grupo de Teatro da UNATI-UNESP.

Entrevistas realizadas no ano de 2002 (julho/agosto) com as alunas do grupo de teatro da UNATI/UNESP de Marília. Fizemos uma entrevista estruturada, tendo as mesmas perguntas norteadas a fala das alunas.

1) O que despertou em você o desejo de entrar para a UNATI-UNESP?

Lydia: Em primeira instância uma procura de renovação após uma vida tão diferente que eu tive sempre em convivência com fazenda, animais, pois, embora eu tenha me formado em Ciências Contábeis, eu me voltei para esse rumo porque me casei com uma pessoa que era do campo. Vindo pra cidade, após um ano eu fiquei viúva e agora estou aposentada após muitos anos de trabalho na fazenda para complementar o trabalho do meu marido e criando meus filhos. Eu me vi sem nada pra fazer. Então procurei uma alternativa, no caso a UNATI, que muitas pessoas me haviam indicado, amigas que já freqüentavam. Eu comecei em 96 no final do ano, e estou até agora lá. Estou muito contente, porque houve uma renovação de valores e eu aprendi a conviver muito melhor com as pessoas.

Regina: Quanto à UNATI algumas amigas minhas participavam e gostavam muito. Eu sempre tive vontade de prestar o vestibular para fazer o curso de Psicologia ou Ciências Sociais. Mas, conversando com amigas, compartilhávamos do mesmo medo: o de enfrentar os jovens no dia do vestibular. Sentar-nos com eles e termos de enfrentar risos, piadinhas. E muitas vezes conversávamos que poderia haver uma forma do idoso não passar por isso, uma abertura para fazermos um curso. Quando ouvi falar da UNATI, eu achei que poderíamos fazer um curso completo, sem ter que passar pelo vexame do vestibular. Porque eu queria mesmo era fazer um curso superior. Nem seria para voltar a trabalhar, porque dificilmente dá para concorrer com o jovem, mas para uma realização pessoal, pois não pude fazer um curso superior na juventude.

Elza: Eu gosto desse movimento. Entrei para a UNATI depois de completar um curso que fiz de cuidadores, com várias disciplinas. Eu queria continuar participando de alguma coisa



interessante. Entrei em 1996. Na época, meu marido havia morrido e achei que participando seria também uma forma de suportar a solidão.

Iraci: O objetivo era o de preservar a saúde como um todo e continuar a exercitar o cérebro, academicamente falando com lazer de qualidade. Também queria fazer amigos, novos contatos depois da aposentadoria, não me isolar.

Ruth: Porque eu queria viver um contato com conhecimentos novos, não parar de estudar, aprender.

Lourdinha: Como aposentada a gente diminui as atividades, fica presa aos problemas de casa. Quando surgiu a UNATI achei que seria bom sair de casa e acrescentar, conhecer mais sobre assuntos gerais, de cunho científico, filosófico, literário, obter informações atualizadas. Além, é claro, do contato humano.

Linda: Além do teatro eu me interessei pelas palestras, umas muito boas, outras não tão atraentes, mas foi mais para ter uma atividade na UNATI, e conhecer também, porque as pessoas comentavam e diziam que as palestras estavam muito boas, que a gente deveria participar. E o nosso grupinho da APAMPESP, uma chamou a outra e resolvemos, fomos.

Diva: Eu sempre gostei de ser uma pessoa dinâmica, eu sempre fui uma pessoa dinâmica. E quando eu me aposentei eu fiz muitos planos, de fazer muitas coisas. Eu queria estudar música, porque eu estava no coral, eu ensaiava no coral da São Bento. E tive oportunidades. Apareceu a UNATI. Pra mim foi ótimo, porque abriu novos horizontes, eu sabia que era muito bom. A qualidade de vida também ficou bem melhor depois que eu entrei. Eu tive muitas oportunidades de viajar e de aprender mais coisas. Eu entrei em 96. Então faz seis anos que eu estou aqui na UNATI.

Marlene: É que eu me aposentei e me mudei pra Marília, né? Então eu achei que a minha vida ia para de repente. E as minhas filhas fizeram a matrícula aqui para mim e eu comecei e fiquei deslumbrada com o curso, principalmente com o curso de teatro.



Virgília: Bom, eu não tenho porque não estar aqui na UNATI, fazendo parte do teatro. São quase quarenta anos, trinta de trabalho na UNESP e quase dez de UNATI, eu me sinto muito feliz, porque esses quarenta anos são uma glória para mim.

Alzira: Para vir à UNATI eu fui convidada por alguma pessoa que já freqüentava

Urânia: Olha, eu vim pra UNATI assim que soube da abertura desse curso. Por sinal eu fui a primeira aluna inscrita no curso. Minha vontade era voltar pros bancos escolares. E foi o que eu fiz.

Alice: Olha, não foi bem por eu não ter o que fazer, não ter ocupação, porque nessa época eu já tinha algumas atividades. Mas quando surgiu a UNATI eu achei que era uma oportunidade de eu crescer pelas palestras, pelo que eu vi que seria apresentado lá. Eu vi que seria interessante, então até deixei outras coisas pra freqüentar a UNATI.

Olinda: Entrei para a UNATI para aprofundar mais meus conhecimentos, pra ocupar o meu tempo, e aprender sempre, porque sempre se aprende. Enquanto se está vivo se está aprendendo.

2) Em relação às oficinas de teatro, o que a motivou a participar?

Lydia: Eu acho que eu deveria ter feito teatro em São Paulo, antes de me casar. Sempre tive propensão. Eu analisava as interpretações, eu comparava, isso é inato em mim. Desde pequena eu sempre recitei em colégio, sempre tinha uma poesia pra dizer, enfim, eu gostava de participar nesse setor teatral. O nosso grupo é muito bom, coeso. O teatro é muito bom porque a gente aprende a revalorizar conceitos, conhecimentos, é a vida que está me ensinando. Eu continuo aprendendo todos os dias.

Regina: Eu sempre gostei de participar de grupos de teatro, principalmente ligados a peças infantis. E agora, nessa fase da vida em que a gente tem muito mais tempo, eu achei que o teatro iria complementar grande parte das coisas que eu gosto de fazer.



Elza: É que eu sempre gostei de teatro desde criança. Eu brincava com minhas amigas e inventava pecinhas, eu montava pecinhas infantis. Meu pai era professor, e em cada cidade do interior que a gente morava ele organizava um grupo de teatro amador e ensaiava peças. Ele trabalhava, a minha mãe, então eu sempre estava em contato com teatro e sempre gostei. Depois que eu casei e vim morar aqui na fazenda cada vez que nós íamos a São Paulo, nós víamos todas as peças que estavam em cartaz. Eu sempre pensei que mesmo que fosse pra não gostar, valia a pena ir ao teatro para ver uma peça.

Iraci: Sempre gostei de teatro, de ver peças, os atores em cena, as personagens vivendo seus papéis. O teatro ajuda a exercitar o cérebro, estudar o personagem e isso acho que ia me ajudar a ficar e permanecer intelectualmente ativa. Havia o medo da cena. Mas foi um desafio vencer a timidez. Fazer teatro tem um peso grande, é um desafio.

Ruth: É um mundo interessante, distante. Conhecemos uma série de coisas das quais não tínhamos noção, como se posicionar em cena, falar, atuar. É um trabalho disciplinado, que envolve a participação de todos.

Lourdinha: Sempre gostei de teatro. Na infância sempre participei de todas as atividades escolares relativas ao teatro e à atuação, cantando, declamando. Quando surgiu a oficina de teatro não tive dúvida, quis participar. Me lembro bem da primeira oficina em 1995. Nessa oficina houve um entrosamento entre as pessoas, exercícios para descontrair e ao mesmo tempo estabelecer um contato mais íntimo entre as participantes. Não participo por um impulso momentâneo, eu sempre gostei mesmo. Sinto não ter tido essa oportunidade na juventude. Sempre gostei de representar, pois isso é expor, é colocar para fora o que você está sentindo. Quando você incorpora um personagem você põe pra fora uma coisa íntima que está dentro de você. No Normal eu participei de uma peça e me lembro que eu improvisava, mudava o texto e o diretor não gostava muito que eu improvisasse, mas eu sempre improvisava dentro do roteiro.

Linda: A responder

Diva: Eu sempre tive interesse pelo teatro, é uma coisa da qual sempre gostei.

Marlene: Nunca passou pela minha cabeça fazer parte do teatro, Ana Paula. Nunca, nunca, nunca. Tanto que quando a Ivanete falou que tinha vaga para o curso de teatro, eu respondi: *Eu não quero*. Mas ela insistiu e eu falei: *Então marca o meu nome*. Aí depois eu cheguei em casa e falei pra minha filha: *Ai, tem um curso de teatro*. E minha filha falou: *A senhora faça, pois não é que a senhora vai ser artista, a senhora vai aprender a trabalhar com as pessoas, vai aprender a ficar mais solta. A senhora começa, se a senhora não gostar a senhora para*. Mas é impossível não gostar das aulas de teatro. Porque é uma coisa tão gostosa, que a gente aprende a viver. E eu comecei e estou até hoje, não consegui sair mais. Eu comecei no teatro desde a primeira aula (1995) e eu percebi que o objetivo não é ser artista, mas aprender a viver. Com as pessoas, com as colegas. Para mim foi muito, muito importante, Ana Paula. Muito mesmo. E coisas assim que eu não tinha coragem de fazer, agora eu me sinto mais leve, entende? Pra enfrentar muitas situações. Foi muito bom pra mim.

Virgília: Então, após ter me aposentado em 1990, eu fiquei sem saber o que faria, sem uma ocupação. Ao Passar dos anos, vendo o jornal da cidade, eu me deparei com um grande anúncio: “Estão abertas as inscrições para a Terceira Idade”. E daí? O que seria esse curso, eu poderia fazer ou não? Era um domingo. E logo cedo na segunda feira, liguei para o telefone deixado no anúncio. A resposta dada foi que eu já estava matriculada. Era só levar posteriormente os documentos. Eu fui uma das primeiras a ser matriculada. Todas as quartas feiras, assistimos a palestras maravilhosas. Parece que com toda essa idade já sabemos tudo, mas ao contrário, aprendemos muito. Sem contar, para quem leva a sério, é uma obrigação, como um trabalho, onde batemos o ponto. E eu também me sinto muito orgulhosa, pois eu estava assim desocupada, sem saber de nada. Após um tempo sem trabalho a gente fica em casa e eu nunca na minha vida esperei que eu pudesse estar participando de um teatro, estar me apresentando. Essa é uma emoção muito grande pra mim.

Alzira: Para entrar para as oficinas de teatro eu fui levada pelo convite que se fez aqui na UNATI da proposta de mais um curso para o pessoal da UNATI. E este me interessou porque foi assim uma vontade que eu tive desde criança e não tive oportunidades, e então agora eu estou tendo e estou pondo pra fora aquele desejo do passado.

Urânia: Já no início da UNATI, como aula inaugural, nós tivemos um professor que depois veio a ser o nosso professor de teatro, o Ale. E por sinal ele era uma pessoa fabulosa, ele agradou todo mundo e gostamos tanto da aula inaugural que já quisemos fazer matrícula e



começamos a praticar. Foi muito gostoso e nós não tínhamos noção nenhuma de como seria o teatro. Mas foi muito bom, muito gostoso, muitas brincadeiras, ele puxava pela imaginação. Aquela coisa de contar uma história e cada uma ir passando pra frente, tipo “Quem conta um conto aumenta um ponto”, cada um que contava aumentava mais ainda, nós nos divertimos bastante com isso. Até que ele começou a preparar alguma apresentação nossa, no caso, mais poesia. Nós apresentamos o Estatuto do Homem e teve outras colegas nossas que declamavam eu sei que foi um curso bastante gostoso. Fizemos apresentações pra toda a UNATI. Esse auditório aqui ficou lotado. O curso começou em 1995 e depois que eu comecei a fazer nunca mais parei. E não quero parar. Enquanto eu estiver viva, funcionando, eu quero estar aqui fazendo teatro. Porque é muito gostoso. E agora com outra professora, estamos com você, que é nossa professora e que é a filha de todos nós. Você é querida e filha de todas nós.

Alice: Olha, dentre todas as atividades apresentadas, eu logo me interessei pelo teatro, porque acho bonito, gosto, eu não sei até explicar bem o porquê, mas eu gosto. Me chamou a atenção.

Olinda: Para as oficinas de teatro eu não tive muita vontade de entrar, não, eu era muito tímida. E acho que sou ainda. Conversando com uma psicóloga, ela achou que eu deveria entrar na Oficina de teatro. Por isso que eu acabei entrando. Só por isso e acabei ficando. Porque na escola eu não era de declamar, de cantar, de nada disso, não. Eu era muito quieta. Eu entrei até com um pouquinho de receio, mas acabei ficando, acabei gostando.

3) O que sua família acha de sua participação como aluna de teatro da UNATI-UNESP?

Lydia: Eles são os que mais me incentivam, eles vêem, querem assistir e fazem questão de ver as filmagens das peças, já mandei fitas para eles sobre o nosso teatro, eles adoram, me incentivam muito. Dizem: -A mamãe é ótima! Meus netos também falam que a vovó frequenta a UNATI, ligada à UNESP, a vovó nada, eles me têm assim como uma figura do século XX com um passo no XXI.

Regina: Minha família acha ótimo, minhas filhas são bem ligadas a teatro, e meu marido não participa mas também não tem nada contra. Na época da nossa juventude fazíamos juntos rádio teatro, e ele acha ótimo que eu continue gostando. Ele mesmo não quer saber mais disso,

mas acha ótimo que eu ainda goste. Os amigos, ao menos o meu grupo, também não têm nada contra, eles acham que cada um deve fazer o que gosta mais na fase da aposentadoria.

Elza: Eles acham que eu sou extraordinária tomando parte nisso. Todos eles acham que eu faço muito bem, e todo mundo se admira da minha disposição de participar , de fazer mais esta.

Iraci: A família nunca estranhou, deram todo o apoio, ajudaram em pesquisas de ditos para a peça (Ditos, desditos e não ditos). Quando eu comento as coisas que acontecem no grupo e a minha atuação, eles acham que eu sou muito rígida, muito exigente.

Ruth: Minha família nunca se opôs, pois eu adoro estudar, leio muito. Esperava da UNATI ainda mais debates, mesas redondas, que o trabalho fosse ainda mais puxado.

Lourdinha: De um modo geral todo mundo gosta muito. Acham interessante eu com bastante idade me dispor a fazer uma atividade relacionada ao público. Eles gostam, incentivam. Na primeiro apresentação do trabalho que fizemos com o professor Alexandre, meus quatro filhos vieram me ver. Apenas um não pôde vir. Na apresentação da nossa peça (Ditos, desditos e não ditos), minha família veio me ver também.

Linda: Olha, a minha família, do tronco sou eu. Porque já perdi todos e acho que este é um dos motivos que também me fez entrar na UNATI e no teatro. Os sobrinhos e primos, assim, brincam, falam: _agora virou artista, a mulher ta importante, e os meus sobrinhos sabendo dessa peça que a gente agora vai apresentar em setembro, ficam assim: _Foi ensaiar? Tá ensaiando? Então há um certo interesse, até o mais velho disse assim: _ É por isso que ela está sempre bem, ela não para, sempre está com atividades. E aí agora ensaiando para o teatro, quer uma atividade melhor que essa? Por isso que ela não envelhece.

Diva: Eles gostam muito, me incentivam bastante, gostam de ouvir o que eu tenho a dizer a respeito do teatro e das coisas que me fazem bem. Eles têm interesse em me ouvir falando de tudo o que me faz bem.

Alzira: Da família filhos, marido e netos, eles acham graça, mas de uma certa forma incentivam. Da família mais velha há um sorrisinho de lado, meio irônico.



Urânia: Meus filhos acham ótimo eu fazer isso. Principalmente o mais novo. Ele é jornalista, mora fora, mas quando tem apresentação ele vem, porque ele quer ver a mãe dele no palco. Mas eles todos vêm, quando tem apresentação eles vêm participar, e meu marido me traz pras aulas. Ele não faz faculdade de terceira idade, ele gosta mais é de andar, mas ele não se nega a me trazer sempre pros ensaios. Então, todo mundo concorda. Agora até uma neta está fazendo teatro.

Alice: Todos gostam, acham interessante, até admiram às vezes o trabalho que agente tem, que é bem trabalhoso o teatro, eu acho, né? Principalmente quando estamos perto da apresentação de peças, mas apesar disso em casa todos colaboram, todos gostam, acham bonito e se possível, todos os meus filhos viriam assistir. Minha filha vem, ela veio outra vez e virá desta vez.

Olinda: Eles gostam, eles se interessam, eles querem que eu venha, que eu participe, me dão toda a força.

4)Quais as atividades desenvolvidas por você como aluna da UNATI-UNESP?

Lydia: No começo eu fazia coral de francês, aulas de francês, Biblioterapia e teatro. A oficina de teatro foi o principal pra mim, tanto que eu nem faço mais francês nem biblioterapia, eu resumi um pouco porque aí minha vida estava muito cheia de atividades. Era de segunda a sábado. Achei que era muita coisa. Então optei por teatro, que sou apaixonada.

Regina: Eu fiquei apenas no grupo de teatro, eu gostaria de fazer os cursos de línguas, mas devido à distância da minha casa eu desisti.

Elza: Eu entrei por curiosidade na Fisioterapia, na Biblioterapia, no Inglês, assisti a uma aula de francês, fui ver como era a computação, tive aulas de Tai-chi, mas não permaneci em nenhuma dessas atividades. Fiquei com o teatro, que me toma muito tempo. (risos)

Iraci: Tai-chi, teatro, biblioterapia e fisioterapia.

Ruth: Teatro e tai chi.

Lourdinha: As palestras de quarta feira, o teatro, sempre, e as atividades da fisioterapia.

Linda: Teatro.

Diva: Eu fiz inglês também. E fiz biblioterapia, e gostei muito.

Marlene: No momento eu estou só participando do teatro. Eu fazia Fisioterapia, Italiano, mas agora não está dando. Estou com uns probleminhas de saúde e fica um pouquinho cansativo. Mas com o teatro eu não paro nunca, pois é muito, muito gostoso. Sabe, Ana Paula, a UNATI é a menina dos nossos olhos. Vocês não sabem como é importante pra nós, porque a criança vai pra escola, pros brinquedos. O adolescente, o jovem, tem o cantinho dele. Ele sai com os amigos, vai pro barzinho. A pessoa velha não tinha onde ficar, porque às vezes a gente estava reunido com os filhos, com os genros, mas apesar de toda dedicação e carinho, não preenchia o espaço. Não era falta de atenção deles, atenção a gente tem, mas ainda faltava algo. Aqui a gente vem e a música que foi boa pra mim, também pra Virgília significou alguma coisa, o artista de cinema, o mesmo filme. Então, a gente sente que parece que volta a juventude, pois tudo o que foi importante, continua sendo importante. Há todo um tempo compartilhado. Então a gente faz esses comentários e parece sabe o quê? Que a gente voltou a ser jovem. Porque tudo é importante pra todo mundo, não tem ninguém que fale: _ ih, isso está cansativo. Isso pra nós não é bom. Porque pra nossa turminha, tudo o que é bom pra uma é bom pra outra, porque estamos na mesma faixa, a gente tem o espaço da gente. Hoje aqui demos muita risada, falo por todas porque essa é a idéia de todas elas, nós estamos muito felizes, Ana Paula. Muito, muito, muito. E pra nós a vida continua tendo assim muita alegria, porque a gente tem o nosso espaço. Eu fico feliz de ser velha hoje porque hoje o velho tem o espaço dele e há um tempo atrás eu acho que não tinha. E nós temos e muito, somos respeitados.

Virgília: Eu não faço parte de outras aulas, apenas o teatro, a biblioterapia , porque a gente tem que desenvolver tudo isso e se a gente assumiu isso a gente tem que estar aqui, e fica difícil. A gente tem idade, a gente tem os afazeres de casa. Pela gente, todos os dias a gente estaria aqui. Todos os dias tem uma atividade. Mas o teatro me preenche. Eu estou muito satisfeita. Sabe, apesar de nada ter sido preparado para a velhice, nós ainda estamos pegando



alguns pontos de mudança. Tudo foi preparado pro jovem, e pra velhice não. Agora, que o Brasil envelheceu é que estão pensando nisso, né? E voltando na parte do teatro, eu acho que esse encontro do teatro é maravilhoso. É muito importante. A gente chega, bate papo, fica sabendo de um probleminha, conversa com um, com outro, a gente sai aliviada daqui. Às vezes eu chego em casa e meu marido fala: _ Nossa, você demorou tanto! Mas se ele soubesse o quanto o teatro preenche... O teatro é maravilhoso, é maravilhoso, é maravilhoso. Eu acho que toda a sociedade deveria vir e ver o que a gente está fazendo.

Alzira: Teatro.

Urânia: Eu não tenho o costume de sair, de ficar andando, passeando pra rua, eu não faço isso. Então eu ficava muito presa dentro de casa. E a UNATI me tirou de dentro de casa. Passei a conviver com outras pessoas, gente da mesma geração, a gente acaba conhecendo outras pessoas da mesma geração nossa, e reencontrando algumas que a gente já conhecia e fazia tempo que não via. Eu fazia fisioterapia, eu faço biblioterapia, eu faço teatro, eu vejo as palestras, então quase todo dia tem que sair de casa. E isso pra mim foi muito bom, me tirou de lá de dentro de casa, de perto da televisão, eu não tenho tempo de fazer mais nem tricô.

Alice: Eu faço biblioterapia, e já fiz também inglês, fiz dois anos de inglês, antes de ir para os Estados Unidos, mas depois passei a fazer só o teatro e a biblioterapia, que até agora em agosto eu estou abandonando um pouco a biblioterapia, mas eu pretendo continuar, porque eu gosto. Eu gosto de falar de leitura, de textos, sobre livros, analisamos alguns textos e livros, comparamos autores, o tipo de cada escritor, então eu gosto. Eu gosto também de biblioterapia.

Olinda: Eu estou aqui desde que a UNATI começou, em em 95. Eu já fiz um pouco de aula de italiano, mas como as aulas são no Campus e lá então ficou longe pra mim, então eu deixei as aulas. E já fiz também um pouco de biblioterapia, gostei muito da professora, do que ela está aplicando, gostei mesmo, eu achei que é uma coisa muito boa. É sobre literatura que eu gosto muito. Mas coisas que andaram acontecendo me atrapalharam um pouquinho, e tive que deixar. Mas com a oficina de teatro eu continuo.

5) Você se recorda de peças de teatro que tenha assistido ou de autores que tenham marcado e reiterado seu gosto por teatro?



Lydia: No momento me falha a memória. Quando eu era solteira eu freqüentava muitas óperas em São Paulo. Eu tenho um conhecimento profundo a respeito de óperas, como as de Verdi, Wagner. Quanto a peças, assisti peças com Tônia Carrero, com a turma da velha guarda. Reconheço que o interior é um pouco falho nesse setor, que raramente temos uma peça de nome. Mas há coisas boas vindo pra cá. Como as peças apresentadas no SESI, a Mostra de Teatro contemporâneo com Renato Borgui . Francamente, eu me assustei um pouco no começo, depois eu achei que essa é a vida e que aqueles conceitos de teatro de antigamente ficaram.

Regina: Eu sempre gostei de peças, independente de autores. Na verdade como eu fiquei muito ligada a peças de crianças e jovens, eu não consigo me lembrar de peças e de autores, eu nunca fui muito ligada nisso, de saber nomes de autores e peças. Eu gosto de peças que são montadas pelos próprios grupos. Eu não tenho tido muitas oportunidades de ver peças, pela dificuldade de sair à noite.

Elza: Eu nunca me esqueço de uma peça que eu assisti, “A casa de chá do luar de agosto”. Extraordinária. Você assistiu? Eu assisti três vezes. A gente ria do começo ao fim. Um dos artistas era o Ítalo Rossi. Ele já ta velhinho agora. Isso faz muito tempo. Até eu vi essa peça numa situação bem estranha, porque nós compramos as entradas para a peça no dia da estréia, eu e o Guerra (marido), e daí o Guerra teve que viajar para o Mato Grosso, e eu queria ir ao teatro e eu fui com minha irmã. Primeiro eu telefonei perguntando se eles recebiam a entrada de volta, mas eles falaram que não. Só se eu fosse lá pessoalmente. Eu pensei, se eu vou lá eu já assisto a peça, não preciso vender as entradas . Então fui. Eu lembro que tivemos uma dificuldade pra voltar, e nós estávamos completamente estranhas na platéia, porque era quase todo mundo gente do teatro que estava lá assistindo porque era estréia, então os assistentes na maioria eram colegas dos artistas. E a gente estava lá de furão mesmo. Depois eu fui outra vez com o Guerra porque eu achei tão boa. Mas não me lembro do autor. Aqui em Marília mesmo, o Gianfrancesco Guarnieri trouxe a peça A semente. Ultimamente as peças que eu vi , eu vi aqui em Marília e foi a peça O sabiá, depois eu também fui ao teatro do SESI, mas agora eu acho que estão fazendo muita cena de sexo e palavrão, isso não me agrada, não. Não me agrada ouvir palavrão. Aliás nunca me agradou. Se bem que o teatro tem que representar a vida e na vida se fala palavrão , eu não, mas os outros falam, então eu não gosto de ouvir palavrão nem no teatro, nem de mentirinha. Eu não sou capaz de falar um palavrão nem



contando uma anedota. Quando criança eu levei um tapa por falar um palavrão e acho que tomei ojeriza, me repugna o palavrão.

Iraci: “O auto de Compadecida”, do Ariano Suassuna. Gostei também de uma peça com o ator Juca de Oliveira, chamada “Caixa dois”. E tem também a peça “Boa sim, santa nunca”, sobre dois casais gays.

Ruth: Assisti a muitas peças e concertos no Cultura Artística. Assisti a peças como “O vestido de noiva” e “Morte e Vida Severina”. Presenciei a atuação de artistas como Sérgio Cardoso e Henriete Morineau.

Lourdinha: Não me lembro. Quando vou ao Rio de Janeiro assisto peças. Assisti peças com a Regina Case, José Wilker, Miguel Falabela e Marília Pêra. A peça com a Marília Pêra se chamava “Elas por ela”. A peça faz uma retrospectiva das cantoras, desde Chiquinha Gonzaga até os dias atuais. O que sai sobre teatro eu leio. Também gosto muito do Nelson Rodrigues.

Linda: Quando eu já tinha uns vinte anos eu comecei a viajar para São Paulo, porque na minha época não era fácil os pais deixarem a gente viajar, mas eu já estava trabalhando no magistério e comecei a viajar. Eu ia a São Paulo e não ficava sem ir ao teatro. Assisti peças maravilhosas, que até hoje eu lembro. Gimba eu achei uma peça espetacular. O cenário era uma favela e o Paulo Autran, que eu já assisti a monólogo com ele, é fabuloso, não tem nem o que falar. E tem também “My fair lady”, que era musical. Bent, uma peça muito bonita, eu assisti em Marília, quando o teatro foi inaugurado. Houve comentários, somos cidade do interior e o rapaz aparecia nu na peça. Eu assisti, gostei demais, eu gosto muito de cenário. Hoje já não existem peças com cenários, talvez pelo fator econômico, penso eu, ou por serem mais modernas mas os cenários eram lindos, eu era apaixonada. Outra que assisti e gostei muito foi “Navalha na Carne”. É isso mesmo? É “Navalha na carne”, do Plínio Marcos.

Diva: Olha, os trabalhos da Fernanda Montenegro me despertam muito interesse para a representação. Eu gosto quando estou assistindo teatro com ela, eu presto muita atenção na maneira como ela pronuncia, como ela age no palco. Eu gosto de peças de uma forma geral. Eu aprecio Fernanda Montenegro, mas há muitas atrizes que gosto.



Marlene: Ai, Ana Pala, eu não sei. A minha vida foi tão puxada, tão corrida que eu nunca fui em teatro. Depois que eu vim pra Marília, que eu comecei a participar de alguma coisa. Nem cinema eu ia. Minha vida era muito complicada, tinha o meu pai, o irmão que perdeu a esposa. Ele tinha quatro crianças. Então eu não tive lazer. Por isso que eu falo que eu comecei a viver depois que eu me aposentei e vim pra Marília.

Virgília: Eu assisti a várias peças no SESI. Adoro, amo de paixão as peças que vêm pro SESI, esses teatros de fora. No momento me fuge, não gravei, não tenho uma peça de teatro pra falar. Mas eu vou muito ao SESI. É só chegar um teatro aí, é difícil eu perder uma peça. Eu vou muito ao teatro. Pra gente ver, pra gente aprender a gostar mais.

Alzira: Em criança e jovem eu tive pouca oportunidade. Depois eu estive mais presente em algumas peças assistindo, mas não digo que seja isto que me levou ao gosto pelo teatro, a hoje frequentar. Era mais uma vontade de querer me expor, de estar num palco e outros batendo palmas.

Urânia: Muito pouco eu saía. A gente era humilde e eu nem tinha condições de ir ao teatro. O papai trabalhava, a mamãe, então era muito apertada a vida. E depois que eu já fiquei adulta, ultimamente é que eu tenho assistido mais. Mas falta de oportunidade financeira, também. Mas eu sempre tive curiosidade, sempre tive vontade, e a gente se espelha muito na televisão, a gente vê todo mundo trabalhando e pensa: _Ai, que beleza, que vontade de também fazer aquilo. Não de estar na televisão, mas de estar fazendo um trabalho assim, né?

Alice: Olha, eu assisti em São Paulo no Cultura Artística uma peça que foi um monólogo de Beatriz Segal. Se não me engano se chamava Lillian. E eu achei maravilhoso. Porque eu comecei a apreciar, eu nunca pensei que um monólogo fosse chamar tanto a atenção da gente, porque uma pessoa só falando eu achei que seria massante. Até fui pensando nisso. Mas achei ótimo. A Beatriz Segal trabalhou, olha, foi uma peça não curta e se ela ficasse mais uma hora falando daquele jeito a gente ficaria grudada ouvindo. Foi ótima a peça. Eu gostei e achei que ela trabalha muito bem. Eu assisti também uma peça que eu gostei muito, eu não me lembro o nome. É um nome de mulher, é com a Fernada Montenegro e com a Renata Sorrat, elas eram homossexuais, eram amigas, viviam juntas. Então essa peça também foi maravilhosa, eu não lembro o nome, era um nome de mulher, um nome difícil, eu não lembro agora. Eu assisto bastante peças, mas eu assim não guardo muito autores, diretores, não guardo muito, não.

Olinda: Olha, a minha filha mais velha que mora em São Paulo e meu genro, eles são apaixonados por teatro e por ópera, por música. Então eles já me levaram no Morumbi pra ver os três tenores. Eu já fui em São Paulo no teatro para ver a peça da Linda e da Dircinha Batista. Já vi também em Curitiba “Cartas de Amor”, com a Eva Vilma e o Carlos Zara. Eu gosto muito de teatro. Sempre que tem teatro eu procuro ir. Agora, quando veio aqui em Marília a peça “Caixa Dois”, com o Juca de Oliveira eu quis assistir. Lá em São Paulo, perto de onde a minha filha mora, tem o teatro SESC Pompéia da Vila Mariana. Quando eu estou lá, nós vamos. Ou é show, ou é peça.

6) Você participou ou atuou em grupos de teatro ou de alguma outra forma de expressão artística relacionada à atuação quando jovem?

Lydia: Essa questão já foi respondida na questão 2.

Regina: Eu participei apenas de teatro amador, nunca participei de grupos mais sérios, mas sempre ligados aos grupos de jovens da igreja, que eu participava na época, mas nada mais sério. Eu participei também de rádio teatro na época que era muito mais conhecido que o próprio teatro. Eram novelas feitas através do rádio, e montadas aqui em Marília mesmo. Era muito interessante, isso fazia a gente ficar muito conhecida na rua, como hoje o pessoal de televisão, o povo era muito ligado ao rádio.

Elza: Efetivamente não. Quando criança, sim. Participei de peças organizadas pelo meu pai. Ele era um perfeito artista. Lembro-me da atuação dele em comédias. Ele ensaiou também um texto chamado “Os filhos da Canalha”. Eu era criança e me lembro que minha mãe também trabalhava na peça. Ela morria no final e eu chorava muito. Eu sempre gostei de teatro, sempre gostei de me exhibir. (risos)

Iraci: Não.

Ruth: Não, só agora.



Lourdinha: Sim, até o último ano do curso Normal. Eu sempre fui professora, lecionei por 31 anos, me aposentei aos sessenta anos. Meus alunos me perguntavam se eu já tinha trabalhado na TV. Sempre criei meus próprios jograis, sempre gostei de escrever e apresentar trabalhos com meus alunos.

Linda: Não, participar de grupos não, mas ir a teatro, sim.

Diva: Eu gostava muito de teatro, eu gostava muito de representar. Mas eu tinha uma deficiência na fala e eu na segunda série prometi pra mim mesma que eu nunca ia recitar, que eu nunca ia num palco e nunca ia fazer mais nada, porque eles riam de mim quando eu falava, porque eu trocava o “p” pelo “b”, eu não conseguia falar os dois erres e então eu comecei a recitar “O cajueiro pequenino” e numa parte eu dizia: _minha mãe neste *tereiro*... e quando eu falei *tereiro* a classe toda riu. Inclusive eu olhei pra professora e vi ela rindo. Então aquele dia eu cheguei em casa chorando e falei que nunca mais ia recitar. Eu estudava as poesias do livro, mas se me chamassem para declamar eu não ia, porque eu tinha pavor de falar em público. Eu era uma criança muito tímida, na adolescência eu também fui tímida, e com o tempo até pra escrever eu ficava inibida quando alguém estava olhando eu escrever, de tão tímida que eu era. Depois eu fui trabalhar na Rádio Clube, na secretaria, e eu fui obrigada a entrar no microfone quando faltasse alguém, por exemplo, às vezes o locutor faltava e pediam para eu entrar no microfone. E novelas, também, que às vezes faltava alguém. Em 1950 eu estava na Rádio Clube. Eu estava participando das novelas de lá, eu participei de muitas. Eu fui a gata borralheira de uma novela, e quando eles viam que eu servia para representar, eles me puseram. Eu saí da Rádio Clube em 1952, e aí que eu comecei a gostar de teatro e ver que eu consigo falar, que não era aquela coisa de falar que nunca mais vai representar.

Marlene: Nunca nem me passou pela cabeça. Olha, eu vou dizer uma coisa pra você, eu não sei se a Virgília lembra. Quando foi a primeira peça, o meu filho estava sentado mais ou menos aqui. Não sei, ele vendo aquelas senhoras todas se apresentando, mas ele chorava, mas ele chorava de tanta emoção, que ele punha o lenço no rosto. Ele dizia:- Que coisa bonita ver vocês, nessa idade tendo esse pique, e essas mensagens bonitas passando pra gente. Mas ele não conseguia parar de chorar de alegria, de ver que todas as senhoras como eu, tinham assim um espaço tão importante ainda na vida. Pra nós todas era novidade, aquilo. Ninguém tinha sido artista em nenhuma época da vida. E o teatro aqui estava cheio, então foi muito bonito.

Foi um dia que me marcou bastante. Era a peça “Não é proibido sonhar”. E cada vez foi ficando mais gostoso.

Virgília: Nunca participei na juventude. Foi só mesmo o teatro da vida. Participar hoje é maravilhoso. Você, Ana Paula, nos preparou para nos apresentarmos em diversas situações. Olha que orgulho! Um grupo amador, de terceira idade, apresentamos no teatro municipal a peça “Os italianos”, sem contar com várias outras. Então eu faço parte daqueles que têm amigos, pois ter amigos é ser feliz. Faço parte daqueles que acreditam que: “ontem é passado, amanhã é futuro e hoje é a dádiva chamada presente”. Uma pessoa ensinou-me uma coisa: _Tudo no final sempre dá certo. Essa pessoa é você, minha professora!

Alzira: Não. Nunca fiz nada, não tinha condição até de freqüentar algum curso, e nem orientação da família nesse sentido.

Urânia: Olha, eu fiz uma vez. Uma única vez quando eu fazia o curso Normal. Mas isso eu já fiz aí cinqüenta anos de formada. Eu fiz uma peça, tive dificuldade sim, mas acabei apresentando. Mas eu sempre quis fazer, porque eu sou a última filha de onze irmãos, e os meus irmãos mais velhos, meu pai, gostavam muito dessas coisas. Meus irmãos cantavam, meus irmãos atuavam em teatro, porque ele fazia teatro com a criançada, com os filhos, então eles participavam, era uma cidade pequena, então ele sempre juntava aquela juventude e faziam peças, se apresentavam, era uma folia. Então eu sempre ouvi dizer que eles faziam teatro, eu nunca vi, porque eu sou a última deles. Quando eu nasci, já tinha irmã casada. Então já estavam formando suas famílias. Então não é da minha época. Mas eu sempre ouvi dizer. Porque é que eu não podia ser artista também? Eu também queria participar disso, apesar de que nem minha mãe nem meu pai estavam mais aqui pra ver. E eu sempre gostei, sempre tive vontade e aqui estou.

Alice: Não. Eu nunca, nunca participei. Antes da UNATI eu nunca participei. Agora tem uma coisa, eu sempre gostei muito quando eu dava aula, eu dei aula vinte e oito anos, só pra quarta série. Quarta série é uma idade que acho que a criança gosta de teatro. E eu sempre, pelo menos uma vez por mês na minha escola, que tinha bastante comemorações, eu apresentava, todo mundo falava que eu era a que mais apresentava. Eu apresentava jogral, essas dramatizações, então do dia do Trabalho eu levava as ferramentas, no dia da mãe, todas as datas eu costumava comemorar muito e até comentava com a minha classe, que as outras até se acomodavam porque sabiam que a minha classe tinha sempre alguma coisa a apresentar.

Eu já gostava de preparar as crianças. Agora eu nunca tive oportunidade. Uma vez eu preparei também uma menina, falaram assim mais ou menos de última hora, preparei para uma poesia. Era concurso de poesias. E me falaram meio de última hora. Então comecei a ensaiar com pressa, ela foi em casa, e nós ganhamos em segundo lugar. Agora eu tenho até fotos dela recendo a medalha, netão ela ficou em segundo lugar quando eu não esperava nada, porque nos foi dado muito pouco tempo pra preparar. Aquela vez eu fiquei contente e outras vezes eu ensaiei coisas que achavam bom, bonito. Então parece que eu gosto porque eu gostava de ensinar. Mas eu nunca trabalhei. Antes da UNATI eu nunca trabalhei em nada.

Olinda: No Normal eu era do Orfeão, eu lembro sim. De música eu sempre gostei. Não sei se isso está no sangue, porque o meu pai e minha mãe que já estão falecidos, eles tocavam instrumentos, gostavam de cantar. Eu gosto mais de ficar ouvindo uma música que vendo televisão.

7)O que você acha do encaminhamento das oficinas de teatro, da forma como costumamos trabalhar?

Lydia: É maravilhoso, porque nós estamos entrando no íntimo de uma peça, desde a criação, o vestuário, a sonoplastia, é diferente de você pegar o texto de uma peça já pronto. Eu acho isso muito positivo. Pra mim está sendo maravilhoso nesta altura da minha vida.

Regina: São muito interessantes. Nas oficinas, além dos exercícios de postura corporal e de voz, a gente conhece várias coisas sobre peças e sobre o próprio teatro e o entrosamento do grupo é muito bom. Desde que estou participando eu acho ótimo estar com a turma e elas são muito entusiasmadas. E principalmente o fato de estarmos montando as peças, isso torna as oficinas bem interessantes, porque a criação da peça começa ali já nas oficinas, então eu acho ótimo.

Elza: Oficinas de teatro mesmo, eu só tomei parte aqui, com você. Antes eu só ouvia falar. Eu tenho uma sobrinha que é atriz, e ela me contou que numa peça ela tinha que brigar, ela tinha uma rixa com a pessoa, então elas começaram, numa oficina a discutir, a dizer insultos uma pra outra e o diretor precisou até apartar. Eu achava ótimo quando fazíamos mais oficinas, os exercícios de respiração, de alongamento, de ocupação de espaço, eu achava ótimo. Tem a

fala, a boa dicção. Eu cheguei a fazer um curso de teatro infantil com a Tatiana Belinski, , eu lembro que ela dava muita ênfase aos exercícios. Eu tenho uma porção de exercício trava língua no meu caderno.

Iraci: Você aprende como elaborar uma peça, pesquisar sobre o tema, organizar o roteiro, aprende a **fazer** teatro. Há a possibilidade de estudar, pesquisar, construir devagar uma história. Quando nos apresentamos já incorporamos bem o personagem. O processo de construção, o durante é parazerozo.

Ruth: Não há imposição, há compreensão. O trabalho não é só o de ouvir, é o de participar. Participar é muito importante.

Lourdinha: As pessoas que participam ficam mais familiarizadas com o palco. Os exercícios contribuem muito. Trabalhamos a voz, a respiração, a ocupação do espaço, exercícios físicos e também os das lembranças, como aquele exercício dos objetos. Gostei das duas linhas de coordenação, a sua e a do professor Alexandre.

Linda: Eu estou achando maravilhoso. Eu não tenho muito jeito para criar peças, mas eu fico admirada de ver que o grupo faz as suas peças, trabalha, se preocupa com as roupas, cuida do cenário, eu estou achando tudo muito interessante. Na minha cabaça, isso tudo já vinha pronto para o artista, ele só iria interpretar. Na nossa oficina não, nas temos que elaborar tudo e está sendo muito interessante mesmo. Até hoje nós fizemos o que nós produzimos, mas eu acho que também seria interessante um dia encenarmos algo que não foi produzido por nós, pra ver como a gente iria representar também.

Diva: Eu acho a metodologia utilizada ótima. A gente fica à vontade. A gente fica bem à vontade pra criar, eu achei muito bom.

Alzira: A

Urânia: É muito bom. Você está fazendo inclusive a gente escrever as peças. Começa por aí. Trabalhar com velho não é muito fácil, não. Porque a memória não ajuda muito. No teatro, pra gente chegar a apresentar, você tem que ler muito, ficar bar batendo na mesma tecla, a' te que saia alguma coisa. Porque se fosse assim no de repente, a memória não ajuda muito não,

viu? Ficam gravadas coisas mais antigas, mas coisas recentes, a gente acaba não lembrando. A gente tem dificuldade. Escrever os próprios textos é muito bom. Porque obriga todo mundo a puxar um pouco pela memória também, né? Porque não é só decorar. É a gente puxar também pela memória para criar alguma coisa.

Alice: Eu acho muito bom. Até acho que seria muito mais fácil se a gente pegasse coisas prontas, seria mais fácil. Mas eu acho muito mais útil porque a gente trabalha, a gente fica até mais realizada em saber que aquilo que apresentamos tem um pouco da gente. Então eu acho maravilhoso, embora seja trabalhoso, eu acho ótimo. Eu acho interessantes os exercícios de respiração que a gente faz antes, eu acho tudo isso uma coisa que a gente vai aprendendo também que é preciso fazer. A gente nunca imagina que exercício respiratório, uma preparação vai ajudar no desenvolvimento da peça. De um modo geral eu aprecio tudo o que nós temos feito.

Olinda: Pra mim está sendo bom. Quando eu vou no teatro Municipal ou no teatro do Sesi, a gente fica acompanhando, e vendo, comparando a interpretação dos artistas, eu gosto de perceber os detalhes. Eu estou gostando muito sim.

8) Há quanto tempo está aposentada e qual era sua profissão?

Lydia: Eu me aposentei em 1987, por problemas de saúde, porque como eu trabalhava na roça, grosso modo, eu tive problemas de artrismo, eu não podia dirigir nem tinha facilidade de manuseio com as coisas da fazenda, então eu tive também problemas de coluna e procurei uma aposentadoria que foi prematura. Eu trabalhei por 27 anos.

Regina: Estou aposentada há onze anos. Eu era professora primária.

Elza: Eu era professora. Eu nasci professora. (riso) Mesmo antes de eu me formar, eu sempre tive aluno particular. Dava aula para os próprios colegas da minha classe, eu modéstia à parte era a primeira aluna e sabia muito, então eu dava aula até para os colegas da minha classe, foi assim que eu fiz o meu enxoval, que eu ajudei na despesa da casa. Eu me formei professora em 1940, em São Paulo, mas em seguida eu vim morar no interior, eu casei e me formei em dezembro e em março eu vim morar na Usina Paredão. Aí eu comecei a lecionar no grupo de Oriente (SP), como professora substituta efetiva, até que fiz pontos necessários para ingressar,

e continuei quinze anos no grupo de Oriente mesmo, lecionei em Paulópolis um pouco, em 48, acho. Em 47 eu fiquei um ano trabalhando na delegacia de ensino, e aí que eu vim pra Paulópolis, fiquei um ano em Paulópolis. Foi depois disso que fui pra Oriente, e fiquei em Oriente até 55. Depois eu prestei concurso para diretora e fui nomeada para a Usina Paredão, e fiquei na Usina 15 anos como diretora. Eu me aposentei na Usina. Eu tenho até a fita da aposentadoria. Naquele tempo não tinha vídeo, tinha só gravação em fita, e uma das professoras gravou a minha festa. Mas ela não me deu essa fita, então eu não tinha essa fita e nem me interessei. Agora, depois de 29 anos, ano 2000, eu me aposentei em 71, uma pessoa me telefonou aqui perguntando se eu era a dona Elza Ricci Guerra. A senhora é aposentada? _sou. Eu estou com uma fita aqui da sua aposentadoria. Aí ela me deu o endereço e eu fui buscar. Ela não sabia porque a fita estava lá. Ela costumava ouvir o walkmen, ouvia música e um dia ela colocou uma fita e era a fita da minha aposentadoria. Aí ela me telefonou e eu fui buscar. Então depois de trinta anos eu tenho a fita.

Iraci: Estou aposentada há dez anos. Fui professora e diretora de escola, mas não atuei como diretora, pois trabalhava na Divisão Regional de Ensino.

Ruth: Me aposentei em 86 como professora de História e em 91 como TAE (Técnica em Assuntos Educacionais), do Ministério da Educação.

Lourdinha: Me aposentei em 75, como professora.

Linda: Faz tempo. Eu me aposentei em 1985. São 17 anos. Eu comecei como professora, na minha época a moça nem podia sair para trabalhar e eu fui trabalhar. Eu me formei contadora, depois no magistério. Aí eu ingressei no magistério, fui professora e quando eu já estava há uns vinte anos formada, trabalhando, bem, de trabalho eu tinha menos, acho que uns quinze anos. Aí veio uma lei que o professor que tivesse o curso superior seria melhor remunerado, mesmo fazendo o mesmo trabalho, e eu corri, tive que tratar de fazer o curso. Passei pelo vestibular, consegui entrar. Antes a UNESP era a FAFI, eu entrei na FAFI e pela classificação eu peguei comissionamento e então eu estudei comissionada e quando eu terminei eu já fui prestar os concursos. Passei pela Coordenação pedagógica e depois pelo concurso de Diretor de Escola e me aposentei como Diretora de Escola.

Diva: Eu era professora. Eu me aposentei em 1985.



Marlene: Eu, Ana Paula, trabalhei quando solteira numa companhia americana, a Singer, e quando a gente casava eles despediam a funcionária. Então eu parei de trabalhar onze anos. Depois, meu marido faleceu. Faleceu muito cedo. Nós éramos casados há onze anos. E eu voltei a trabalhar. Eu voltei a trabalhar no DER, o Departamento de Estradas e Rodagem. E aí eu fiz um curso e fui ser Técnico de Laboratório de Solo, uma coisa que nunca tinha passado pela minha vida fazer, uma coisa bem diferente, e era um trabalho um pouquinho desgastante, porque eu era a única mulher desse laboratório. Porque era um serviço mais pra homem. Mas a minha necessidade era tanta, que eu consegui ser aprovada, ingressei e até que me dei bem, só que eu senti falta de senhoras lá, porque eu era a única mulher do laboratório, mas aí consegui ficar até me aposentar, em 1996, porque eu me aposentei tarde porque eu parei muito tempo de trabalhar.

Virgília: Minha função como funcionária da faculdade era diversa: a gente servia café, outra hora precisava fazer limpeza, outra hora tinha de ir ao correio, então eram várias atividades. Mas no final eu fiquei, até me aposentar, na área de Recursos Humanos. Me aposentei em 1990.

Alzira: Em 84. Mas eu dei muito pouco tempo de aulas propriamente ditas. Eu fiquei mais na área administrativa.

Urânia: Me aposentei em 87. Faz tempo, né? Eu era chefe de escritório do Departamento de Estradas e Rodagem. Eu sou professora primária, fiz magistério, e depois eu fui fazer o curso de Educação Física. Mas eu não fiz até o fim o curso. Eu fiz mais uma especialização de Educação Física Infantil. Coisa que aliás, até hoje não saiu. Fizeram um curso e depois ficou por isso mesmo, porque seria pra implantar Educação Física no curso primário. E não houve, e aí eu parei. Depois eu entrei pro funcionalismo público e me aposentei aí.

Alice: Eu era professora primária, dei aula 31 anos, sendo que 28 só com a quarta série. Eu sempre gostei muito e não pude sair da quarta série porque falavam que eu preparava bem pra quinta série. O diretor até brincava e falava: _ Você não vai escolher. Você vai pegar a quarta série. Porque ele achava que eu preparava bem pra quinta série. Estou aposentada há 16 anos.

Desde que eu me aposentei eu me dediquei a outras atividades, eu não fiquei parada. Coisas da igreja, outras coisas.

Olinda: Eu era professora primária. Eu me aposentei em setembro de 85. Então já faz 17 anos. Mas eu nunca parei, porque eu não estava na UNATI nem nessas aulas, mas eu sempre viajei bastante depois que eu me aposentei. Depois eu entrei em aula de pintura em tela e em porcelana.

9)O que você sentiu em relação à sua aposentadoria logo que você encerrou suas atividades profissionais?

Lydia: Eu estava muito cansada. Nós tínhamos duas propriedades agrícolas, às 5:30h eu saía pra uma e ao meio dia almoçava e ia pra outra e o meu dia todo era tomado. Eu não pensava muito em mim. Eu vivia mais em função da gerência das fazendas e do encaminhamento e educação dos meus filhos pequenos. Após a aposentadoria eu me sentia sem ter atividades, e me lancei de corpo e alma nessa alternativa da UNESP. Eu adorei porque ao invés de parar no tempo eu comecei a fazer muitas coisas que durante esse período todo que eu trabalhei eu não tive tempo de pensar. Em mim, em passeios, em conhecimentos novos. Agora não. Agora eu estou entrosada em todos os ambientes que eu frequento.

Regina: A minha primeira reação foi a de conseguir um outro emprego e continuar trabalhando, mas eu senti que não era necessário estar trabalhando, com horário, essas coisas, mas mesmo assim eu não quis ficar de todo afastada de jovens e crianças, eu sempre gostei muito. Senti também que o jovem rivaliza muito com o mais velho no mercado de trabalho. Eu tive uma experiência assim após a aposentadoria. Eu fui numa escolha de classe com uma amiga, também aposentada, que queria voltar a pegar umas aulas. Eu era muito conhecida por ter trabalhado na Divisão Regional de Ensino. Quando algumas colegas mais jovens me viram, vieram ficar bravas comigo por acharem que eu ia pegar uma vaga para lecionar. Mas eu só fui acompanhar a minha amiga. E se eu precisasse mesmo trabalhar? O que é que eu ia fazer? Teria que agüentar a rivalidade delas. Os mais jovens muitas vezes não aceitam que você também queira continuar aprendendo coisas novas quando fica idoso. Eu também fui aprender a dirigir depois de aposentada e o instrutor da Auto-Escola era irônico, fazia brincadeiras de mau gosto por causa da minha idade. E nem era tanta, eu tinha uns cinquenta

anos. Falam tanto da convivência entre as gerações, mas a gente percebe que não é no mesmo pé de igualdade nunca. Em boa parte das vezes é uma convivência discriminatória. É como se a gente sempre tivesse que dar o primeiro passo, enfrentar, abrir caminhos. E isso a gente está tentando fazer, não é? Tudo o que o mais velho quer fazer é criticado pela sociedade. Até na roupa, se você se veste toda colorida, é assanhada. Porque os outros acham que velho tem de usar só cinza e preto? São cores que eu detesto! Eu amo vermelho. Parece que até nessas coisas pequenas está a nossa luta para abrir caminhos. Mas eu continuo muito entusiasmada com os jovens, com as crianças, e estou ligada à catequese da igreja até hoje. Hoje a catequese está bem dinâmica, usamos inclusive teatro e dinâmicas de grupos com as crianças e também com os jovens. Tenho também um grupo de amigas e marcamos a cada dois meses um momento para estarmos juntas. Elas estão todas aposentadas, a maioria exercia o magistério, todas professoras. Estou ligada também à APAMPESP, que é o sindicato dos professores aposentados, eu sou uma das encarregadas de avisar com antecedência sobre eventos programados, eu gosto de estar por dentro dos nossos direitos, do que a gente pode melhorar ainda, mesmo estando aposentada. Atividade não falta pra aposentado não, é só a gente procurar que acha. (risos).

Elza: Alívio. Estava cheia de atividades. Cuidava do mobral, em Oriente, com educação de adultos. Fazia inglês. Comecei a estudar piano, que sempre foi minha paixão. Estudava duas, três horas por dia. Além disso eu tinha casa, marido para cuidar. Não senti saudade, apesar de gostar muito de escola. Eu era muito feliz na minha profissão. Mas também fiquei feliz ao deixá-la.

Iraci: No começo foi como se eu estivesse de férias, depois bateu o vazio e foi duro acostumar com a ociosidade, se bem que ociosidade eu nunca tive, pois eu fiz teologia por quatro anos. Sempre procurei preencher meus dias com várias atividades e cursos.

Ruth: Senti um vazio, um verdadeiro pavor de não trabalhar.

Lourdinha: Não gostei de me aposentar. A melhor coisa na vida é o trabalho. Se bem que eu nunca fiquei parada. De um modo geral eu não gostei de me aposentar, mas o tempo é inexorável.

Linda: Não pensei em voltar à mesma atividade. Não. Eu trabalhei trinta e dois anos pra me aposentar. Não foram vinte e cinco, não. Foram trinta e dois anos. Eu me aposentei, podia até ficar mais dois, três anos, pra ganhar uma referência a mais, uma coisa a mais, mas eu achei melhor parar. Aí eu, bem, a gente fica um pouco deslocada, mas eu não lembro de ter, assim, me preocupado com esse problema, não. Porque eu logo comecei a me reunir com um grupinho pra trocar idéias, e sempre querendo uma atualização quanto às leis do magistério. A gente começou como um grupinho meio social, mas ao lado disso cada uma pesquisava o que saía no Diário Oficial e trazia pra outra. Pra gente ter conhecimento do que estava ocorrendo. E nós no começo sentíamos que estávamos ficando alheias. Sem saber. E nós não podíamos ficar assim. Temos que ter conhecimento do que está acontecendo. Aí nós fomos, nos reuníamos em grupinhos, a gente ia assim na chácara de uma amiga que tinha uma piscina, cada uma levava uma coisinha pra comer, beber e lá a gente fazia essa reunião e depois passava para o lazer. Até que nos convidaram para uma reunião maior e se formou a PAMPA em Marília, e depois da PAMPA a APAMPESP. Quer dizer que eu estou em plena atividade, porque desde o momento que se criou a APAMPESP em Marília eu sempre estive no cargo de tesoureira porque eu fui contadora. Então eu tinha conhecimento da área. E até hoje sou tesoureira, não abrem mão. E ao lado disso sou a Conselheira em São Paulo, no Conselho Deliberativo. Então é bastante atividade e eu não senti a aposentadoria em si.

Diva: Quando eu me aposentei eu tinha uma neta em casa, uma filha que morava comigo. Ela lecionava e então eu tinha a responsabilidade de ficar com a menina durante o dia. Eu entrei na terceira idade do Patronato e eu levava a menina pequenininha, ela tinha oito meses e eu já a levava. Ela era muito quietinha, era uma criança ótima. Ela ficava comigo, e eu não podia fazer muitas coisas.

Marlene: Eu já me aposentei, Ana Paula, querendo assim tirar como uma desforra do que a vida tinha dado pra mim. Porque foi muita luta. Eu perdi o meu tempo. Então eu depois que me aposentei, graças a Deus os meus filhos estavam bem encaixadinhos, eu parecia um passarinho que abriu a porta da gaiola. Eu comecei a fazer o curso de italiano, cheguei a me matricular no curso de Espanhol, eu queria participar de tudo, tudo. Fui fazer aula de pintura, entrei no curso de teatro, nas palestras, eu saía todos os dias, mas como eu não dirijo e com probleminhas de saúde, eu tive que dar uma paradinha, que eu não tava dando conta. E aí eu fiquei com o que eu achava mais importante pra mim. Era a pintura, em primeiro lugar o

teatro e as palestras de quarta feira. Porque a gente tem também às vezes que fazer um tratamentozinho, uma fisioterapia, então você fica com o tempo muito curtinho e não pode abusar, porque a idade também vai chegando. Mas no mais importante eu estou, que é o teatro. Me preencheu, assim, e muito. Eu vou dizer pra você, acho que foi a fase da minha vida mais gostosa. Eu me sinto dona do meu tempo. Eu falo vou, e vou e pronto. Eu não topo com aquela preocupação de que estou tirando aquele meu tempo e ele está fazendo falta pra alguém. Não, o tempo é meu. Então eu faço dele o que eu quero e estou aproveitando muito bem ele.

Virgília: A gente quando está trabalhando, a gente sente aquela vontade de aposentar, de parar, e de repente a gente aposenta, e vê que não é aquilo. A gente não sabe das notícias, das fofocas, os amigos no começo vinham em casa e a gente fazia as reuniões, depois foram se afastando, se afastando e eu assim senti uma solidão muito grande, porque meus filhos moram fora. Então era só eu e meu marido. Foi difícil. Foi difícil até que eu me encaixei nessa UNATI. Então foi aí também a descoberta da minha vida, e eu me vejo louca pra participar de tudo, pra estar em tudo, e valeu muito, está valendo muito tudo isso que eu estou fazendo. Principalmente o teatro, também. Eu adoro, eu gosto demais, não sei se estou me apresentando tão bem, mas eu acho que o que eu estou fazendo, eu estou fazendo bem. Então a aposentadoria foi isso, né? Ajudou que a gente procurasse um outro rumo, que a gente não ficasse ali parada. Porque casa, comida, arrumar cozinha, essas coisas diárias de todas as horas, aquilo enjoa. A gente tinha que procurar uma outra atividade. Outras companhias e companhia como a nossa, de pessoas idosas. Apesar que a gente tem amigos jovens, e tudo. Mas é bom estar entre a gente.

Alzira: Eu até voltei uns tempos a trabalhar, sim. Mas depois eu senti que aquilo passou. Me preocupa muito a pessoa de idade ficar passando por ridícula às vezes. Porque nós perdemos um pouco a destreza, o desembaraço, a força pras atividades. Então eu acho que nós ficamos um pouco pra trás, eu acho. Então eu procurei, fiquei uns tempos mas hoje eu não faria mais nada nesse sentido.

Urânia: Essa história da gente trabalhar e depois se aposentar, você acaba se desligando do pessoal. E perde o contato com muita gente. Então quando você volta pra escola, como aqui, a UNATI, você volta a ter contato novamente com outras pessoas. Então é muito bom, é muito saudável. Eu sempre fui uma pessoa alegre. Mas eu ficar presa como eu fiquei, eu fiquei sete

anos dentro de casa parada, só tomando conta da casa. Varrendo, lavando, cozinhando, essa era a minha vida. Agora não, eu faço essas coisas mas eu tenho pra onde ir. Eu saio, é difícil o dia que eu fico em casa.

Alice: Quando eu me aposentei em 85, eu logo no primeiro ano em outubro eu comecei a trabalhar na APAE. Então eu ia um dia por semana na quarta feira, eu sempre trabalhei na APAE, eu costurava. Logo depois eu entrei na Terceira idade aqui do Patrô. Na terceira idade eu sempre ocupei cargo na diretoria, eu fui vice presidente, secretária quase todo o tempo. Então quer dizer que eu nunca deixei de pertencer à terceira idade. A gora depois que eu entrei na UNATI não está dando tempo. Então eu deixei a terceira idade do patronato, mas ainda tenho muita amizade, que eu fiquei lá pelo menos uns doze anos, então eu tenho muita amizade. Ontem eu fui num velório de uma amiga daí, e quando eu vou conversar as pessoas perguntam porque eu não volto, mas agora não dá tempo. Eu acho que a UNATI está em primeiro lugar. Eu prefiro me dedicar mais à UNATI, a teatro, e deixei a terceira idade do Patrô.

Olinda: Eu tenho amigas que se acomodaram, que estão em casa, mas não é o meu caso. Eu não tive isso de ficar com medo da aposentadoria não.

10)O que você acha do trabalho desenvolvido nas oficinas em relação aos processos ligados à memória, às recordações dos participantes do grupo?

Lydia: Olha, Ana Paula, depois da peça que nós apresentamos no teatro municipal , aquela dos italianos, em que eu memorizei 460 palavras decoradas, eu acho que minha memória está muito boa. Demorou um pouco pra decorar, mas consegui. E olha, no meu tempo havia o “ponto”, ou seja, se você esquecia alguma coisa, a pessoa que era o “ponto” te dava a “deixa” e a gente ia embora. Hoje eu me admirei muito que já não existe mais isso. Teve momento na peça em que eu achei que ia esquecer, mas o trabalho de improviso é muito importante. Hoje sinto minha memória mais ativada, com essa tarefa de decorar um texto. Tanto é que agora se eu leio um texto eu paro um pouquinho e consigo relembrar o que eu estava lendo, ao passo que há tempos atrás quando eu ainda não estava no teatro eu lia, mas passava um tempo eu não me lembrava de tudo o que eu lia. Hoje sinto que ativou a minha memória. Então eu acho muito positivo o teatro.

Regina: com o passar do tempo a gente acaba se esquecendo muita coisa do passado. Nas oficinas, através de objetos, exercícios, nos recordávamos de coisas ocorridas há tempos. Através das lembranças dos outros a nossas próprias afluavam. É interessante saber que, ao envelhecermos, as coisas não ficam perdidas. Um perfume, um objeto, uma foto, nos fazem lembrar das coisas, como elas realmente aconteceram. É como se vivêssemos situações e coisas que nos são caras.

Elza: Acho que o teatro contribui para o desenvolvimento total da pessoa, através das peças ficamos conhecendo costumes antigos, os outros tempos, outras idéias, o que se pensa a respeito de política, de arte, de tudo. Acho que o teatro sempre tem importância na vida cultural da pessoa. É uma escola de arte e de vida. Eu acho que contribui com a memória, a gente vê peças pensando no passado, projetando as coisas para o futuro, ele contribui para educar, o teatro é um meio de educação.

Iraci: Além do teatro, as aulas de biblioterapia também trabalham com a memória. Às vezes me esqueço de coisas e é importante buscar estudar, ler, fazer palavras cruzadas.

Ruth: Tudo o que a gente faz é válido para a memória. Não só aqui, até na ginástica, memorizando as seqüências dos exercícios.

Lourdinha: Estimula e motiva a memorizar textos. Eu acho que você poderia até forçar um pouco mais a decorar textos, poemas, talvez. Para nós, da Terceira Idade, estes exercícios de memória, motivação, desinibição são muito importantes para o fortalecimento dos neurônios, de mexer, motivar o intelecto, burilar a memória. Exercício é importante para o cérebro.

Linda: É excelente, ótimo, é o que eu comento com as pessoas quando me perguntam e eu falo que faço teatro. Elas dizem : aí, que maravilha! E eu digo que é muito bom porque ativa a memória. Nesta idade a gente tem uma tendência a ficar um pouco mais cômoda e você tem que decorar o texto e eu acho muito bom. A gente troca idéias, é uma boa atividade, eu acho. Incentiva a gente a tudo. E mesmo aqui no papel que você está dando pra gente desempenhar, eu sou obrigada a ficar na frente do espelho, me olhando, interpretando pra ver como é que eu estou, porque eu não vejo no ensaio. Eu tenho que me ver no espelho, olho meus gestos e escolho o melhor. Então eu acho que tudo isso é vida. Incentiva a gente pra tudo. Até pela

disposição que a gente passa a ter. E as pessoas até notam que a gente é diferente. Quando eu falo que eu vou participar de uma peça dizem: _ Ai, que beleza, ela virou artista. A gente não virou artista, mas eu acho que é uma atividade muito boa.

Diva: Importante. A cabeça não pode parar. Eu gosto de ler, de fazer coisas que mexam com a cabeça, com o cérebro. E o teatro me dá prazer. E exercitando o prazer, a cabeça fica boa. A gente não pode parar, senão enferruja.

Marlene: Ah, tem, Ana Paula. No teatro a gente volta a estudar, né? Às vezes a gente nem pega muito em leitura, mas quando a gente estuda, a gente se sente obrigada e a oficina de teatro é muito gostosa. Você dá uns exercícios que ajudam a recordar de coisas tão boas da vida da gente, eu gosto muito. Eu já estou sentindo falta daquelas oficinas, quando você traz um presentinho, pega uma coisa bonita, um objeto, que significou algo, aquelas conversas. Teve colega que teve também uma vida difícil, outras tiveram muitas horas de alegria, então você vai se conhecendo mais. Você volta, vive aquilo novamente, da sua vida e da dos outros. É muito gostoso, tem muito valor, e a memória da gente vai ativando, então eu acho que a gente demora um pouquinho mais pra ficar velha. A gente vai estudando, voltando, decorando, você sabe que tem o texto para decorar, a gente pega o texto, treina em casa sozinha, isso é muito importante, importante mesmo. A gente vai pondo pra lá o tempo perdido. Vai voltando tudo novamente.

Virgília: As oficinas são muito importantes, os exercícios dos objetos que nos trazem as lembranças do passado, coisas que às vezes a gente até já esqueceu, mas que naquele momento, voltam à tona. Eu tive muita dificuldade pra decorar os textos, mas eu não desisti. Eu falei assim: _ Eu vou em frente! Agora eu não tenho dificuldade. Eu insisti, eu pego meus textos, eu leio, se eu tenho dificuldade eu torno a ler, então tudo isso é muito bom.

Urânia: No caso do teatro, como a gente estuda todo dia, todo vai repetindo, a gente vai gravando. Então essas coisas a gente não esquece como as vezes esquece outras coisas do dia a dia. Já as coisas antigas permanecem. Mas as atuais são as mais difíceis. Então o teatro está fazendo com que a gente faça esse exercício de gravar alguma coisa.

Alice: Olha, eu estava agora me lembrando de coordenação motora, nos exercícios que a gente faz, antes de começar as atividades da oficina, eu noto que eu e outras pessoas não

tínhamos muita coordenação motora. Eu acho que a oficina é boa pra desenvolver a coordenação motora e também desenvolver a memória, porque a gente pensa até que a gente não tem mais idade pra decorar as coisas, que a gente não vai decorar e na oficina de teatro a gente tem a intenção de decorar os textos e a gente vê que com o tempo vamos decorando cada vez com mais facilidade. Parece que a gente não vai conseguir, que a gente é velha, que não tem mais memória pra decorar, mas no fim a gente decora com facilidade.

Olinda: Contribuem com a memória. Eu não achei que eu conseguiria guardar tudo o que eu tenho guardado. E com facilidade.



ANEXO U – Depoimento de Elza

Oficina de Teatro (janeiro de 2003)

Só aos 80 anos é que iniciei uma atividade que melhorou minha qualidade de vida, tornando-me mais feliz.

Numa oficina de teatro, sob orientação de Ana Paula, dentro das atividades da UNATI... Maravilha! Companheiras amáveis, simpáticas, gentis, todas dispostas a desempenhar bem a nova tarefa.

Fazer teatro!!!

Toda semana, reuniões. Para exercícios respiratórios, alongamentos, massagens recíprocas, prolação, declamação de poesias, leitura de textos, depoimentos, entrevistas.

Para coroar o nosso sucesso e para provar a competência da nossa diretora conseguimos até produzir uma peça baseada em provérbios populares. Estreamos no dia 13 de setembro de 2002.

O teatro sempre me fascinou.

Sempre que podíamos, meu marido e eu íamos ao teatro. Lembro-me bem de Dulcina e Odilon, Procópio Ferreira, Ítalo Rossi, Cacilda Becker, Cleide Yáconis, Ette Frazer, Juca de Oliveira, Maria Della Costa, Gianfrancesco Guarnieri, etc.

Eu sempre queria ir, mesmo que fosse para não gostar. Eu queria ver. Quando Cacilda morreu, representando “Esperando Godot”, me senti roubada!

Na infância, lembro-me: meu pai era professor e em cada cidadezinha formava um grupo de amadores para ensinar e representar. Era no tempo em que se usava o “Ponto”. Hoje a gente precisa memorizar melhor e manter ritmo de diálogos.

De minha parte, eu imitava meu pai. Chamava as vizinhas e procurava encenar peças infantis. No circo, a parte que eu mais gostava era a pantomima, a peça teatral que encerrava a sessão circense.

Enquanto exerci o cargo de professora primária e diretora de escola sempre tratei de incluir teatro nas aulas. Escrevia dramatizações para as festas escolares que eram muito freqüentes. Em São Paulo, no teatro Leopoldo Froes, fiz um curso de técnica de teatro infantil.

Conservo até hoje as anotações das lições que nos deram e relendo-as percebo como eram bem explicadas e esplanadas as lições. Há até uma palestra de Tatiana Belinski (?) e uma de Flávio Lupércio.

O que eu nunca imaginei é que tivesse coragem de apresentar-me num palco, perante uma grande platéia aos 83 anos de idade.



Há um provérbio pejorativo que ouvi na infância: “burro velho não toma Andadura”.
Discordo. Em qualquer idade, mesmo avançada, a gente pode chegar lá. É só querer. E...
“Querer é poder”.



 **ILEUS**
ENCADERNADORA
Rua P. A. 433 66 86 Marília-SP

